

# OS ANOS INICIAIS DE UM FÃ DE ROCK (1973-1980)

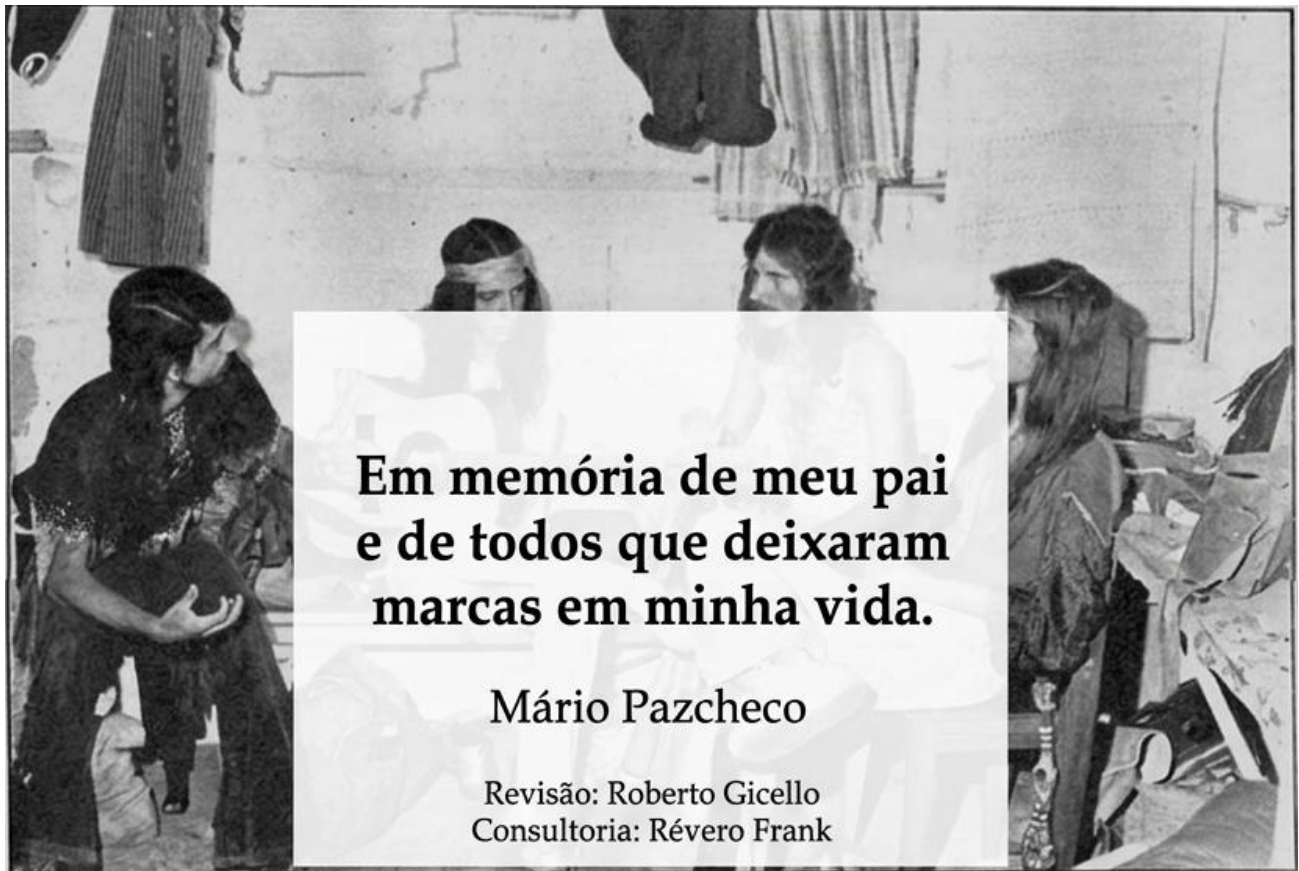


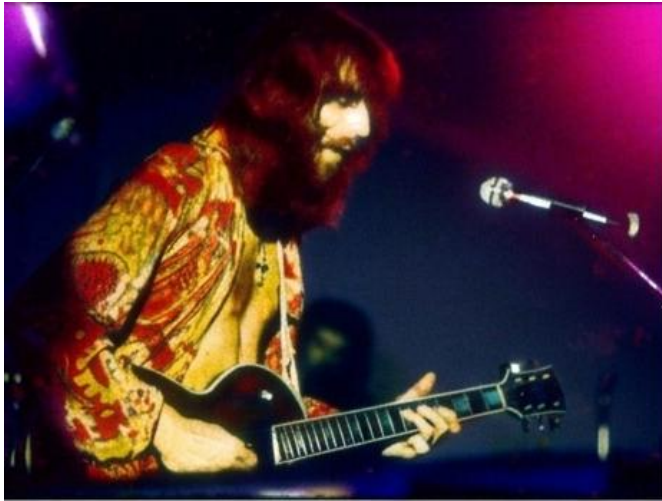
EM MEMÓRIA DE MEU PAI E DE TODOS QUE DEIXARAM MARCAS EM  
MINHA VIDA.

TEXTO: MÁRIO PAZCHECO

REVISÃO: ROBERTO GICELLO

CONSULTORIA: RÉVERO FRANK





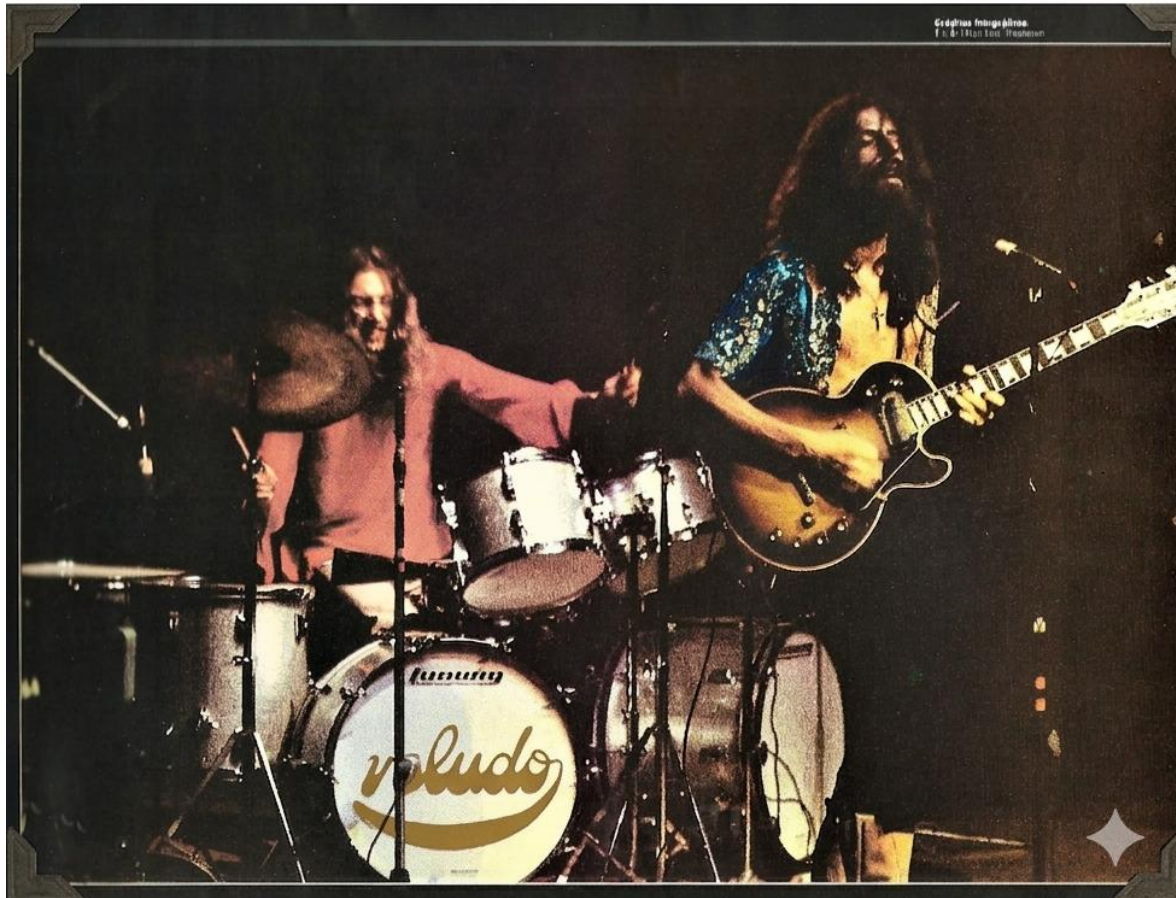
1972

29 dez.

"Não há dúvida de que o Rio de Janeiro vive agora um momento de Londres 1965 - ou pra quem preferir, de Califórnia 1966/67: som rigorosamente toda noite. (...) Ir assistir à estreia do Veludo Elétrico na Toca do Rock, foi como assistir os Yardbirds tocando no Marquee, em 1966, com Jimmy Page escrevendo a cartilha do electric blues que começava a aparecer, com o Cream, Stones, The Who, Hendrix e mais tarde um pouco, Led Zeppelin e Jeff Beck Group. O Veludo Elétrico

talvez esteja para o rock brasileiro como os Yardbirds estiveram para a música inglesa. (...) O Veludo Elétrico depois de hipnotizar a plateia durante 2 horas com seus blues, deu ainda de canja uma hora de rock completando a alquimia de seu primeiro e vitorioso concerto. Está lançada a primeira pedra. As perspectivas de som no Brasil nunca foram melhores. Se as coisas continuarem nesse percurso, daqui a pouco o fato de nunca aparecerem supergrupos estrangeiros por aqui não vai ter mais nenhuma importância. O supersom está nascendo aqui mesmo".

(Joel Macedo, Rolling Stone Pirata).



# OS MUTANTES NA MUDANÇA



Arnaldo, Sérgio, Liminha e Dinho: com eles, os Mutantes estão fazendo o melhor rock da cidade.

No início, quando cantavam como o conjunto "Mama's and Papa's", os Mutantes eram apenas três: Rita Lee, Arnaldo e Sérgio. Com o tempo eles sentiram a necessidade de aumentar e incluíram uma baterista em suas apresentações; muitos shows, viagens e festivais acabaram transformando os Mutantes numa banda.

Mas o grupo que estreou semana passada no Teatro Tereza Raquel (Rio), num animado show de rock, é bem diferente daquele que o público se acostumou a ver como de Mutantes. Sem Rita Lee, mas conservando o nome, Arnaldo e Sérgio são os líderes do novo grupo.

— E estamos contentes por finta ter formado seu próprio conteúdo. Isso significa que cem mais um conjunto de rock, o movimento pop só tende a crescer no Brasil. A explosão de rock entre nós só é comparável à da Inglaterra na época dos Beatles. Isso é um dado altamente positivo para nós.

Com o novo conjunto, os Mutantes estão fazendo uma nova experiência; (untando conjunto o plateta numa maisa só.

— E isso só é possível através do rock, que faz as pessoas viverem o presente sem se importar com passado ou futuro. Há algum tempo atrás, Arnaldo, Sérgio, Liminha e Dinho pensavam apenas em ganhar dinheiro. Ficavam em essa esperando convites para shows e TV, só se interessando por dinheiro. Arnaldo conta: — Foi difícil abandonar aquela fesa, com todo aquele comodismo. Atualmente vivemos como ciganos o nessa casa é o local de nossas apresentações.

Para Sérgio, o público de hoje já não é o mesmo de há quatro anos.

— Por isso nós também mudamos. Estamos contando para a passagem da estrada, gente que saca o nosso som. Aquele conjunto certinho, bontinho e que fazia praieiras não exista mais. As pessoas não se divertem mais com nossos shows. Elas vivem e vibram com nosso grupo.

O novo equipamento dos Mutantes foi planejado por Cláudio, irmão do Arnaldo, e precisa de quatro réceicos para funcionar. Sérgio diz:

— Temos 2.600 watts de potência. Só para o palco são usados 600 e a mesa de controle funciona como um estúdio de gravação. Com treze antradas independentes, a mesa recebe e som de cada microfone ou instrumento, jogando para a platéia cerca de 200 watts através de 10 amplificadores. Desta maneira, nós ouvimos os outros músicos no palco e a platéia tem um som perfeito.

Esse sem de que Sérgio fala está sendo mostrado na temporada carioca no Teatão, mas já reúne quase 10 mil pessoas em Salvador, numa praça pública.

— Por isso acreditamos em nós. ●

Regatagem de Geraldo Loyas

Fotos de Aldyr Tavares

**1973**

Os Mutantes souberam que tocaram para uma Florianópolis superlotada, fizeram sucesso em Porto Alegre e lotaram os 1.200 lugares do TUCA, em São Paulo. Porém, por falta de teatros — reservados para cerimônias cívicas —, não se apresentaram em Caxias do Sul e Rio Grande, como havia sido anunciado pela revista *Matraka*. Arnaldo retornou de viagem com um amplificador de contrabaixo e duas cornetas, adquiridos com verba da gravadora. No dia 29, participaram de um evento no Mackenzie Mineiro. O lançamento do LP continua atrasado. Por sugestão do inglês Mike, Rita Lee desistiu de formar seu próprio grupo e passou a contar com a guitarra de Lucinha.

**MARÇO**

**OS MUTANTES NA MUDANÇA**

No início, quando cantavam como o conjunto *Mamas and the Papas*, os Mutantes eram apenas três: Rita Lee, Arnaldo e Sérgio. Com o tempo, sentiram a necessidade de aumentar o grupo e incluíram um baterista em suas apresentações. Muitos shows, viagens e festivais acabaram transformando os Mutantes em uma banda.

Mas o grupo que estreou semana passada no Teatro Tereza Rachel (Rio), em um animado show de rock, é bem diferente daquele a que o público se acostumou como os Mutantes. Sem Rita Lee, mas mantendo o nome, Arnaldo e Sérgio assumem a liderança do novo grupo.

— Estamos contentes por Rita ter formado seu próprio conjunto. Isso significa que, com mais um conjunto de rock, o movimento pop só tende a crescer no Brasil. A explosão do rock entre nós só é comparável à da Inglaterra na época dos Beatles. Isso é um dado altamente positivo para todos nós — comentaram.

Com a nova formação, os Mutantes estão experimentando algo inédito: unir banda e plateia em uma só experiência.

— E isso só é possível através do rock, que faz as pessoas viverem o presente sem se importar com o passado ou o futuro. Há algum tempo, Arnaldo, Sérgio, Liminha e Dinho pensavam apenas em ganhar dinheiro. Ficavam em casa esperando convites para shows e programas de TV, interessados apenas no lado financeiro.

Arnaldo conta:

— Foi difícil abandonar aquela fase, com todo aquele comodismo. Atualmente, vivemos como ciganos, e nossa casa é o local de nossas apresentações.

Para Sérgio, o público de hoje já não é o mesmo de quatro anos atrás:

— Por isso, nós também mudamos. Estamos tocando para o pessoal da estrada, gente que entende o nosso som. Aquele conjunto certinho, bonitinho, que fazia gracinhas, não existe mais. As pessoas não apenas se divertem com nossos shows; elas vivem e vibram com o grupo.

O novo equipamento dos Mutantes foi planejado por Cláudio, irmão de Arnaldo, e precisa de quatro técnicos para funcionar. Sérgio explica:

— Temos 2.600 watts de potência. Só para o palco são usados 600, e a mesa de controle funciona como um estúdio de gravação. Com treze entradas independentes, a mesa recebe o som de cada microfone ou instrumento, enviando à plateia cerca de 200 watts por meio de 10 amplificadores. Dessa forma, ouvimos os outros músicos no palco, e a plateia tem um som perfeito.

Esse som, do qual Sérgio fala, está sendo apresentado na temporada carioca no Terezão, mas já reuniu quase 10 mil pessoas em Salvador, em uma praça pública.

— Por isso, acreditamos em nós — concluem.

---

"No Tereza Rachel, quando o show acabou, Arnaldo estava muito triste e foi para o camarim. Quando cheguei lá, ele estava no chão, chorando pela Rita. Achei que foi um momento bem traumático." (Liminha)

"Ela, com o seu sintetizador, não era páreo para a capacidade de estudo e experiência minhas, do Sérgio, Dinho e Liminha. A separação tornou-se inevitável."

(Arnaldo Baptista)

Monica Lisboa apresenta

**TUTTO FRUTTI**

direção musical  
Xé Rodrix

direção  
Antonio Bivar

**TEATRO RUTH ESCOBAR**  
Rua dos Ingleses, 209 - Telefone: 288-1756  
15 de Agosto 16 de Setembro  
DIAR. AS 21 HS. - 3.a e 4.a - PREÇO ESP. P/ EST.

1973

## O PODER TRANSFORMADOR DO ROCK: CINQUENTA ANOS DE PAIXÃO

No show que marcou seu retorno a Londres, o Humble Pie lotou os 3 mil lugares da Sadler's Wells Opera House. A banda, composta por Steve Marriott (guitarra e vocal), Clem Clempson (guitarra), Greg Ridley (contrabaixo) e Jerry Shirley (bateria), agora celebra o sucesso do LP-compilação Lost and Found.

★ Em uma recente entrevista ao jornal inglês Melody Maker, Ken Hensley falou sobre o álbum Uriah Heep Live e explicou que não usou efeitos ou aparelhos especiais nas faixas do disco, apenas o Leslie standard, que oferece os efeitos de velocidade coral e trêmulo. Os efeitos impressionantes foram resultado puro de seu talento! Devido a uma hepatite que acometeu Hensley, o Uriah Heep precisou interromper a turnê pelos Estados Unidos, já em andamento. Hensley retornou à Inglaterra para um período de seis semanas de repouso. Com essa pausa forçada, a banda só deverá retomar a turnê entre agosto e setembro. Enquanto isso, o álbum Uriah Heep Live continua vendendo muito bem.

### **JULHO Primeira semana**

Rita Lee volta a ser destaque na coluna do jornalista Sílvio di Nardo, da revista Amiga, agora com uma nota otimista. Durante a única apresentação de Ravi Shankar no Teatro Municipal, Rita foi vista acompanhada de seu ex-marido Arnaldo e do ex-cunhado Sérgio. Embora não houvesse demonstrações de afeto, tudo indicava que o romance entre eles poderia ter recomeçado, com uma reconciliação à vista.

### **23 JULHO Segunda-feira**

Arnaldo deixou os Mutantes (que já não contavam com Rita Lee) e foi substituído por Manito, da banda Os Incríveis. A nova formação do grupo está ensaiando em uma fazenda próxima a Campinas. A guitarra de Serginho, feita sob medida para ele e recentemente roubada, tem um valor estimado em 25 milhões. Curiosamente, a guitarra carrega uma maldição: quem não a devolver ficará com o braço seco. ★ Rita Lee está ensaiando para o seu show no Teatro Ruth Escobar, intitulado Tutti Frutti. A cantora se apresentará ao lado de Lucinha Turnbull e da banda Tutti Frutti, com direção do espetáculo por Antonio Bivar e direção musical de João Ricardo. A estreia está marcada para o dia 15 de agosto.

Rita Lee relembra: "Aí o Arnaldo aparecia na primeira fila, fazendo sinal de negativo para mim, indicando que estava odiando. Ele me destruía. Eu já não tinha muita segurança. Ele tinha um lado louco. Eu não sabia até que ponto ele gostava de mim com obsessão ou se aquilo era uma competição."

### **SETEMBRO 15 Sábado**

Uma nova nota surge na revista, desta vez com Mônica Lisboa reclamando do noticiário sobre Rita Lee e Arnaldo. O editor argumenta que a culpa não é da revista, já que, até aquele momento, o que se sabia era apenas da separação do casal. O problema é que, sendo vistos frequentemente juntos, é natural que a imprensa faça suposições, inclusive sobre uma possível reconciliação.



## DEZEMBRO

Gravado no Estúdio Eldorado, em São Paulo (SP), sob a direção do então iniciante produtor musical Liminha e com músicos como o baixista Lee Marcucci, o primeiro disco do Tutti Frutti acabou sendo engavetado. Só foi lançado anos depois, de forma não oficial, como bootleg, recebendo o título de Cilibrinhas do Éden.

Origens: Batismo no Rock e a Amizade que Criou um Beatlemaníaco

Em 24 de maio de 1975, não imaginei que passaria as próximas cinco décadas mergulhado no universo do rock. Hoje, com uma consciência mais clara, sinto alegria em valorizar bandas como Humble Pie e Uriah Heep.

Nossa busca inicial era explorar discografias, conhecer integrantes e mergulhar nas trajetórias dessas bandas. Essas informações se tornaram parte do nosso vocabulário, fortalecendo amizades que resistem ao tempo.

Seria essa a razão pela qual o Uriah Heep se apresentou no Ferrock de 2014?

Este zine, *Os Anos Iniciais de um Fã de Rock: 1973-1980*, é um tributo à amizade e às memórias que revivem a esperança por tempos mais férteis em arte, cultura e lutas.

Vivemos em 2025, um tempo em que as estrelas do rock nacional brasileiro ainda buscam reconhecimento. Enquanto ainda vivo com minhas memórias intactas, decidi escrever este texto por diversão.

1974

## MEIO SÉCULO DEPOIS

1974. É o ano da Copa da Alemanha. Para mim, era difícil tomar a iniciativa de pedir para o meu pai comprar um gibi. Além disso, o ano escolar ficava ameaçado pelas revistinhas – líamos tudo que caía nas mãos e na rua trocávamos gibis e livrinhos de ficção, de espionagem e de faroeste.

Nos altos do Morumbi, fomos visitar a Alzira. As paredes ovais da mansão eram brancas e nelas pôsteres de John & Yoko. Eu jamais tinha visto uma guitarra e um piano bar! Na mais pura experiência genuína fiquei maravilhado com a porcelana italiana da cozinha e os lustres de cristal dos banheiros esses acessórios para mim eram 'o ouro de tolo'. Cheguei em casa e ganhei um esporro: 'seu tio faz necessidade lá no mato e não se deslumbrou, já você, francamente...'. Essas histórias me f\*\*\* a infância e para não falar que são mentiras, o engenheiro, Adão Rosa era o primo do meu pai. Eu não sabia de disputas de família de migrantes da Bahia onde o tom era 'já passou fome e agora ostenta' quer ser feliz fique longe da família e respeite o código de silêncio. Já disse que iria escrever a verdadeira história do clã e fui ameaçado: 'te processo de novo'. No Facebook, a cada parágrafo deixado mais um capítulo para gostar, agora você decide o que vale ou o que é fusão. Penduro quadros nas paredes e me sinto bem-sucedido como a tia do Morumbi.

### Tempo dos Caubóis

Nas rádios a canção era 'Roy Rogers', com Elton John. Por serem mais velhos, os caras do fim da rua em frente ao rio Tietê só gostavam de histórias de faroeste e livros de bolso congêneres. Era a febre do início dos anos 70 e que já começara a subir no termômetro das obsessões infanto-juvenis na década anterior. Faltava-me alguns números básicos, mas nem sonhava em novamente resguardar revistas e lembranças: (A)Dolfo era o cara que tinha as revistas na Rua Paraíba – 1974, ano de mistério e balas e sequestros típicos das manchetes de jornais como Última Hora.

Aos dez anos, minha mãe, sabiamente, deu fim na minha primeira coleção para que eu não perdesse o ano. Aqueles gibis do Solar, o Homem do Átomo, Zero, Brotoeja, Riquinho, Motardelo & Salaminho; edições da Mônica e a sua Turma de 1973; os Superman Bi de 1971, as revistinhas de Mandrake, Fantasma, Tarzan, Flash Gordon; os de heróis da Marvel, da Ebal se foram, ainda que tenham deixado herdeiros. Recordo-me deles voando sobre o muro para a casa da Silvana, vizinha dos fundos. Ainda procuro números da revista de arquitetura Módulo, dos anos 70. No entanto, não pense que gasto o suado dinheiro com papel (impresso).

Outro choque: encontraram dentro da fronha no travesseiro minhas revistas masculinas suecas usadas.

### Jardim Rochdale

Bilico, um baixinho atarracado, ganhava a vida 15 dias fora dos muros da cidade, outros 15 dentro. Fazia fretes em carretas para o Paraná e até para o Paraguai – lugares exóticos dos quais trazia coisas que enchiam os meus olhos de assombro e fascinação. Mas a curiosidade mata o macaco: Bilico nunca me deu nada, nem uma bolinha de gude. Sua concessão máxima era permitir, por raros minutos, que eu subisse na boleia da carreta, destas de muitas rodas, que dominavam a paisagem em frente à casa dos meus pais. No toca fitas da boleia ele sempre ouvia 'A Casa do Sol Nascente' à exaustão e carregava uma Bíblia. Num desses finais de semana prolongados, Bilico conseguiu viajar para assistir ao seu grande ídolo numa boate carioca na orla de Copacabana. Bilico voltou triste e desapontado com seu

divo, indignado porque sofreu uma ‘cantada’. Não entendeu muito bem. Ele jamais tocou ‘A Casa do Sol Nascente’ de novo.

### **Depósito de Bebidas**

Senhor Haigo era branco, baixinho e atarracado, calvo de olhos claros e camisa social. Ele sabia que a meninada do cortiço e os filhos dos vizinhos eram loucos por uma moeda.

Próximo do meio-dia, ele atirava moedas aos céus. Havia duas maneiras de sair com uma moeda no bolso. Disputá-la no ar e ser empurrado e derrubado ou esperar a moeda cair e no meio do bolo ferir os joelhos e sair rastejando com a moeda. Zé Carlos, o menino do cortiço deu mole e sofreu a travessura do bate-pavão, ficou chorando.

Quando eu estiver mais normal, longe do trifuê das artes escreverei, como é tomar Tatuzinho ouvindo no ‘Rio de Piracicaba’ com Sérgio Reis e sua camisa florida e trabalhando em cima de um velho caminhão entregando garrafas. E a pinga Coquinho com seu líquido acomodado misturado a suco.

### **Depois das Chuvas**

Nossa professora, Dona Lilia, nos ensinava a cantar ‘O Vira’, dos Secos & Molhados. Era o único momento leve durante suas aulas no Grupo Escolar. No Grupo Escolar Júlia Lopes de Almeida, na Rua Cruzeiro do Sul, em Osasco, começamos o ano letivo cantando o grande sucesso ‘O Vira’. Achei inovadora a atitude de Dona Lilia. Ela era rígida, mas surpreendeu ao nos ensinar a canção. No entanto, minha mãe me contou que, quando fui matriculado na turma, a professora lhe disse que, se estivesse grávida, teria perdido o bebê.

*O gato preto cruzou a estrada*

*Passou por debaixo da escada.*

*E lá no fundo azul na noite da floresta.*

*A Lua iluminou a dança, a roda, a festa.*

*Vira, vira, vira*

*Vira, vira, vira homem, vira, vira*

*Vira, vira, lobisomem*

*Vira, vira, vira*

*Vira, vira, vira homem, vira, vira*

O suspiro da fossa vaza a parede do portão e o líquido esverdeado flui, escorre numa calha de cimento (guias) descendo da primeira casa até a última, até encontrar uma galeria que o despejava no Tietê. O mato no Tietê entre Rochdale e o Piratininga se entrelaçou de tal forma que as pessoas atravessam o emaranhado sobre o rio como numa rede vegetal. Os pés das pessoas saem pretos como se tivessem cruzado um campo alagado de petróleo.

A diversão era catar tampas plásticas de garrafas e simular uma corrida de barquinhos na vala. Para libertar as rolhas e tampas usávamos varas. Outra diversão era como bravios animaizinhos urbanos revirar o lixo que jogavam nos terrenos baldios. Não havia água encanada. Frente à casa,

havia um cortiço com melhor estrutura; na casa colada à minha, meus melhores amigos: Geraldo e Marcos, e meu xará, Mário, apanhavam mais do que eu. Costumava pular o muro da divisa para jogar futebol de meia com eles. Vi escola punir muito menino. O pai deles era violento. Colada na casa deles havia o segundo cortiço, onde o pai de um outro amigo, Harry, que recolhia lixo, trouxe uma bola de látex e de casca e essa foi a melhor bola que tivemos durante um tempo. Era azedo conseguir sair de casa autorizado para jogar uma pelada nas margens do Tietê e a orientação era: ‘Cuidado com o rio jamais entre e cuide do seu c\*!’ Hoje naquelas margens estão tomadas por favelas.

Naquele fim de mundo, naquela rua suja, passar frente à casa da menina mais bonita me causava embaraço pelo cabelo grande e a roupa, digamos, sem impacto algum. Mas Carlinhos fechava o cerco e me convidava a entrar. Ele e suas irmãs. A caçula da mesma idade que a minha e estudamos o primário juntos. Eu fracassei nos esportes como no atletismo e na natação e agora, contrariado (ou quando via ficção na Tv), subia a rua para frequentar as aulas de karatê. Odiava os sábados. A técnica para despistar o ódio era me afastar de casa o maior tempo possível. A irmã de Carlos, a cada dia, florescia e mostrava-mais radiante. Carlinhos tinha dezessete anos, ele era o adolescente que eu viria a ser – com acne e boca desproporcional, esses detalhes. Nos meus dez pobres anos. Estilista era o Carlinhos. Talento nato para criar cabelos e desenhar roupas para mulheres – propaganda antecipada de xampu e esmalte de unhas. Ele mostrou isso em seus cadernos. Na casa deles, moderna, ouviam Beatles, Stones e Mutantes. Era um tempo ruim para meninos aventureiros, pois seus pais eram homens frios e duros como diamante e exerciam brutalmente sua autoridade. Nossos pais trabalhavam na mesma fábrica. Então Carlinhos fugiu de casa pela primeira vez e foi parar na ilha de Areembepe. Sua dieta macrobiótica era à base do coco verde. Lá, ele foi obrigado pelos hippies a vender maconha. Um dia, ele avistou um barco e fugiu pelo São Francisco. Magro, voltou para casa com diarreia e a heustória correu. Tempos depois, ele fugiu para o Rio de Janeiro... dessa vez não fiquei sabendo da volta. Para minha tristeza, a família da Adriana vendeu a casa – 1974 foi um ano triste.

Entretanto, uma nova e grande família voltou a ocupar a casa. Os irmãos Daniel ‘Cabeça’ e ‘Girafa’ rapidamente se tornaram meus amigos. Na casa mágica deles, suas irmãs mais velhas usavam bermudas apertadas, o que me deixava tão intrigado que o namorado delas ria de mim. O ano começou bem, e a vivência deles ecoou minha rebeldia solitária – mas, dessa vez, fui eu que me mudei para o Centro-Oeste, a terra que conheço desde os nove anos. Voltei para o lugar onde eu realmente deveria ter nascido.

Os dois irmãos trouxeram alegria à minha vida: ‘Cabeça’, de olhos verdes e cabelo curto claro, e ‘Girafa’, o irmão mais alto e doce. Havia um fato que me deixava constrangido: sempre que via as irmãs deles de bermudas, sentia uma ereção. Tinham discos de rock em casa, e suas irmãs eram as mais bonitas do planeta namoravam caras que, acredito, apreciavam rock pesado.

Nas casas das minhas primas Alvenita e Vilma, eu frequentava os quatinhos onde estavam os discos. Era uma coisa de fã-clubes mesmo. Um dos primeiros discos que ouvi foi o do Slade, com aquela histeria: o clipe deles vinha do Top of the Pops. Slade tocou até no Barros de Alencar. Esse disco pirou muita gente!

É claro que o Slade foi visto como os 'novos Beatles' da sua época, algo que eu só fui descobrir mais tarde, quando soube que foram rejeitados pela Apple Records. A Slademanía me conquistou muito antes da Kissmanía. Para meu espanto, meio século depois, continuo acompanhando com entusiasmo os novos lançamentos e livros sobre o Slade, ainda mantendo viva a chama daquelas memórias.

Obrigado pelo eterno presente, Renato Aguiar.

Comecei minha jornada ainda menino, comprando um compacto dos Beatles. Essas são algumas histórias reinventadas que vivi em 1975: passei pelos barracos de fundo nas ruas de barro do Jardim Rochdale, em Osasco, na Rua Parayba, onde fiz amizades.

O Brás, morador de um quarto em um cortiço na Rua Parayba, tinha um compacto arrasador dos Beatles: 'I Wanna Hold Your Hand'. Com certeza, ele passava dos dezoito anos. Para sobreviver, vendia fitas de cabeça e bandeiras do São Paulo (eu sabia que ele era são-paulino) e tinha um amigo, o Milton, que era palmeirense e me prometeu uma camisa do São Paulo. Toda vez que via o cara do portão, eu gritava por ela! Nessa época, fui ao Pacaembu e assisti ao empate entre Santos e Corinthians. Em campo, Pelé estava de barba! O jogo terminou em um magro 1 a 1. Dentro do estádio, nas arquibancadas, um vendedor de moedas de chocolate, que usava um tubinho dentro de uma caixa de isopor, atirou sua mercadoria e não voltou para pegar o dinheiro. Eu pensei que o tubinho (cheio) era só para mim, mas acabei tendo que dividir. Esse foi o primeiro choque que tive, e depois vieram outros. Meu pai me levou, junto com alguns vizinhos que trabalhavam em um depósito de bebidas. No cortiço, o Brás ouvia um som em sua vitrolinha. Pedi que ele anotasse o nome do disco que eu segurava, hipnotizado pela capa, sem entender nada, mas gostando muito. Brás me tratou como um moleque inconveniente e, com má vontade, escreveu as músicas daquele selo azul. Brás dançou...

A partir dali, passei a acompanhar o Geraldinho, que trabalhava como caixa no Bradesco e era fã de krautrock. Na Rua Parayba, no Jardim Rochdale, em Osasco-SP, ele tinha uma impressionante coleção de discos, maior ainda no fim da rua, na esquina de frente para o rio Tietê. Lembro vividamente do selo Purple Records, do selo Vertigo com as duas naves colidindo, da capa de 'Sabbath Bloody Sabbath' e do som de um esmeril em uma gravação de krautrock. Embora limpasse e manuseasse esses discos, não cheguei a ouvi-los de verdade – pareciam distantes da minha realidade. Aos sábados, eu o ajudava a limpá-los, e foi na casa dele que tive meu primeiro contato com os LPs de krautrock.

Lembro de Sérgio Brito, da 5ª série. Ele era o terror da escola. Nós morávamos às margens do rio Tietê, e Sérgio vivia com seus irmãos mais velhos, Carlão e a Tereza, que era encrenqueira e bastante atraente. Sérgio, conhecido como 'Cabrito', passava as tardes escravizado em tarefas domésticas; após a aula, tudo o que ele fazia era arrumar a casa. Não me lembro se eram órfãos ou não – para mim, era um choque. 'Cabrito' era um cara sensível, diferente daquele 'pau que nasce torto'. Certa vez, seu irmão pediu que ele rabiscasse na parte de fora de sua bolsa o título Excelsior, A Máquina do Som. Então, Carlão, mais velho, gritou com ele: 'Ei, tá faltando uma vírgula!' Na mesma Rua Parayba, Carlão, o irmão mais velho do Sérgio Brito, também colecionava discos.

★ Big Boy foi responsável pela seleção e exibição dos clip-films (filmes promocionais criados por artistas internacionais para divulgar novos lançamentos) nos programas de Tv Fantástico e Sábado Som. Inicialmente, Sábado Som era apresentado por Nelson Motta, que foi logo substituído pelo famoso disc jockey Big Boy (nome artístico do radialista Newton Alvarenga Duarte). Segundo relatos, a banda Veludo foi a única nacional a aparecer no programa.

## 1974

O Partido dos Panteras Negras enfrentou um intenso conflito interno. Quando Huey Newton optou pelo autoexílio em Cuba, evitando um julgamento pelo assassinato de uma jovem prostituta (do qual mais tarde seria absolvido), boa parte da liderança original já havia se afastado. David Hilliard foi expulso do Partido enquanto ainda estava preso, e Bobby Seale também foi expulso. Durante o período de exílio de Newton, que durou três anos, Elaine Brown assumiu a administração do Partido, mantendo a organização ativa nesse período de transição.

## CABELOS DOURADOS

AI, MEU DEUS QUE SAUDADE  
DOS SEUS CABELOS DOURADOS  
AI, MEU DEUS QUE SAUDADE  
EU QUERO QUE O DIABO CARREGUE QUEM TIROU VOCE DE MIM

DE MANHÃ, O BABY DOLL DE JERSEY  
DE MANHÃ, VOCE ACORDA VA E FIGAVA VERMELHA DE RAIVA

MINHA LINDA, MINHA CARA  
FIQUE DEVI COMIGO  
VOCE É O MEU SOL, VOCE É O MEU MAR  
VOCE É O MEU TIPE  
MINHA LINDA, MINHA CARA  
MINHA MUITO LOUCA  
BABE, PRECISO DE VOCE

E NOS SONHOS, NÓS TEMOS DISCOS VOADORES  
E NOS SANHOS DEUS DISSE A NÓS PARA SERMOS OS REIS DO  
ROCK'N' ROLL

BABE, BABE, BABE!  
VAMOS PARA CASA  
ATE QUE A MORTE NOS SEPARA

BABE, BABE, BABE!  
EU QUERO BEIJAR A SUA BOCA  
E NADAR NO SEU OCEANO

Manuscrito da letra de "Cabelos Dourados", composta por Arnaldo Baptista ainda na Cantareira, em 1974. A canção viria a ser arranjada e gravada por Zé Brasil e Silvia Helena em 2005.

★ Abbie Hoffman cai na clandestinidade. Faz cirurgia plástica para escapar a uma condenação por posse de cocaína e assume o nome de Barry Freed. Torna-se líder comunitário e militante ecológico.

★ Timothy Leary está de novo atrás das grades por posse de drogas, três anos depois de escapar de uma prisão da Califórnia.

## **JANEIRO**

### **Um Rolling Stone no Brasil**

Mick Taylor, guitarrista dos Rolling Stones, passou uma temporada no Brasil buscando fugir dos excessos da vida em Londres. Primeiro hospedou-se com o amigo baixista Arnaldo Brandão, que o descreveu como alguém em busca de paz. Depois, ficou com o cineasta Neville d'Almeida e sua esposa Liége Monteiro no Rio, onde, discreto, evitava chamar atenção. Taylor também teve uma experiência marcante na Amazônia, explorando o Rio Negro e ouvindo a sinfonia selvagem da floresta.

No final daquele ano, ele deixou os Rolling Stones, se tornando o lendário guitarrista que abandonou a maior banda de rock do mundo.

### **Caçando Jacarés com Mick Taylor**

Mick Taylor preferiu curtir suas férias na casa do cineasta Neville D'Almeida e só saiu de lá para passar uma semana no Amazonas, onde caçou jacarés durante a noite em águas do Rio Negro.

Mick Taylor e Neville D'Almeida permaneceram, durante mais de 5

horas, numa canoa, no mais completo silêncio, na atmosfera atordoante e mágica do Rio Negro. Foi quando ouviram o som mais gigantesco de suas vidas. Na escuridão, a selva inteira gerava uma fantástica sinfonia selvagem. Nenhum músico do mundo seria capaz de criar algo igual. Foi uma experiência extraordinária para ambos.

★ O grupo The Band acompanha Dylan na turnê de 1974.

**1974**

### **JANEIRO 25 Sexta-feira**

O show de aniversário no Parque do Ibirapuera reuniu Arnaldo Baptista e a Space Patrol, os Mutantes e outros grandes conjuntos da época em São Paulo. Segundo a imprensa, o evento atraiu mais de 25 mil pessoas, que vibraram intensamente, causando congestionamento no entorno do parque, especialmente na área ao redor do icônico Monumento às Bandeiras.

## **FEVEREIRO 19**

NÃO. Rita Lee tem passado muito tempo com seu ex-marido Arnaldo, mas apenas em projetos musicais. Ambos estão separados e bem resolvidos com isso. Por hoje, chega de "não", ok? (Ronaldo Bôscoli, Amiga')

### **MARÇO 08 Sexta-feira**

Na Inglaterra, Badfinger lança o LP Ass.

★ Ten Years After embarca em novas turnês juntos, apesar dos muitos rumores sobre a possível dissolução do grupo. Essa dissolução só será oficializada em 1975. A banda se apresenta pela última vez ao vivo no Rainbow Theatre, em Londres.

★ Incredible String Band se dissolve.

★ Free Story. É uma coletânea de grandes sucessos da banda britânica Free. O álbum apresenta uma seleção de suas músicas mais conhecidas, incluindo hits como "All Right Now" e "Wishing Well".

★ Free, formada em 1968, é lembrada por seu rock influenciado pelo blues e pela voz poderosa de Paul Rodgers, além do virtuosismo do guitarrista Paul Kossoff.

### **MARÇO 9 Sábado**

Sábado Som

Programa quinzenal aos sábados

Apresentado por Nelson Motta, Sábado Som fornecia dados sobre os intérpretes – informações sobre suas carreiras e discos lançados no Brasil – e exibia gravações de concertos de rock comprados pela Rede Globo no exterior.

Período de exibição: 09/03/1974 – 22/02/1975 | Periodicidade: sábados | Horário: 15h.

### **MARÇO 11 Abaixo a mistificação**

Glauber Rocha, em seu texto “Abaixo a mistificação”, comenta suas visões sobre a política e a arte no Brasil entre 1964 e 1974. Ele expressa a esperança de que o governo de Ernesto Geisel fortaleça e liberte o país, e vê os militares como

legítimos representantes do povo. Glauber critica figuras da economia, como Delfim Netto e Roberto Campos, enquanto elogia o general Golbery e Celso Furtado. Em relação à cultura, posiciona-se contra o revisionismo elitista, defendendo o Cinema Novo e rejeitando o tropicalismo. Ele encerra com um apelo à autenticidade na arte e ao fortalecimento da Embrafilme.

**1974**

## **FINAL DE MARÇO**

Alice Cooper, com status de superestrela do rock, chega ao Brasil para apresentações que marcaram época.

Quem abriu os shows foi o Som Nosso de Cada Dia. Andy Mills produziu o Fruto Proibido. As empresárias de Rita Lee compraram a iluminação do espetáculo. E inspirou o verso: “Não gosto do Alice Cooper, onde é que está meu rock'n'roll?”

★ Marcos Gabriel Lopes Esteves fundou o único fã-clube dos Beatles na América Latina, com sede no Rio de Janeiro.

## **ABRIL 11**

O empresário de Janis Joplin, Albert Grossman, finalmente conseguiu receber o pagamento do seguro de vida da artista, após a empresa de seguros ter alegado que a morte de Janis foi um suicídio, e não um acidente.

### **ABRIL 25 Quinta-feira**

#### **Portugal e a Revolução dos Cravos**

Após a morte do ditador Salazar, em 1970, Portugal passou por um processo de reabertura política que se intensificou com a Revolução dos Cravos, que ocorreu em 25 de abril de 1974.

### ★ As Armas e o Povo

Este documentário, com duração de 86 minutos, é o resultado de uma direção coletiva de 28 cineastas portugueses que, inspirados pela Revolução dos Cravos e pelas comemorações do Dia do Trabalhador em 1º de maio de 1974, capturaram a empolgação de mais de 500 mil pessoas que tomaram as ruas de Lisboa. Glauber Rocha, um dos diretores do filme, também atua como entrevistador, trazendo elementos de seu trabalho posterior no programa Abertura da TV Tupi.

## MAIO

Ave Sangria, voa rumo ao Rio de Janeiro para gravar o primeiro e último disco da carreira da banda.

★ Jackson Browne lançou o álbum *Late for the Sky*. É o terceiro álbum de estúdio do cantor e compositor, e é amplamente considerado um de seus melhores trabalhos. O álbum mistura rock, folk e letras introspectivas, com faixas como "Fountain of Sorrow" e a faixa-título "Late for the Sky", que são algumas das mais aclamadas por sua profundidade emocional.

**1974**

### MAIO 23 Quinta-feira

Os Mutantes, antes empresariados por Mônica Lisboa, agora serão administrados pela Toca Produções Artísticas, sob a direção de Samuel Wainer Filho. Enquanto isso, Mônica está trabalhando no lançamento de um novo grupo de rock: Arnaldo e seus Cometas. O Arnaldo, nesse caso, é o irmão de Sérgio e ex-integrante de Os Mutantes.

## JUNHO

Vanguarda, Neovanguarda, Antivanguarda (José Guilherme Merquior)

Neste texto, José Guilherme Merquior explora a natureza da arte não acadêmica das últimas três a quatro décadas, questionando se ela é um prolongamento das vanguardas artísticas do início do século XX ou se representa uma nova era cultural distinta. A discussão é importante, pois as categorizações como "modernismo tardio" ou "neomodernismo" têm implicações significativas na compreensão da mentalidade contemporânea.

Merquior introduz o conceito de "neovanguarda", que abrange movimentos artísticos como a música concreta, a pintura pop, e o cinema pós-neo-realista, entre outros. Ele destaca que as neovanguardas se diferenciam das vanguardas históricas em vários aspectos: a diminuição dos impulsos românticos, a rápida obsolescência dos estilos, a substituição de movimentos fluidos por grupos organizados, e a adoção de um experimentalismo científico.

O texto menciona influentes pensadores como Edoardo Sanguineti e Theodor Adorno, que oferecem visões críticas sobre a neovanguarda. Sanguineti, embora critique a conformidade da neovanguarda com a sociedade de consumo, vê isso como uma atualização potencial da vanguarda antiga. Adorno, por sua vez, alerta sobre a ambiguidade das vanguardas e a tensão entre a crítica cultural e a cumplicidade com a desumanização da sociedade.

Merquior argumenta que a arte contemporânea está ameaçada por um "extermínio" cultural, numa crítica à sociedade de massa que, segundo Adorno, pode levar à negação do humano. No entanto,

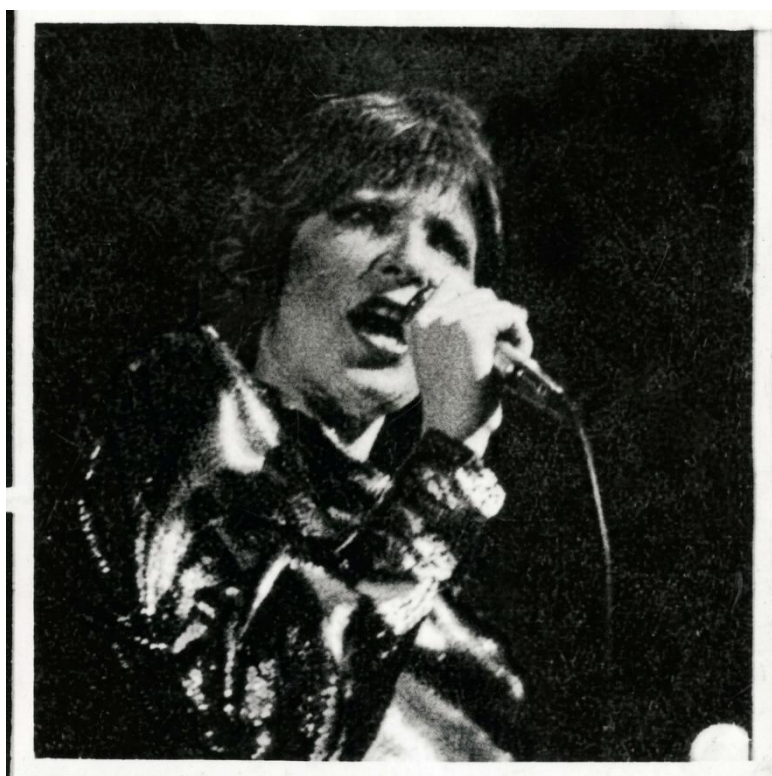
Sanguineti sugere que o pessimismo cultural não deve levar à rejeição de propostas da neovanguarda, destacando que a crítica da arte pode se adaptar a novas tendências, como o hiper-realismo.

Em suma, o texto de Merquior é um convite à reflexão sobre a evolução da arte e suas implicações socioculturais, enfatizando a necessidade de um debate contínuo sobre a sua natureza e significado na sociedade moderna.

## **JUNHO**

Suzy Quatro, baixista e cantora nascida em Detroit, é a nova sensação do rock inglês aos 23 anos. Após uma grande turnê nos EUA, ela voltou a Londres, onde está fazendo sucesso. Seu primeiro LP está sendo lançado no Brasil pela Odeon. (Pop).

## **JULHO**



Feitas as pazes, Rita Lee participou do LP Lóki?

### **AGOSTO 09 Sexta-feira**

Nixon renúncia

Richard Nixon renunciou à presidência dos Estados Unidos em meio ao escândalo de Watergate.

★ Steppenwolf volta... O álbum Steppenwolf 7, lançado em agosto de 1974, foi o sétimo de estúdio da banda e marcou seu retorno após um hiato e mudanças na formação. Embora não tenha sido um grande sucesso comercial, o álbum é significativo para os fãs, sendo o último com a formação original e refletindo o som de uma época de rápida evolução no rock.

Quem tem menos de vinte anos pode não se lembrar, mas Lanny foi o primeiro grande guitarrista a aparecer na música jovem brasileira. Um dos músicos prediletos do chamado "grupo baiano", há seis anos atrás Lanny era disputado por Cactano, Gal e Gil para atuar em suas gravações, ao lado, quase sempre, do baixista Bruce Henry. Dono de um carisma fora de série, Lanny nunca se limitava ao papel de músico acompanhante. Ele sabia no palco de maneira fulminante, com a infinita certeza dos grandes talentos, para roubar o show sem o mínimo de esforço. Sua guitarra não apenas acompanhava a voz do intérprete, mas tinha uma marcante personalidade própria e inconfundível. Muitas vezes comparado ao estilo irrequieto de Jimi Hendrix, Lanny em um vistuure. O primeiro (e talvez o único até hoje) virtuose da guitarra que o Brasil já conheceu.

No entanto, de repente, Lanny desapareceu. A música de Castano Veloso ficou mais acústica, Gal Costa modificou o estilo de seus arranjos e o papel de Lanny, aparentemente, ficou menos importante. Mas onde andava Lanny? Por que ele não partiu para o seu próprio trabalho? As histórias que corriam eram muitas, e nunca o protagonista estava presente, para desmentir-las ou confirmá-las. Lanny teria queimado as

mão num acesso de depressão, teria viajado para o Himaiaia em busca de paz espiritual. Mas nunca nada a respeito dele foi confirmado.

Atualmente, o ex-idolo da guitarra no Brasil mora em São Paulo, e é empregado de seu pai no inferninho Stardust. Todas as noites ele acompanha o grupo da casa, tocando contraixo das 10 da noite às 3 da manhã. Contraixa. Nom cantinho do palco, escondido e distante, Lanny toca mecanicamente, acompanhando sem enração alguns sambinhs e um juzz on outro, enquanto os fregueses dangam, riem alto e conversam sem parar. Aos domingos, ele descansa. Lanny, por que não um conjunto sério?

— Não sei, acho que perdi o contato com os empresários, com o pessoal de música. Se viessem ma procurar para tocar, gostaria muito! Mas não tenho sentido vontade de procurar as pessoas. Durante o dia, durmo e à noite, venho tocar. Às vezes, leio Krishnamurti e ficção científica. Adoro ficção científica...

A essa altura, como já não são mais de 10 h, o garçon do Stardust interrompe a entrevista: "Como é, Lanny? Hoje não tem música?" Ele se levanta, maio sem graça, e entra no palco. A casa já está cheia de pessoas rindo, dançando e conversando.

LANNY

Ele já foi o maior nome da guitarra no Brasil. Hoje, toca o contraixo no inferninho Stardust. Hoje, não tem música? Ele se levanta, maio sem graça, e entra no palco. A casa já está cheia de pessoas rindo, dançando e conversando.

Por ONDE ANDA POR O EX-IDOLO?

Foto: Pae Eling - Folha

★ Os últimos registros de Syd gravados em estúdio, segundo a narrativa oficial, não foram preservados. Ele chegou ao estúdio sem cordas em sua guitarra e não conseguiu finalizar as gravações. Syd anunciou posteriormente que estava planejando um terceiro álbum que consistiria em "doze ótimos singles", mas, infelizmente, nenhum deles se concretizou. Embora seus álbuns solos só tenham sido lançados nos Estados Unidos em 1974, um jornalista da Rolling Stone que encontrou Barrett em Cambridge descreveu-o como "com as maçãs do rosto cavadas e pálido, seus olhos refletindo um estado permanente de choque. Ele possui uma beleza fantasmagórica que normalmente associamos a poetas do passado." Assim como suas próprias músicas, Syd parecia alternar entre momentos de lucidez e confusão. Ele disse que se sentia "cheio de poeira e guitarras" e, aos vinte e cinco anos, tinha medo de envelhecer. "Acho que os jovens deveriam se divertir, mas eu nunca me divirto." No entanto, ele afirmava estar "totalmente equilibrado", acrescentando: "Eu não sou nada do que você pensa que sou."

★ Após inúmeras viagens em busca de uma conexão mais profunda com Deus, Lanny Gordon se perde na vastidão da fantasia e sofre uma overdose de LSD. Ele queima as mãos com brasa de cigarro e na boca do fogão; mesmo com as mãos cobertas de bolhas, pega a guitarra e começa a solar. Essa é a história que lhe contaram. Lanny esqueceu-se de todos e não reconhecia mais ninguém. Ele desapareceu por um longo tempo.

Desenho de disco voador avistado por Lennon é leiloadado

Um desenho de John Lennon, feito para o álbum Walls and Bridges, foi vendido em 2014 em um leilão em Londres por R\$ 38 mil.

Na obra, o ex-Beatle, em sua fase solo, retratou um encontro que afirmou ter tido em 1974 com um disco voador no céu de Manhattan, Nova York.

"No dia 23 de agosto de 1974, às 9h, eu vi um disco voador", escreveu Lennon no desenho, que foi leiloadado pela Cooper Owen Auctions.

Em uma entrevista para uma rádio americana na década de 1970, Lennon descreveu a experiência: "Aquela coisa estava flutuando a cerca de 30 metros de distância. Eu a vi muito perto. Eu poderia atingi-la se estivesse com uma pedra." ★ Damião Experiência lança o LP Planeta Lamma.

★ Sidney Miller lança Línguas de Fogo.

★ Perfume Azul Do Sol – LP Nascimento.

★ Outros LPs de destaque dessa safra de realizadores são Flaviola e o Bando do Sol (1974) e Marconi Notaro – No Sub Reino Dos Metazoários.

★ Rogério Duprat lança Brasil com S, um disco que poderia ser intitulado

Porque Me Ufano de Meu País. Entre as faixas estão "Canta Brasil", "Tudo é Brasil", "Brasil Usina do Mundo" e "Aquarela do Brasil". É possível imaginar os arranjos elaborados que o maestro criou para essas canções patrióticas; ouvir é ainda mais revelador.

★ Lula Côrtes com Zé Ramalho, finaliza o álbum duplo Paêbirú – O Caminho da Montanha do Sol, mas a gravadora pernambucana, atingida por uma grande enchente, só conseguiu salvar poucas cópias, que se tornaram raridades.

★ Jorge Mautner lança Mil e Uma Noites de Bagdá.

★ Terço era muito novo e intenso, exigindo minha total atenção. (...). Eu precisava sair da banda para me reconstruir como compositor. A nova situação moldava meus textos e minha sensibilidade. A realidade trazia novos aspectos, e eu precisava experimentar a solidão. No entanto, reservei o melhor que produzi para a banda." (Cezar de Mercês).

★ O Terreno Baldio é formado, e com a saída do baixista João Ascenção (ex-Trio Fush), Rodolfo Braga ingressa na banda, permanecendo até o final de 1978, quando ele e Mozart (que integrou uma formação do Joelho entre 1978 e 1979) deixam o grupo.

★ O Vímana surge da fusão de duas bandas setentistas: Veludo Elétrico (de onde vieram Lulu Santos e Fernando Gama) e Módulo 1.000 (com Luiz Paulo Simas e Candinho). O nome da banda foi inspirado na obra de Carl Jung, e, segundo relatos, começou com um som mais hard antes de se aventurar pelo rock progressivo. Informações do site Lulu Santos indicam que o grupo enfrentava dificuldades em alinhar seu som sofisticado, para a época, com os equipamentos precários de palco disponíveis. Luiz Paulo, por exemplo, possuía um dos mais inovadores sintetizadores do Brasil em 1974.

★ Após um show em Brasília, Raul Seixas e seu parceiro Paulo Coelho enfrentam perseguições, batidas policiais, prisões e hematomas. No aeroporto, eles embarcam em um voo noturno da Varig, fugindo das autoridades e das confusões da vida. Ambos se veem obrigados a levar as ideias das incipientes Sociedade Alternativa e Cidade das Estrelas para a América, destino Nova York, Greenwich Village. Não se trata de um roteiro tupiniquim de Help!

★ Roberto e Erasmo Carlos têm duas músicas censuradas: "Vida Blue", que narra a história de um nordestino assassinado pelo Esquadrão da Morte, permanece inédita. Já "Patu" teve seu título alterado para "Baby" e acabou sendo liberada, lançando-se em um compacto de Erasmo.

★ Walter Franco inaugura um novo procedimento que se tornaria marca de seu trabalho. Em seu show A Sagrada Desordem do Espírito, ele se apresenta sozinho no palco, na posição da Flor de Lótus, tocando violão. Peninha Schmidt comanda a mesa de mixagem, utilizada como um instrumento musical a serviço da espacialidade do som, com ecos, som quadrifônico e reverberações explorando "a distância que existe do sussurro ao grito".

★ "Minha história no punk rock começa a tomar forma em 1974, quando garotos da periferia de São Paulo descobrem que havia algo além da música pop e do rock 'n' roll comercial. Garotos entre 12 e 16 anos que, cansados de escutar esse tipo de música, resolvem buscar novas formas de expressão musical. Classifico como primeiras influências nessa fase maldita e radical, bandas como Alice Cooper, Stooges, MC5, Dust, Pink Fairies, New York Dolls, Blue Cheer, Slade, Blue Öyster Cult, Foghat etc." (Ariel)

**1974**

## **SETEMBRO**

A icônica banda brasileira Secos & Molhados, formada em 1971, anunciou oficialmente seu fim. Conhecida por sua fusão de rock, MPB, teatro e poesia, e por suas letras poéticas e apresentações excêntricas, a banda se destacou na cena musical da época. A formação original incluía Ney Matogrosso (vocal), João Ricardo (guitarra e vocais) e Gerson Conrad (baixo e composição). Seu álbum de estreia, Secos & Molhados (1973), tornou-se um clássico da música brasileira.



★ Humahuaca, nome de uma cidade na fronteira entre Argentina e Peru, também é o título de uma banda paulistano-argentina em ascensão. Formada após a dissolução dos Secos e Molhados, a banda combina Folk, Blues e Jazz Rock, e seus membros acompanhavam João Ricardo nesse período.

A formação original incluía os vocais de Billy Bond e Américo Iça até 1976, além de Daniel Mencini, que foi substituído por John Flavin. Os músicos que completavam o grupo eram Emílio Carrera (teclados), Willie Verdaguer (contrabaixo), Dudu Portes (bateria) e Márcio Werneck (flauta, saxofone e percussão). O Humahuaca trouxe uma sonoridade inovadora que refletia a rica mistura cultural entre Brasil e Argentina.

★ Spirit: Randy California voltou do Havá e retomou contato com Cassidy. Juntamente com Mark Andes, que havia deixado o Jo Jo Gunne, eles começaram a fazer shows. John Locke também se apresentou com eles por um tempo, mas nem ele nem Andes permaneceram na banda de forma permanente. Em vez disso, California e Cassidy contrataram outro baixista, Barry Keene, e continuaram.

★ A Odeon anuncia no Brasil o lançamento do novo disco de John Lennon, Walls and Bridges, que já é um sucesso nos Estados Unidos e na Europa. O LP traz colaborações de grandes nomes, como Elton John, Nilsson, Nicky Hopkins e Klaus Voormann.

★ O álbum Tommy com a London Symphony Orchestra recebe o Grammy de 1974 de melhor embalagem.

★ O quarteto Cheap Trick é formado em Chicago.

- ★ Gong lança You.
- ★ Jackson Browne lança o álbum Late for the Sky.

## **OUTUBRO**

John Lennon – Walls and Bridges (Apple)

Avaliação: duas orelhas

John Lennon tem um senso de humor bastante peculiar, em uma música transformando "Scared" (assustado) em "scarred" (marcado), citando a si mesmo ("You do it so well, well, well!") e mencionando títulos de músicas de Dylan ("Like a Rolling Stone"), Sly ("Dance to the Music") e The Who ("Heaven & Hell"). Para complicar ainda mais, em "#9

Dream", ele faz uma homenagem a George Harrison que é clássica, e em "Steel and Glass" critica verbalmente Allen Klein. Se John Lennon não tem uma autoconsciência afiada, então não sei o que o mantém em movimento.

Mas Lennon é um músico talentoso e sabe o que faz uma música funcionar. Ele pega o que é basicamente uma música fraca e a revigora com arranjos de bom gosto... e ele ainda ama seu rock'n'roll, como prova "Whatever Gets You Through the Night". Contudo, este álbum não representa muito um avanço musical para Lennon, exceto em direção a composições semi-desconectadas e multifacetadas. A única coisa que mantém as músicas coesas é a habilidade de Lennon no estúdio e sua capacidade de dar sentido musical a pedaços e fragmentos. Gosto do álbum, sim, mas gostaria que Lennon pudesse "explodir" esses bloqueios e criar um álbum com músicas coesas que não precisem de retoques; afinal, Plastic Ono Band foi um álbum extremamente simples (falando estritamente da orquestração) e é provavelmente o seu melhor. (Tradução).

A revista americana Creem usava "Orelhas" para recomendar discos altamente. Conhecida pelo estilo irreverente, foi uma das principais publicações de crítica musical nos anos 1970, com foco em rock e cultura pop.

### **OUTUBRO 31 Quinta-feira**

Os Mutantes estreiam suas novas músicas e formação para o público carioca no projeto Abertura da Temporada de Verão, realizado no Teatro João Caetano, ao lado das bandas Terço e Veludo.

É lançado, pela Som Livre, o álbum Tudo Foi Feito Pelo Sol, que apresenta melodias suaves e brincadeiras, evidenciadas nas faixas "Pitágoras" e "Desanuviar". Embora o som do disco seja considerado inferior ao de A E O Z, ele revela os Mutantes navegando nas águas da autoindulgência, conseguindo, no entanto, bons níveis de vendas.

### **Russos vão curtir o Quo**

O rock-pauleira vai atravessar a cortina de Ferro. A proeza é do grupo inglês Status Quo que foi convidado pelo empresário russo Vladimir Rishkov para tocar em Leningrado no fim do ano. O Quo foi o conjunto escolhido porque seu compacto Pile Driver já conseguiu vender, só em Leningrado, mais de 30 000 cópias. O empresário Rishkov diz que os shows do grupo terão "caráter cultural". (Revista Pop).

★ A banda Kraftwerk, de Düsseldorf, vende 450.000 cópias de seu álbum Autobahn nos Estados Unidos, além de 500.000 cópias do compacto homônimo. Na mesma época, o grupo Nektar ocupa o segundo lugar, com cerca de 300.000 álbuns vendidos, seguido pelo Triumvirat, que vendeu 160.000 discos na América.

### ★ **Mick Ronson se junta ao Mott the Hoople**

A tensão nos bastidores quase levou ao fim do Mott the Hoople durante a turnê europeia que começou em outubro. A crise culminou na expulsão do guitarrista Ariel Bender, que, segundo o líder Ian Hunter e o empresário Bob Hirschman, "nunca foi um verdadeiro Mott". Em busca de um substituto à altura, a banda logo convidou Mick Ronson, ex-guitarrista de David Bowie, para ocupar a vaga. Ronson, atento aos desdobramentos, aceitou prontamente e já está em ação com o Mott, agitando uma animada turnê pela Inglaterra.

### **NOVEMBRO 04 Segunda-feira**

É lançado o primeiro número da revista quinzenal Rock: A História e a Glória.

★ Nos Estados Unidos, o Badfinger lança o LP Wish You Were Here, produzido por Chris Thomas, e a sua empresa passa a se chamar Badfinger Enterprises Inc.

NOVEMBRO 06, 07, 08, 09-10 Quarta-feira, quinta, sexta, sábado e domingo Magnólio, uma figura marcante na cena cultural de São Paulo, conhecido por organizar diversos festivais ao ar livre e por ter ajudado a fundar a icônica Tenda do Calvário – considerado o primeiro teatro dedicado exclusivamente ao rock no Brasil –, conseguiu reservar as datas de segunda a domingo de novembro para apresentações de Arnaldo Baptista e Phoenix no projeto Rock Bandido – Jam Sessions. Essas foram as únicas apresentações públicas conhecidas da banda.

"Por enquanto só posso dizer que a Tenda foi um dos lugares mais loucos que eu já toquei. Adrenalina paranoica pura," lembra Zé Brasil.

### **Arnaldo Baptista: O Cowboy dos Mutantes**

Quem não se lembra dos grandiosos shows dos Mutantes com Serginho no Teatro Bandeirantes, em São Paulo? Era a era do rock progressivo correndo solto, e os fãs formavam filas que se estendiam por várias quadras da Avenida Brigadeiro Luís Antônio.

E quem também não se lembra de um sujeito peculiar que, vez ou outra, fazia participações especiais? Ele surgia vestido de cowboy, sentava ao piano e soltava canções com letras tão excêntricas quanto sua aparência. Metade do público o viajava, mas, mesmo assim, ele seguia. Esse cowboy era ninguém menos que Arnaldo Baptista, jogando algumas de suas pérolas musicais aos porcos, em uma entrega tão ousada quanto genial.

## **NOVEMBRO 09 Sábado**

"Whatever Gets You Thru the Night", de John Lennon, ocupa a segunda posição no hit parade americano nesta semana, enquanto o novo single de Paul McCartney, intitulado "Junior's Farm", não fica atrás – apenas dois dias após seu lançamento, já está na 66ª posição, provando que, mesmo em carreira solo, os Beatles continuam a tocar os corações ao redor do mundo" (Big Boy, O Globo).

## **NOVEMBRO 24 Domingo**

Ouvia rádio valvulado. O primeiro contato com o rock'n'roll não aconteceu naqueles dias radiofônicos porque a sintonia só pegava AM e, então só rolava o programa do Barros de Alencar. No ar, remexendo no botão, o zumbido de sintonia zzzzzzzzzzz para ouvir o campeonato paulista de futebol na Rádio América (Pedro Rocha, Riva, Ademir da Guia; e Pelé foi para os Estados Unidos). E os vibrantes locuções, comentários e chavões de Walter Abrãao Filho, Geraldo Bretas, Eli Coimbra na TV Tupi e os de Alexandre Santos no programa Gol: O Grande Momento do Futebol na TV Bandeirantes.

Domingo triste quando a perna de Mirandinha quebrou feio, como um graveto e nunca mais foi o mesmo.

Eram dias carregados de Pholhas, Slade e German rock e, claro! '48 Crash'.

**1974**

## **NOVEMBRO**

Brian May, do Queen, vence a doença

Mal o guitarrista do Queen, Brian May, se recuperou de uma hepatite e de uma úlcera, que interromperam suas apresentações, e já estava pronto para falar à imprensa britânica sobre suas impressões do terceiro álbum da banda, Sheer Heart Attack. Embora exausto pelo ritmo de gravações dia e noite, May sentiu que o período de repouso obrigatório lhe deu uma perspectiva nova e objetiva sobre o estilo criativamente agressivo do rock do Queen. "Quando voltei, consegui olhar para o Queen como se eu fosse um estranho," explicou Brian a um jornalista inglês. "Nunca tinha percebido como o som era e o quanto eles tinham a oferecer."

Grande parte de Sheer Heart Attack foi gravada pela banda enquanto Brian lutava bravamente para recuperar a saúde. "Eles conseguiram fazer muito sem mim – foram realmente ótimos com isso," contou May. "Só precisei entrar e acrescentar minhas partes. Tem mais guitarra neste álbum, e a única coisa que realmente foi afetada pela minha doença é que eu tenho apenas cerca de três músicas e meia neste disco."

Mesmo assim, "Este é o primeiro álbum em que soamos como uma banda, em vez de quatro indivíduos. Acho que a experiência das turnês começou a aparecer no nosso trabalho em estúdio." Certamente, a doença extenuante que interrompeu a turnê americana do Queen com o Mott the Hoople ajudou Brian a ganhar um novo entendimento de si mesmo como músico. "Acho que estou mais comprometido com a música do que nunca," afirmou May. "Antes, eu frequentemente pensava em voltar para a escola algum dia."

## **FINS DE NOVEMBRO**

Início das gravações de Head First, o terceiro álbum do Badfinger para a Warner, lançado 25 anos depois...

As gravações do terceiro álbum do Badfinger com a Warner começaram no final de novembro de 1974. Apesar do cansaço após a turnê, das dificuldades financeiras e da saída temporária de Molland, a banda estava determinada a superar a crise. Para a recente turnê britânica, recrutaram Bob Jackson (teclados) devido à ausência de Pete Ham, e a banda seguiu com cinco integrantes. Ao final dessa turnê, Molland deixou definitivamente o grupo.

A composição de novas músicas foi difícil para Pete Ham neste momento, pois ele estava perdendo a confiança no projeto, mas trabalhou arduamente para criar material de qualidade. Ele contribuiu com faixas como "Lay Me Down", um rock vibrante e cativante, e "Keep Believing", uma balada emocional típica de Ham. Tom Evans também foi um dos principais compositores, criando músicas que criticavam a indústria musical, como "Mr. Manager".

Bob Jackson mostrou seu talento vocal em "Turn Around", enquanto Mike compôs "Back Again", uma faixa que remete ao estilo de "My Heart Goes Out". O álbum é considerado um dos mais sólidos da carreira do Badfinger, com todos os membros mostrando grande inspiração.

A Forbidden Records planejou inicialmente lançar o álbum em abril de 1999, mas houve complicações. As fitas mestres originais foram redescobertas, o que pode levar a um futuro relançamento do álbum. Até lá, uma versão remasterizada foi disponibilizada pela Snapper, a partir da cópia de Bob Jackson.

As faixas bônus, embora com qualidade de som variada, incluem novas canções de Pete Ham, que poderiam ter se tornado grandes sucessos do Badfinger. Os destaques incluem "Lay Me Down", "Mr. Manager", "Keep Believing", "Moonshine" e "Back Again".

### **DEZEMBRO 18 Quarta-feira**

O Som Nosso de Cada Dia se apresenta no Teatro 13 de Maio em São Paulo. Algumas fotos dessa performance, tiradas por Grace Lagôa, foram utilizadas no relançamento do álbum Snegs em CD.

Aqui estão os grandes nomes do rock em 1974! O supergrupo Yes dominou a pesquisa anual do jornal britânico Melody Maker, conquistando a maioria dos prêmios. Veja só: melhor grupo inglês e mundial; melhor dupla de compositores (Jon Anderson/Steve Howe), melhor baixista (Chris Squire), melhores teclados (Rick Wakeman, por seu trabalho com o Yes), terceiro lugar de melhor vocalista (Jon Anderson), quinto lugar de melhor show ao vivo, segundo lugar de guitarrista (Steve Howe), quinto lugar de baterista (Alan White) e terceiro lugar de LP (Tales from Topographic Oceans). Mesmo com o sucesso do Yes, outros talentos se destacaram: David Bowie foi eleito melhor cantor internacional, enquanto Paul Rodgers, do Bad Company, foi escolhido como melhor cantor inglês. Entre as mulheres, Joni Mitchell levou o prêmio de melhor cantora mundial, e Maggie Bell foi a melhor da Inglaterra. Tubular Bells, de Mike Oldfield, foi eleito o melhor LP inglês e mundial, com Oldfield também ganhando como melhor músico em instrumentos diversos. Eric Clapton foi escolhido como melhor guitarrista, e Carl Palmer foi o grande vencedor na categoria de bateristas. Para shows ao vivo, os destaques foram Genesis (melhor grupo inglês) e Emerson, Lake & Palmer (internacional).

## LITERATURA

É lançado A Província Deserta de H. Dobal:

### **OUTUBRO 15 Terça-feira**

O juiz Benedito Motta Mello, da Vara do 2º Tribunal do Júri, declarou a escritora Maura Lopes Cançado penalmente irresponsável, descrevendo sua situação como "ridícula e triste". Maura foi absolvida, sendo considerada incapaz de compreender o caráter criminoso de seu ato. No entanto, o juiz impôs uma medida de segurança que determinava sua internação em um manicômio judiciário por um período mínimo de seis anos. O problema é que o manicômio judiciário não aceita mulheres, o que tornava impossível para Maura viver em liberdade. Ela temia tanto a possibilidade de matar alguém quanto a de tirar a própria vida, dando início a um verdadeiro pesadelo.

Rock Brasileiro (1974/1976) – Ronaldo Rodrigues. Esta é a terceira e última parte deste trabalho de pesquisa fascinante, resultado de uma investigação séria e informativa. Descubra a rica e interessante história do rock brasileiro dos anos 70!

## FILMES

Despertar da Besta (José Mojica Marins).

"Recebi uma ameaça: se porventura eu tentasse novamente liberar o filme, o negativo seria queimado: além de tudo, a obra agora era considerada subversiva!". — José Mojica Marins.

(The) Grateful Dead Movie. (1977) – Documentário –Colorido – 131 minutos. Direção: Jerry Garcia. Mais uma reunião da tribo que um filme-concerto, esse documentário captura o Dead em cinco noites em San Francisco, em 1974. Um longo e deslumbrante desenho animado, realizado por Gary Gutierrez, abre o filme.

★ Andy Warhol's Dracula/Blood for Dracula, 1974 (producer).

## OBITUÁRIOS

### **JUNHO 22 Sábado**

Darius Milhaud (1892-1974). Foi um compositor e músico francês, conhecido por sua contribuição significativa à música do século XX. Ele nasceu em Aix-en-Provence e estudou no Conservatório de Paris. Milhaud era um dos compositores associados ao movimento do "Grupo dos Seis", um coletivo de jovens compositores que buscavam criar uma música nova e inovadora, distinta do romantismo que predominava na época.

### **JULHO 29 Segunda-feira**

Morre Cass Elliot também conhecida como Mama Cass. A causa de sua morte foi uma combinação de problemas de saúde relacionados à obesidade e à ingestão de medicamentos. Ela foi encontrada em seu apartamento em Londres, e a autópsia revelou que a morte foi devido a uma "parada cardíaca" associada a "narcotizantes". A morte de Elliot foi um choque para seus fãs e para a comunidade musical, dado seu papel proeminente como membro do grupo The Mamas and the Papas

## A SAGA DE UM FÃ DE ROCK

O, 1, 2, 3 – Fogo!

Hein? Rock alemão? Nunca ouvi falar. Você é a primeira pessoa que menciona isto. Peter Grant

A primeira canção em português que meus ouvidos decodificaram foi ‘Balada do Louco’, dos Mutantes, sem que eu imaginasse o quanto ela se tornaria significativa em minha vida. Em seguida, veio a febre entre os colegas do primário com ‘O Vira’, dos Secos & Molhados, e ‘Gita’, de Raul Seixas. No último vértice desse percurso inicial, ‘Meu Mundo e Nada Mais’, de Guilherme Arantes. Momentos interligados, cujas origens eu desconhecia.

A segunda metade da década de 70, de 1975 a 1980, foi um período doce e inocente, com o sabor do algodão-doce, quando sonhávamos em alcançar o estrelato como nossos ídolos. Eu, pessoalmente, tinha uma inclinação para a crítica musical e era um garoto apaixonado por Big Boy e Ezequiel Neves, minhas referências e preferências. Pouco depois, surgiria Tárík de Souza, da Veja. A leitura começou com gibis de super-heróis da Marvel e da DC, passou para a revista Pop, seguiu com Rock, A História e a Glória, e, no segundo grau, foi complementada pela Manchete e pela Veja, que já traziam uma visão do jet set internacional e um enfoque político. Rock o Grito e o Mito, de Roberto Mugiatti, foi provavelmente o primeiro livro que li. Também devorei livrinhos de faroeste e espionagem, o que caía nas minhas mãos. Inglês, nem pensar, mas já guardava recortes da Time.

Na verdade, o parágrafo acima é uma versão estilizada da história. A leitura começou bem mais cedo, com a revista Recreio e gibis em preto e branco de Mandrake e Fantasma, além de muitos gibis resgatados dos anos 60, como Solar e os super-heróis da Marvel e da DC, que eram publicados pela Ebal. No entanto, foi em 1975 que esses gibis começaram a ser lançados coloridos e em formatinho, gerando uma nova febre entre os fãs.

Já tentei seguir esse esforço, mas sempre fico preso aqui, como naquela cena do Jimmy Page em ‘The Song Remains the Same’, em que ele retrocede de ancião para jovem e até para um bebê no útero. É como aquela sensação de cair do céu em um sonho. A lembrança mais distante que guardo é de Caetano Veloso, em preto e branco, na Tv, cantando ‘Eleanor Rigby’. Naquele tempo, eu não compreendia a magnitude de Caetano na MPB, mas sua interpretação me tocou profundamente, em meio aos dias cinzentos da minha infância, aos 11 anos.

É claro que ‘Qualquer Coisa’ faz alusão à capa de ‘Let it Be’, mas ninguém se aprofundou no mistério por trás da arte. Mais um trabalho de Rogério Duarte, feito para não ser completamente compreendido. Entre as faixas, lá estavam ‘Lady Madonna’ e ‘Eleanor Rigby’. No outro LP lançado no mesmo ano, Caetano cantava ‘Help!’. ‘Qualquer Coisa’ é uma joia, e joia é ‘Qualquer Coisa’.

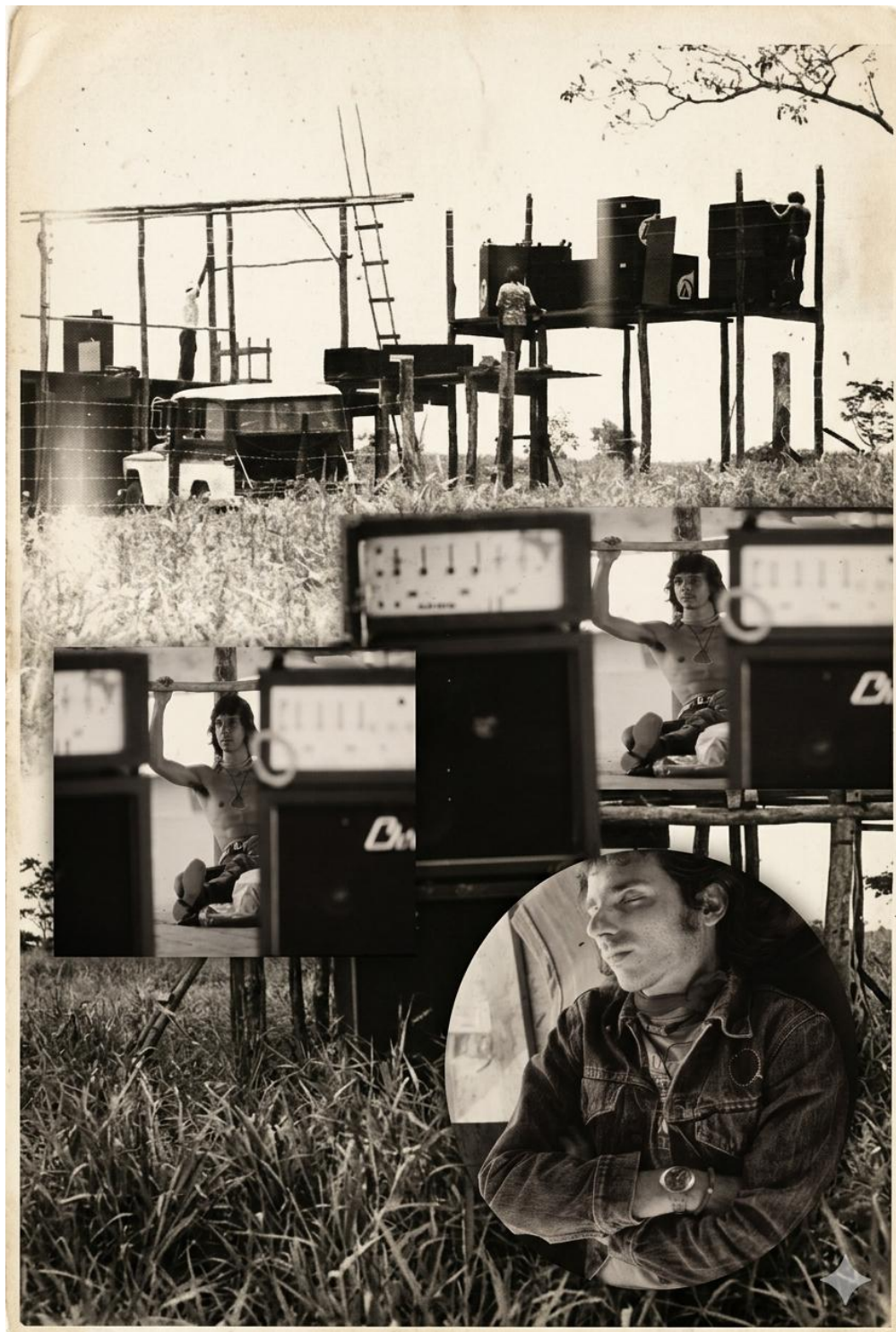
Outro fragmento que me vem à mente é de um domingo, quando assisti a um pedaço de ‘Yellow Submarine’ na televisão em preto e branco. A Tv, naquela época, era dominada pelos adultos, e não podíamos escolher a programação ou mudar de canal – as opções eram limitadas. A visita chegava e, quase como um ritual, ligavam a televisão, sintonizando os antigos programas de auditório, que continuam a se arrastar até hoje, enquanto nós, crianças, ficávamos à margem, sem poder assistir algo como Os Três Patetas.

• Montagem do palco e do sistema de som para o Festival de Águas Claras, em Iacanga.  
Foto: Movimento 70 de Novo

Arnaldo Baptista no Festival de Águas Claras, em Iacanga — janeiro de 1975.  
Foto raríssima encontrada no acervo pessoal de Antonio Checchin Junior Leivinha.

Dinho Leme (Os Mutantes), que trabalhou na produção do primeiro Festival de Águas Claras, tira uma soneca.

Acervo pessoal de Antonio Checchin Junior Leivinha.



**1975**

### **JANEIRO 04, 05 e 06 Sábado, domingo, segunda-feira**

Festival de Águas Claras – em Iacanga

Arnaldo e Phoenix foram convidados para tocar no primeiro Festival de Iacanga, realizado em uma fazenda na cidade de Bauru, interior de São Paulo. No entanto, a apresentação foi adiada por três dias consecutivos e, na última hora, Arnaldo não teve coragem de subir ao palco, permanecendo empoleirado em uma árvore enquanto a banda era anunciada.

Phoenix, o trio formado por Arnaldo Baptista (teclados), Luiz Antônio Sampaio Chagas (guitarra) e um baterista também chamado Luiz, acabou não se apresentando no festival. Sobre o fim da banda, Arnaldo recorda: "Estávamos sem empresário."

★ Enquanto isso, outro ex-Mutantes, Liminha, uniu-se a Manito e à banda Som Nosso de Cada Dia, protagonizando um dos momentos mais marcantes do rock nacional.

É importante ressaltar que o Festival de Iacanga e o Festival de Águas Claras são, essencialmente, o mesmo evento. Ele ficou mais conhecido como Festival de Águas Claras devido ao nome da fazenda onde ocorreram as edições posteriores.

### **JANEIRO 08 Quarta-feira**

Um dos maiores guitarristas vivos do rock, Eric Clapton, desembarcou no Rio de Janeiro em um dia ensolarado, acompanhado da deslumbrante Patti Boyd. Como outras celebridades que o precederam, como Mick Taylor, Chris Wood, Jim Capaldi e Cat Stevens, Clapton pediu e prometeu o de sempre: uma relativa tranquilidade, pouco assédio da imprensa e nenhum show previamente agendado.

★ Hollywood Rock – Rio de Janeiro: O primeiro grande concerto de rock brasileiro aconteceu, reunindo artistas como Celly Campelo, Erasmo Carlos, Rita Lee & Tutti-Frutti (sua nova banda), Raul Seixas, O Peso, Vímana e Os Mutantes. O evento, apesar de histórico, enfrentou diversos problemas, incluindo falhas na produção, segurança insuficiente, iluminação precária e, principalmente, a chuva, que comprometeu grande parte das apresentações.

### **Hollywood Rock**

### **"Quem Fez Rock no Brasil" – Entrevista com Gabriel**

#### **O'Meara**

#### **– Voltarei ao Brasil!**

Interessado em resgatar faixas censuradas e remasterizar o único LP de seu grupo O Peso, o guitarrista americano Gabriel O'Meara, concede entrevistas a sites brasileiros e arruma as malas, seus sonhos são produzir artistas brasileiros com a sua atual bagagem musical.

– Seu LP, 'Em Busca do Tempo Perdido' com O Peso sempre foi muito disputado. Porque não é relançado em CD?

GABRIEL O'MERA – Gostaria que o disco do Peso fosse relançado. Talvez o Charles Gavin (dos Titãs) se interesse em remasterizar o disco em CD. Eu tenho o disco do Cassiano, Cuban Soul que o Charles remasterizou, uma verdadeira obra prima de post production. O LP do Peso foi um marco no rock Brasileiro. Eu até toparia voltar para o Brasil por conta própria para ajudar nesta produção.

– Há a faixa 'Não fique triste' compacto da extinta revista Pope a participação de O Peso no LP 'Hollywood Rock', essas faixas eram ao vivo mesmo ou os aplausos de estúdio?

GABRIEL O'MERA – Os aplausos foram colocados depois pelo Guti, nosso produtor. O efeito ficou muito bem gravado e valeu como recurso de estúdio.

– Existem out-takes de O Peso? Os ex-integrantes se reencontram?

GABRIEL O'MERA – Devem haver alguns out-takes. Umas duas ou três musicas foram censuradas e não saíram no disco. Também tinha uma menina que assistia todos os shows do Peso e do Flamboyant e gravava tudo. Enquanto a uma reunião do Peso, se o clima for favorável e se o resto do grupo quiser se reunir, eu topo.

– Hoje você abandonou o jornalismo ou produz discos?

GABRIEL O'MERA – Escrevo crônicas que penso publicar algum dia, estou procurando um editor ou uma revista popular que queira ver meus textos. As crônicas falam sobre a vida cotidiana e sobre minhas andanças musicais pelo Brasil. Enquanto a produção de discos faço alguma coisa no gênero Salsa e estou confeccionando um CD num estilo Tropical

Dance/House. Sou fã do Chemical Brothers e The Crystal Method. Meu CD é puro dance com um tom tropical, imagina o Santana com Chemical Brothers e pinceladas de samba, Bahia music etc. O CD tem o título de Suite for Rhythm uso o codinome Tito (Buzz) Cugat em homenagem a Tito Puente e Xavier Cugat. Vou procurar uma gravadora para lança-lo quando acabar a mixagem. Tive o cuidado de gravar várias faixas que são 'Radio friendly' (para tocar no rádio). Sou vidrado num som cubano e portorriquenho. Acabei de mixar e fazer backing vocals numas faixas da cantora Melina Almodovar. Ela vai ser a próxima Gloria Stefan. Gostaria de produzir um cantor ou cantora Brasileira misturando samba salsa e merengue. Um verdadeiro show de World Music. Gravaria em Miami e no Brasil. Acredito que venderia no mundo inteiro.

– Há uma grande valorização do som feito na década de 70. Procura-se informações sobre Pedro Lima, Lanny Gordin, Sérgio Bandeyra, Jorge Amiden e você mesmo. O que aconteceu com essas pessoas mágicas?

GABRIEL O'MERA – Eu soube que o Jorge Amiden mudou para Brasília. O Pedrinho Lima ainda mora e toca de vez em quando na zona sul do Rio, O Lanny ataca de vez em quando em São Paulo (recentemente, Lulu Santos presenteou-lhe com uma guitarra novinha. Apesar da "cara dura" o Lulu é um bom menino). Não sei do Sérgio Bandeyra nem da Tropa Maldita, sumiram. Recentemente recebi um e-mail do guitarrista Barroco (Diana e Stu e outros grupos) está tocando em Estoril, Portugal. Eu estou morando em Memphis Tennessee no sul dos Estados

Unidos há mais de dez anos. Vou ao clube do B.B. King na Beale Street e às vezes tenho a sorte de pegar o grande Steve Cropper tocando com os amigos. Sou diretor de uma empresa de traduções técnicas. Volto para o Brasil com frequência para passar as férias, beber chope e rever velhos amigos.

– Hoje O Terço com a formação de 1974, está gravando um disco, haveria espaço para O Peso?

GABRIEL O'MERA – Eu acho que haveria lugar para uma edição do Peso mais Funkizada. Gostaria de gravar um rock Tupiniquim mais apoiado no rhythm and blues com bastante ritmo, percussão e um naipe de metais a lá Tim Maia.

– Numa entrevista sua com o Nicky Hopkins, bastante informativa, o próprio entrevistado surpreendeu-se com a sua gama de informações. Os tempos mudaram e o approach das pessoas também ou a relação entre entrevistado e entrevistador não exclui o fã?

GABRIEL O'MERA – O bom repórter musical precisa ser fã do entrevistado. Nicky Hopkins, Mick Jagger, David Clayton Thomas, Joe Cocker, Wilson Pickett e outros que entrevistei eram verdadeiros ídolos meus. Além de conhecer suas histórias profundamente, eu tinha o mais alto respeito pela arte e música destes indivíduos. Não acho que eu seria um bom repórter policial por exemplo, pois a disposição e o enfoque seriam diferentes. Para mim se tornava fácil conversar num estilo chat com estes astros. Depois eu sintetizava nosso papo e publicava em forma de entrevista.

– Quais as suas entrevistas mais significativas e qual o segredo de conseguir um furo?

GABRIEL O'MERA – Minha entrevista com Mick Jagger foi a mais significativa. Eu bati na porta da mansão da Florinda Bolkan onde Mick hospedava-se, falei sobre a Nicarágua (sua esposa Bianca é Nicaraguense) e o cantor Jackie Wilson de quem Mick Jagger é o maior fã. Ganhei a confiança do Mick e até fiquei para o almoço! Eu acho que a credibilidade, a insistência e a sinceridade do approach (mais uma pitada de sorte) são necessários para ser um bom repórter. Na realidade os astros da música pop gostam de aparecer e falar, é só saber chegar e ganhar sua confiança.

– Nos anos 70 vocês enfrentaram alguma barra política pesada? A mídia de hoje não explora esse embate entre o rock e a ditadura, nem sabem que a maior banda de rock do mundo na época Led Zeppelin, não pode se apresentar no Brasil devido à ditadura.

GABRIEL O'MERA – É... Tivemos problemas com músicas censuradas e shows que fazíamos na encolha sem o famoso alvará da censura. Fizemos um festival em Saquarema que estava cheio de agentes da DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Ouve um incidente onde vários músicos cercaram um imbecil desses após ele ameaçar uma das meninas com cadeia, porrada etc. Foi na hora do rango, ao dar as costas todos nós jogamos coxas de frango, pepinos etc no cara. Jurou voltar e prender todo mundo, mas nada aconteceu. O festival tinha músicos como Ney Matogrosso, Roberto de Carvalho, Zé da Gaita, Ângela Ro Ro, Rita Lee, O Bicho da Seda, O grupo Flamboyant (que na realidade era uma outra formação do Peso), e muitos outros que subiam ao palco em grandes jams de improvisos. O Nelson Motta mostrou uma incrível capacidade profissional e equilíbrio mantendo os níveis de doidice num domínio administrável. No Rio de Janeiro, Janis Joplin foi alertada a não fazer nenhum tipo de pronunciamento. O ator e líder da trupe do Teatro Vivo, ou Living Theater, Julian Beck, foi detido e escorraçado do país. Lembro-me que o Chico Buarque e Ruy Guerra tinham escrito, ensaiado e produzido a custas altíssimas uma peça de teatro chamada Calabar ou O Elogio da Traição. A censura esperou as roupas e a cenografia ficarem prontas e passou uma liminar proibindo a encenação da peça fechando o teatro pouco antes da estreia. Armando Falcão e outros censores tentaram quebrar dessa forma o espírito e a conta bancária do Chico. Já nos anos 80, Joan Baez foi proibida de tocar num show no MAM. Uma vez organizei um show no Teatro João Caetano no Rio com uma banda Portuguesa chamada Heavy Band, uns agentes da DOPS me trancaram num escritório e fizeram umas perguntas. Ao saber que eu era veterano condecorado da guerra do Vietnã (Marines) ficaram perguntando se eu tinha lutado mano a mano contra os Vietcongs etc. Conte um monte de histórias de guerra e o show foi liberado na hora.

– O LSD esfacelou o cérebro de boa parte das promessas artísticas brasileiras?

GABRIEL O'MERA – Houve algumas vítimas do excesso. Infelizmente muitas pessoas quiseram adaptar um modelo Americano do "desbunde" que não era propício para o Brasil.

Não existia uma meta concreta a ser alcançada. Havia muita loucura e pouca criação. Pessoas como Caetano, Paulo Coelho, O pessoal do Pasquim, Alfredo Sirkis e outros, se preocupavam mais em exercer seus verdadeiros dotes intelectuais do que se perder na vastidão da fantasia e o engano mental. São justamente essas pessoas (entre outros, é claro) que hoje traçam o caminho intelectual do Brasil. Além disso, tinha muita bronca com as autoridades e não existia um clima bom para a expansão dos sentidos. Era ruim "viajar" sabendo que haviam amigos como Angel Stuart, Tenório Jr. e Geraldo Vandré presos, torturados e sumidos. Além do mais, muita gente andou usando drogas sem qualquer tipo de controle. Em vez de controlar o consumo, o consumo passou a controlar o pessoal. Vítimas da angústia como o Torquato Neto, Raul Seixas, Júlio Barroso, Elis Regina e Robson Jorge são perdas irreparáveis para a cultura e música Brasileira. Voltarei ao Brasil. Eu pretendia visitar a o meu grande amigo Sebastião Rodrigues Maia. Pensei que o cara ia viver para sempre. De qualquer forma...Valeu! (Gabriel O'Mera)

**1975**

### **JANEIRO 25 Sábado**

Durante o Sunbury Festival, na Austrália, ocorreu uma briga inusitada entre as bandas AC/DC e Deep Purple. O festival, que estava em sua última edição devido a problemas financeiros, trouxe o Deep Purple como atração principal, mas a banda estava em meio a conflitos internos e o organizador temia que eles não se apresentassem. Para garantir que o evento continuasse, o AC/DC foi chamado como uma solução de emergência.

Quando o Deep Purple finalmente subiu ao palco, o AC/DC, já preparado para tocar, acabou envolvido em uma confusão. Um desentendimento com a equipe do Deep Purple evoluiu para uma briga generalizada, com roadies e membros das bandas lutando no palco. Angus Young, guitarrista do AC/DC, relembra o caos, com Bon Scott, vocalista do AC/DC, e outros envolvidos em lutas físicas.

Apesar da briga, o AC/DC não chegou a se apresentar. No dia seguinte, a história da briga entre as bandas foi amplamente comentada. David Coverdale, do Deep Purple, também relembrou o incidente de forma humorística, mencionando que o público do festival parecia estar em uma "convenção de camisinhas" devido às capas de chuva que usavam por causa da lama.

No fim, a confusão se tornou uma memória engraçada entre as bandas, que mais tarde riram do episódio em encontros futuros. O Sunbury Festival nunca mais ocorreu, e o Deep Purple chegou a abrir um fundo para ajudar os artistas que não foram pagos devido aos altos custos do evento.

Ainda em 1975, Tommy Bolin será chamado para substituir Ritchie Blackmore como guitarrista do Deep Purple. Seu trabalho com a banda renderá o álbum Come Taste the Band, no qual Bolin imprimiu sua identidade musical com solos inovadores e um estilo cativante, marcando uma nova fase para o grupo. No entanto, problemas com drogas e as exigências da vida em turnê afetaram seu desempenho e saúde.

## "Quem Fez Rock no Brasil"

### – Zé Brasil: A Trajetória do Baterista Cofundador da Space Patrol



*Aniversário de São Paulo, 25 de janeiro de 1974. À esquerda, em meia-face, Coquinho — futuro baixista da Patrulha do Espaço. No palco, Arnaldo, Zé Brasil e Marcelo Aranha. Foto: Sue Cunningham*

Zé Brasil, cofundador da Space Patrol, é um músico e arquiteto formado desde 1972. Durante essa década, ele foi fundamental ao apresentar figuras importantes na vida de Arnaldo Baptista, como o baterista Rolando Castello Jr e Martha Mellinger. Zé Brasil conhecia Os Mutantes desde suas apresentações no programa Divino, Maravilhoso, em 1968, e, além disso, mantinha uma relação próxima com personalidades como Antonio Peticov, com quem conviveu nos tempos da boate Ponto de Encontro na Avenida São Luís, em São Paulo.

Ele recorda que a Cantareira era um lugar especial, onde Rita Lee & Tutti-Frutti ensaiavam, enquanto a Space Patrol fazia seus ensaios na casa de Arnaldo. Jams com Serginho, Liminha, Lee Marcucci e Zé Brasil eram frequentes, e o músico conta que ele mesmo chegou a tocar viola caipira em algumas dessas sessões. A Space Patrol, que começou como uma banda experimental, teve seus arranjos criados por eles, incluindo a participação de Arnaldo Baptista, que tocava baixo nos pedais do Hammond. Zé Brasil lamenta ter deixado o grupo antes de gravarem a obra-prima *Lóki?*, de Arnaldo, mas destaca que eles ensaiaram intensamente para esse disco.

A Space Patrol era composta por Arnaldo, Zé Brasil e, mais tarde, pelo guitarrista Marcelo Aranha, que substituiu Alan Kraus, um alemão que havia trabalhado no som de Woodstock. Zé Brasil relembra



*Rolando  
Castello Jr., no  
período em que  
participou da  
gravação do  
primeiro  
álbum do  
Made in Brazil,  
o clássico  
“Disco da  
Banana”.*



uma tentativa de apresentação da banda que terminou em um acidente de carro nas curvas da Serra da Cantareira, enquanto iam para São Lourenço.

Ele também menciona um manuscrito que Arnaldo lhe deu nos anos 70 para musicar, que acabou resultando na composição de um "Rock da Cantareira". Para Zé Brasil, esse período foi repleto de criatividade e liberdade, algo que contrastava com o ambiente opressor da Ditadura Militar. Além dos ensaios, ele também lembra dos shows da Space Patrol no Parque do Ibirapuera, sendo o segundo deles o mais memorável. Apesar da anarquia no palco, especialmente com Arnaldo desregrando os ensaios, o público, composto por dealers e freaks, adorava as apresentações.

Zé Brasil também destaca o papel da arquitetura em sua vida, que o ajudou a transformar a edícula de sua casa em um estúdio, onde ele e sua companheira Silvia Helena viviam momentos intensos. Ele fala ainda de sua relação próxima com Rolando Castello Jr, baterista que ele recomendou a Arnaldo, e menciona Martha Mellinger, com quem Arnaldo vivia na época.

Além das performances e ensaios, Zé Brasil recorda da tentativa frustrada de um show em São Lourenço e das escapadas que marcaram suas viagens com a Space Patrol. O grupo, que quase conseguiu se apresentar ao lado de Mutantes e Rita Lee, foi uma das mais criativas colaborações da carreira de Zé Brasil.

Por fim, ao refletir sobre o álbum *Lóki?*, Zé Brasil menciona que os arranjos eram fiéis aos ensaios da Space Patrol, embora a influência de músicos como Liminha e Dinho tenha modificado alguns aspectos. Ele acredita que, se a Space Patrol tivesse gravado o disco, o resultado seria diferente, mas mantém orgulho por ter participado desse processo criativo ao lado de Arnaldo Baptista.

**1975**

## **FEVEREIRO**

### **Arnaldo Baptista Lança o Emblemático LP *Lóki?***

O disco *Lóki?* evoca medo e inquietação; essa sensação é palpável desde a capa até os títulos das faixas. Ele poderia ser chamado de Disco Voador – um álbum repleto de lendas, cuja gravação teria sido feita em apenas um dia (o que é exaltado pela gravadora). É um disco feito para ser ouvido em alto volume, mas que pode provocar certo desconforto no ouvinte, com seus 16:50 minutos distribuídos entre os lados A e B. Lançado sem divulgação na quarta-feira de cinzas de 1975, *Lóki?* ainda assim ganhou um belo videoclipe da canção "Será que eu vou virar bolor?". Arnaldo Baptista reclamou que a gravadora não financiou o teatro para a temporada de lançamento do show. Ele teria condições de se apresentar ao vivo?

Quanto à questão da cisão, diz-se que Liminha queria que apagassem a fita por ela soar como Sérgio Mendes. O baixista se ressentiu da falta da guitarra ou do seu papel na música?

Sentimentalmente, o disco reflete uma visão do amor e a bad trip existencial de John sem Yoko. É um álbum de êxtases, que expressa linguisticamente um apetite sexual e lisérgico exacerbado, além de uma crise precoce de meia-idade e o fim das utopias. Algum dia será revelada a ordem de gravação das músicas? Haverá instruções anotadas na caixa da fita pelo artista?

Arnaldo foi considerado louco por ter incendiado o piano "desafinado" de sua mãe. No único espaço que encontrou na revista *Amiga*, pediu que esclarecessem essa intriga e reforçou que era um profissional!

Este é o disco que coloco para tocar quando estou irritado. É o álbum que, quando estou perdido e sozinho, aumento o volume para encobrir as minhas lágrimas. Como faz falta Arnaldo Baptista!

## **1975**

★ A nova mesa de som dos Mutantes, projetada por CCDB, expeliu de uma de suas caixas-cornetas cinco pessoas que se acomodaram dentro dela.

★ Localizada na Rua Padre João Manuel, 446, além da residência da banda Apokalypsis, essa foi uma das bases do rock em São Paulo em 1975.

Os sabiás, bem-te-vis, pardais, gente, carros, buzinas... a cidade, enfim, eram a vista da minha janela (que já não existe mais) na Rua Padre João Manuel, travessa da Paulista, em 1975. — Zé Brasil

★ Começa assim a conexão de Ezequiel Neves com o Made In Brazil, marcando o fechamento de um ciclo. Cornelius, o cantor, sai para retornar 10 anos depois. O melhor show do ano na categoria de rock nacional, segundo a revista Veja.

### **FEVEREIRO (EUA) 17 Segunda-feira**

O único single do álbum Rock'n'Roll de John Lennon, "Stand By Me" foi uma versão da clássica música de Ben E. King de 1961

★ Em entrevista, John Lennon descreveu sua relação com George Martin como "uma verdadeira parceria."

"Algumas pessoas dizem que George Martin fez tudo, outras dizem que os Beatles fizeram tudo. Não foi nenhuma das duas opções. Aprendemos muito juntos", afirmou.

### **Lennon Acomodado**

De acordo com a revista russa New Times, publicada em inglês, o talento de John Lennon havia se deteriorado devido ao seu afastamento das atividades políticas, resultado das pressões das autoridades americanas. Desde 1972, Lennon teria entrado em um processo de decadência, com provas disso em seus dois últimos álbuns, Mind Games e Walls and Bridges, considerados "claramente inferiores a todo o seu trabalho anterior, carregado de consciência político-social." (Revista Pop, 1975).

★ Em breve, o ex-Beatle John Lennon deverá estar livre para viajar para fora dos Estados Unidos, de acordo com seu advogado, Leon Wildes. A batalha legal que Lennon vinha travando com as autoridades norte-americanas estaria prestes a chegar ao fim, o que beneficiaria o artista. Lennon, que enfrentava um processo por posse de entorpecentes (na Inglaterra), estava ameaçado de ser expulso dos Estados Unidos. (Revista Pop, 1975).

### **FEVEREIRO 24 Segunda-feira**

O álbum Physical Graffiti da banda Led Zeppelin é lançado. Esse é o sexto álbum de estúdio da banda e é considerado um dos mais importantes de sua discografia.

## **ABRIL**

Almôndegas: primeira formação: Quico Castro Neves, Kledir Ramil, Pery Souza, Kleiton Ramil e Gilnei Silveira.

Estava marcado para a primeira quinzena de abril o lançamento do primeiro LP do grupo gaúcho Almôndegas. Um grande esquema promocional da Rádio Continental levaria os cinco integrantes, incluindo os irmãos Kleiton e Kledir, até Salvador, passando por grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Antes disso, haveria um show especial com as presenças de Milton Nascimento e Gilberto Gil.

ABRIL 14 Segunda-feira

A entrada de Ron Wood no mundo de excessos do rock 'n' roll, com os Rolling Stones, foi anunciada por meio de um comunicado de imprensa. Mesmo após provar sua habilidade ao tocar no primeiro show da turnê mundial da banda, Wood ainda levaria um tempo até se tornar membro permanente.

ABRIL 18 Sexta-feira

Reconciliado com Yoko Ono, John Lennon se apresentou ao vivo pela última vez em um especial de televisão.

## **ABRIL**

### **Entrevista com Freddie Mercury**

Circus

Na entrevista com Scott Cohen, Freddie Mercury fala sobre sua infância em Zanzibar, onde nasceu, e sua mudança para a Inglaterra. Ele lembra das músicas que ouviu na infância, como Elvis Presley e Bill Haley, e descreve Zanzibar como um lugar tropical. Mercury menciona sua única visita a Nova York, onde se divertiu e ficou impressionado com a cidade.

Quando questionado sobre seu interesse em temas não musicais, ele diz que sua atenção estava voltada para a música devido ao trabalho em um filme e uma turnê. Mercury reflete sobre a idolatria em relação a rockstars, mostrando-se cético sobre a ideia de que isso é uma preocupação atual.

Ele também fala sobre sua apreciação por arte, mencionando Jimi Hendrix e Dalí, mas nega a ideia de que Dalí devesse criar seus trajes. Mercury expressa o desejo de ser o primeiro homem na capa da Vogue e comenta sobre sua paixão por roupas, revelando que já teve uma boutique. Ele dá dicas sobre onde comprar roupas de qualidade em Londres e menciona seu gosto por sapatos e a importância das roupas em sua carreira.

Freddie se descreve como uma pessoa vaidosa, que passa tempo na frente do espelho, mas não considera sua imagem refletida como algo que o afete profundamente. Ele finaliza afirmando sua originalidade e a conexão que as pessoas podem sentir com sua imagem.

**1975**

Carlos Alberto Sion

Apresenta

II Temporada de Rock e Música Progressiva

MAIO 23/24/25 Sexta-feira, sábado e domingo Terço

MAIO/JUNHO 30/31/1º Sexta-feira, sábado e domingo Som  
Nosso de Cada Dia

JUNHO 06/07 Sexta-feira, sábado A Bolha

JUNHO 08/09 Domingo, segunda-feira Veludo/Vimana

Horário: 21 horas

Local: Teresa Raquel – Rio

“Durante esse show, Patrick Moraz fez uma participação especial no final da apresentação do Veludo. Essa história é detalhada em um documentário que também aborda os seguintes tópicos: a) O desabamento do palco no Hollywood Rock 75, que contou com a presença de Os Mutantes e Veludo.

b) Um vídeo da entrevista do grupo durante o Festival Banana Progressyva, realizado em São Paulo, em 1975.

c) A participação do tecladista do Yes, Patrick Moraz, no show no Teatro Teresa Raquel, no Rio de Janeiro.

d) A influência do rock progressivo internacional e as críticas que ele recebeu.”

(Nelsinho Laranjeiras)

## **MAIO/JUNHO**

Banana Progressyva

São Paulo, Auditório da Fundação Getúlio Vargas

## **MAIO**

Captain Fantastic and The Brown Dirt Cowboy, de Elton John (RGE), foi o grande destaque do ano. Com 10 faixas, o inglês Reginald Kenneth Dwight, mais conhecido como Elton John, agradou a todos: vendeu mais de um milhão de cópias e impressionou a crítica com aquele que é considerado seu álbum mais substancial da era superstar.

O Incrível Capitão Fantástico: “Senhor do Delírio e da Piração”  
Elton John realizou sua maior façanha como super-herói!

Depois de uma série de shows arrasadores no estádio dos Dodgers em Los Angeles, o mistério dos superpoderes de Elton John finalmente foi revelado! Em meio a um solo de piano totalmente alucinante, Elton gritou seu próprio nome... Reginald Kenneth Dwight! A revelação pareceu ecoar até as estrelas, chamando o espírito do deus do rock, o “Senhor do Delírio e da Piração.”

Num piscar de olhos, Elton se transformou no lendário Capitão Fantástico, o super-herói do rock! Vestindo sua capa brilhante e óculos de sol reluzentes, ele começou a realizar façanhas musicais épicas, preenchendo o estádio com acordes poderosos e conquistando todos os corações com suas piruetas e a eletrizante energia do rock.

**1975**

**MAIO 24! Sábado**

**In my life...**

Foi no dia do meu aniversário de 11 anos, que minha jornada pelo mundo do rock começou.

Desse dia até 24 de maio de 2025, foram 18.263 dias de uma perspectiva misteriosa, temperados com doses de esperança, dedicação e aprofundamento. Técnicas de controle de vícios, um caso de abnegação e a escolha consciente na construção de um perfil não esotérico, mas excêntrico, na criação de um 'mad' estilo de vida. Assim descrevo a minha participação no universo do rock'n'roll, que começou quando comprei um compacto duplo da trilha sonora do filme *A Hard Day's Night* dos Beatles.

No meu aniversário de maio, ganhei um disco duplo dos Beatles, '*A Hard Day's Night*'. Foi um divisor de águas! Ao olhar fixamente as quatro fotos dos rostos deles, me apaixonei, e claro que todos notaram minha nova paixão. Terminei o ano com um LP de novela, '*Escalada*', e 1975 foi mais um ano de rock'n'roll, como sempre, em meio a toda a branquidão daquela época.

O compacto duplo com as músicas '*A Hard Day's Night*', '*I Should Have Known Better*', '*Can't Buy Me Love*' e '*And I Love Her*' foi lançado exclusivamente no Brasil pela Odeon. Não houve lançamento oficial no mercado internacional, tornando-o um item raro e valioso para colecionadores. A Odeon, detentora dos direitos dos Beatles no Brasil, costumava lançar versões adaptadas para o público brasileiro, o que explica a exclusividade deste compacto no país, que tinha um grande público de fãs da banda na época.

O que eu não sabia era que '*A Hard Day's Night*' foi o primeiro filme dos Beatles, indicado ao Oscar de melhor trilha sonora, mas sem ganhar. Com orçamento reduzido e filmado em preto e branco, o filme acabou adquirindo um toque artístico. Foi o primeiro álbum pop com músicas exclusivamente compostas por seus próprios autores, Lennon & McCartney. Nos EUA, a Capitol lançou apenas as músicas do filme e a trilha incidental, enquanto no Brasil, pela Odeon, o disco saiu com o título adaptado para Os '*Reis do Iê-Iê-Iê*' e capa vermelha.

Meu segundo contato com os Beatles: O compacto duplo '*Anna*' / '*Chains*' / '*Misery*' / '*I Saw Her Standing There*', lançado exclusivamente no Brasil em 1967, é importante por ser uma edição bastante exclusiva e limitada. As quatro canções pertencem ao álbum de estreia dos Beatles, *Please Please Me*, lançado em março de 1963. Embora eu tenha ouvido esse disco após o compacto duplo de '*A Hard Day's Night*', a energia e a febre da novidade estavam presentes, com as músicas vibrantes e quentes do início da carreira da banda.

Ainda em 1975, o ano revelou '*Ovelha Negra*, que se tornou um verdadeiro hino para aquela geração e as seguintes, representando o espírito de rebeldia e a busca por individualidade. Pouco tempo depois, outro ícone da contestação surgiu com '*Filho Único*', de Erasmo Carlos, uma canção que abordava os desafios e os conflitos na luta por liberdade.

Meu batismo no rock veio pelas águas lamacentas de Elvis Presley, Bill Haley, talvez um pouco de Little Richard. Chuck Berry só entrou na minha vida quando me aprofundei nos Beatles. Na verdade, meu batismo aconteceu com a trilha sonora internacional da novela '*Escalada*'. Eu colocava o álbum '*Elvis*' 40 Greatest', da Som Livre, na vitrola e mergulhava nos quadrinhos do Demolidor da Bloch. Ali, começava meu caminho como colecionador – primeiro de revistas de super-heróis, e logo, de discos, embora estes fossem bem mais caros.

Com a coletânea '40 Greatest Hits', foi a primeira vez que consegui pescar um significado em uma capa de disco. Depois de um tempo, percebi que havia um número 40 na parte interna da capa e comecei a estudá-las, sempre com a aprovação dos Beatles como minha maior referência.

## **Flashbacks**

### **Eu Sou Billy Shears: Loucura & Dedicção Aos Beatles**

No ano seguinte, a trilha sonora de 'Estúpido Cupido' tomou conta, comprávamos discos sugeridos pela TV Globo. Enquanto isso, meu vizinho Carlão já me levava em viagens sonoras com álbuns como 'Excelsior – A Máquina do Som' e os compactos duplos da série '4 Top Hits From England' do selo Young. Do rock nacional, ainda sem muita noção, em casa íamos dos Pholhas cantando em inglês até o forró d'Os Incríveis!

Comecei minha coleção com 50 discos compactos da RCA Victor, todos organizados em um pino fixo em uma base de metal. Nunca fui às lojas do centro de São Paulo comprar as capinhas; na verdade, minha única visita a Discolivros, na Rua Antônio Agú, 987 – Osasco, foi quando comentei com meu pai que os discos estavam muito mais baratos lá. Na época, eu não conhecia a expressão 'pau de sebo' e mal sabia o que era um sebo; mas, já na Rua Parayba, os caras estavam formando suas pequenas equipes de som.

A vida é uma incrível máquina do tempo. Retorno aos dias em que ainda usava calças curtas de estudante. Sou um freak – em uma tradução mais amena, 'extravagante'; em uma mais direta, 'doido'. Era 1975, e eu ouvia os jogos do Paulistão no meu rádio valvulado, um presente do Natal do ano passado que ganhei, verde e perfeito para torcidas. Os tempos de brinquedo tinham ficado para trás, e eu me via mergulhando nos gibis.

Em um quartinho da minha prima, vi um disquinho do Slade que ela me mostrou. Outra prima, da parte da minha mãe, me ensinou a trocar discos. Eu escutava tudo alucinado. O vizinho da esquina me chamava para organizar e limpar seus LPs, e, nesse tempo, espelinhos de bolso oval eram vendidos nas lojas. Comprei uma dezena às escondidas, só para quebrar os espelhos e retirar as fotos das modelos nuas que decoravam o fundo. A vendedora me olhava com um sorriso sarcástico; foi o primeiro sinal de desvio de conduta.

E então cheguei a Michael Jackson. Sua música 'One Day in Your Life', que ouvi no programa do Barros de Alencar, me fez refletir sobre como as tardes eram tristes e a vida poderia ser cinza. Essa canção, assim como tantas outras, assumiria significados novos ao longo da vida. O estado febril de descoberta retrocede aos dias em que percebi que poderia observar o mundo ao meu redor, e isso mudou tudo.

## **Blues da PQP**

Outro dia fiquei com raiva: 'Você caiu no rock com 11 anos?' E eu respondi que ninguém vai contar a minha história como eu a vivi.

Cai no rock em 1975 com um compacto. Talvez essa queda tenha sido a responsável pela nossa mudança para Brasília. Lá em Osasco-SP as pessoas costumavam morrer jovens. Ainda naquele ano aconteceram coisas ótimas talvez a primeira punheta. Outra coisa boa, era a radiola Philips, que acoplávamos o gravador no auxiliar, esse som deu muito trabalho, travava o automático, e quando veio para Brasília queimou, pois era 110 volts. Se eu fosse mais esperto, ela estaria comigo.



balho do músico de rock parece tão dispensável quanto uma garrafa de scotch.

Nossos shows, assim, em nada se parecem com os lotados, enérgicos e esfuizantes concertos europeus e americanos. Primeiro, pela precariedade. Rock e tecnologia são inseparáveis. Você sabe. O que se vê nos palcos desta terra é uma aperribagem de som insuficiente, obsoleta. Quando se tenta fazer um festival de rock no Brasil, como aconteceu em tevercero numa fazenda de lacanga, perto de cidade panlista de Bauru, chega a ocorrer mesmo o desastre. Passa-se mais tempo regulando a parafernália do que tirando música dela. Aliás, música mesmo, cá entre nós. Mick, era muito difícil perceber no intervalo das panas.

**A** nossa absoluta falta de originalidade não é, contudo, característica apenas das festivals, mas do rock brasileiro em geral. Verdade, Mick, não se vêem criadores. São pouquíssimos. O que é natural. Afinal, o rock é coisa de vocês aí de língua inglesa. A menina adora, compra os discos, ouve, se deshumbrava e quer tocar igual. Mas os músicos, porém, não se lembram que, até chegarem no disco, vocês já são de 20 anos e anos, tocaram em mil babinhos e bibocas. Eles pensam que é copiar, e pronto, dá tudo certo. Não há nada de mais em se exercitar

reproduzindo músicas de vocês. O pianista clássico não roca Beethoven? Não aprende com ele? Acontece, Mick, que existe a hora de parar de imitar e começar a criar. E esta ainda não soa no Brasil. Surgem unta ou outra música de vez em quando. Mas um trabalho contínuo, progressivo, isso não há. Letras de boa qualidade também são ratas. Tenta-se desesperadamente espremer a complexa sintaxe da língua portuguesa dentro das divisões do rock estrangeiro. Simplesmente não cabe: E com isso sobram a poesia, o nexu, as idéias. E as idéias estão cada vez mais difíceis de se encontrar, Mick. Por quê? — indagou VEJA ao jornalista e escritor Luis Cerlos Maciel. "Talvez porque nossos compositores não sejam latrados", sentenciou ele, laconicamente.

A culpa não é tanto dos artistas, Mick. Pesece tão maluca a engrenagem do rock neste país que os seus cultores chegam às platéias e gravadores na época do aprendizado. Muito cedo. São meros carbonos de grupos como o Ves, Led Zeppelin, Pozus, Mahavsihnu Orchestra, Pink Floyd, The Rolling Stones e até dos melosos Bee Gees.

E a pressa não é tudo, Mick. Muita garotos de 20 anos ainda se enlevam com a glória. Só que não mais se inspiram nas artistas de cingma. Agora eles desejam igualar-se nos superstars do rock,

"Na imaginação deles, basta querer que qualquer um vira popstar", conso o sensato "Peninha", apelido de técnico de som Augusto José Botelho Schmidt, 25 anos de vida e onze de rock.

**A**o copiar o modelo estrangeiro, também nesse detalhe, o rock nacional comete mais alguns equívocos. A moda de vocês, que retrata seus costumes e problemas, sua história e geografia, reptodus-se aqui através de uma absurda galeria de serox pátrio dos David Bowie, Stads, Elton John, New York Dolls — e até você, Mick Jagger.

Ingênua atitude. Se você, todavia, pensar bem, verá que também é rebelde, bastante típica da verde idade desses jovens. Como diz Maciel, "uma pessoa precisa ter menos de 20 anos para compreender integralmente o rock. Essa compreensão desaparece com o amadurecimento, a transformação inevitável do corpo e da mente, operada pelo tempo". Maciel, inclusive, já escreveu milhares de linhas sobre o rock em livros, revistas a jornais. Ele tem 37 anos. Mick. E fala do rock com adolescente ardor: "Rock é coisa de paroto. Não se trata de música, não pela menos o que as edificações da cultura chamaram de música. É uma ginástica, tão sobora quanto muserdar, um movimento biológico para

**1975**

**MAIO 27 Terça-feira**

Paul McCartney & Wings lançam o LP Venus and Mars.

★ Como relatou o New York Times, já se sabia da existência de um caderno de notas em que Bob Dylan havia anotado as letras de Blood on the Tracks, seu álbum lançado em 1975.

★ Um grupo de parentes de Brian Wilson, liderado por sua esposa, convoca o Dr. Eugene Landy para cuidar de Brian. O Dr. Landy era um típico personagem da cena californiana – um psicólogo pop, tão famoso quanto seus renomados pacientes, conhecido mais por suas técnicas excêntricas e estratégias promocionais do que por seu rigor científico.

★ Al Hendrix começa a receber royalties pela obra de seu filho, embora a quantia seja bem menor do que o esperado. ★ Os Rolling Stones lançam a coletânea Metamorphosis.

★ A banda Soft Machine, em sua 13ª formação, apresenta Bundles, mantendo sua essência sem um rosto definido.

★ Back Street Crawler traz The Band Plays on.

★ Keith Relf, que havia seguido uma breve carreira como produtor e se afastado da cena musical, retorna com um álbum homônimo de seu novo grupo, Armageddon, que também teve uma vida curta. O maior destaque deste LP, lançado no Brasil, é sua capacidade de redefinir a percepção musical de quem o escuta!

★ Ave Sangria chega ao fim. The Incredible String Band se dissolve.

★ Ten Years After também se desintegra.

**1975**

**JUNHO**

**★ Superstars no Brasil**

**Peter Grant: O Poderoso Empresário Negocia Pessoalmente a Vinda do Led Zeppelin**

*Um bom mágico não explica o truque à plateia. O que posso adiantar é que serão sensacionais*

Com quase dois metros de altura, ostentando grandes anéis e pulseiras azuis, jeans desbotados e botas marrons de cano longo, Peter Grant, simpático e bem-humorado, hospedou-se na suíte presidencial do Leme Palace Hotel, no Rio de Janeiro. "Se não houvesse interesse em trazer o grupo, eu não estaria no Brasil agora. Detesto viajar de avião e, com tantos compromissos nos Estados Unidos, não faria uma viagem tão longa à toa. Não permito apresentações do grupo em nenhum lugar onde eu mesmo não tenha estado antes. Só agora podemos realizar esse desejo antigo."

“A única coisa que me preocupa é a segurança da garotada. Soubemos que nas apresentações de Alice Cooper houve tumultos e gente ferida. Por isso, vim ao Brasil checar pessoalmente a capacidade dos estádios onde devemos nos apresentar. Não queremos superlotação e, conseqüentemente, tumultos. E isso tem que ser feito sem que sejam cobrados preços proibitivos. A gente quer que a garotada curta os nossos shows e, se for necessário, tocaremos até no Maracanã. Nos Estados Unidos, os melhores lugares custam cerca de 8 dólares, mas nas arquibancadas tem que ser mais barato.”

### **Arte-nouveau**

Sob o sol escaldante, o imenso Mr. Grant é o tipo de pessoa que poderia ser seu próprio guarda-costas. Ele entra no local, carregando dois imponentes vasos art-nouveau em forma de avestruz, que são quase do tamanho dele, tanto em altura quanto em circunferência. Mr. Grant se dedica com afinco ao seu segundo hobby: a coleção de peças art-nouveau.

Na sua suíte, ele arruma a mesa, retirando alguns objetos acrílicos de estilo colonial, e coloca os vasos em destaque. Ele observa as peças com a atenção de um verdadeiro especialista. "São peças austríacas do final do século 19", explica ele, alisando a cerâmica. "Excelente qualidade, peças únicas. Perceba como a cor desta é diferente daquela. A temperatura do forno na produção da porcelana influencia diretamente na cor. A esmaltação nunca fica igual." E quanto ao espelho? "Este é mais recente, do início do século, provavelmente", ele conclui, demonstrando seu conhecimento preciso de arte.

### **Led Zeppelin**

"Conheço Jimmy Page desde os 16 anos. Eu era porteiro de uma boate muito devagar, onde ele dava canja ganhando 1 dólar por noite. Daí nasceu uma sólida amizade que nos une até hoje."

“Deixo que Jimmy Page (guitarra), John Bonham (bateria), Robert Plant (vocalis) e John Paul Jones (contrabaixo e teclados) deem livre expansão à sua criatividade. Depois, nos sentamos e discutimos longamente com os técnicos de som as ideias que vão surgindo. Desde os efeitos especiais para o disco até a montagem do palco, pintam mil loucuras e os técnicos tem que quebrar a cabeça para pô-las em prática. Se quisermos um relâmpago durante o show, eles têm que se virar para encontrar a solução ideal.”

“Para que você tenha uma ideia, uma vez não aceitei um show nos Estados Unidos pelo qual o Led Zeppelin iria ganhar milhares de dólares, porque o irmão de John Bonham ia casar no outro dia e, claro, não daria tempo para a apresentação. E todos os integrantes do grupo ficaram coesos. É isso: para mim, a pessoa humana está a frente do superstar.”

### **Rock é Rock Mesmo**

“Começamos a filmar em 1973 e já está quase pronto, mas não é simplesmente um documentário sobre os shows. Além da parte musical, mostraremos as características particulares de cada elemento do grupo – uma fantasia envolvente, humana, mostrando os momentos mágicos que pintam na vida de um superstar.”

### **Superstars**

Há uma conexão errada com relação ao rock no mundo. A crise só existe para uma minoria mal assessorada, como é o caso de Joe Cocker, extraordinário cantor que escolheu como empresário um cara de terno e gravata interessado só em faturar rapidamente. É evidente que sobreveio o desgaste! Quem é Joe Cocker atualmente? E David Bowie?

(...) A grandiosidade e a pretensão dos trabalhos de Rick Wakeman não me agradam e cheiram a grossa picaretagem. Em compensação, Tommy, do The Who é uma obra de arte. O fato de dois artistas fazerem esse tipo de trabalho não quer dizer que todos os outros grupos estejam seguindo a mesma trilha. O que posso dizer é que a música pop atualmente não é só barulho. A criatividade está sempre presente, principalmente no trabalho do Led Zeppelin.

(...) – Quer saber de uma coisa? O Mick Jagger é um cara sensacional é um excelente caráter. Nós éramos amigos antes dos Stones chegarem à posição em que estão. Recentemente, pedi-lhe uma gravação especial para um programa de rádio que produzi na Holanda. Ele largou tudo o que tinha para fazer e me atendeu prontamente. Isso é bacana paca!

(...) No caso de Eric Clapton, o problema é de seu empresário, Robert Stinwood. Entendo a angústia de Clapton, que é um grande músico. Um bom empresário tem que ser, em princípio, um grande amigo de seus artistas. Eu não sei tocar nenhum instrumento, mas sinto a música com toda minha alma. E saca as várias facetas que compõem o universo de um superstar. A resultante de um trabalho sério, profissional – o que logicamente implica remuneração – está na razão diretamente do relacionamento com o empresário.”

**1975**

## **JULHO 07**

★ Keith Richards, do The Rolling Stones, é preso no Arkansas, Estados Unidos, por porte de arma e direção perigosa. Centenas de adolescentes cercaram a delegacia onde ele ficou detido por quase um dia, aguardando sua liberação.

Nesse dia de 1975, ele e Ron Wood foram detidos em Fordyce, Arkansas, dentro de um carro cujas portas estavam abarrotadas de drogas. Para qualquer policial do sul dos Estados Unidos, prender "a banda de rock mais perigosa do mundo" se tornou um ato de patriotismo. O episódio terminou com um juiz embriagado, uma multa de 165 dólares e um Chevrolet Impala amarelo abandonado, que ainda hoje faz Richards se perguntar se alguém continua dirigindo, sem saber que as portas estão cheias de drogas.

### **JULHO 28 Segunda-feira**

★ Black Sabbath lança o LP Sabotage

A produção do álbum Sabotage do Black Sabbath foi marcada por grandes dificuldades e tensão. Geezer Butler descreve o processo como o mais difícil e desolador da banda, devido às constantes interrupções legais e conflitos com seu empresário. A banda estava envolvida em processos judiciais, tanto movidos por eles quanto contra eles, e o empresário tentava impedi-los de gravar e congelar seu dinheiro. Essa situação os forçou a passar mais tempo lidando com questões legais do que focados na música, o que impactou o processo criativo e demorou dez meses para a conclusão do álbum.

Apesar disso, Sabotage é considerado por muitos fãs uma obra-prima, com alguns o considerando o melhor disco do Black Sabbath. No entanto, os membros da banda, incluindo Ozzy Osbourne, ainda consideram Sabbath Bloody Sabbath o seu auge criativo, e Ozzy chega a afirmar que Sabotage foi o último grande disco da banda. Tony Iommi comenta que as mudanças na banda foram impulsionadas pelo ambiente externo e pelos problemas legais, que os forçaram a deixar de ser músicos para se tornarem homens de negócios, algo que nunca haviam sido preparados para fazer. Essas dificuldades interferiram diretamente na música e nas dinâmicas da banda.

## 1975 AGOSTO

Miles Davis lança Agharta

### **SETEMBRO 05 Sexta-feira**

Lynette "Squeaky" Fromme se aproximou do presidente Gerald Ford em Sacramento, como se fosse cumprimentá-lo, junto com vários outros espectadores, enquanto ele caminhava para o Capitol Park. Ela apontou uma pistola de calibre .45 para o estômago dele e puxou o gatilho, mas a arma não estava carregada. Fromme afirma que não tinha intenção de matar Ford. No entanto, ela foi condenada a uma pena de prisão perpétua pelo juiz do Tribunal Distrital dos EUA, Thomas J. MacBride.

### **SETEMBRO 12 Sexta-feira**

Pink Floyd apresenta Wish You Were Here.

## OUTUBRO

Letting Go (Single dos Wings)

Como muitas das músicas de Paul McCartney desse período, o tema de "Letting Go" é sua esposa, Linda. O cantor se descreve em um relacionamento com uma mulher bonita, mas permanece preocupado com a relação. O biógrafo de McCartney, Peter Ames Carlin, afirma que a canção "traça a linha tênue entre amor e obsessão", com "paixão em toda a sua glória descontrolada e perigosa". A música reflete o reconhecimento de McCartney de que ele precisava dar mais espaço à esposa para que ela pudesse seguir seus próprios interesses, depois que Linda abandonou sua carreira como fotógrafa para se juntar à banda dele. O conteúdo das letras varia entre os versos e o refrão, com os versos descrevendo o assunto e o refrão reconhecendo a ideia de "deixar ir". A tonalidade é lá menor no início da canção, mas ela termina em dó menor.

Paul McCartney – vocal principal e de apoio, guitarra elétrica, baixo, piano elétrico. Denny Laine – vocal de apoio. Jimmy McCulloch – guitarra elétrica. Linda McCartney – vocal de apoio, órgão. Geoff Britton – bateria. E músicos adicionais de sopro.

### **OUTUBRO 18 Sábado**

O grupo Som Nosso de Cada Dia, composto por Pedrinho, bateria e vocal; Pedrão, contrabaixo, violão e vocal; Egídio, guitarra e Tuca, sintetizador, Minimoog, órgão, piano e melotron, iniciou sua turnê pelas principais capitais brasileiras. As apresentações ocorreram no Ginásio Marista, às 21 horas, em uma promoção da Publiarte. Os ingressos estavam disponíveis por Cr\$ 30,00 e Cr\$ 20,00 para estudantes.

Um fato curioso é que os padres maristas, ao ouvirem os nomes O Terço e Som Nosso de Cada Dia, acreditavam que se tratavam de bandas de música religiosa. Essa confusão foi crucial para que os grupos se apresentassem na L2 Sul durante a repressão militar, quando Golbery e seu grupo dominavam o país. Se não fosse o aval dos maristas – que só perceberam a verdadeira natureza do show no dia da apresentação – jamais teria havido um sinal da paranoia no Plano Piloto. Essa história foi compartilhada por Pedrão.

O som da apresentação foi fornecido pela própria banda, e apesar da resistência dos padres em cancelar o evento, a energia do público, composta em grande parte por filhos de militares e

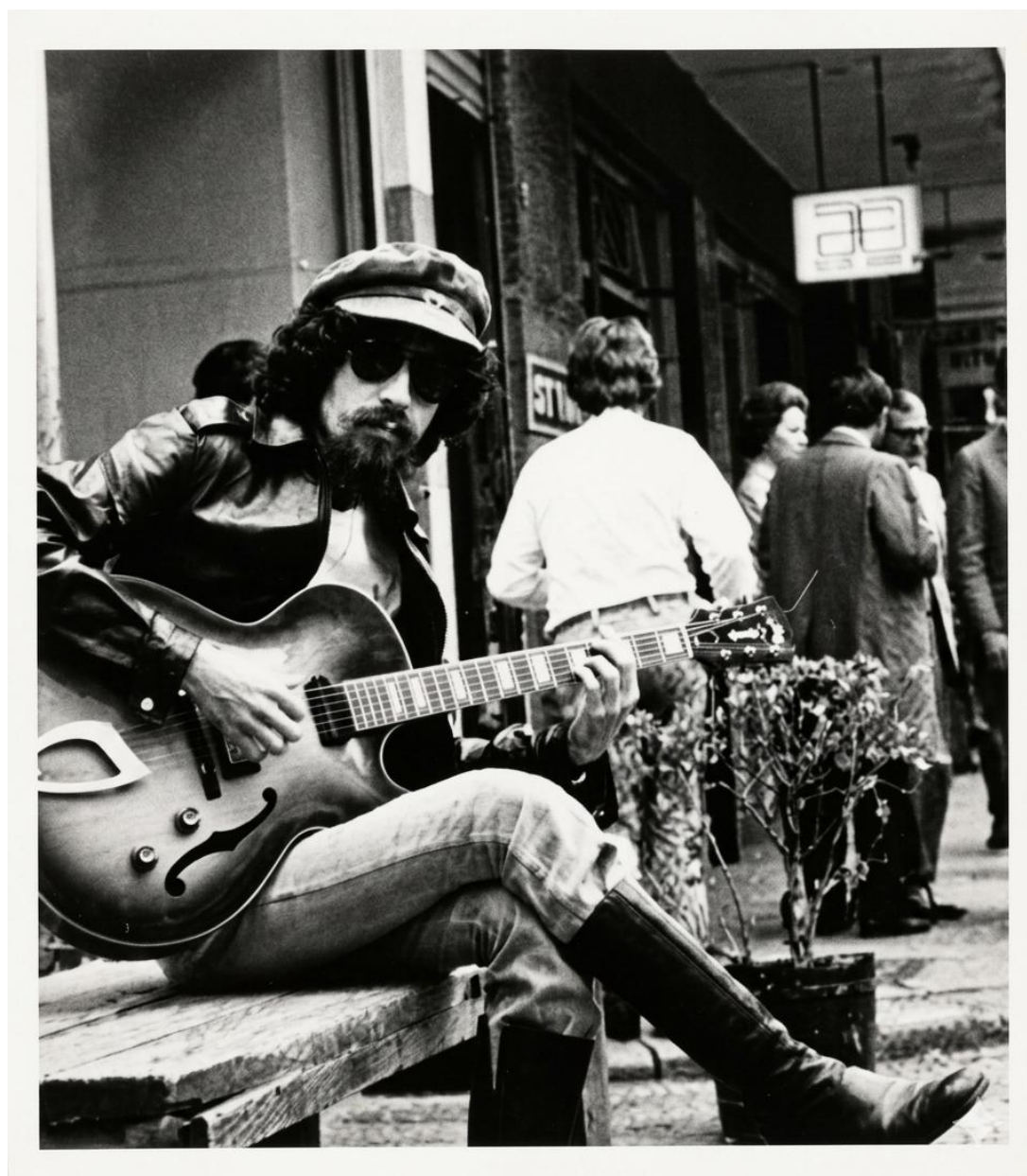
diplomatas, garantiu que o show prosseguisse. Essa conexão com famílias de alta patente funcionou como um salvo-conduto para o rock na capital federal.

Sérgio Pinheiro, lembrando uma entrevista com Pedrão em um hotel próximo ao Setor Comercial, menciona uma cena inusitada: a namorada de Pedrão trocou de vestido na frente deles, um momento que Sérgio achou incrível.

Quanto a informações sobre o som do P.A., o público presente e registros fotográficos do show, ainda há uma lacuna a ser preenchida, especialmente sobre o cenário do rock nacional na época.

★ "Teve um show em Brasília em 1975 em um ginásio grandão, Colégio Marista e o Paulo Coelho foi junto. Nos intervalos o Paulo fazia uns discursos. Eu pensava 'É hoje. Ninguém mais sai de Brasília. Vi a polícia nos cantos, mas não aconteceu nada de grave. Havia essa preocupação: ainda vou ser preso um dia com esse cara. Não é possível (ri). Eu admirava o Raul por esse lado."

— Gustavo Schroeder.



# O ROCK E EU

## Raul Seixas:

UM DIA NO MUNDO  
EU HÁ DE TER UM CABELO  
ASSIM.



A família Seixas – pai anônimo, mãe prendas domésticas – jamais podia imaginar o erro que estava cometendo quando se mudou para aquela casa confortável, de dois andares, numa rua estritamente residencial de Salvador. O ano era 1937. Raul, o mais velho, era sonhador e visionário, passava os dias trancado no quarto, rabiscando cadernos e inventando histórias fantásticas para o irmão. "Eu quis ser escritor. Escrever um tratado de metafísica. Ou então ser assim feito Jorge Amado, vivendo de meus irmãos, escrevendo o dia todo, com uma camisa branca aberta no peito e um cigarro camdo do lado". Mas ao lado da casa da família Seixas ficava o Consulado americano. E, no Consulado, uns garotos da idade de Raul que lhe emprestaram uns discos muito estranhos: "Um era um 78, com Blue Moon e Just Becusce, pcio Elvis. Tinha também coisa de Little Richard, Fats Domino, Jerry Les Lewis". E aí Raul enlouqueceu. "Poi nesse coutato que eu mergulhei no rock'n roll, como quem aша o caminho, aquele sonho maluco de ser cantor. O rock passou a ser todo um modo de ser, agir e pensar. Eu era o próprio rock. Eu era James Dean, o "rebel without a cause". Eu era Presley, quando andava e penteava o cabelo. E era o alvo de risos e gracinhas, claro. Eu tinha assumido uma maneira de vestir, falar, agir, que ninguém conhecia. Lá na Bahia eu estava na frente de todas em matéria da que estava acontecendo no mundo, com

relação à música. Clava que eu não tinha consciência da modança social toda que o rock implicava. Eu achava que os jovens iam dominar o mundo, mas era mais a ranalização de uma revolta".

Raul, o rocker de Salvador, se revoltava contra os pais, contra o colégio ("vivía matando aula no São Bento pra quvir discn. Passei 5 anos na 2ª série do ginsdio. Os padrea ficavam loucos comigo. Eu frequentava psiquiatra dentro do colégio, minha mãe me achava esquisito por que ou não namorava. Não namorava mesmo. Sei lá... eu acho que eu era innido") e contra o estilo musical vigente na ocasião, a bossa nova: "Eu odiava bossa nova. Eu não conseguia tocar, era muito complicado, e aquelas leiras não me diziam nada"). Mas era uma rebelião desperta, indefinida, cuja força ele não sabia aproveitar integralmente quando ele funda os Panteras, o "primeiro conjunto de rock da Bahia", só para copiar o estilo de Little Richard e Chuck Berry, e receber de uma platôia pouco compreensiva o rótulo de "conjunto de música de cambô".

Mas, em 64, Raul e seus Panteras tomam conhecimento dos Beatles. "Os Beatles foram uma explosão na minha cabeça. Eles abriram minha cueca, fiseram mais por mim, em termos musicais, de que o rock'n roll propriamente dito. Eles canalizaram minha energia, me mostraram que era possível unir o rock e as cassas que eu tinha na cabeça, falar do meu mundo. Eles me

disseram vá, faça. Mas eu amda não estava certo de que queria ser artista. Ainda pensava em vir para o Rio e ser escritor."

A partir dos Beatles, a luta de Raul com os Panteras, primeiro em Salvador, depois no Rio, é para concretizar esse projeto, dizer coisas através do rock, mas de uma forma pessoal. Animados com o sucesso obtido na Jovem Guarda baiana ("s gens tinha prestigio paca. Tnhamos aparelhagem e sabiamos o repertório dos Beatles todinho. Eramos o conjunto mais caro de Salvador"). Os Panteras descem para o Rio. Um erro de tática.

"Chegamos no final de safra. Não entendemos nada. De um lado os baianos, Gil e Castano, com a tropicalia, misturando tudo. Do outro pessoas como Jerry Adriani, Agnaldo Timúteo... gostei muito das músicas de Caetano, e dos Mutantes. Mas foi o Jerry que nos coincidiu para vir." Foi Jerry também que apoiou o grupo na lenta crise de frustração e pobreza que acabou desmembrando-o. Chegaram a gravar um álbum, para a Caionn.

"Mas a gente não sabia como fazer. Tocávamos uma coisa complicada, minhas letras faziam de agnosticismo, essas coisas." Os iduio de Raul eram Frank Zappa e o grupo Mothers Of Invention. Sua versão para *Lucy In The Sky With Diamonds* dizia: "Pense com dor/com gosto de jaca". "Não me deixaram gravar. Disseram que eu tinha avalchado com a música."

Entre uma e outra crise, Raul acabou ficando no Rio, como produtor da CBS, trabalhando

com Jerry Adriani e Renato & Saus Blue Caps. "Os Beatles aprenderam no estúdio e eu também. Aprendi os macetes todos, aprendi a fazer a música fácil, que diz direitinho o que a gente quer dizer. Eu já sabia que gostava de palco. Mas foi aqui no Rio, depois dos Panteras, que eu desisti mesmo de ser escritor. Vi que os sulcos do disco levavam muito melhor o que eu queria dizer."

Let Me Sing, no FIC de 72, foi a explosão de tudo o que Raul tinha acumulado em mais de 15 anos de rock vivo e experimentado. Foi também um tributo a todas as suas influências, a Elvis, ao rock'n roll nustrado e mal digerido de Salvador. A conturbada fase que se segue, suas oscilações entre o palco e a penumbra, "aa loucuras", como ele chama, Raul compara, a grosso modo, com o que aconteceu a Bob Dylan.

"Eu entendi tão bem aquela fazae dole, quando ele diz que as pressões eram enormes e tudo doia. Aquela explosão dele... "su sé sou um músico..." eu entendo muito bem. Eu vivi isso também. As psspas ficam ali esperando um profeta, um mestre. E, se a gente deixa, vira mesrre mesmo. Foi o que aconteceu comigo. Paulo Coelho ficava atrás me empurrando, dizendo vá, faça. E eu fa. Mas não adianta ficar culpando putas pessoas, ficar agredindo o público como eu fazia. Isso é bobagem, é ignorância. As coisas acontecem porque a gente deixa. Dvixa se encontrou. E eu também. Sou muito forte."

## **Eu sou Cristo, Nero, Calígula, Crowley**

Após um show tumultuado em Brasília, Raul Seixas e Paulo Coelho enfrentam perseguições, batidas policiais e prisões que deixam marcas, tanto físicas quanto emocionais. Com hematomas como troféus de resistência, embarcam em um voo noturno da Varig, fugindo dos "homi", das surubas e da "AA". Ambos carregam na bagagem as ideias da Sociedade Alternativa e da Cidade das Estrelas, sonhos que ainda engatinham, mas prometem revolucionar. O destino? América, Nova York, Greenwich Village.

Não, isso não é um roteiro tupiniquim de Help! É a realidade em camadas surreais.

### **Cena 1**

Raul e Paulo, acompanhados de um jornalista insuportável que busca obsessivamente por Yoko Ono, são expulsos por seguranças do apartamento de John Lennon.

### **Cena 2**

Raul, mestre em improviso, consegue reverter a situação. Com uma explicação rápida e precisa, convence Lennon de quem ele realmente é. A tensão cede espaço à curiosidade.

### **Cena 3**

John Lennon surge à moda única: óculos pequenos, cabelos presos para trás com brilhantina, um broche exibindo o rosto de Pat Boone e sapatos brancos impecáveis. Seu olhar, quase hipnótico como o de Mandrake, reflete inteligência e calma. Como um bom libriano, ouve mais do que fala, mas faz perguntas afiadas.

Raul, ansioso e tentando manter a compostura, mergulha no assunto que une os dois: as grandes figuras da humanidade. A conversa flui entre nomes como Jesus Cristo, Nero, Gandhi, Einstein, Calígula e Crowley, personalidades que moldaram o mundo de maneiras peculiares e contraditórias.

### **Cena 4**

Lennon, intrigado, pergunta:

- E no Brasil? Quem tem?

Raul engasga, tentando encontrar um nome à altura.

- Ca... Ca... Ca... Café Filho!
- Hein?! What?! Coffee what?!
- Nada! It's all right... não tem ninguém não.

Com um sorriso, Lennon tranquiliza:

- Relax, man. Estamos em Nova York, não na terra da paranoia.

Com a tensão aliviada, o papo desvia para Elvis Presley. Paulo Coelho, sem entender quase nada de inglês, acompanha tudo com atenção reverente.

### **Cena 5**

O debate se aprofunda em religião e na Sociedade Alternativa. Entre argumentos exaltados e risadas espontâneas, nasce ali uma conexão inesperada. Raul, inspirado pela troca de ideias, tem o embrião de algo maior: uma versão em inglês de Gita.

O encontro não foi apenas uma anedota excêntrica. Foi a colisão de universos, um momento onde ideias aparentemente díspares encontraram ressonância. Dois ícones de tempos diferentes, conectados por sonhos de mudança.

**1975**

## **OUTUBRO**

### **Bill Haley Faz Sua Segunda Passagem Por Aqui**

Quando falamos sobre sua visita anterior em 1958, Bill comenta que a juventude daquela época quebrou tudo e invadiu o hotel, foi um verdadeiro tumulto. Ele observa que todos eram mais selvagens e mais loucos do que agora. No entanto, ressalta que, à parte isso, nada mudou. “Fiquei contente ao ver gente muito nova, garotinhos mesmo, na plateia, em todos os shows desta temporada. Isso me estimula. E pode escrever: o velho rockeiro ainda vai voltar. E muitas vezes.”

Ao seu lado, Rudy Pompilli, o incrível saxofonista, único dos Cometas originais que ainda está com Bill Haley, estava completamente à vontade: “Para a gente, que não está mais constantemente na estrada, isso é incrível. É bem diferente dos Estados Unidos, por exemplo: lá a moçada está muito ligada no rock novo de caras como Alice Cooper e Emerson, Lake & Palmer, e praticamente já esqueceu que os velhos rockeiros, os pais do rock and roll, ainda estão em atividade. E com a gente é sempre isso: rock de verdade, pra todo mundo dançar.”

### **1975 Beatles, I love You, Iê, Iê, Iê"**

Newton Duarte ou Big Boy aborda a trajetória dos Beatles e o impacto da Apple Records, fundada em 1968, com o intuito de explorar comercialmente o nome do grupo. A Apple se expandiu rapidamente, incluindo várias subdivisões como Apple Films e Apple Music Publishing. No entanto, enquanto a Apple buscava capitalizar a fama dos Beatles, também gerava conflitos que levariam à dissolução do grupo.

Paul McCartney e John Lennon tentaram vender a Apple ao público americano em um evento transmitido pela Tv, apresentando a missão de apoiar jovens criadores. Apesar do otimismo inicial, a Apple enfrentou problemas de gestão, e as divergências internas entre os membros começaram a se manifestar, refletindo em projetos e prioridades pessoais.

A Apple Boutique, um empreendimento de moda, fechou rapidamente após se tornar um fracasso. Enquanto isso, a gravadora teve sucessos iniciais com artistas como James Taylor e Mary Hopkin, mas o ambiente se tornava caótico, repleto de artistas frustrados e desorganização financeira. John Lennon e Yoko Ono também se tornaram figuras centrais de polêmicas, gerando tensões dentro do grupo.

A situação financeira da Apple tornou-se insustentável, levando Paul a procurar ajuda externa. Em 1969, Allen Klein foi contratado para administrar os negócios, mas a discordância entre os membros sobre a gestão continuou. O texto menciona eventos emblemáticos da época, como o casamento de Paul e o crescimento das carreiras solo dos integrantes, enfatizando que, apesar do gênio e da criatividade, os Beatles não conseguiram manter a estabilidade financeira da empresa. A narrativa termina destacando o elenco da Apple e os lançamentos realizados naquele ano.

## **NOVEMBRO**

### **Duprat: um Craque no Banco de Reservas**

O artigo de José Marcio Penido, publicado na revista Rock, A História e a Glória retrata o maestro Rogério Duprat, figura emblemática do tropicalismo. Com 43 anos e uma aparência que mistura a de um artista e um intelectual, Duprat reflete sobre o impacto do tempo na música e na cultura, destacando a nostalgia e a resistência à mudança que vêm com a idade.

No cenário musical de 1975, ele se encontra gravando jingles no Estúdio Vice-Versa, uma mudança significativa de sua época de glória como maestro que orquestrou obras de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Apesar de reconhecer a monotonia do mercado musical e a falta de inovação, Duprat expressa otimismo quanto ao futuro e à possibilidade de uma nova explosão criativa.

Ele critica a homogeneização da música na mídia, especialmente em relação ao rock, e lamenta a falta de jovens dispostos a se posicionar. Apesar de sua frustração com a indústria, Duprat mantém uma atitude aberta, valorizando a diversidade musical e a expressão artística genuína. O artigo conclui com uma imagem de Duprat como um observador crítico, ciente das limitações da música em um mundo em transformação, mas ainda esperançoso por um renascimento cultural.

★ Steve Jones, Paul Cook, Glen Matlock e John Lydon se unem e resolvem formar uma banda de rock. Surge, então, The Sex Pistols.

★ Entre 1975 e 1977, Dee Dee e Joey Ramone, dos Ramones, moram no loft de Arturo Vega.

**1975**

## **DEZEMBRO**

Rick Wakeman desembarca no Brasil...

### **25 Minutos com Mick Jagger: Entrevista de Joaquim Ferreira**

Joaquim Ferreira dos Santos se encontra com Mick Jagger, buscando ser amigável com uma citação famosa da música "Sympathy for the Devil". Contudo, Jagger parece indiferente, e Joaquim, sentindo-se um "Zé Ninguém", tenta manter a compostura, mesmo com seu inglês precário. Ele reflete sobre o encontro como uma experiência sem grande importância histórica, embora tenha sido documentada posteriormente por Nélio Rodrigues em seu livro sobre os Rolling Stones no Brasil.

Durante a conversa, Joaquim mistura lembranças de suas aulas e dicas de outros jornalistas, com um toque de humor e nostalgia. O encontro acontece em um jardim na casa da atriz Florinda Bolkan, onde Jagger estava passando férias com sua esposa Bianca e a filha Jade. Eles discutem diversos assuntos, incluindo bissexualidade e eventos da época, e Joaquim menciona a importância de suas perguntas, embora não se lembre das respostas. Ele se recorda de um gravador quebrado, que

resultou na necessidade de Jagger buscar seu próprio equipamento, e o repórter acaba perdendo a gravação, o que o leva a refletir sobre o efêmero da memória e da fama.

Ao final, Joaquim sugere que, mesmo com o tempo passando e as memórias se esvaindo, a essência do encontro com o ícone do rock permanece como um episódio significativo, embora fugaz, em sua trajetória como jornalista.

Brasil, Mostra A Tua Produção

## LITERATURA

★ Carlos Vergara faz parte do conselho editorial da revista *Malasartes*, uma publicação organizada por artistas e críticos de arte com o objetivo de fomentar debates e reflexões sobre o cenário artístico no Brasil.

★ Sob a direção do pintor Rubens Gerchman, é fundada a Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, onde começa a se formar a geração 80, que valoriza o prazer do ato de pintar.

★ É publicado o único número da revista *Navilouca*. Luciano Figueiredo, após sua marcante participação na histórica publicação, dedica-se a criar objetos tridimensionais a partir de colagens, malhas de arame e relevos monocromáticos.

★ O escritor paranaense Leminski, um dos poetas herdeiros do concretismo e conhecido por seus poemas sintéticos e bem-humorados, finalmente publica seu livro *Catatau*, escrito a partir de 1967. Essa obra reúne uma coleção de guardanapos e outras iguarias, resultando em uma pororoca iluminada a serviço de um mundo melhor.

★ *O Estruturalismo dos Pobres e Outras Questões*, de José Guilherme Merquior, é lançado como parte da Coleção Diagrama – 2, pelas Edições Tempo Brasileiro Ltda.

★ Chico Mendes, seringueiro desde a infância, torna-se um dos fundadores dos Sindicatos dos Trabalhadores de Brasília e Xapuri. Sua luta inicia-se com a criação de escolas de alfabetização para seringueiros, durante o governo Geisel.

## MÚSICA

★ Serguei trabalha na Centaurus Production, uma empresa que o contrata para shows. Ele se torna o primeiro roqueiro brasileiro a cantar para adolescentes americanos, e recortes de jornais documentam suas apresentações em boates, onde canta Elvis Presley e Chuck Berry.

★ Lula Cortês se volta para novos projetos, como o excêntrico LP *Paêbirú*, lançado em parceria com o ainda desconhecido Zé Ramalho.

★ Jards Macalé lança o LP *Aprendendo a Nadar*.

★ O primeiro disco de Walter Smetak é lançado, com a participação de Caetano Veloso, produzido por Roberto Santana. Ezequiel Neves resenhou o álbum no jornal da revista *Rock*, mencionando: "Haja saco! Melhor passar correndo para outro disco."

★ Walter Smetak, colaborador assíduo do jornal alternativo Ordem do Universo, é o primeiro a juntar fragmentos entre a pós-guerrilha do Araguaia, o pós-LSD de Engenho de Dentro, e as experiências com comunas rurais (como Guariroba e Mozondó, as refazendas de Gilberto Gil em Brasília) e suas consequências.

★ Walter Franco lança Revolver pela Continental (em CD:996609-2, © 1994 – Warner Music). Ele é pioneiro no uso de loops e processamento de sons na MPB. Sucessor do caótico Álbum da Mosca (Ou Não, 1973), esse segundo disco de Walter, com arranjos do baixista Rodolpho Grani Jr. e do baterista Diógenes Burani, e produção de Pena Schmidt, traz uma faceta zen e quase beatífica da poesia de Walter, conferindo-lhe um caráter mais intenso e enfático. Neste álbum, que tem uma veia francamente beatleniana, Walter apresenta um som mais agressivo e roqueiro, com uma pegada stoniana.

★ Walter Franco participa do Festival Abertura com a música "Muito Tudo", uma homenagem a João Gilberto e John Lennon, com arranjo de Júlio Medaglia. Mais uma vez, ele recebe vaias e reconhecimento da crítica e do júri, conquistando o terceiro lugar.

★ Tom Zé lança o importante álbum Estudando o Samba.

★ Tim Maia lança o LP Racional, Volume 1

★ A CID lança o LP The Beatles Were Born, que é semi-pirata ou algo do tipo... Avalizado e autografado por Big Boy, o lado A, Ao Vivo no Hollywood Bowl'64, começa com "Boys" e encerra o show com um medley de "Twist and Shout", que aparece em duas versões. No lado B, na juventude, acreditávamos que eram os Beatles acompanhados de Tony Sheridan em Hamburgo, mas nos questionávamos: como os Beatles já eram tão bons em Hamburgo? Na verdade, eram takes do especial Rock'n'Roll Circus dos Rolling Stones. Até hoje, ouvimos o disco com o volume baixo, com medo dos gritos. Grande parte do culto à Beatlemania deve-se à divulgação dos outtakes, conhecidos como "acetatos" – um codinome utilizado em vez de bootlegs, que são o termômetro da febre e um item indispensável para qualquer publicação relacionada aos Beatles.

★ Psicodelia Brasileira é uma exposição de cartazes que promoviam o rock nacional na década de 70. Fabrício Bizu é o responsável pelo resgate e impressão do cartaz do Banana Progressyva, um festival de rock realizado em São Paulo em 1975. Entre os grupos participantes, houve uma surpresa: Biscoito Celeste, uma banda de Brasília que é considerada pioneira do rock feito aqui

.

**1975**

### **A Fender Telecaster de 1967 pertencente a Rick Ferreira**

“Comprei essa guitarra em 1975 de Andy Mills, o engenheiro de som do Alice Cooper, quando eles se apresentaram no Canecão, no Rio de Janeiro. No case original, estavam os nomes Phlo e Eddie, os vocalistas do Mothers of Invention, a banda de Frank Zappa. Phlo e Eddie ganharam essa guitarra de presente do próprio Zappa. Entre as várias músicas do Raul que gravei com essa guitarra estão 'DDI', 'Paranoia II (Baby, Baby, Baby)' e 'Canceriano Sem Lar (Clínica Tobias Blues)'.” (Rick Ferreira)

★ LP da Série Vanguarda: Som Imaginário, Equipe Mercado, Módulo 1.000 e Tribo

Neste disco, a Odeon apresenta uma coletânea que reúne gravações de rock brasileiro do início dos anos 70. Essa proposta é bastante pertinente, pois os sons de Equipe Mercado, Módulo 1.000, Tribo e Som Imaginário são notavelmente criativos e se aproximam mais do estilo "progressivo" do que o rock que se faz atualmente, em uma época em que a década já avança. As explorações musicais, harmônicas e rítmicas desses quatro grupos servem como uma valiosa lição para os novos rockeiros. Infelizmente, entre eles, apenas o Som Imaginário se manteve ativo e inovador ao longo dos anos, continuando a trilhar o caminho da vanguarda.

### **Candinho saí do Vimana**

Mesmo enfrentando obras e sem um baterista fixo, o Vimana conquistou uma oportunidade valiosa: graças a Guto Graça Mello e Nelson Motta (que já havia introduzido o grupo no Hollywood Rock), a banda se tornou atração da peça A Feiticeira, protagonizada por Marília Pêra. Embora a peça tenha sido um total fracasso (você pode ler mais sobre isso no livro Noites Tropicais, de Nelson Motta), a parceria inicialmente foi benéfica para ambos os lados: Marília ganhou uma banda fixa e o grupo teve um espaço para ensaiar livremente.

No entanto, o problema com a falta de baterista persistia. O grupo chegou a fazer uma tentativa com Azael Rodrigues, que havia tocado no Scaladácida com Ritchie, mas a colaboração não deu certo. A seguir, outros bateristas foram testados até que, durante um ensaio, Lobão foi quase "enfiado" na banda por um amigo de colégio. Na época, o jovem baterista, que ainda não tinha 18 anos, estava mais interessado em tocar violão clássico e considerava o rock uma "coisa de colonizado". Ao subir no palco, meio desconfortável, tocou algo que Ritchie descreveu como "um samba no ritmo da Mangueira". A apresentação acabou agradando ao grupo e a Nelson, que não hesitou em assumir a responsabilidade pelo jovem Lobão para que a peça pudesse viajar.

**1975**

## **FILMES**

Câncer (Glauber Rocha) – cujo título original era Naquele Dia Deslumbrante, a Paisagem Era um Câncer Fascinante – estreou na Tv italiana. Esse curioso e quase inédito filme contou com Rogério Duarte e Hélio Oiticica. Em uma cena de troca de papéis, Antônio Pitanga estrangula Hugo Carvana. Câncer é uma metáfora sobre a doença da burguesia que corrói a humanidade, que teme atravessar a ponte e perdeu o contato com a fonte original. Reflete sobre o abutre que destrói o fígado de um homem cego pela luz do fogo do vulcão.

★ Claro (Glauber Rocha). Ficção, longa-metragem, colorido (Eastmancolor), 3.000 metros, 110 minutos. Roma, Itália.

O filme é um resumo dos principais eventos históricos que ocorreram durante as filmagens, incluindo o fim da Guerra do Vietnã, as reivindicações trabalhistas das classes operárias na Europa, a decadência do capitalismo nos países desenvolvidos e a incipiente expansão das ideias socialistas. Contudo, enfrentou problemas de produção.

"Já fazia anos que o Glauber não estava bem. Desde 1975, eu me preocupava com sua saúde, mencionando várias vezes a amigos como Cacá Diegues que ele poderia morrer. Ele não se alimentava adequadamente, não dormia, e passava as noites escrevendo, consumindo apenas um pouco de macarrão e pão. Havia uma falta de rotina em sua vida cotidiana. Quando atendia ao telefone, Glauber não dizia alô; ele imediatamente começava a falar sobre política ou qualquer assunto, sem sequer se apresentar. Ele passava noites escrevendo catálogos de telefone inteiros, acumulando milhares de

textos inéditos. Começamos a temer por sua saúde. O mundo parecia pequeno demais ou muito complexo para ele; a partir dos anos 70, Glauber percebeu que não havia espaço para nossas utopias, e que seria impossível fazer um cinema verdadeiramente livre no contexto internacional." (Arnaldo Jabor).

Os filmes *Câncer* (1968-1972) e *Claro* (1975) possuem várias correlações que refletem o estilo único do cineasta brasileiro Glauber Rocha, sendo ambos importantes dentro do Cinema Novo e das experiências estéticas do diretor.

### **Contexto de Produção e Estilo Experimental**

Ambos os filmes foram realizados em momentos de transição na carreira de Glauber Rocha e compartilham a característica de serem obras experimentais.

*Câncer* foi filmado em 1968, mas ficou inacabado por anos e só foi finalizado em 1972. Foi rodado de maneira improvisada, quase sem roteiro, com uma estética crua e direta, refletindo o caos político e social do Brasil pós-golpe militar de 1964.

*Claro*, por sua vez, foi produzido durante o exílio de Glauber na Itália, em 1975. É um filme também de natureza experimental, com uma narrativa fragmentada e influências do surrealismo e da estética de vanguarda europeia.

### **Temática Política e Social**

Os dois filmes exploram questões políticas e sociais, embora de maneiras diferentes:

Em *Câncer*, a abordagem é mais visceral e direta, lidando com a violência urbana, o racismo e a opressão, temas que estavam em alta no Brasil da ditadura militar. O filme é praticamente uma sucessão de diálogos e confrontos que representam a luta de classes e as tensões raciais.

*Claro*, embora menos explicitamente político, ainda carrega uma crítica social, abordando a crise da civilização ocidental, a alienação e as transformações políticas da Europa, especialmente em relação ao colonialismo e às questões culturais que Glauber observava durante seu exílio.

### **Narrativa não convencional**

Tanto *Câncer* quanto *Claro* rompem com a narrativa linear tradicional:

*Câncer* é marcado pela improvisação e pela ausência de um enredo tradicional, o que dá ao filme uma atmosfera caótica, reflexo da incerteza social e política.

*Claro* adota uma estrutura mais abstrata, fragmentada e simbólica, onde as imagens e as falas se justapõem de forma muitas vezes desconexa, explorando mais os sentimentos e sensações do que uma narrativa clara.

### **Uso de Planos Sequência e Improviso**

Em ambos os filmes, Glauber Rocha utiliza longos planos-sequência e improvisações para criar um senso de realismo e urgência:

*Câncer* é praticamente uma sucessão de planos improvisados, com os atores reagindo ao que acontecia no momento da filmagem, algo que foi um marco no estilo do diretor.

*Claro* também faz uso de uma câmera inquieta, criando um diálogo visual constante entre o real e o simbólico, com uma liberdade formal que desconstrói as convenções do cinema clássico.

## **Crítica ao Imperialismo e à Cultura Ocidental**

A crítica ao imperialismo e à decadência da cultura ocidental, que é central em Claro, também pode ser vista de maneira implícita em Câncer, onde o confronto entre personagens representa, em certa medida, uma metáfora para a opressão colonial e o controle das elites.

Em resumo, tanto Câncer quanto Claro exploram o desejo de Glauber Rocha de romper com as convenções cinematográficas tradicionais, utilizando uma estética experimental para tratar de temas políticos, sociais e culturais, e criando uma correlação entre a realidade brasileira e o contexto internacional.

★ Hollywood rock – O filme Ritmo Alucinante, dirigido por Jom Tob Azulay, documenta esse evento histórico, considerado o primeiro grande festival de rock "patrocinado" por uma multinacional, reunindo apenas bandas brasileiras. O festival ocorreu em janeiro de 1975 no campo do Botafogo, no Rio de Janeiro. Entre os shows registrados no filme estão: Rita Lee & Tutti-Frutti, Vímãna, O Peso, Erasmo Carlos & Cia. Paulista de Rock, Tony & Cely Campello e Raul Seixas.

★ Orson Welles, Marcelo Mastroianni e Peter O'Toole estão entre os 600 atores selecionados por Franco Zeffirelli para seu próximo filme, Jesus. A obra, uma coprodução ítalo-inglesa-americana, será exibida na televisão em seis episódios, cada um com duração de uma hora.

★ Tubarão, Steven Spielberg. Este icônico thriller, baseado no romance de Peter Benchley, tornou-se um marco no cinema por sua narrativa cheia de suspense e uso inovador de efeitos especiais, especialmente com o tubarão mecânico apelidado de "Bruce". A direção de Spielberg ajudou Tubarão a se tornar um dos primeiros grandes "blockbusters" e consolidou sua carreira como um dos principais cineastas de Hollywood.

★ Um Estranho no Ninho, diretor Milos Forman.

## **LITERATURA**

A revista francesa Entretiens, dedica um número à Beat generation.

★ Livros Sobre os Beatles

(1) The Man Who Gave the Beatles Away

Helter Skelter... Pelas ruas controladas por gangues de Liverpool, em shows tão violentos que a polícia nem aparecia.

Nos clubes de striptease da cidade mais dura da Grã-Bretanha. Nos bordéis do distrito da luz vermelha de Hamburgo. Com uma dieta de flocos de milho, leite e cerveja, reforçada por pílulas, explodindo de talento... Os Beatles! Finalmente – a verdadeira história por trás da ascensão deles à fama, contada pelo único homem qualificado para isso: O Homem Que Entregou Os Beatles. "Inigualável!... Perspectivas que vêm tão intensamente depois de ler o livro quanto surgem ao saboreá-las pela primeira vez." – Record World Publicado por Ballantine Books, Nova York, 1975.

## **The man who gave the Beatles away (Cláudia "Lennon"/Yellow Submarine – Tradução\*)**

Allan Williams (lembra dele? Foi o primeiro empresário dos Beatles em Liverpool) conta no livro *The Man Who Gave the Beatles Away* sobre os primeiros dias em que os Beatles estavam realmente entrando no mundo profissional. Suas histórias revelam um lado bem humano dos jovens que mais tarde seriam adorados mundialmente.

"No meu bar Jacaranda (conhecido como Jac, em Liverpool), o banheiro das mulheres ficava no primeiro andar, mas para os homens só havia o quintal, onde faziam suas necessidades ao ar livre. Um dia, a vigilância sanitária veio para uma inspeção. Curiosamente, eles não se importaram com a falta de instalações para os homens, mas criticaram o estado do banheiro feminino, que vivia coberto de grafites e desenhos – inclusive sobre os Beatles. As garotas eram bem francas em suas descrições e deixavam comentários ousados sobre seus namorados e amigos favoritos. Era comum ver escritos como: 'Joe Soap tem o maior p... de Liverpool' ou 'Jimmy tal e tal fica a noite toda'.

Cansado das queixas das autoridades, Allan decidiu reformar o banheiro e chamou os Beatles para fazer o trabalho. Quando ofereceu a eles algum dinheiro para o serviço, Paul brincou, 'Quem você quer que matem, Allan?' Rindo, Allan explicou o trabalho: pintar e limpar o banheiro das senhoras. Em tempos difíceis, o dinheiro era bem-vindo, então os Beatles aceitaram.

Eles acabaram criando murais com cenas de rock'n'roll que viraram destaque no Jac, com os clientes sempre comentando as artes. Um dia, um professor de arte americano, que Allan acredita ser Norman Crisp, ficou impressionado e perguntou quem tinha feito as pinturas. Quando Allan mencionou que eram de uma banda de rock chamada Beatles, o professor ficou intrigado e disse que o trabalho mostrava grande potencial.

Infelizmente, Crisp não encontrou os Beatles naquela noite, e Allan especula: "Quem sabe o que teria acontecido se o professor tivesse falado com eles? Talvez se interessassem mais pela arte do que pela música, e o mundo nunca teria conhecido a revolução dos Beatles."

Ao longo dos anos, o Jac foi redecorado e os murais dos Beatles acabaram sendo pintados por cima. Allan comenta que hoje essas pinturas valeriam muito, talvez até dignas de um museu dos Beatles.

**Agradecimentos especiais à Leilane, que emprestou o livro, possibilitando esta tradução de Cláudia "Lennon" do fã-clube Yellow Submarine.**

### (2) The Paul McCartney Story

Paul McCartney é conhecido em todo o mundo como um dos quatro gigantes do pop – Os Beatles. E, embora a banda tenha se separado, para muitas pessoas ele sempre será um Beatle. Mas, recentemente, Paul e sua esposa Linda têm trabalhado com seu próprio grupo, Wings, fazendo turnês pela maioria dos países da Europa, produzindo seus próprios especiais de Tv e uma série de álbuns de sucesso, notadamente, *Band on the Run* e *Red Rose Speedway*. Esta é a história de como Paul se tornou um Beatle, de sua vida naquela época, como se casou, como sua carreira mudou e de sua vida hoje. É a história de Paul McCartney. Publicado por Futura Books, Grã-Bretanha, 1975.

### (3) Beatles – The Fabulous Story of John, Paul, George and Ringo

Um livro lindo, repleto de muitas fotos coloridas com informações que documentam a história da banda, incluindo suas carreiras solo muito iniciais. Publicado por Octopus em associação com Phoebus, 1975.

## **OBITUÁRIOS**

**1975**

### **FEVEREIRO**

Austin Wiggin, pai das The Shaggs morre do coração. No dia da sua partida, finalmente elas conseguiram tocar Philosophy of the World próximo à perfeição!

#### **ABRIL 24 Sábado**

Peter Ham, talentoso cantor, compositor e guitarrista galês, conhecido por seu trabalho na banda de rock Badfinger, falece tragicamente aos 27 anos. Como membro da primeira banda que a Apple Records, gravadora dos Beatles, assinou além de seus próprios artistas, Ham conquistou destaque como um dos compositores e intérpretes mais promissores de sua geração.

Apesar do sucesso e do talento reconhecido, Ham enfrentou desafios financeiros e pessoais significativos devido a problemas de gerenciamento e conflitos com o empresário da banda. Esses problemas levaram a graves dificuldades financeiras e pressionaram a banda de maneira devastadora. Profundamente afetado pela situação, Peter Ham tirou a própria vida apenas três dias antes de seu 28º aniversário.

#### **MAIO 28 Sexta-feira**

Com a morte de seu vocalista, Eric Emerson, os Magic Tramps não chegaram a gravar. A banda, uma verdadeira lenda do underground nova-iorquino, teve sua trajetória interrompida, cercada de mistério e dúvidas sobre as circunstâncias da morte de Emerson.

#### **JUNHO 03 Quinta-feira**

★ Ralph J. Gleason (1917-1975). Colunista do San Francisco Chronicle durante 25 anos, foi também vice-presidente da Fantasy Records e produtor e comentarista de televisão. Foi autor de diversos livros, inclusive *The Jefferson Airplane and the San Francisco Sound* e *Celebrating the Duke*.

“Odeio Ralph, mas o convido para minhas festas porque ele é um crítico importante” – Janis Joplin. “Gente como o Gleason, Gleason esteve com a gente enquanto a nossa fantasia coincidiu com a dele. Mas assim que fomos mais longe, ele não entendeu e por isso se voltou contra nós. Ele... não tinha fé. (...) Como Ralph Gleason com sua coluna no Chronicle e sua própria doutrina do que era ser hippie. Gleason era um desses. Kesey se lembra de todos eles, gente que achou que ele era genial até o ponto em que sua fantasia deixou de coincidir com a deles. Mas ele ia em frente, um pouco mais a toda hora, e eles ficavam ressentidos e confusos... (Tom Wolfe, *O Teste do Ácido do Refresco Elétrico*)”

#### **AGOSTO 13 Sexta-feira**

Murilo Mendes, poeta, ensaísta e crítico de arte brasileiro, faleceu em Portugal em 1975, aos 73 anos, deixando um legado literário significativo e influente na poesia moderna e na crítica cultural. Nascido em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 13 de maio de 1901, Mendes formou-se em Direito, mas

se dedicou integralmente à literatura e às artes. Sua obra abrange poesia, ensaios e críticas, abordando temas como identidade brasileira, modernidade e espiritualidade, com destaque para obras como Poesia de Murilo Mendes, Viva o Povo e A Poética do Crítico.

Mendes foi um dos fundadores do "Grupo dos Poetas de 45", que trouxe inovações à cena literária nacional ao romper com tradições acadêmicas. Sua poesia é reconhecida por sua musicalidade, força imagética e originalidade, rendendo-lhe prêmios como o Jabuti e o Machado de Assis. Como crítico de arte, defendeu as vanguardas e contribuiu para o diálogo entre literatura e artes visuais no Brasil.

O velório de Mendes ocorrerá em Portugal, com sepultamento em local a ser definido, permitindo que amigos e admiradores prestem homenagens a este mestre da poesia brasileira, cuja paixão pela arte e pela literatura continuará a inspirar futuras gerações.

### **NOVEMBRO 02 Terça-feira**

Pasolini é assassinado, na localidade de Ostia, nos arredores de Roma.

### **DEZEMBRO 08 Segunda-feira**

O mundo da música lamenta a perda de Gary Thain, renomado baixista que deixou uma marca indelével no rock dos anos 1970. Nascido em Christchurch, Nova Zelândia, Thain era um músico talentoso e autêntico, conhecido principalmente por seu trabalho com a lendária banda britânica Uriah Heep.

Gary Thain começou sua carreira na Nova Zelândia ainda adolescente, tocando em bandas locais antes de buscar oportunidades na Europa, onde integrou o grupo Keef Hartley Band. Sua trajetória ganhou novo rumo quando se juntou ao Uriah Heep em 1972, substituindo o baixista Mark Clarke. Com Thain, o Uriah Heep alcançou seu auge, consolidando uma sonoridade inconfundível em álbuns icônicos como Demons and Wizards, The Magician's Birthday, e Sweet Freedom. O estilo inovador e o groove inconfundível de Thain ajudaram a definir o som pesado e místico da banda, que logo se destacou no cenário do rock progressivo e do hard rock mundial.

Em setembro de 1974, durante uma apresentação no Texas, Thain sofreu um choque elétrico que o deixou gravemente ferido e acelerou seu afastamento do Uriah Heep. O acidente agravou seus problemas de saúde e o afastou das turnês, dificultando sua recuperação.

No dia 8 de dezembro de 1975, Gary Thain foi encontrado sem vida em sua casa em Londres, aos 27 anos, em decorrência de uma overdose de heroína. Ele se juntou tragicamente ao clube dos músicos que faleceram precocemente aos 27 anos, deixando para trás um legado que continua a inspirar e emocionar gerações de fãs e músicos.

**1975**

## **DEZEMBRO**

### **Perdido em São Caetano do Sul**

A orientação era manter distância de mim na escola. A última vez que vi meu par de primos, eles me largaram num parque-bosque e deram no pinote, eu não queria ir embora com eles e fiquei a rodar, depois reencontrei a casa. O lance legal desse domingo foi que o tio deles, o Pedrinho Vieira me deu o pôster do 'Venus and Mars'.

★ Na Pampulha (MG) saí para ver o visual depois de circular pelas margens da lagoa, me perdi, encontrei a subida da churrascaria e Fabiana, ela não sabia que eu tinha acabado de ter um flashback.

★ Em Bueno Aires, circulamos de metrô e para não me perder jamais saía da longa avenida do hostel, mas andamos muito por muitas praças.

★ Na boca da noite, no centro da capital de Montevidéu, fiquei sentado na mala sem direção...

Pisei na Areia da Praia

★ Do Distrito Federal, Tio Longuito e família veio a São Paulo passar algum tempo antes do Natal. Meu maior desejo era conhecer o cinema. O filme apropriadamente escolhido foi 'Pelé Eterno', mas nós queríamos mesmo era ver 'O Exorcista', com a possessão demoníaca da Linda

Blair. Na Variante azul dele, na rua Antônio Agú, o motorista bronqueou 'Mário! Aqui é contramão!'. Difícil era explicar que tinha vindo poucas vezes ao Centro de carro e que desconhecia as placas de sinalização, se existia isso na época.

Ainda nesse mês, no litoral sul paulista, bebi e constatei que a água do mar é salgada, cobri conchas com areia branquinha e tão fininha quanto farinha, as ondas apagavam minhas pisadas numa das praias de Praia Grande. Prazer e delícia, vinte anos depois eu voltaria lá.

**DISCOLIVROS Comercial Ltda.**  
Sucessos Nacionais, Internacionais, Nordestinos e Sertanejos  
Rua Antonio Agú, 987 — Osasco  
Inscrição Estadual 492.064.574 — C.O.C. 43.479,503/0005  
Série D-1 1.a Via **NOTA FISCAL AO CONSUMIDOR** Nº 20434  
Osasco, 09 / 02 / 75  
Ilmo(s) Sr(s).....  
Rua.....

Quant.	MERCADORIA	P. Unit.	TOTAL
	Disco(s) Compacto Simples		
	Disco(s) Compacto Duplo		
1	Disco(s) Long-Play PC		80.00
	Disco(s) Long-Play ELVIS		
	Limpa Disco(s)		
	Poster(s)		
	Agulhas		
	Fitas		
	Pilhas		
	<b>Não Trocamos Mercadorias</b>		
O Imposto de Circ. de Mercadorias foi pago de acordo com a lal.			
<b>NÃO VALE COMO RECIBO</b>			<b>TOTAL Cr\$ 80.00</b>

Idegraph Ind. e Com. Ltda. - Av. Cons. Carrão, 251/253 - S.P. - Fone: 292-2287 -  
Inacr. Est. 102.868.143 - C.O.C. 61.311.205/001 -  
11/74 - 400 t/s. 50x2 5,001 • 25.000 - sárte D - sub-ebris D-1

**QNL QNQ**

**QNR QNC**

**CNB**

Praça do DI

**CTN**

Luz

que brilha no silêncio das letras Caminhos que se cruzam pelas praças e cores do cotidiano.

**1976**

## **DA PERIFERIA DO DINHEIRO À PERIFERIA DO PODER**

Sweet Rock'n'Roll Memories, Taguatinga

Quase meio século antes, cheguei a Brasília, vindo de Osasco-SP, em dezembro de 1975. Minha primeira parada foi em Taguatinga Sul, onde morei um mês na Vila Dimas, Matias e Sapolândia, na Shis Sul. Lembro vagamente que, aos nove anos, já tinha estado em Goiás.

Em Taguatinga Sul, existia o Cine Rex, e era na Praça do Rex que eu comprava gibis. Depois, mudamos para a QNA 26, próxima à Praça do DI. Quando menino, aos domingos, ouvia o jornalista gritar 'Olha aê o Correio!' (ou, na minha cabeça, soava como Olha eu... o Correio!). Era do Correio Braziliense que eu tirava a escalação dos times para os jogos de botão. Com o tempo, comecei a colecionar recortes sobre músicos do rock.

Minhas boas lembranças de Taguatinga incluem as andanças pela área comercial e as partidas de futebol no pátio da Escola Classe 23, localizada na praça do DI. Perto do centro, nos fundos da CNB, havia um pequeno conjunto de lojas escondidas. Uma delas tinha uma vitrine que exibia um pôster icônico de John e Yoko nus, com Lennon cobrindo sua intimidade com um jornal.

É impossível lembrar o nome da loja. Naquela época, os shoppings ainda não existiam, e uma boutique que vendesse jeans era uma verdadeira raridade. Na vitrine principal, o pôster de John e Yoko se destacava, ao lado dos manequins, trazendo um pouco da cultura pop para Taguatinga. Aquela loja me transportava para as ruas de outras cidades, como Rio e São Paulo.

'Era a loja Cats, de moda jovem? Essa loja é bem antiga e fica na CNB 3, na Comercial Norte. Quando eu era criança, minha mãe comprava roupas lá para meu irmão mais velho. E ela ainda existe, pois sempre passo por lá a pé, vindo de Taguatinga Sul, onde moro, para visitar meu pai na QNC 3.'  
(Bruna Argôlo)

De frente para o Cine Lara, descobri a Discodil, onde comprei o álbum ‘Sgt. Pepper’. Outra lembrança vívida é da Praça do Relógio, onde já havia moradores de rua que chamávamos de ‘hippies’. Na nossa educação, qualquer mendigo era rotulado como hippie, e por isso detestávamos ser associados a essa imagem!

Aos 61 anos, sendo 50 deles em Brasília, minha trajetória foi de Taguatinga Sul ao DI (Departamento de Imobiliária da Novacap) e depois para a Shis Norte. Estudei no CTN (antigo Colégio Taguatinga Norte) e morei na QNJ 5. Ao matar aulas subia até o Jumbo, no Centro ou voltava a pé do colégio para casa.

Do CTN seguia para a Avenida Comercial e ia até o final, procurando gibis usados e tampas de vidro de relógio para o jogo de botão. No fim da Comercial, havia o Cai Pinto, famoso lupanar, e depois outro puteiro escondido no matagal, nos fundos da Facita. Hoje, se você andar por ali, nada será reconhecível. Para quem veio do Rochdale, o rolê era quente, mas o medo mesmo era andar no Plano Piloto, que sempre foi perigoso.

Meu primeiro show de rock foi em Brasília? No Clube dos 200, ou na Facita? Com Silvio Brito no auge, com o programa de Tv Aleluia, nas tardes de sábado, na Rede Tupi? Terá sido o show, Tá todo mundo louco?

De 1976 a 1982, não ocorriam muitos shows de rock, só filmes tipo ‘Tommy’ – motivo pelo qual passei a curtir quem tocava violão e depois as bandas de garagem, me envolvi com poucas. Do Guará ia a Sobradinho, Cruzeiro, Gama e voltava a Taguatinga – onde o rock orbitava.

Sou um candango honorário oriundo do Jardim Rochdale –  
Osasco, São Paulo

Minha memória navega pelo velho Tietê

Nada tenho de vitoriano!

Em Goiânia, para qualquer festival de rock, eles veem com essa:

- Vocês são de Brasília!
- Não mano, eu sou de Nova Glória emancipada de Ceres perto de Rialma!
- Viação Aragarina, a 180 quilômetros daqui!
- Viemos de Brotas de Macaúbas na Bahia. Nos anos 50, percorremos 1200 quilômetros pela BR-153, (conhecida como Belém-Brasília).
- Sou neto de Avelino Baiano que quase morreu sangrando de um corte no joelho, ele era hemofílico e chegou na cidade de Ceres em cima de um caminhão para ser salvo.

**1976**

## **BRASÍLIA**

O diplomata Wladimir Murtinho toma posse à frente da Secretaria de Educação e Cultura, e fica imediatamente entusiasmado com o projeto da 508 Sul.

## **No início de 76**

Glauber Rocha despreza os dois primeiros roteiros de A Idade da Terra e viaja para Moscou, onde não conhece ninguém. Do hotel, liga para a Mosfilm, a empresa estatal de cinema, comunicando que havia chegado. Durante seis dias é visitado por Natasha, uma funcionária especialista em Machado de Assis, que lhe mostra as praças, os museus e monumentos da cidade. Pedem-lhe referências e ele dá: Luiz Carlos Prestes, secretário geral do Partido Comunista Brasileiro, deve ter ouvido falar de mim. Não apenas ouvira como comparece a uma seção especial de Deus e o diabo na terra do sol e O dragão da maldade contra o santo guerreiro, numas salas vips da Mosfilm. Prestes vai embora, elogiando, e Glauber Rocha volta ao hotel, esperando. Quando o chamam de volta, querem, naturalmente, um roteiro. O cineasta inventa um roteiro falado, de uma hora, traduzido por Natasha, e tenta derreter o gelo dos tecnocratas soviéticos com uma comparação: – Acontece comigo o mesmo que aconteceu com Eisenstein no México! Há uma nova exibição de Deus e o diabo na terra do sol. De volta ao estúdio, não há como escapar: o roteiro ou nada!. E avisam, delicadamente, que o inverno está chegando.

De Moscou, Glauber vai para Hollywood, com escala em Paris.

## **Frampton lança 'Comes Alive!' e se Consagra no Rock**

Após três anos de estudo com Susan Graham, Peter Frampton desenvolveu uma habilidade pouco comum: o uso do dedo mínimo da mão esquerda, um detalhe que ele considera raro entre guitarristas. Essa técnica, aliada a sua musicalidade, brilhou em Frampton Comes Alive!, um marco do rock e um dos álbuns ao vivo mais vendidos de todos os tempos. Lançado na primeira semana de 1976, foi o LP mais vendido no mundo naquele ano, o álbum duplo de maior sucesso na história e o disco ao vivo mais popular até hoje, consagrando Frampton como uma das grandes estrelas do rock. O álbum rapidamente atingiu o status de “disco de platina” nos Estados Unidos, superando um milhão de cópias.

Com vendas que chegaram a 12 milhões de cópias em 1976, Frampton Comes Alive! estabeleceu um recorde na indústria fonográfica, só ultrapassado pela trilha sonora de Saturday Night Fever. Em questão de semanas, Frampton passou a ser atração principal nos shows, atraindo multidões que reviviam a energia dos tempos dos Beatles.

O álbum conquistou o topo da Billboard 200, permanecendo nas paradas por impressionantes 97 semanas e gerando hits como "Show Me the Way," "Baby, I Love Your Way," e "Do You Feel Like We Do," nos quais Frampton utilizou o talk box para manipular o som da guitarra, uma inovação que se tornaria sua marca registrada.

Com uma mistura de rock, pop e elementos psicodélicos, as versões ao vivo são mais longas e elaboradas do que as de estúdio, permitindo maior interação com o público. Produzido por Glyn Johns, Frampton Comes Alive! não apenas solidificou sua carreira, mas também influenciou uma geração de músicos e definiu um novo padrão para álbuns ao vivo, encapsulando a energia vibrante da música dos anos 70.

1976

## OBITUÁRIO

### JANEIRO 10 Domingo

Howlin' Wolf, um dos grandes ícones do blues, faleceu em Chicago após meses de saúde debilitada. Com seu verdadeiro nome Chester Burnett, ele nasceu em 1910 no Mississippi e foi uma das primeiras influências do rhythm and blues britânico nos anos 60. Suas músicas, como "Smokestack Lightning," foram tocadas por diversas bandas britânicas da época, e sua influência foi celebrada em 1971, quando gravou o LP London Sessions ao lado de nomes como Eric Clapton, Bill Wyman, Stevie Winwood, Charlie Watts e Ringo Starr. Entre seus maiores sucessos estão "Natchez Burning" e "Spoonful."

## FEVEREIRO

Foi necessário uma década para no verão de 1976, as guitarras distorcidas e enérgicas como os grupos pré-Swinging London, voltarem a serem ouvidas e gravadas nos estúdios acostumados ao experimentalismo, nesse ponto Nick Cohn, poderia orgulhar-se ao lado de todas aquelas bandas que as flores enterraram...

★ Primeira apresentação dos Sex Pistols. Na festa de Andrew Logan. John Beverley, ao lado de Susan Dallion, Steve Severin e Marc Pirroni decidem iniciar sua própria experiência musical, The Banshees.

★ "Curioso que o U2 começou em 1976, o ano em que o punk mostrou as garras com seu No future niilista e a banda foi no sentido contrário". (Jamari França)

★ Em 1976, meu filho estava em Paris, que foi minhainspiração original para ir à Europa. Jane Friedman estava lá com John Cale. Fui ao show dele e conheci Patti Palladin, Judy Nylon e algumas pessoas da imprensa francesa. Acabei fazendo um acordo que durou anos com uma revista lá, que publicou muitas das minhas fotos. Como as leis francesas tornavam muito difícil enviar dinheiro para fora da França, eu esperava até que eles me devessem várias edições e então ia buscar meu pagamento, aproveitando para fazer boas refeições, viajar pela Europa e fazer a viagem se pagar. Fui a Paris com o Blondie, fiz uma turnê pela Inglaterra com o Clash e me diverti muito. Quando cheguei a Londres, o único número de telefone que eu tinha era o de Malcolm. Ele tinha acabado de começar os Sex Pistols. Ele me encontrou uma pensão que era realmente barata e me levou a um lugar chamado Club Louise, onde ele e muitas das crianças que compravam suas roupas costumavam ficar. (Bob Gruen)

1976

### MARÇO 13 Sábado

Presence, o sétimo álbum de estúdio do Led Zeppelin, foi lançado pela Swan Song Records, selo da banda, e produzido por eles mesmos com o apoio do engenheiro de som Andy Johns. Gravado em um curto período (1975-1976), o álbum reflete um momento de turbulência pessoal e profissional para o grupo, com menos elementos acústicos e mais riffs de guitarra elétrica, resultando em um som mais pesado e direto.

Faixas como "Achilles' Last Stand", "Nobody's Fault But Mine" e "Tea for One" se destacam, sendo influenciadas por dificuldades vividas pela banda, incluindo a recuperação de Robert Plant após um

grave acidente de carro em 1975. Embora Presence tenha sido bem recebido pela crítica e alcançado o topo das paradas de álbuns dos EUA, seu tom mais introspectivo e sombrio se diferencia dos álbuns anteriores, como Led Zeppelin IV e Physical Graffiti.

A capa de Presence é minimalista e intrigante, apresentando apenas uma foto de uma caixa preta com uma figura enigmática flutuando em um espaço vazio. Criada por Storm Thorgerson, da Hipgnosis, a capa transmite uma sensação de mistério e "presença". O design sutil e abstrato contrasta com capas mais vibrantes da época, alinhando-se com o tom sombrio e focado do álbum.

### **MARÇO 25 Quinta-feira**

Wings, LP At the Speed of Sound.

## **ABRIL**

Durante as apresentações de promoção do seu LP Revolver (pronúncia e título nada a ver com o homônimo dos Beatles), Walter Franco apresenta uma versão do poeta Augusto de Campos para "I'm the Walrus".

## **ABRIL 23**

Jethro Tull lança – Too Old To Rock 'n' Roll: Too Young To Die.

### **MAIO 17 Segunda-feira**

O Rainbow lança Rising, um álbum que se tornaria um marco no heavy metal, marcado pela combinação de influências medievais, góticas e sinfônicas. Após reformular a banda, mantendo apenas o vocalista Ronnie James Dio, o guitarrista Ritchie Blackmore trouxe músicos como Cozy Powell e Jimmy Bain, criando uma formação poderosa. Gravado no estúdio Musicland, em Munique, e produzido por Martin Birch, o álbum incluiu faixas como "Stargazer" e "A Light in the Black," que exploravam temas épicos e históricos, com destaque para a colaboração da Filarmônica de Munique em "Stargazer". A produção do disco não foi fácil, e o uso da orquestra acabou sendo reduzido na mixagem devido a problemas de execução.

Rising apresenta tanto faixas pesadas como "Tarot Woman" e "Run with the Wolf" quanto temas festivos, como "Do You Close Your Eyes". Dio não era fã do álbum, criticando o foco excessivo em solos de guitarra e bateria, mas admitia a química entre ele e Blackmore nas letras de fantasia e mitologia.

A capa, ilustrada por Ken Kelly, tornou-se icônica, mostrando um punho emergindo do mar, representando a força do álbum. A turnê de Rising iniciou-se logo após o lançamento, trazendo surpresas no setlist, como "Kill the King" e "Mistreated". Hoje, o álbum é reconhecido como uma das obras mais influentes do gênero, um precursor do metal sinfônico e do power metal.

## **1976**

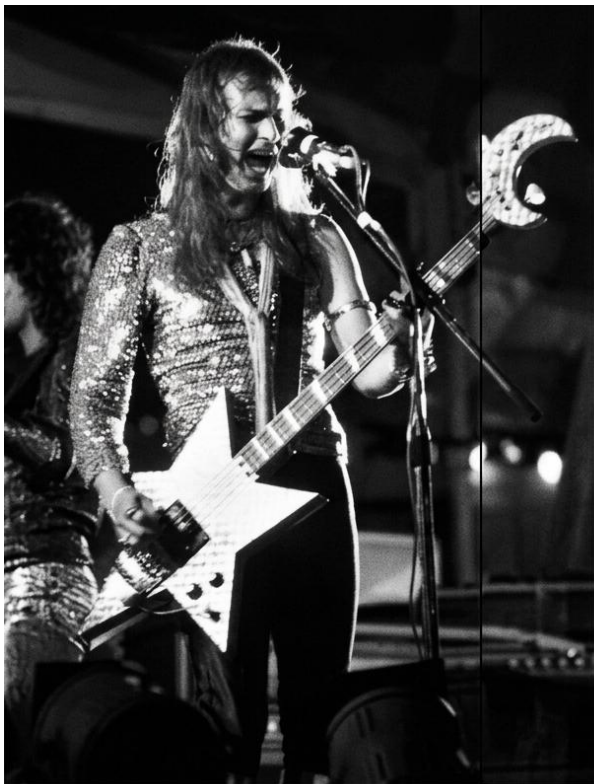
### **MAIO 21 a 23 Sexta-feira, sábado e domingo**

Festival de Surfe de Saquarema

Local: Itaúna, Saquarema (RJ)

O Festival de Saquarema, também conhecido como I Festival de Rock de Saquarema ou "Woodstock Brasileiro", aconteceu na cidade de Saquarema, no Rio de Janeiro. O evento marcou a

cena musical brasileira, especialmente por ser inspirado nos festivais de rock internacionais e por reunir diversas bandas e artistas da época.



## MAIO 24 Segunda-feira

No ano do Bicentenário dos Estados Unidos, são relançados 26 compactos dos Beatles e minha mãe me deu grana suficiente para comprar um no dia do meu aniversário. Existem alguns compactos japoneses do mesmo ano 1976 que registram gravações dos Beatles antes de 1962.



*Foto Carlos H. Hyra*

**O rock brasileiro reunido: Cornelius e Santa Fé, um dos participantes.**

## MAIO 29 Sábado

Cornelius & Grupo Santa Fé, fazem sua estreia no Festival Canindé – S. Paulo, "o maior ou o mais longo show de todos os tempos".

★ Já com Percy Weiss nos vocais, veio Jack, O Estripador do Made in Brazil. A música-título "Jack, O Estripador", além das canções "Os Bons Tempos Voltaram" e "Vou Te Virar De Ponta Cabeça", emplacaram nas rádios e colocaram o grupo em outro patamar.

★ Luiz Sérgio Carlini, mestre das guitarras, já em 1976 se consolidava como um dos nomes mais marcantes do rock nacional, eternizando sua contribuição ao gênero. Ao lado da banda Tutti-Frutti, sua habilidade e estilo únicos se tornaram uma referência indelével na história do rock brasileiro.



★

### **JUNHO 22 Terça-feira**

Califórnia, Glauber abandona o sossegado e velho quarto do confortável hotel Garden Courts Apartments, situado no nº 7021 da Hollywood Boulevard, antigo ponto de encontro de celebridades da tela na época do apogeu dos grandes estúdios.

No dia seguinte, uma quarta-feira, depois de cinco anos de ausência, regressa do exílio. Vestindo um casaco de tweed, logo deixa patente que abandonou as contradições marxistas como a lei cubana de necessidade, uma explicação para a miséria da ilha de Fidel e rompido com a tirania comunista da Tchecoslovaquia.

Em solo pátrio passa a defender os esforços para o aperfeiçoamento democrático do presidente Ernesto Geisel, a luz dentro do processo histórico, a propalada abertura: lenta, gradual e segura, o único

conceito de avanço político naquele momento.

*Luiz Sérgio Carlini — dispensa apresentações. Ao lado do Tutti-Frutti (1976), consolida-se como uma presença marcante que se tornaria indelével no rock nacional.*

Grace Lagôa © – Fotografia

## **JULHO 02 Sexta-feira**

Beach Boys colocam Brian Wilson, mais magro e um tanto tonto, no banco do piano, em seus shows comemorativos do décimo-quinto aniversário da banda. Pela primeira vez depois de 12 anos, Brian Wilson apresenta-se com os Beach Boys, em um show em Oakland, Califórnia, Estados Unidos; na noite seguinte Brian retornou ao palco; o show foi gravado para um especial da NBC.

**1976**

## **JULHO**

O Beatles Fã-clube do Brasil, realiza sua convenção nacional no Rio de Janeiro, no Clube Olímpico de Cobacabana.

★ É lançado o álbum duplo Rock'n'Roll Music.

Os Beatles em foco: Revista Veja os chamou de "Incendiários"

Juntei os cobres e comprei o álbum duplo Rock'n'Roll Music. Quando descobriram quanto eu paguei pelo disco, logo retrucaram que eu precisava ganhar bem para sustentar aquele vício de adulto: bebida e música. Desde então, ninguém saberia mais quanto eu realmente gastava em discos. Eu arquitetava os planos mais mirabolantes para trazê-los para casa.

Uma coisa que me deixa extremamente irritado é quando alguém pede para ver o que comprei nas sacolas. Certa vez, ao abaixar o vidro do carro para cumprimentar o Quinzinho, ele logo agarrou a sacola de discos do banco do carona e começou a bisbilhotar, numa curiosidade que não era nada inocente.

Graças a Deus não havia nada excepcional ali, mas fiquei com vontade de atropelá-lo.

★ Londres. Sai o primeiro número do fanzine punk, o Sniffing Glue ("Cheirando Cola"), seu editor é Mark Perry, bancário de 19 anos.

## **JULHO 04 Domingo**

Ramones estreiam na Inglaterra, com show no London Roundhouse. Joey Ramone

## **JULHO 06 Terça-feira**

Damned faz seu primeiro show, abrindo para os Sex Pistols no 100 Club, Londres.

★ Um Ringo irreconhecível, totalmente rapado, em Monte Carlo. Em entrevista, anos depois, ele disse que fez isso porque estava depressivo e que " Era uma época em que você cortava os pulsos ou o cabelo e eu sou covarde."

# SHOWS

## MUTANTES - MUSEU DE ARTE MODERNA - 3 A 8/8 - RIO

Os Mutantes em seu trabalho atual demonstram estar conscientes da necessidade de não se shandoner as raízes e influências brasileiras para se fazer um som que possa ser chamado de rock brasileiro. "chorinho", um solo de violino de Paulo de Castro, com inspiração no próprio Choro é um dos momentos mais fortes do show. Sérgio Diaz dualando sua guitarra com o sintetizador de Luciano Medeiros, aliados à excepcional sonoridade de bateria de Rui Motta e ao balanço preciso do baixo, fazem da pulsação dos Mutantes uma marca registrada, ao vivo.

Sérgio Diaz, guitarra; Rui Motta, bateria, Paulo de Castro, baixo e Luciano Medeiros, teclados.

### GRAVANDO

#### AO VIVO

A idéia de graver ao vivo surgiu da necessidade de se registrar o clima existente nos shows. Os Mutantes, seguiam linhas diferentes nos shows a nos shows. Nas gravações de estúdio, os arranjos eram elaborados em função das "dobras", várias guitarras e teclados simultaneamente, e nos espetáculos o arranjo das mesmas músicas era simplificado, trocando-se a elaboração musical pela existividade a energia dos improvisos. Muitas vezes, devido às reações do público, vaminhos inesperados eram seguidos, conforme a vibração da plateia.

Captar esses momentos de criação coletiva, essa troca de energia entre o grupo e a assistência, levando à vitrola a mesma atmosfera que exista num show dos Mutantes, foi o objetivo. Como conseguir isto? Tecnicamente, a solução mais perfeita seria transportar um estúdio de gravações para o lugar do show. Uma unidade móvel equipada com gravador de 16 canais, para que se pudesse graver cada instrumento separadamente, e depois, na calma de um estúdio, mixar os 16 canais, combiná-los em 2 canais, o disco. Impossível. Não existe tal equipamento ainda, no Brasil. Solução, tentativa, experiência: gravar diretamente em 2 canais, efetuando a mixagem durante o show. Os riscos seriam maiores, caso houvesse qualquer problema com qualquer dos instrumentos, mesas ou microfones, a fita gravada estaria perdida. Gravar uma série de shows foi a forma de se eliminar esse impasse.

Após cada show, ouvia-se a fira no Estúdio Level. A primeira audição foi um impacto. A idéia funcionava. Básica-



No rock ao vivo: as raízes e influências.

menta, estava resolvido. Agora era uma questão de acartar a mixagem, colocar os instrumentos nos planos certos, corrigir o som do baixo, dar voz a graver todas as apresentações para se escolher as melhores em termos musicais.

Os problemas técnicos foram surgindo. A acústica do local - Sala Corpo e Som, do Museu de Arte Moderna, no Rio - não era exatamente a de um estúdio: chão de mármore, paredes de vidro e madeira, teto de metal e plástico. Muita reverberação. Isso determinou a colocação de um cenário de pano rodeando o palco, para absorver as reflexões do som. A bateria de Rui era outro problema. Como microfonar uma bateria de quase 30 peças, 8 ton-tons, 2 timbales, caixa, ximbau, 2 humbos, 6 pratos, buzinas, cínceros, tímpano e 4 surdos, sendo 2 temboras de aço? Um micro Shure 585 para cada humbo, sem as pales da frente, um ARGD 1000 para cada caixa, outro para os ton-tons de centro e outro para os surdos normais. Shure SM58 para ton-tons agudos, timbales, buzinas e ximbau, por trás dos ton-tons, outro para o tímpano, outro para os ton-tons graves. Os pratos foram captados por um "over all" Electret.

Para evitar que os 10 microfones colocados na bateria captassem o rasto do instrumental, alterou-se a montagem do palco. As calças de guitarra e baixo foram colocadas na frente do palco, como monitoras.

Os teclados de Luciano - Piano de cauda, com captador Barcus Berry; Piano Fender 72, Strings Synthesizer Farfisa; Mini moog, Korg Synthesizer - foram todos enviados à mesa diretamente por linha, com exceção do órgão Hammond, amplificado com uma Leslie microfonada com dois Shure 565. A pedalreira de Sérgio a suas 4 guitarras - Fender Stratocaster, Rickenbacker 12 cordas, Cítara elétrica e guitarra havaiana Sho Bud (steel guitar) - foram também por linhas, adaptada ao amplificador Fender Showman, a também por uma caixa Leslie com dois Shure 565. Finalmente, o baixo Glannini Stratosonic, de Paulo, foi captado por linha a microfone.

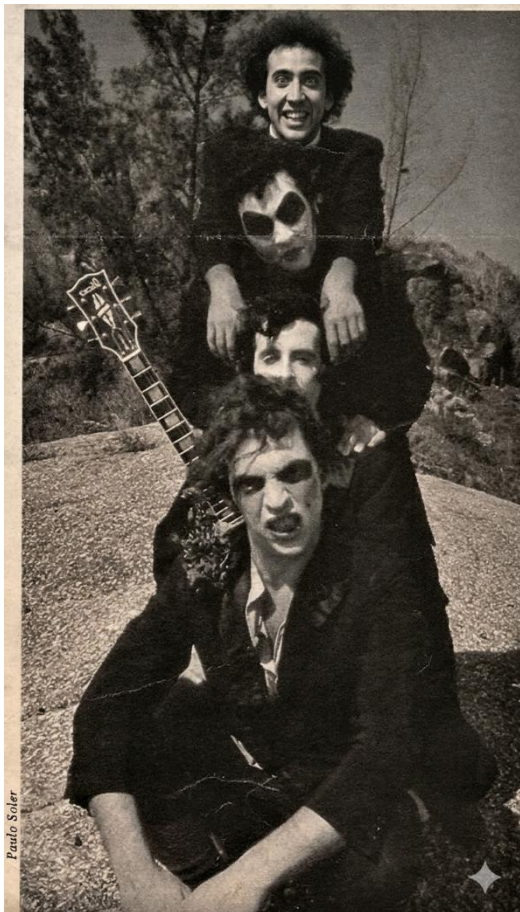
Foram utilizadas duas mesas para mixagem. Uma Peavey de 12 canais, só para a bateria, a uma Studium (nacional) de 18 canais. Ambas com dois canais de saída. A mesa Studium funcionou como mesa principal, sendo usada a sala mono para alimentar o P.A. e a saída estéreo para o gravador, um Revox A77. O mesmo som que ia para o P.A. ia para o gravador. A mixagem foi feita com fones de ouvido Hoss.

Durante a gravação, para se conseguir a máxima fidelidade possível, não se equalizou praticamente nenhum instrumento. O uso excessivo de aqualizadores sempre introduz problemas de "limpeze" no som.



## Novo som no Rio

Flamboyant é o nome de um grupo que estreou no Rio no mês passado, depois da dissolução do Peso. Constant (pianista), Gabriel O'Meara (guitarrista) e Carlinhos (baixista) dissolveram o Peso “para buscar um som de mais suíngue e menos volume”. Para isso, chamaram o baterista Vicente e o cantor Zé da Gaita. Assim nasceu Flamboyant. Diz Constant: “o Peso foi um grupo que levou dois anos de ensaio e seis meses de apresentação. Com o Flamboyant vai acontecer o contrário: pouco ensaio e muito som”.



JOELHO DE PORCO  
Som Lime 403.8147

O segundo elapá da banda paulitss Joelho de Porco tvas muitas novidades. Em primatns loger, gresido pars Som Livre, o disoe aduarlu maior qualidade Msstias, com meffier prxulazde a mraçqars. Algumss faixae, reproduzida de vas disoe anterior, como "Golden Asstovics", "São Paulo By Dey", "Booia, Boeing 732937" e "Aeroporto de Conganhar", foram ligairemente moderadas.



As ootras trazren mangens urbanas, retratando motativa a cidade do Rio de Janeiro, onds e grupo pretende ner oorihendo. Para neo hd e Incluafr de "Frio de Janeiro City". Dnas letres, "Paulette Man Amoar" e "Itandress", sambdm fazem forne alufso az pblido pro.

O disco traz boa produão, bom ritmo, ms am poucar comntas podse ver es qustioedes do Joelho de Porco. O beterista cruuro faz além de simplas acompnhamntos. O mesmo scontece com o guitarrata, que sãone des peitãia.

Enfim, um trazo melhor cuidado e mais cansstivo. O anterior, certarrave, possui msis pesa e meis gçara, sttm de lsress bers oelhores, como "Meus 28. eros", "Crusal Meus Braços" e "Debaivo das Palmeiras." (RVJ)

\* \* \*

22



Joelho de Porco

## Mal servido

**JOELHO DE PORCO**, com o conjunto *Joelho de Porco*, até 22 de agosto na Sala Gil Vigente do Teatro Ruth Etenbor, São Paulo, temporada em setembro no Rio.

O rock é um fenômeno basicamente urbano — sua origem remonta à sociedade industrializada dos anos 50, nns Estadro Unidas, quando a juvertinde branca das cidadss eletrricou os ritmos da música negra. Uma consttação simpia, banal até, mas capaz de etãsbalecer verdadeiros precipicios entre os discipulos brasileiros desss avassaladora tendncia musical. Pois, se já são poucos os grupos que usam o rock apenas como uma informação técnica a musical a mais — capitalizando o antropofogicamente como o escritor Oswald de Andrade ensinou e os Novos Baianos, por evemplo, aprenderam —, mais rares são os que seguem as lições ao que se refere à temática contida nas letras das

músicas. Maa justamente ai, no aproveitamento inteligente, bem-humorado, irônico e debochado das contraaigões de uma cidade grande (no csso, São Paulo) como matêris-princa poética para sus rockinhos musicalmente simples, reside a grande nvidade do Joelho de Porco. Enquanto quase todos os outros conjuntos do você brasileiro teimam em falar de emores melosns, entorpesidas buazas interiores e inguietações invenilesoszs, o vocalista Rzaido Petraglia, urb o pseudônimo de João ds Fúria, troniza a "triste tragédia paulistana" que enche de gente o seroport de Conganhas, nas tardes de domingo, "só pra ver avião descendo, só pra ver avião sohindo". Pãtrs apresenta-se à frenta de Chicão Cobra (bateria), Waltto (guitarra) e Tico Terpins (baixo). Os quatro cnvergam smokings pretos, e a brilhantina fluge em veus cabetes. E se dizpõem a oferecer, como rugere o próprio ceiaese de promoção do show, um "banquers musical". Qae resoita carto e mal servido. A excação de brilhante guitssrista, es músicos mostram-se limitados no trato com os instrumentos. E ea vocais? Por conta do esbelto Petraglia (um pândego dentro do smtng que pertencia ao seu entecessor no grupo, o atual advogsão Próspero, de 120 quilca) e da qusae afônico Tico, salvam-se do desztis spenz pela interpretação tratral das letras engragadas.

Nesta perguntar: até quando os "banquetes" de rock brasileiro serão servidos como refta hambúrgueres? Palhas já tradicionais de sem s iluminação, como as que aconteceram sã estreis do Joelho de Porco, explicam-se, mas não mais se justificam. Já que o rock insiste, que capricha na tecnologia — como ensina a matriz.

• Valdir Zwetsch

8

PRONTO PARA ESTOURAR



Joelho de Porco

Este disco, regorato de integrentas, vem para fechar um ciclo do Joelho de Porco, oca niga, roda em trsbecka ant oraãe doonstituido qon, oacco, astã prntte s meelvar novos rumos. Astivo, paolmos legerar anvãis mais novidades para o futuro.



Waltto, Chicão, Tico e Fúria — o Joelho de Porco: uma tragédia paulistana

VEJA, 18 DE AGOSTO, 1976

## **JULHO 19 Segunda-feira**

O Deep Purple se separou no final de uma turnê no Reino Unido. David Coverdale seguiu para formar o Whitesnake, enquanto Jon Lord e Ian Paice formaram uma banda com Tony Ashton. Glenn Hughes voltou para o Trapeze, e Tommy Bolin montou sua própria banda (mas morreria antes do final do ano).

**1976**

## **JULHO 24 Sábado**

Joey Covington ex-baterista do Jefferson Airplane, novamente como coautor, assina "With Your Love", single de Jefferson Starship, que chegou ao 12º lugar nas paradas.

## **AGOSTO**

"Neste momento, com a saída da Rita e logo depois a do Arnaldo, muitos músicos transaram com a gente: Liminha, Dinho, Manito entre outros. Influenciávamos muito por tudo que vinha de fora, o apuro técnico, o espelho. Eu punha na vitrola os discos dos melhores guitarristas, pegava um violão e ficava escutando milhões de vezes, até acertar completamente todos os solos, pois minha preocupação principal era conseguir tirar um som igual ao de um John McLaughlin ou um Steve Howe".



**Sérgio Dias ao Jornal de Música e Som, nº 21.**

★ LP Mutantes Ao Vivo.

## **AGOSTO 20**

Rita Lee & Tutti-Frutti no Teatro Aquarius – SP;

\*/Grace Lagôa © – Fotografia

## **AGOSTO 21**

Primeiro Festival do Punk Europeu acontece na França (Estádio Mont de Marsan, sul de Bordeaux). Participam Eddie & The Hot Rods, Damned, Pink Fairies, Roogalator, The Tyler Gang e as bandas francesas Il Baritz, Kalfont Rockchaud, Bijoux, Shakin' Street, Little Bob Story e Pashion Force.

## **SETEMBRO**

George Harrison é condenado por plágio pela música "My Sweet Lord", considerada uma cópia de "She's So Fine" (1962). Devido a uma hepatite, fica dois meses de repouso, o que o impede de gravar. Por esse motivo, a sua antiga gravadora pede uma indenização de US\$ 10 milhões por quebra de contrato.

★ Nesse setembro, uma novidade vem marcar o reinício da ebulição cultural em Brasília: a instalação de uma construção em forma geodésica, com três quartos de sua estrutura apresentados em perspectivas esferoidais – o Balão de Ensaio.

O Balão concebido pelo arquiteto Sérgio Prado, com oito metros de diâmetro, destinava-se especialmente à dança e à música e foi montada próximo à Escola Parque da 308 Sul. Também serviu como palco para espetáculos de teatro de bonecos e ponto de encontro de artistas plásticos e dos primeiros músicos de rock da cidade. Essas tentativas de investir em mobiliário urbano destinado a movimentar a cena cultural da cidade a (e protestar contra a falta de espaços) tiveram fim melancólico e incivilizado três anos mais tarde, com sua estrutura derrubada – a marretadas – por quem, em última instância, deveria protegê-la: a Fundação Cultural do Distrito Federal. A propósito, este órgão posteriormente também foi extinto, mas de forma mais discreta e solene: a canetadas.

**1976**

### **SETEMBRO 25 Sábado**

Encontro do Rock Tellah Hortelã Sopa dos Ricos Brisa John Paul Leo Blues Band Dropissom Bandalheira Paz e Filhos Carência Afetiva Sol Noturno

“Essas foram umas das primeiras bandas de rock do DF. E desde essa época, o Sesc-DF já vinha abrindo espaço ao rock candango.” – Sérgio Pinheiro

### **OUTUBRO 06 Quarta-feira**

## **MUNDO**

O agente da CIA Luis Posada Carriles, ligado à máfia anticastrista de Miami, considerado um dos principais terroristas do continente. Está envolvido em atentados como o assassinato do chanceler chileno Orlando Letelier, em Washington (1973), e a derrubada de uma aeronave da Cubana Aviação (1976), que deixou 73 mortos.

## OUTUBRO 07 Quinta-feira

### Humahuaca: Características de Resistência

Humahuaca é uma pequena cidade no norte da Argentina, marcada pela pobreza e pela resiliência de seu povo, que vive uma rotina sem grandes mudanças em suas esperanças. Essa realidade ecoa a luta de regiões empobrecidas, semelhante à música do Nordeste brasileiro e ao carnavalito argentino.

A banda Humahuaca surgiu dessa ideia de constante batalha. Seus integrantes enfrentam dificuldades financeiras na busca por instrumentos e equipamentos. Willie Verdaguer, baixista argentino, decidiu se unir a outros músicos para formar o grupo após sentir insatisfação com sua carreira.

Após um ano e meio como coletivo informal, a banda definiu sua formação e começou a se apresentar oficialmente, misturando bossa-nova, rock e outras influências. Com uma recepção positiva em cinco shows em São Paulo, perceberam que sua música funcionava melhor em teatros, aspirando a um estilo mais erudito que incorpora folclore argentino e brasileiro.



Apesar dos desafios de infraestrutura e da falta de interesse de empresários e gravadoras, a Humahuaca busca um empresário que possa ajudar na divulgação e organização de shows. Enquanto isso, trabalham em estúdios para gravar seu primeiro disco e produzem jingles. Para os integrantes, o grupo simboliza uma busca pela autenticidade na música latina, com a esperança de que o público os reconheça e consuma seu trabalho.

Rita Lee (em figurino estilo “presidiária”) — Sociedade Esportiva Palmeiras, São Paulo, 16/out./1976  
• Roberto de Carvalho passa a integrar o Tutti-Frutti  
\*/Grace Lagôa © – Fotografia

**1976**

**OUTUBRO 14 a 17 Quinta-feira, sexta, sábado e domingo**

O artigo Vímana e Black Zé: marcando presença, escrito por Paul de Castro, publicado na revista Música, fala sobre a banda de rock progressivo Vímana e suas atividades na cena musical alternativa do Rio de Janeiro. A banda, formada por Luiz Paulo nos teclados, Lulu na guitarra, Fernando Gama no baixo e Lobão na bateria, já participou de eventos importantes como o Hollywood Rock e Banana Progressyva, mas suas apresentações são raras. A banda gravou um LP de forma independente, usando o Estúdio Level no Rio, e busca negociar sua fita com gravadoras.

Luiz Paulo, destacado como um dos melhores tecladistas eletrônicos do Brasil, utiliza uma gama variada de instrumentos como sintetizadores e pianos. Lulu, o guitarrista, é descrito como um músico versátil de estúdio. Lobão, jovem baterista de 18 anos, traz grande energia com sua bateria Tama Imperial. Richard Court (Ritchie), um inglês no Brasil há quatro anos, é o vocalista, conhecido por sua presença de palco.

A matéria também menciona outra banda carioca, "Black Zé", embora a nota sugira que a banda era pouco conhecida.

**OUTUBRO 16 Sábado**

Rita Lee, vestida com um figurino de presidiária, se apresenta no Clube Palmeiras em São Paulo. Nesse período, Roberto de Carvalho se junta à banda...

★ Os esquerdistas acusam Timothy Leary de delator... A revista americana Head tenta descobrir se Timothy Leary realmente dedou seus amigos em troca da liberdade...

**MÚSICA**

"No anteprojeto dos 'Doces Bárbaros', Walter Smetack estava incluído. Ele terminou não participando porque a Universidade da Bahia não podia lhe dar uma licença demasiado longa e os componentes do dito grupo, então em formação, não tiveram determinação suficiente pra forçar mais essa barra, uma vez que eles estavam forçando tantas, dentro e fora deles mesmo. Acredito que foi uma medida natural de economia do organismo do grupo e apesar da conseqüente frustração, um sinal de saúde". Caetano Veloso.

★ Som Nosso de Cada Dia, com a formação: Pedrão, Pedrinho, Dino Vicente nos teclados e Egidio Conde na guitarra. Mostra um Som Nosso menos urbano e equilibrado com timbres de música brasileira, antecipando a jornada que os grupos progressistas brasileiros adotariam.



★ Burmah era uma banda composta em sua maioria por argentinos que residiam em São Paulo, Brasil. Os integrantes incluíam Eduardo Depose (guitarra), Norton Lagôa (baixo), Javier Staricco (teclados) e Juan Abalos, conhecido como "Piojo" (bateria). A fotógrafa Nice Pontes era casada com Eduardo, o guitarrista, enquanto Norton, o baixista, era irmão da fotógrafa Grace Lagôa. Infelizmente, Nice já não está entre nós; ela nos deixou. Snif, snif...

**1976**

★ Eddy Star consegue lançar um disco, Sweet Edy; pela Som Livre.

**OUTUBRO 22 Sexta-feira**

Damned lança seu primeiro compacto, "New Rose", a primeira gravação de uma banda punk inglesa.

**OUTUBRO 29 Sexta-feira**

A EMI contrata os Sex Pistols.

**Imyra, Tayra, Ipy, o grandioso LP Taiguara**

"Além de canções políticas como as constantes em Imyra Tayra Ipy, nessa obra também tratou de temas indígenas, em parte como homenagem à ancestralidade guarani cujo sangue correu nas veias (seu nome, naquela língua, quer dizer 'Senhor de Si' ou 'Livre'), e assim trouxe de volta o reconhecimento dos índios como os primeiros 'donos' do Brasil.

"Inclusive, a gravadora Odeon (mais tarde EMI-Odeon) é acusada de leniência e colaboração com a ditadura, a ponto de mandar recolher a principal obra de Taiguara, Imyra, Tayra, Ipy, antes da ordem da Censura Federal, pelo recolhimento de lotes do disco em todas as lojas, com a contribuição das distribuidoras, que avisavam por telefone que os policiais estavam à caça do produto." — Luiz Carlos Taveira.

### **As Duas Faces de Taiguara**

Tenho alguns vinis de Taiguara, ou melhor, os que restaram, e assisti a três apresentações dele. Sigo o site dos filhos dele e conheci uma delas, que é amiga de infância da minha sobrinha. Minha história com ele começa antes dos festivais e fui uma das primeiras pessoas que conheço a demonstrar solidariedade quando a absurda desclassificação de 'Helena, Helena, Helena' aconteceu. Ele era um companheiro inseparável do meu falecido cunhado, que também era músico, e foi através desse cunhado que passei a conhecê-lo.

Na época de seu último festival, já nos primórdios da ditadura, o jogo era de cartas marcadas. Os militares já tinham ordenado sua exclusão. O motivo? Algumas de suas composições já tinham sido retidas pela censura, ainda que essa censura, por falta de sutileza, tenha deixado outras canções passarem. 'Helena, Helena, Helena' era a resposta, mesmo sendo um libelo de amor. A mensagem velada era clara: comunista daqui não leva nada.

Também assisti ao seu último show no Cine Brasília. Foi triste vê-lo ali, já desconectado da realidade, incapaz de reconhecer as pessoas ao seu redor. Taiguara já estava perdido, mas ainda assim, deixou versos que permanecem incrivelmente atuais: 'Eu desisto, não existe essa manhã que eu perseguia, um lugar que me dê trégua e me sorria, uma gente que não viva só para si...' Ele foi, sem dúvida, uma das pessoas mais injustiçadas que conheci. E é curioso ver que, através dos saudosistas que ainda o reverenciam, estou descobrindo muitos detalhes sobre sua vida e obra que desconhecia. — Luiz Antônio Sócrates Teixeira  
– DF

**1976**

### **Memórias de Taiguara**

Há muito tempo, por volta de 35 anos atrás, eu vendia discos na rua, perto do Teatro Municipal. Taiguara costumava aparecer por lá com sua esposa e seu filho, Guarany, para comprar seus próprios discos e enviá-los para Cuba. Ele era uma pessoa gente fina, mas com o passar do tempo, começou a pirar e adotar um discurso cada vez mais chato e radical.

Lembro-me de ter assistido a um dos seus últimos shows na Escola de Música do Rio. Foi uma decepção: pouca música e muito discurso. Ah, e um detalhe interessante: o compositor de 'Helena, Helena, Helena' era um engenheiro que acabou sendo assassinado em uma rua de Copacabana. — Carlos Alberto Santos Rocha

### **Sérgio Sampaio lança Tem Que Acontecer, (pela Continental)**

O álbum Tem Que Acontecer, lançado por Sérgio Sampaio, é considerado uma obra-prima da MPB, mesmo tendo sido um fracasso comercial. Com participações especiais de artistas renomados como Altamiro Carrilho e Abel Ferreira, o disco traz composições que combinam samba e letras intensas, marcadas por um tom pessoal e poético. Músicas como "Que Loucura" e "Cada lugar na sua coisa" revelam a profundidade de suas reflexões sobre a vida, a liberdade e a arte. Sampaio, muitas vezes ignorado pela crítica e pela mídia, ficou conhecido como o "maldito da MPB" por sua vida desregrada

# A volta de Sérgio Sampaio

Agora ele está gravando seu segundo LP individual. Mais tranquilo, conhecendo os perigos do sucesso, com necessidade de mostrar tudo aquilo que sente, com um trabalho mais compacto, Sérgio Sampaio resolveu botar o seu bloco

nhecia o nosso ié-ié-ié, quer dizer, ouvia o que aqui chamavam de rock e que era muito mais ié-ié-ie do que qualquer outra coisa. Gostava muito de Renato e Seus Blues Caps, Roberto Carlos, as músicas que Raulzito compunha para Jerry



Sérgio Sampaio: o bloco volta à rua, mais maduro e com os pés no chão. na rua pra valer. E agora vai fazer shows, formar seu grupo, fazer uma coisa legal, “de qualidade”: “Me afastei muito do meio, durante certo tempo. Não tinha muito contato com cantores, a coisa ficou muito restrita a mim mesmo e aí sumi um pouco. Sabe, a minha formação é música popular brasileira — Orlando Silva, Néelson Gonçalves, Moreira da Silva. O rock, conheci através de Raul Seixas, o rock de 50. Antes, co-

Adriani”. Sérgio gravou o seu primeiro LP no final de 72 e o disco só saiu em março do ano seguinte. E quando alcançou o sucesso — *Eu Vou Botar o Meu Bloco na Rua* — ficou assustado, “aquele negócio da gente sair da terra onde nasceu, vir pro Rio e de repente ver a coisa realizada, num tempo mais rápido do que pensava. Sabe, isso me dá um pouco de pânico”. Agora, seu trabalho está mais forte, mas “não mudei tanto, faço o que sinto”.

e estilo musical único, que unia a música popular a histórias do cotidiano brasileiro. Apesar do fracasso inicial, o álbum foi relançado em CD e continua sendo celebrado pela carga poética e pela genialidade de suas canções. — Caio Miranda

## As Fitas de Hendrix

### Revista Time/Manchete

O artigo explora o período final da vida de Jimi Hendrix e as gravações inéditas que ele deixou. Hendrix foi uma das maiores estrelas do rock dos anos 60, conhecido por seu estilo performático e sua guitarra eletrizante. No entanto, apesar de seu sucesso, ele se sentia aprisionado pela imagem que sua fama e seus empresários impuseram, impedindo-o de explorar novas direções musicais.

Nos últimos meses de sua vida, Hendrix passou muitas noites no estúdio Electric Lady, em Nova York, onde gravava livremente a música que realmente desejava tocar, muitas vezes acompanhado por grandes nomes do rock, como John McLaughlin e Stephen Stills. Nessas sessões, ele experimentava sons e estilos de maneira mais livre do que fazia nos palcos, criando longas improvisações e distorções.

Essas gravações, que somam entre 600 e 800 horas, ficaram esquecidas em um depósito após sua morte. No entanto, o produtor Alan Douglas, que trabalhou com Hendrix, redescobriu as fitas. Após ouvir cerca de 250 horas de gravações, Douglas planejava lançar álbuns com esse material, revelando ao público a verdadeira essência musical de Hendrix. O primeiro álbum estava previsto para ser lançado em outubro.

### ★ Tim Maia Racional, Volume 2

– Você também participou do LP do Tim Maia, num esquema em que havia um baixista titular tocando as bases e você com um distorcedor tocando um segundo baixo. Como foi que surgiu essa ideia, algo meio inovador para a época?

“Foi realmente uma ousadia do Tim e nossa gravar um disco com 2 baixos e 3 guitarras, além

dos usuais: teclado, bateria, percussão, 3 vocais, e ainda cordas e metais. Poderia embolar tudo, mas o resultado foi ótimo. Virou uma 'cozinha' gigante, cheia de swing. Usei um pedal Funk Machine, que tem aquele efeito 'Q', um tipo de envelope sensível à dinâmica do toque. Mais força é igual a mais ação do efeito. Era o máximo naquela época do slap. Larry Graham usava, e outros." — Antônio Pedro Fortuna.

**1976**

★ Belchior lança Alucinação.



"Faz tempo isso... Terreno Baldio - acho que em 1976 - Parque da Aclimação/SP." (João Kurk).

★ "Em 1976 fui convidado para tocar no Teatro Ruth Escobar com a banda Terreno Baldio. Acabei gravando com eles o LP Além das Lendas Brasileiras e permanecendo na banda até 1978." — Rodolfo Braga.

### **Terreno Baldio em Estúdio: Gravando "Caipora"**

Em 1977, o Terreno Baldio registrava "Caipora", faixa marcante do álbum Além das Lendas Brasileiras. No contrabaixo, Rodolfo Braga dava o tom para a releitura progressiva da rica mitologia nacional. As imagens desse momento histórico, ainda que de qualidade limitada, capturam a essência de uma banda que deixou sua marca na música brasileira.

★ Paris, na famosa sala de concertos Pleyel. Dois mil espectadores, na sua maioria jovens, aclamam o músico berlinense Klaus Schulze, antigo membro do Tangerine Dream e do Ash Ra Tempel, e desde 1971 solista de eletrônico rock. Schulze, numa vestimenta branca de meditação, cumprimenta os seus fãs com o sinal de um V e senta-se junto aos seus instrumentos: dois grandes sintetizadores ARP e um órgão. Das suas máquinas de som saíam tons como de flautas, pianos, trompetes, violinos e coros a muitas vozes. Klaus Schulze, ao tocar, volta as costas ao público, mas isto não parece incomodar os jovens de 15 a 18 anos, dos quais muitos ainda ginasianos. Atentos, eles escutam o borbulhar e o trovejar das máquinas de Schulze. Le Rock allemand, como ele é apresentado aqui, é muito solicitado pelos jovens franceses. Depois do concerto parisiense, Schulze fez mais 17 apresentações na França com um sucesso considerável. Além disso, ele ganhou, nesta mesma época, o prêmio da Academia Charles Cros na coluna 'Tendências Atuais' pelo seu LP Timewind.

★ "Ao vivo, o Status Quo tem um dos espetáculos mais impressionantes que já se viu no rock. O guitarrista Francis Rossi faz uma verdadeira ginástica no palco, servindo de ligação entre os músicos mexendo com o público, aumentando o volume do amplificador do baixista Alan Lancaster sem ele saber... enfim, criando um clima de loucura e muita alegria, pra todo mundo dançar" (Revista Pop, 1976).

★ Stephen Stills subiu ao palco com Neil Young durante o bis de um show de Young no Pauley Pavilion, UCLA. "Stephen Stills se juntou a Neil para o bis, e eles se cumprimentaram. Foi um momento icônico. Eu precisava recuperar esses negativos", lembrou Brad Elterman.

Após algumas produções solo, o trio Crosby, Stills e Nash se reuniu para gravar o aclamado álbum CSN (WEA). Nesse trabalho, mantiveram a essência que os tornou célebres, trazendo às novas músicas as mesmas nuances de sabedoria, sem cair na nostalgia. As letras continuam abordando questões sociais e existenciais, enquanto as harmonias características, com forte influência country, permanecem inconfundíveis. O álbum é verdadeiramente sensacional. O grupo The Band que acompanhou Dylan na turnê de 1974 e documenta seu final no filme O Último Concerto de Rock – The Last Waltz, dirigido em 1976 por Martin Scorsese.

★ George Harrison lança Thirty Three and 1/3 e The Best of George Harrison (1976).

★ Joey Molland se une a Mark Clarke, Peter Wood e John Shirley e forma o conjunto Natural Gas, e lançam um LP homônimo em 1976, (saiu no Brasil), mas logo em seguida Joey saiu do grupo.

★ No selo Capitol, Jackie Lomax lança Livin' for Lovin' foi um bom lançamento de soul branco que não conseguiu entrar nas paradas.

★ Pink Floyd realiza um concerto em benefício do ex-baterista do Soft Machine, Robert Wyatt, paralisado da cintura para baixo após cair de uma janela. Na cadeira de rodas o baterista grava uma série de ótimos álbuns se revelando um exímio vocalista. Rock Bottom, o primeiro deles foi produzido por Nick Manson, baterista do Pink Floyd.

★ O Canned Heat entra em recesso.

## **NOVEMBRO 26 Sexta-feira**

Um mês histórico para o punk rock. No dia 26, duas semanas após uma intensa expectativa, foi lançado o primeiro compacto do Sex Pistols, "Anarchy in the UK", marcando o início de uma revolução cultural e musical.

## **NOVEMBRO**

Sai o primeiro compacto do Vibrators, "We Vibrate".

## **NOVEMBRO 30 Terça-feira**

## **DEZEMBRO 1º e 2º Quarta-feira, quinta-feira**

**1976**

## **DEZEMBRO 06 Segunda-feira**

### **Dia da Morte de Jango**

Jango exilou-se no Uruguai e, posteriormente, na Argentina, onde faleceu em 6 de dezembro de 1976, aos 57 anos. Sua morte, um ataque cardíaco, foi considerada natural até que suspeitas de envenenamento culminaram com a exumação de seu corpo, em 2013.

O laudo da perícia foi divulgado pela Polícia Federal no dia 1º de dezembro de 2014, e o resultado foi inconclusivo, como mostrou a reportagem de Cristina Serra para o Jornal Nacional.

### **Telasis ficou conhecido como Tellah!**

Rock diplomático: "Em Brasília: estreia profissionalmente um conjunto de rock que vai fazer balançar, até mesmo por força de solidariedade familiar, todo o Itamaraty: ele é formado por um filho do embaixador Sérgio Correa da Costa que está na ONU; outro do ministro Geraldo Hollanda Cavalcanti, do gabinete do Chanceler Silveirinha (que hoje estará no Rio) e dois do secretário Romeu Zero, do Departamento Cultural. Vai estreiar no dia 6 de dezembro de 1976". Faltou informar o nome do supergrupo: Telasis –, fica o registro inédito do rock Brasília, no apogeu da picadura, digo, ditadura militar. Coluna de Ibrahim Suede/O Globo

★ O Curso de Verão foi uma ideia do maestro Levino de Alcântara, em meados dos anos 70. Ganhou força com o passar do tempo. O então reitor da Escola de Música pensou num projeto onde os músicos da cidade pudessem aproveitar o período de férias para aprimorar conhecimentos com grandes mestres. Em 1976, foi realizada a primeira edição.

**1976**

## **DEZEMBRO 10**

LP triplo ao vivo – Wings Over America

★ Este é um legítimo exemplar do bootleg duplo americano Paul McCartney and Wings Fly South. Nele, Paul responde à clássica pergunta sobre uma possível reunião dos Beatles, além de incluir entrevistas de rádio (as famosas broadcasts) e uma apresentação dos Wings na Austrália, em novembro de 1975.

O disco foi lançado pelo tradicional selo Trademark of Quality, e os californianos fizeram questão de registrar na contracapa que a prensagem foi realizada nas Filipinas. Este álbum captura, de forma emocionante, todo o esplendor da turnê mundial dos Wings naquela época.

Embora existam prensagens mais recentes e diversas edições em CD, possuir este exemplar original é algo que exige décadas de dedicação como colecionador. E não, eu não precisei sacrificar roupas íntimas ou adiar tratamentos dentários para consegui-lo! ■

### ★ **Contracultura Após o Kaos (1)**

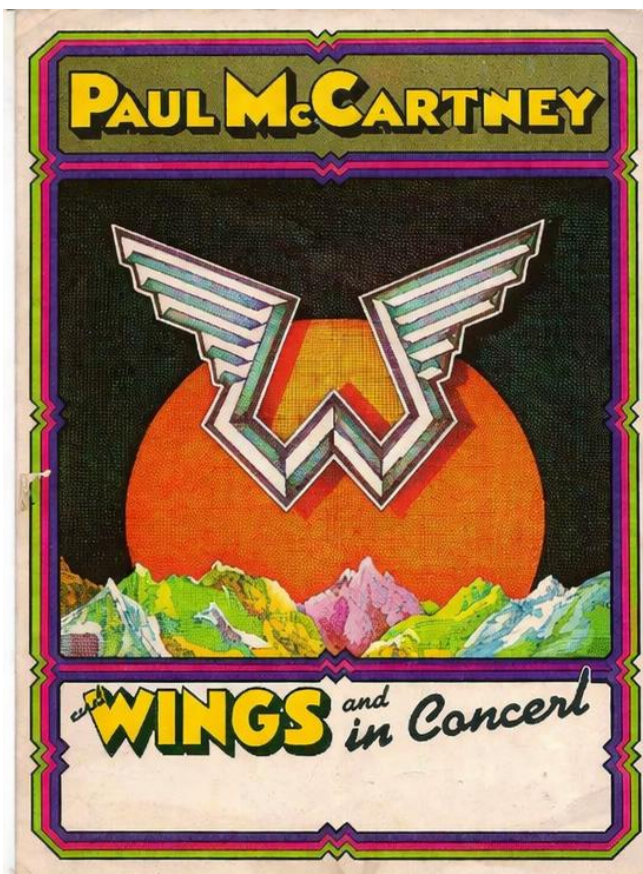
Sem dúvida nenhuma, os melhores, e desconhecidos dos intelectualóides, livros de escritores brasileiros (alguns hoje, finamente felizmente, já, tidos como novos (?), que li, encontrei-os ou no "sebo" ou nas "feiras de livros" ou nos "camelôs de livros" estendidos pelas intrafegáveis ruas e ruelas da metropoluída São Paulo com suas sociedades mais que anônimas. E entre os "sebados", "feirados" e "cameloados" encontrei: Ferúccio Fabry – A Volta que recebeu o "Prêmio José Lins do Rego"; Aguinaldo Silva – Canção de sangue e Cristo partido ao meio; Gerardo Mello Mourão – Valete de espadas; Álvaro Pacheco – Sonhos dos cavalos selvagens e A matéria do sonho; e encontrei, também, o que considero da maior importância dentro da "Literatura Brasileira", como acontecimento que foi. Novo, muito antes do novo existir e cair no lugar comum, a Mitologia Do Kaos em três volumes – Trilogia do Kaos, Deus Da Chuva e Da Morte; Kaos; Narciso Em Tarde Cinza, de Jorge Mautner.

**1976**

### **DEZEMBRO 26 Domingo**

• África Jamaica Brasil, Jornal de Música n° 28

★ "Então Harrison costumava ficar entre John e Paul, tocando, com certa economia, sua guitarra. Procurava, propositadamente, sempre o fundo do palco e exibia-se, discretamente, ensaiando, vez por outra, uns passos de dança. Algumas vezes, também se aproximava do microfone para cantar em dueto com Paul. George vinha do fundo do palco, encostava o rosto no de Paul e os dois cantavam juntos, com uma súbita alegria. O truque tinha grande efeito e a plateia rompia sempre em gritos e aplausos. Depois disso, porém, George voltava a se recolher ao fundo do palco, tocando discretamente sua guitarra". (Rock Espetacular, vol. I, 1976)



PAUL McCARTNEY  
AND WINGS  
FLY SOUTH



THE 1975 WORLD TOUR



## • LITERATURA

### AUGUSTO DOS ANJOS E DEMÔNIOS

A amarga poesia de Augusto dos Anjos ganha agora mais um inteligente estudo do crítico e poeta Ferreira Gullar, através do lançamento de toda sua obra pela Editora Paz e Terra. O estudo de Ferreira Gullar chama-se Vida e Morte Nordestina e atesta a modernidade de Augusto com renovador e cantor de um tempo social e presente na vida humana.

### MARÇO

#### Trio (Samuel Rawet)

Pedro Paulo no centro, o braço esquerdo no ombro de Pedro, o direito no de Paulo, unidos numa gargalhada, os corpos em permanente fusão dinâmica, as seis pernas oscilantes de um demônio tricéfalo, as vozes dissonantes.

Sofro pelo Mundo!

Pedro esperou a reação dos outros, assustado. No íntimo uma alegria nunca pressentida. Os olhos se dilataram, as luzes esparsas da estação se imobilizaram diante da ternura doída de sua voz, e ao sentir uma leveza de plenitude na cabeça, abraçou os joelhos e apoiou os pés sobre o banco. Algumas moedas recebidas caíram dos bolsos, e a corda que lhe servia de cinto, desfeito o laço, não conseguiu impedir que o farrapo de calça descesse. Não usava cuecas. A camisa ensebada sem cor, protegeu as nádegas. Apoiou a cabeça sobre os dedos enlaçados e entregou-se ao pranto. Chorou um choro manso, silencioso, contínuo, morno, um choro de alívio, terno, chorou de alegria por conseguir chorar daquele jeito, e naquele lugar, chorou porque esperava uma gargalhada e uma imprecação e ouviu apenas o fresco silêncio da madrugada. Cessado o pranto, não limpou os olhos, e pôs-se a mirar os trilhos, os bancos de espera, o telheiro, a penumbra das casas próximas e viu tudo através do espelho de uma lágrima.

– Quero criar o mundo!

Paulo, sentado no meio, equilibrou a garrafa de cachaça no chão e abriu os braços como se crescesse de repente. O corpo maior do que o corpo. A pele, uma jaula para o tamanho que ia tomando. Nem o vômito perturbou a amplidão das mãos estendidas. Escorreu pelo peito, ramificou-se pelas coxas, e foi se empoçar entre as pernas. E a roupa era a roupa nova do dinheiro de algumas talhas vendidas na véspera. Uma de iemanjá, uma de nossa senhora da conceição, uma de pescador de jangada, uma de cangaceiro. Nem acreditou. Na calçada defronte à feira o homem se debruçou sobre seus trabalhos. De longe o grito de carne, peixe, frutas, sabão, e cheiro de laranja pisada. O homem olhou, olhou, separou uma, separou duas, separou três, separou quatro. Quanto é? Pagou. Ia comprar umas toras enormes e começar um trabalho do tamanho das portas da igreja do largo de São Francisco. Encolheu os braços, eufórico com o azedo da boca e o silêncio dos outros. Ninguém dissera merda. Ia talhar o que vira há pouco, a rua sete escura, a praça quinze no fundo, lâmpadas, estrelas, e eles três no meio. Depois comeria todas as mulheres antes de dormir com a sua em casa.

– Penso o mundo!

Pedro Paulo um pouco afastado dos outros, no extremo do banco, esperou bem uns cinco minutos antes de falar. Afastara-se mais pelo porre de Paulo. Prezava sua roupa branca e bem engomada. Era a limpeza de seu tabuleiro, de suas cocadas brancas e pretas, era a limpeza de seu coração nas encruzilhadas da cidade em que meditava sereno. De preferência à noite. Ficava de pé, equilibrado, os braços cruzados, o turbante branco centrado na cabeça, a respiração ritmada. E o mundo lhe vinha. Os compradores não o perturbavam. Os homens, as mulheres, as crianças, os nascimentos, as mortes, os prédios, os terrenos, os gritos dos vendedores de jornais, os estudantes, os viados, as putas, os tiras, os caminhos que chegam e partem, o mar, os peixes, os céus, as estrelas, os pássaros, o mato, as palmeiras, os morros, os crimes, as esmolos, a ternura, o ódio. Mas nunca ousou dizer o que disse, era pretensão demais. Mas Pedro falou. Paulo falou. E ele? Falou também. E o mundo não desabou.

Subitamente os três se ergueram e o abraço foi tão violento que desistiram de esperar o trem. Pedro Paulo no centro, o braço esquerdo no ombro de Pedro, o direito no de Paulo, unidos numa gargalhada, os corpos em permanente fusão dinâmica, as seis pernas oscilantes de um demônio tricéfalo, as vozes dissonantes, as seis pernas oscilantes, se fundiram no refrão do último samba do carnaval que passou. Foram presos à saída da estação, postos numa viatura da polícia, e aguardaram a manhã no xadrez do distrito mais próximo. Houve um incidente ao saírem. Pediram que assinassem qualquer coisa antes. Foi impossível.

Eram analfabetos.

### **\*Ficção – Histórias para o prazer da Leitura. Março / 1976 Nº.3**

Samuel Rawet, neste começo de 1976, mora num pequeno apartamento na Asa Sul de Brasília. Da janela se veem extensos gramados, largas pistas e raros automóveis. No terreno de 160 mil metros quadrados onde se situa o seu edifício, ao lado de outros dez prédios, quase nunca se vê uma pessoa caminhando. Os automóveis entram e saem das garagens, com as luzes acesas, em baixa velocidade, quase em silêncio. Ao atingirem a pista que separa as quadras, chegam rapidamente a 100 km/h e desaparecem quase misteriosamente na distância. É como se tudo se passasse em Alphaville

#### **1976**

★ Ary Pára-raios cria no jornal Correio Braziliense a página Viva Alternativa, que depois dá origem ao jornal independente de mesmo nome, dirigido por Ary de 1988 a 1994, inovador em formato e conteúdo, tendo como eixo a questão ambiental. Inovador foi também o JOU – Jornal Ordem do Universo, que, entre 1976 e 1977, trouxe para discussão temas ligados a cultura e ecologia, reforçando movimentos amplos antinucleares e antiglobalização.

★ To America with Love: Letters from the Underground (Abbie Hoffman with Anita Hoffman, 1976).

★ The Naked Angels de John Tytell, sobre o trio constituído por Kerouac, Ginsberg e Burroughs.

★ Em 1976, duas décadas após o surgimento da geração beat, Allen Ginsberg e William Burroughs criaram a Escola de Poetas Desencarnados, na pequena Boulder, no Colorado, parte do Instituto Naropa, que deveria ser a "primeira universidade budista do mundo ocidental". Sam Kashner, primeiro aluno a se inscrever no curso de literatura da escola, ali viveu por dois anos e lembra com melancolia, humor e muita ironia a pretensão de Ginsberg e Burroughs, e o que foi essa convivência diária em Quando eu era o tal: minha vida na Jack Kerouac School, com tradução e notas de Santiago Nazarian.

★ Carolyn Cassady lança Heart beat: my life with Jack and Neal.

- ★ Jorge Pistocchi edita a revista *Expreso Imaginario* (1976-1979).
- ★ *Keywords – A Vocabulary of Culture and Society* (Palavras chaves – Um vocabulário da Cultura e Sociedade) escrito por Raymond Williams e publicado pela Fontana Press.
- ★ Jane Bowles. *Feminine Wiles*. Intro. by Tennessee Williams. Santa Barbara: Black Sparrow Press.
- ★ Mick Farren lança *The Quest of The DNA Cowboys* e *Synaptic Manhunt*.
- ★ *The John Lennon Story*, livro escrito por George Tremlett

"Sou um sobrevivente. Passei por tudo... Beatlemania... o Maharishi... Terapia... imigração americana... atribuo tudo isso à experiência."

As palavras de John Lennon, ex-Beatle.

Para uma geração inteira, John Lennon é muito mais do que apenas um cantor, compositor ou intérprete; ele é parte de uma lenda, um símbolo de paz, amor e, para alguns, um gênio.

O que fez de John Lennon a pessoa que é hoje?

Como ele sobreviveu sendo uma das pessoas mais famosas do mundo?

Aqui, George Tremlett responde a essas perguntas e relata a vida de Lennon, desde sua infância sem pai até seu papel nos Beatles, incluindo seu relacionamento com Paul McCartney, a influência que Yoko Ono teve em seu trabalho e seus planos para o futuro. Esta é a história de John Lennon.

Publicado pela Futura Books, Grã-Bretanha, 1976.

## 1976

★ Despretensioso. Talvez seja a palavra que melhor se encaixe no significado de um fanzine. Ferramenta de difusão gráfica de baixo custo e produção independente, os fanzines foram amplamente divulgados a partir da década de 60 com os movimentos de contracultura europeus e norte-americanos. A popularidade de um fanzine se média de acordo com a cena musical que ele cobria. Por seu caráter inovador, *Punk Magazine* foi o zine de maior projeção no cenário musical novaiorquino emergente dos anos 70. John Holmstrom seu cartunista e fundador, publicava desenhos no mesmo estilo da revista *Mad*, com um jornalismo de forma simples, direto e tirador de sarro. Ele, juntamente com Ged E. Dunn e Legs McNeil resolveram criar alguma coisa na mídia local para levantar uns trocados. Resolveram batizar o termo punk para descrever um certo tipo de música, estilo e atitude. Ramones, Lou Reed, Blondie, Iggy Pop, Sex Pistols, MC5, Patti Smith, por citar alguns artistas, foram capas das 15 primeiras edições do zine, que saíram entre os anos de 1976 a 1979. "Inferninhos" noturnos, como o CBGB, Max Kansas City e Zeppz geravam material de publicação obrigatória no periódico, assim como os registros fotográficos feitos por Roberta Bayley, Bob Gruen e David Godli. Segundo palavras de Screaming Mad George, um de seus artistas de vanguarda, *Punk Magazine* retratava um estilo batizado por nós de antirrealistas. Consistia em usar uma técnica realista, mas a coisa é totalmente anti-real. É muito perto de Dali do estilo 'paranoico crítico', mas diferente. Não gostamos da violência real, mas gostamos da violência criada, como aquela existente nos filmes. Este estilo nos permite desfrutar da violência falsa, mesmo que seja uma coisa muito, muito horrível. Mas isso não significa que gostemos de violência, quando ela é real. Em verdade, não gostamos de nada que seja real". (Roberta Viana da Silva)

★ Em dezembro de 1976, Shane MacGowan – então conhecido como Shane O'Hooligan – já era uma figura marcante na emergente cena punk de Londres, quando criou o fanzine *Bondage*. Aos 19 anos, ele lançou esse único número do zine, composto por seis páginas, escritas principalmente à mão, fotocopiadas em um único lado de seis folhas de papel A4, todas grampeadas no canto superior esquerdo. Anos mais tarde, MacGowan se tornaria o líder da banda *The Pogues*. Uma cópia original de *Bondage* faz parte do acervo do Museu de Arte Moderna de Nova York.

## • ARTES

Inspirado por outra experiência visionária em que um rosto apareceu em seu dedo e lhe mandou “pintar arte sacra”, Howard Finster abandonou qualquer outro tipo de trabalho e passou a criar pinturas usando tinta de esmalte sobre madeira, lona e metal. Combinando imagens e palavras para ilustrar textos bíblicos, cada pintura é um sermão, ilustrando a mensagem do Senhor.

**1976**

### **Um Desesperado em Busca da Divindade**

**Manifesto ainda que tardio – Fragmentos, assinado por**

**Rubem Valentim**

#### **Resumo**

No texto, Rubem Valentim explora sua identidade como artista plástico e sua conexão profunda com a cultura afro-brasileira. Ele descreve sua linguagem artística como uma síntese dos valores míticos e culturais que recebeu da Bahia, suas raízes africanas, e sua busca por uma linguagem visual que reflita a riqueza cultural do Brasil. Valentim enfatiza a importância de criar uma arte genuinamente brasileira, que dialogue com as tradições locais, ao mesmo tempo em que seja contemporânea e universal. Ele critica o colonialismo cultural e a aceitação passiva das influências externas, defendendo uma arte que emerge das profundezas do ser brasileiro.

Valentim argumenta que sua arte é monumental e busca integrar-se ao espaço urbano e à comunidade, com um forte sentido de pertencimento ao povo. Ele destaca a necessidade de proteger a alma e a identidade cultural brasileira, considerando que a arte é um produto vital da existência humana. Ao final, ele reafirma seu compromisso em transpor seu sentir e sua poética para uma linguagem contemporânea, evitando a caricatura e o kitsch, enquanto procura uma expressão autêntica da cultura brasileira.

★ Carlos Vegara realiza dois novos painéis no Rio de Janeiro: um para o centro comercial na Praça Saens Peña, Zona Norte da cidade, projetado pelo arquiteto Bernardo de Figueiredo, e outro para o Rio Othon Palace Hotel, em Copacabana, na Zona Sul

★ De volta ao Rio de Janeiro, parecia que a experiência havia chegado ao fim quando, em 1976, tal como aconteceu com *O Alienista*, de Machado de Assis, Lygia Clark deu uma guinada de 180°. Renegando todas as experiências anteriores, ela passou a declarar-se uma «não artista» e encaminhou todos seus conhecimentos para o trabalho de terapia ocupacional.

Ato contínuo, montou no Rio de Janeiro um consultório, onde reunia grupos de pacientes, aplicando neles os mesmos testes que fizera com os visitantes de suas exposições.

As reações foram as mais contraditórias. Sempre houve quem protestasse contra o que se designava como mistificação.

Registrou-se, em um ou outro momento, problemas com a aplicação desse tratamento em gente mais sensível e sugestionável. E, como acontece em tal processo, também houve reações positivas, resultando em melhora no estado de alguns pacientes que se submeteram à nova terapia.

## FUTEBOL

A carreira de Lêonidas da Silva, o Diamante Negro; no rádio é interrompida por causa da doença degenerativa da qual foi vítima: o Mal de Alzheimer. Seus comentários foram se tornando confusos e, por vezes, Leônidas esquecia o que estava falando.

1976

## FILMES

Hair. É o musical símbolo da década. O diretor checo Milos Forman queria filmar Hair desde o dia em que o assistiu num teatro de Nova York, em 1967, logo na semana de estreia. Mas a oportunidade só surgiu em 1976, pouco antes de ganhar o Oscar por Um Estranho no Ninho, quando o produtor Lester Persky decidiu que Forman, autoexilado nos Estados Unidos, seria o cineasta ideal para captar o jovial espírito de rebeldia do original.

A filmagem de Hair (custo de 12 milhões de dólares) tinha tudo para não dar certo, devido à rala estrutura dramática do texto de Gerome Ragni e James Rado, pouco mais que uma reunião de belas canções. Nem Forman nem o roteirista Michael Weller haviam feito musicais antes, e, além disso, uma remontagem da peça na Broadway em 1977 fracassara, sugerindo que Hair estava numa situação incômoda: não era mais novidade para o público jovem e ainda não envelhecera o bastante para ganhar valor nostálgico. Mas o filme, com elenco de desconhecidos, superou todos esses obstáculos. A sequência de abertura, com a “tribo” dançando no Central Park, ao som de Aquarius, é arrebatadora, o mais feliz retrato até hoje feito do inconformismo algo ingênuo e inconsequente da geração “flor e amor”. A partir daí, escorado na inovadora coreografia de Twyla Tharpe, o diretor Milos Forman consegue quase um milagre – um filme capaz de funcionar como drama, comédia e observação social. Mesmo os críticos que fazem restrições ao original reconhecem este valor – com uma exceção: David Denby, da revista New York, classificou o filme Hair como “um transplante de cabelo”.

Hair anunciava com grandiloquência que estávamos entrando na era do Aquário; era um eco astrológico da afirmação de Stockhausen: “na Era de Aquário o homem volta-se para os valores intuitivos e supraracionais”.

★ Underground and emigrants, (Andy Warhol ator).

★ Esta Terra é Minha Terra, diretor Hal Ashby. O kung fu David Carradine vive parte da vida de Woody Guthrie, lenda da música folk americana, influenciador de Bob Dylan e de todo os que se aventuraram numa cruzada política contra o establishment.

★ Ritmo alucinante. (1976)

# OBITUÁRIOS

**1976**

## **JANEIRO 05 Segunda-feira**

Living the Beatles Legend é o título do livro de Mal Evans, roadie e amigo próximo dos Beatles. Evans, que também atuou como biógrafo da banda, foi envolto no mito de que o manuscrito original de seu livro havia se perdido para sempre após sua trágica morte.

Mal Evans (May 27, 1935 – January 5, 1976).

O gerente de estrada e amigo dos Beatles mudou-se para a Califórnia para morar com sua namorada, Fran Hughes. Ela telefonou para a polícia dizendo: "Meu homem está com uma arma, tomou valium e está completamente descontrolado." Ao chegar, a polícia o viu com um rifle nas mãos. Eles dispararam seis tiros. Quatro acertaram Mal, matando-o instantaneamente. O rifle não estava carregado.

## **FEVEREIRO 1º Domingo**

Werner Heisenberg (1901-1976).

Werner Karl Heisenberg foi um físico teórico alemão que recebeu o Nobel de Física de 1932, "pela criação da mecânica quântica, cujas aplicações levaram à descoberta, entre outras, das formas alotrópicas do hidrogênio". Wikipédia

## **MARÇO 19 Sexta-feira**

Recém terminadas as gravações do 2º LP do grupo Back Street Crawler em um voo de Los Angeles para New York, onde iria descansar e acertar uma excursão, Paul Kossof acaba falecendo numa poltrona onde dormia calmamente, vítima do segundo e fatal enfarte.

Assim o rock inglês perdia um mestre e a chance de rever novamente o original Free, mostrando a garra e originalidade de suas apresentações.

## **MARÇO 25 Quinta-feira**

Josef Albers (1888 – Bottrop, Westfalen, Alemanha 1976 – New Haven, Connecticut, Estados Unidos). Foi um artista, designer, educador e teórico da arte alemão-americano, conhecido principalmente por seu trabalho inovador no campo da cor e da percepção visual. Ele é mais famoso por sua série de pinturas *Homage to the Square*, na qual explorou as interações entre cores e suas relações visuais. Albers foi uma figura central na arte abstrata do século XX e um dos mais influentes professores de arte da sua época.

## **ABRIL 1º Quinta-feira**

Max Ernst (1891 – Bruhl, Alemanha – 1976 – Paris, França). Foi um pintor, escultor, poeta e artista gráfico alemão, um dos grandes expoentes do surrealismo e do dadaísmo. Conhecido por sua imaginação transgressora e técnica inovadora, Ernst explorou temas como o inconsciente, a fantasia e a natureza, desafiando as convenções da arte tradicional.

## **ABRIL 14 Quarta-feira**

Zuleika Angel Jones (1921-1976)

Zuzu Angel foi morta em circunstâncias misteriosas após denunciar ao mundo o caráter despótico e sanguinário do regime de Emílio Garrastazu Médici. Seu filho, Stuart Angel, havia sido preso, torturado e assassinado pelos militares.

“Ela não pôde segurar o filho morto nos braços, enxugar o suor e o sangue de seus poros e dar o beijo da despedida. Não jogou flores sobre o caixão, nem teve uma sepultura para visitar quando a saudade doeu fundo na alma. Até o fim de seus dias, a mineira de Curvelo Zuleika Angel Jones (1921-1976), que entrou para a história e o mundo da moda como Zuzu Angel, foi guerreira e lutou com todas as forças de mãe para encontrar o corpo de Stuart Edgar Angel Jones, assassinado aos 26 anos, em maio de 1971, pelos órgãos de repressão, no auge da ditadura militar.” Para a jornalista Hildegard Angel, residente no Rio de Janeiro (RJ): “Minha mãe foi uma Tiradentes de saias, e Minas deve se orgulhar dela, pois foi a única, naqueles tempos de medo congelante, a levantar o queixo e apontar o dedo. Intimidava os poderosos. Isso foi notável. Meu irmão não deu a vida de brincadeira, nunca foi festivo. Era um legítimo”.

### **Desfile-protesto**

Mas foi em 1971, que Zuzu fez o "primeiro e único" desfile-protesto de que se tem notícia, realizado no consulado brasileiro em Nova York. Desde o Ato Institucional nº 5 (AI-5), datado de 13 de dezembro de 1968, estava proibido falar mal do país no exterior. "Ninguém podia dar qualquer declaração ofensiva ao governo, do contrário estava fadado a responder processo, ser preso e torturado. Sendo assim, mamãe fez um desfile comovente, com as modelos usando fitas pretas de luxo na manga, gola, pala e cintura dos vestidos. Ao lado dos bordados tão ‘agradáveis’ e costumeiros nas roupas, havia andorinhas pretas, sol quadrado, canhões atirando e até soldados, que, segundo ele, ‘recebiam ordens tirânicas’”.

Em setembro de 1976, Zuzu Angel furou o bloqueio da segurança do secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger, em visita ao Brasil, e lhe entregou nova documentação sobre o desaparecimento do filho, que também era cidadão americano.

"Zuzu era uma pessoa de bem com a vida, mas o fato de não encontrar o corpo do filho a deixava louca de tristeza." (Raimundo Martins dos Santos)

"Meu irmão nunca entregou ninguém, era um ideológico. Minha mãe sabia de tudo, claro, e sempre foi solidária a seu filho", diz a jornalista, Hildegard Angel.

**1976**

### **MAIO 14 Sexta-feira**

Keith Relf, o cantor dos Yardbirds, falece, aos 33 anos, dez após os dias de glória no Marquee, em meio à explosão do blues na Inglaterra. Pobre Keith, que combatia a doença e os efeitos de um colapso no pulmão, e tudo pela música que tanto amava, foi finalmente morto por esse amor quando foi eletrocutado enquanto afinava uma guitarra que não estava devidamente aterrada. O acidente aconteceu em sua casa em Hounslow, no condado de Middlesex, ao oeste de Londres, onde ele foi encontrado pelo filho de oito anos, ainda segurando a guitarra elétrica conectada. O The Yardbirds teve os sucessos "For Your Love", "Heart Full of Soul" e "Shapes of Things".

### **AGOSTO 02 Segunda-feira**

Friedrich Christian Anton Lang. (5 dez. 1890, Viena, Áustria – 2 ago. 1976), Beverly Hills, Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos. Mais conhecido como Fritz Lang, foi um influente cineasta austríaco-alemão, que mais tarde se naturalizou americano. Considerado um dos mestres do cinema

expressionista, Lang se destacou por sua habilidade em combinar inovação técnica e narrativa com temas sociais e psicológicos profundos.

Seus primeiros filmes na Alemanha, como *Dr. Mabuse, der Spieler* (1922) e *Die Nibelungen* (1924), exploram temas de poder, manipulação e heroísmo. Sua obra-prima *Metropolis* (1927) é um marco na ficção científica e no expressionismo alemão, visualmente impactante e conhecida por sua visão distópica de uma sociedade futura. Outro destaque é o filme *M* (1931), uma história sombria sobre um assassino de crianças, que trouxe reflexões sobre a justiça e o mal, além de uma das primeiras atuações de Peter Lorre.

**1976**

### **AGOSTO 10 Terça-feira**

Karl Schmidt-Rottluff (1884, Alemanha – 1976, Berlim, Alemanha). Foi um pintor e gravurista expressionista alemão, e um dos membros fundadores do grupo artístico *Die Brücke* (A Ponte), que teve papel crucial na formação do Expressionismo na Alemanha. Conhecido por suas cores intensas e linhas fortes, Schmidt-Rottluff explorava temas emocionais e espirituais, buscando expressar a essência humana e a força da natureza. Sua obra é caracterizada por composições vibrantes e simplificadas, com influências da arte primitiva e de culturas não ocidentais.

### **AGOSTO 22 Domingo**

Juscelino Kubitschek (1902-1976). O Presidente falece em um trágico acidente automobilístico na via Dutra, perto da cidade de Resende, no estado do Rio de Janeiro.

### **OUTUBRO 1º Sexta-feira**

Fritz Winter (1905 – Altentebogge, Westfalen, Alemanha – 1976 – Herrsching Am Ammersee, Alemanha). Foi um pintor abstrato alemão e uma figura central na arte moderna europeia do século XX. Winter estudou na famosa escola Bauhaus em Dessau, onde foi aluno de mestres como Paul Klee e Wassily Kandinsky, cujas influências podem ser vistas em suas obras. Ele desenvolveu uma linguagem visual única que combinava cores intensas e formas geométricas com temas orgânicos, refletindo sua afinidade com a natureza e o desejo de expressar uma realidade interior.

### **OUTUBRO 25 Segunda-feira**

Raymond Queneau [1903-1976]. Foi um escritor, poeta e matemático francês, conhecido por sua engenhosidade literária e humor sofisticado. Membro cofundador do grupo literário Oulipo (*Ouvroir de Littérature Potentielle*), Queneau explorava maneiras criativas de estruturar a linguagem, combinando técnicas matemáticas com literatura. Sua obra reflete um interesse profundo pela língua francesa e pelo jogo de palavras, desafiando convenções narrativas tradicionais.

### **OUTUBRO 26 Terça-feira**

Morre um dos principais pintores do modernismo brasileiro Emiliano Di Cavalcanti. Glauber Rocha, "Eu vim para confundir...". Outubro de 1976, filma o velório do pintor Di Cavalcanti, sob uma onda de indignação familiar e olhar perplexo dos presentes.

### **NOVEMBRO 11 Quinta-feira**

Alexander Calder (1898 – Filadélfia, Estados Unidos – 1976 – Nova York, Estados Unidos). Foi um artista e escultor americano, amplamente reconhecido por ser o inventor do *mobile* e por suas esculturas cinéticas. Nascido em uma família de artistas, Calder inicialmente estudou engenharia

antes de se dedicar à arte. Sua carreira decolou na década de 1920, quando começou a criar esculturas móveis que desafiavam a gravidade e o convencional.

### **NOVEMBRO 18 Quinta-feira**

Man Ray (1890 a 1976). Foi um artista, fotógrafo e cineasta americano, considerado uma figura fundamental do movimento surrealista e da arte moderna. Nascido como Emmanuel Radnitsky em Filadélfia, ele se mudou para Nova York, onde começou sua carreira artística, inicialmente como pintor e escultor.

Man Ray é mais conhecido por suas inovações em fotografia, particularmente por suas técnicas experimentais, como a rayografia, que envolvia a exposição de objetos diretamente em papel fotográfico, criando imagens sem a necessidade de uma câmera. Ele também explorou a fotografia surrealista, capturando composições oníricas e provocativas que desafiavam as normas convencionais da representação.

### **DEZEMBRO 04 Sábado**

#### **Morre Tommy Bolin, Ex-Guitarrista do Deep Purple**

O guitarrista norte-americano Tommy Bolin faleceu tragicamente aos 25 anos em um hotel em Miami. Seu corpo foi encontrado por sua namorada, Valeria Monzeglio. Na época, Bolin estava em turnê pelos Estados Unidos com sua nova banda, Sailor. Após uma apresentação e uma festa em sua homenagem, ele retornou ao hotel, onde veio a falecer.

Bolin iniciou sua carreira em bandas locais em sua cidade natal e ganhou destaque com a banda Zephyr. Posteriormente, juntou-se ao James Gang, onde consolidou seu talento. Após sua passagem pelo Deep Purple, que culminou com o álbum *Come Taste the Band*, ele lançou dois álbuns solo aclamados:

*Teaser*, lançado pouco antes de entrar para o Deep Purple, e *Private Eyes*, após sua saída. Virtuoso e versátil, Bolin deixou uma marca significativa no rock e no jazz fusion, com uma sensibilidade musical única que perdura na memória dos fãs e músicos.

**1976**

### **DEZEMBRO 28 Terça-feira**

#### **Blues Perde um Rei: Freddie King**

Aos 42 anos, vítima de um ataque cardíaco, faleceu Freddie King, um dos maiores mestres da guitarra no blues moderno. Com diversos LPs lançados no Brasil, Freddie King teve uma influência decisiva sobre vários guitarristas de rock que seguem na ativa. Frequentemente, ele tocava ao lado de Eric Clapton, que o considerava um de seus mestres mais queridos. Clapton, aliás, gravou várias músicas de King, assim como John Mayall, Maggie Bell e outros nomes igualmente renomados.

Freddie King iniciou sua carreira em 1956 e, até sua morte, foi um dos bluesmen mais ativos, lançando pelo menos um LP por ano e se apresentando intensamente pelos Estados Unidos e pela Inglaterra. Com uma habilidade técnica impressionante e uma presença de palco vibrante, ele influenciou profundamente uma geração de músicos de blues e rock. Sua carreira promissora foi tragicamente interrompida em 28 de dezembro de 1976, quando ele faleceu devido a problemas de saúde agravados por anos de turnês exaustivas e pressão arterial alta.

NEBLINA — 1976/1977 — Nos fundos da TV Bandeirantes, no dia em que gravaram um especial para o programa do Tavinho Ceschi. Da esquerda para a direita: Serge Mor, voz; Kokinho, no Precision Bass; Nacho Smilari, guitarra; e Gavioto (Beto Cury), bateria. Uma ótima banda e grandes amigos.





VELUDO, 1977

### **VELUDO: HISTÓRICO DA 2ª FORMAÇÃO**

Quando o Veludo estreou, em 74, Nelsinho Laranjeiras estava montando outro grupo com Paulinho Muylaert, Miguel Pedra e Ari Mendes. Duas semanas após a estreia, Nelsinho foi convidado por Elias para entrar no Veludo, com o objetivo de transformar os arranjos que já estavam ensaiados. Seus novos companheiros, Paul de Castro e Gustavo Schroeter, deram-lhe total liberdade para esse fim.

E Nelsinho abusou: inverteu tempos fortes por fracos, acrescentou novas frases e criou levadas latinas onde o rock predominava. Mas também deixou clara uma coisa: iria continuar ensaiando com o seu outro grupo. Todos concordaram.

Alguns meses depois, Gustavo teve que deixar a banda, pois não conseguia conciliar a agenda de shows do Veludo com a de Jorge Ben.

Depois de testar vários bateristas, Nelsinho indicou Ari Mendes, multi-instrumentista de sua outra banda. Todos aprovaram a escolha, e o Veludo seguiu em frente.

De repente, surgiu uma grande chance para o grupo: precisavam de uma música para ser tema da novela *Roque Santeiro*. O grupo seria lançado como “a grande revelação do rock brasileiro”, segundo Nelson Motta. A música escolhida era uma das muitas que Nelsinho havia composto naquele ano. Aproveitando esse momento, ele uniu, pela primeira vez, o Veludo ao seu outro grupo.

A gravadora Som Livre estava apenas começando, e lá estavam todos os componentes — atuais e futuros — do Veludo, juntos, para gravar “Barriga de Fora”. Dois dias antes da tão esperada estreia da novela, surge uma notícia malfadada: a ditadura censurou sua exibição. Balde de água fria.

O grupo ficou meio sem rumo, e uma grande oportunidade surgiu para o guitarrista e fundador da banda, Paul de Castro. Ninguém menos que Sérgio Dias, seu amigo, o convidou para integrar Os Mutantes. Claro que ele aceitou.

E, em menos de duas semanas, o tecladista Elias também anunciava seu desligamento: iria casar, assumir a loja do pai e tentar carreira solo.

Com a saída dos dois fundadores, o fim do Veludo já parecia anunciado. Nesse momento, Nelsinho Laranjeiras assumiu a liderança e a responsabilidade de levar o grupo adiante. Ao seu lado, seu fiel parceiro Ari Mendes, o superguitarrista que havia entrado tocando bateria no lugar de Gustavo.

Sem a menor cerimônia, Nelsinho incorporou sua outra banda ao Veludo, que, a partir de então, passaria a ter sua liderança e direção. Paul de Castro estava feliz nos Mutantes. Elias, por sua vez, não esperava que Nelsinho tivesse força para continuar: assumiu a loja do pai, casou-se e se afastou dos roqueiros cabeludos. Levou um susto ao saber que o Veludo não havia acabado.

Amigos, músicos e crítica — ninguém acreditava que isso seria possível. Afinal, metade da banda partia para outros voos. Mas Nelsinho não se dava por vencido. “Arregacei as mangas e comecei a trabalhar”, confessou posteriormente.

Surgia, dessa forma, a segunda formação do Veludo, que ficaria conhecida por dar uma grande guinada rumo à fusão do rock progressivo com ritmos latinos, explorando intensamente a percussão e os instrumentos acústicos.

## **HISTÓRICO 2**

O Veludo agora era formado basicamente pelo antigo grupo de Nelsinho. Ele trouxe mais dois reforços: o baterista Afonso Correa, o que possibilitou a ida de Ari Mendes para a guitarra — seu verdadeiro instrumento —, e a talentosa multi-instrumentista Flavia Cavaca, que passou a exercer diversas funções na banda.

Pronto. Foram alguns meses de ensaio rumo à estreia do novo Veludo.

## **HISTÓRICO 3**

Teatro cheio. Vários músicos de outras bandas, amigos, fãs e curiosos. Todos ficaram perplexos: estavam diante de uma banda tão boa quanto a anterior.

Com um repertório autoral de belas composições e um grande desfile de instrumentos acústicos — que se fundiam constantemente com o peso de duas guitarras, baixo, bateria e percussão —, o Veludo ressurgia.

Ao final do show, vendo o entusiasmo do público e dos amigos, Nelsinho teve a sensação de dever cumprido. “Provei para mim mesmo, e para todos, que poderia liderar e montar qualquer grupo musical”, declarou posteriormente (1976).

## **HISTÓRICO 4 – VELUDO 2015**

Essa característica ele carrega até hoje. Foi com ela que produziu o CD *Veludo ao Vivo*, em 1994, um marco histórico para colecionadores e pesquisadores do rock brasileiro.

É com essa mesma obstinação que agora nos brinda com o CD *Veludo 2015*, que resgata parte do repertório apresentado naquele dia memorável em que ele, Ari Mendes, Paulinho Muylaert, Flavia Cavaca, Afonso Correa e Miguel Pedra demonstraram talento para honrar a continuidade de uma banda que abrigou grandes músicos e muitas histórias — histórias que não devem, nem podem, ser esquecidas.

1977

## **VOU SOLTAR UMA AVALANCHE DE DEMÔNIOS**

Eles me queimaram sem fritar, me queimaram até para as novas gerações... tentaram me tirar tudo...

Meu padrinho veio dar uma de ‘João sem braço’ e só depois a ficha caiu. Ele perguntou sobre drogas e eu tinha 13 anos, vivendo num buraco na QNJ. O ano anterior, eu atravessara os sábados camuflado de pequeno cristão na igreja. Agora, eu tomava conta da Vidraçaria. Meninos surgiam para atormentar meus dias. Eu tinha que atacá-los com pontas de vidro – um monstro, um perdido, um rebelde, um louco. Estudando cinco dias e trabalhando no sábado, meu futuro escolar era uma bomba-relógio.

### **P Norte**

No serviço público dei muita ideia. Só que agora que não dou mais: Espero morrer e não ter que voltar’, repito aos porteiros nas sextas-feiras; eles riem. Os Vigilantes são cordiais e tomamos mais liberdade com eles. Me refiro a pretensas autoridades como ‘aquele Peão?’... Eles riem mais ainda. E, aí Peão, então você é do P Norte conheceu o Mercadinho Santos? Pertencia aos meus tios!’ O cara não acredita: ‘... sério mesmo?’

O Mercadinho ajudou muito a população de lá (no desenvolvimento). Depois contarei como foi vender roupa na Feira no Pedregal aos treze anos. Foi quando me percebi um freak bizarro, um doido varrido, pois na minha empolgação: ‘Pô arrebentei!’ O Padrinho, falou para a minha mãe que eu era um fracasso. Definitivamente surtei e entrei no rock’n’roll.

### **Quem tem padrinho não sofre overdose**

A minha família é de São Paulo, vinda do interior da Bahia. Para ilustrar, eu digo que tínhamos um viés concretista. Aquela origem da São Paulo da garoa, da boêmia. Meu pai trabalhava no forno da fundição e, por ser mais capaz, aprendeu outras funções importantes – o que não o poupou do desemprego. Dona Madalena, a vizinha, mais velha do que o século. Em idade avançada, usava meias e vestido esvoaçantes. Vivia varrendo. Varria a calçada, varria o jardim, talvez varresse a solidão. Pela boca dela ouvimos: ‘... naquela bebedeira do Milton, não tinha só cerveja!’. Foi minha primeira referência à ‘bagonha’. Depois, dona Madalena falava: ‘... foram os Tupamaros que roubaram os bancos e mataram as pessoas!’ Quem eram eles? Revolucionários uruguaianos agindo no Brasil? Suas informações chegavam pelo rádio, a rádio Barros de Alencar. Assim eram os anos 70 na Sampa da minha infância.

Cheguei na capital e vi os comícios de punks e bancários, e pensei: ‘Em Brasília a política é irresponsável, eles não seguem leis, uau!’. O grande advogado era o Maurício Corrêa e o Santo Guerreiro era o Mário Eugênio. Os tempos mudam e as pessoas caem. Me recordo que naqueles tempos as pessoas eram marcadas a ferro quente – principalmente quem estudava na UnB.

Aos catorze anos incompletos, me interrogaram sobre o consumo da maconha. Isso era o que se passava pela cabeça do Padrinho. Para aquele meu comportamento errante e fuso-horário alterado, somado à queda de rendimento escolar, devia haver uma cortina de fumaça. Diamba fumada na escola, na rua? Com quem? Acho que nesse dia, me achei um bosta. Nem sabia do que o Padrinho falava. Tudo se resumiu em indignação. Meu Padrinho teve cuidado com as palavras, mas eu fui fichado pela primeira vez em casa. Ali me tornei um junkie do rock’n’roll do colecionismo e eu só

queria assistir filmes tarde da noite e no outro dia acordar cedo, já queria me encaminhar para servir ao sistema. Isso me ajudou a compreender os jovens das próximas gerações.

O pior de tudo é que, de início, não captei a mensagem. Não sabia do que o Padrinho falava. Então, depois de tentarem se livrar de mim, ameaçaram me internar no reformatório, me colocar na igreja. Mas, eu estava crescendo e escapei. Desde então, a minha vida será rock'n'roll. Décadas depois, chegaram os primos e mostraram aos pais com quantas canoas se faz uma embarcação.

### **"Rock'n'Roll, dei-lhei os melhores dias da minha vida!"**

Embarquei nessa só com bilhete de ida e fomos conhecendo gente louca. Uma única condição: jamais apareça no portão da minha casa para me chamar... até hoje eu sigo essa canção... jamais pinte na minha porta sem ser convidado. Anos de balcão nos botecos ao lado da vidraçaria me ensinaram. Naqueles idos da adolescência de duros e gentis aprendizados, nosso salmo era o programa Gogó Das 7 – onde, logo cedo, já se sabia quem estava em liberdade e quem estava atrás das grades. Conhecia alguns dos nomes dos crucificados que saíam no Gogó Das 7 – Carrefour, Rêê, Doidinho, Gregorinho, Quarenta, Espigão, Tatu, Caveirinha e heustórias da Loira do 38, A Mansão do Aborto.

Eu procurava emprego com carteira assinada. Meus dedos eram cortados de colocar vidro nas casas. O Garoto, do Chaplin, pelo menos se divertia, apedrejando as vidraças e desaparecendo na esquina. O futuro? Amolecer massa com óleo diesel queimado. E hoje, você chora meu quase infausto futuro com vidro quebrados? Vá se f\*\*\*!

### **Left Side 'Mamma mia'**

Voltava a pé do CTN para a QNJ para casa para guardar o troco da passagem. Fui o rei da porta de trás do 'baú' – 38 anos depois, eu fui trabalhar no transporte e encontrei alguns daqueles motoristas que sabiam que eu descia pela porta de trás para comprar um livro; acredite, o preço da passagem equivalia ao preço de um livrinho.

De vez em quando eu voltava do M Norte no dedão, porque não consegui descer – era roleta russa. Uma vez, na banca da velha Shis, uma decisão difícil: um gibi de herói uma revista Pop ou a Rock? Quem estivesse na capa decidia.

Maroca, a vizinha na QNJ 5, não ficava nem um pouquinho satisfeita quando tocávamos na vitrola este hit. Pelo menos Maroca não era hipócrita de censurar a música como muita gente aí.

Quando na parada do cemitério não subia gente no Alvorada, o jeito era pagar a passagem e descer na primeira parada da M Norte – que era chamado de Planeta Dos Macacos – e era longe pra caramba da velha Shis Norte das casas grandes da Novacap.

Na época das águas, era esparramada serragem de madeira no interior dos ônibus, o soalho deles era besuntado com óleo resultava escorregadio. Os ônibus eram tão velhos que nos seus pisos havia buracos e rodávamos vendo o asfalto e a poeira entrando. Meus pais, me levavam para comprar calça Panuzzi na Feira da Ceilândia. O único ponto de referência do Setor O, a única coisa que existia, era o ponto final. As casinhas da Shis eram padronizadas! Havia uma depressão (o zeitgeist de uns dias tão estranhos) que ameaçava a cidade e sair do conjunto poderia ser fatal. Em Samambaia, a primeira coisa que a Terracap fez foi licitar lotes comerciais – onde as lojas seriam maiores.

Voltando à Ceilândia, suas ruas transversais da ponta até o final tinham desníveis de 50cm a um metro e os moradores escavavam degraus até as suas portas. O governo abria as ruas e a enxurrada levava tudo. Foi assim por muito tempo. A maior aventura era dirigir um Fusquinha sem limpadores

de para-brisas, passando creme dental no vidro externo, e mesmo assim embaçava o tempo todo! Da velha Shis, pela QNL, chegamos a pé na inauguração do Serejão, estádio de futebol. Pela redondeza, só havia chácaras, até o Clube Primavera de Taguatinga.

### **'Faroeste caboclo', o filme**

Vi o filme ontem pela primeira vez e a tela grande não é referencial, é licença-poético geohistórica – a Ceilândia do filme não tem nada a ver com a real. Eles ‘erraram de satélite e filmaram a Samambaia, que existia em 1978, porém o filme se passa numa Ceilândia onde já havia asfalto água encanada e cara de cidade. Em tempo, em Samambaia era onde os cadáveres eram desovados pelo Esquadrão da Morte.

A Ceilândia era urbanizada e teve barracos substituídos, como no Ban-ban. Lá existia a pista central com a linha 316, regular até o sul de Ceilândia, Ceilândia Norte e Setor O. Depois é que veio a M Norte e as QNQ e QNR são recentes.

### **Zoorigens**

*Lá tinha a Vila Tenório, IAPI e Esperança. Tinha o Morro do Urubu,*

*Na Vila do IAPI, as malocas perigosas todas partiam dali.*

*Mas depois da remoção, vieram todos pra'qui.*

*Nestas imediações, perto do IAPI, a Chácara São Néilson, no Bernardo Sayão, vivi. Onde moramos agora, bem perto está, do lado do Guará 2, nosso lar, nosso lugar.*

**\*Nota: nestas imediações do lado do IAPI, no Bernardo Sayão existia a Chácara São Néilson, onde vivemos**

### **Blues do motorista**

‘Assim, se o visitante encontrarem plena Estação Rodoviária uma reunião de nordestinos portando violão, índio xavante com adereços de madeira nos lóbulos da orelha e gaúcho trajando calças no estilo bombacha, não se deve assustar, pois esta situação está muito longe da extinção. Isso porque nas cidades-satélites e nos municípios goianos que formam a periferia do Distrito Federal, se observa uma clara manutenção de costumes regionais de seus habitantes, pessoas originárias dos mais diversos pontos do país.’

Somos operários, eles me deram um diploma. Meus parentes dirigiam coletivos, carretas, guinchos, táxis, e mais tarde, bares, mercadinhos, vidraçaria e lojas de confecções. O que não se faz para ganhar a vida dignamente: ‘Enquanto almoço e tiro o cochilo, você fica de ouvido no rádio do guincho: se falar esse prefixo, você ouve e me fala’.

O longo ônibus estacionou em frente à casa na QNJ 5. Lá estavam o finado Milton, irmão de Antenor, casado com a tia Lídia. Uma bela família, composta por cinco primos: ‘Vou levar o Mário para um giro na Rodoviária’. Aberta a gaveta das economias não tinha uma nota. Levei um sabão porque eu sempre estava duro, eu só tinha treze anos. Mas fui feliz, em direção ao Plano Piloto. O f\*\*\* é que foi pela via do Buriti. O ônibus estacionou atrás dos Ministérios, numa garagem na L2 Norte. Descambamos para a Rodoviária. Que piquenique maravilhoso, com pastel e caldo de cana da Viçosa.

Voltamos às 17 horas, com os servidores federais. Desci na parada da garagem da Alvorada e o ônibus seguiu para a Ceilândia.

Jamais tive oportunidade agradecer ao Milton por ter me levado para me divertir na Rodoviária, na nossa realidade de peão boiadeiro não existia Plano Piloto.

Longuito dirigia o guincho da Pioneira. Por isso, os caras que trabalharam comigo no GDF me reconhecem das antigas: pelos calotes perpetrados nos ônibus dirigidos por eles em Taguatinga e no Guará – tudo para economizar um troco e comprar um gibi ou livrinho. Não existiam sebos, só as livrarias do Conjunto Nacional.

Ainda me lembro dos almoços no Gama, aos domingos, na casa da dona Josefa, mãe do meu falecido tio Longuito.

Tinha-se que pagar empréstimo compulsório sobre o preço das passagens aéreas, por isso poucos conseguiam sair do Brasil. Longuito era um dos poucos homens que podiam sair do país, ele era motorista de ônibus e ia ao Paraguai e, quando retornava, revendia filmadoras gigantes, maiores do que cabeça de elefante – nós nunca nem tocamos nas filmadoras.



*Melhor calote do mundo era ao meio-dia na W3 Sul*

### **Calote de passagem de quando o rock Brasília nem existia**

Sem direito de ir e vir – Você não entende que calotar era um ato de rebeldia e se espalhou pelas linhas. Imagine o prejuízo das empresas. A passagem era cara como um lanche e ainda não tinham inventado o vale transporte para o trabalhador.

O problema crucial era a mixaria para comprar um livrinho da coleção Primeiros Passos, pagar as duas passagens, tomar um caldo e um pastel. Estudante não tinha grana e nem nossos pais, tornei-me meio biscateiro para colocar pequenos pedaços de vidros nas casas para defender os LPs, o rango, o frango, a vódica, o velho barreiro e o chapinha. Andávamos de bicicleta.

‘Calotar era doido demais. As empresas colocaram leões de chácara que, quando pegavam no cacete, era f\*\*\*. Depois do meu primeiro calote, hum! Nem ai para os seguranças: era todo dia.

‘Nos anos 80 ir parar na Discoteca Zoom no Gilberto Salomão, era emoção, só no calote, mas eu tinha medo. Não de ser pego, o problema seria se a denúncia do calote chegasse lá em casa. Então, eu ia mais cedo e, quando a galera chegava, eu inventava mil estórias de calote. Eu tinha um amigo, o Jarbas, que sabia. Então um dia ele me enquadrô: ‘Ou você calota comigo ou conto para todos a sua farsa!’ Humf! Foi o jeito ir com ele. Quando chegamos na parada, a adrenalina a mil, o baú vai parando o ‘esperto’ do Jarbas abrir o vidro da janela e pular. A porta se abre e eu desembarco. Vejo então, o espertalhão esticado entre o meio fio e a calçada, gritando. Torceu o tornozelo. Mesmo assim, conseguiu correr para dentro da Discoteca Zoom. Eu dançava ouvindo Hojerizah e ele com gelo nas canelas o resto é heustória... (...)

‘Punk! O Leleco derrubou uma senhora com as compras na 509 Sul. Foi laranja para tudo que é lado da pista e ele não sabia se ajudava a velhinha ou corria. O susto dos gritos dela assombrada com seu moicano de três palmos de altura... bons tempos.’ — Antônio Gonçalves

‘Mário, o seu problema de contador de estórias não é problema: essencialmente você descreve (e escreve, porque a grafia é imperativa) o Guará, sua aldeia como um roqueiro da segunda geração dos pós Segunda Guerra descreve Berlim. O problema, sim, é que o Guará não é Berlim. Mas a força do nosso underground tupinambá não perde (nem os pênaltis) pros bunkers felizes dos comedores de chucrute.’ — Roberto Gicello.

**1977**

**Leme/Leblon (para Eduardo e Felipe)**

**Renato Manfredini Jr.**

Se um dia você encontrar O Ícaro do século XX que viveu a estória da folha seguinte, diga a ele que eu o matei por inveja: eu sempre quis voar.

**I**

Pelas velas que só são velas por causa do cheiro ocre / óleo de soja dos pastéis que animais devoram em troca de menos uma verde do bolso. Ele descia Ilhado e flutuante metal cromado, lona e fuga nos ombros O peso da asa triângulo grego O peso das escadas sujeira zona sul O peso da água em pouca quantidade Fria num dia de verão do chuveiro de azulejos cinzas O peso dos livros E da consciência paterna E o zelo materno O pesadelo vocal na hora do almoço (filet burguês com arroz mineiro) Todo dia todo dia todo dia todo dia todo dia todo Rio de Janeiro Uma pensão um quarto uma cama um armário Discos livros coisas Sempre drogado assistindo os pontos que passam à velocidade De quem sabe quantos anos luz Na televisão sem a imagem falsa das quatro horas da manhã Só a luz boa dos pontos que voam em preto e branco E o livro de Química no colo E o livro de Hesse na mente E a morte (talvez) no coração.

## II

Distante muito da cidade suja Subida dura mas o leve peso Os pés doendo com as marcas simples Do tênis velho na ladeira clara E então as curvas que nunca terminam Sol sem futuro alto da Tijuca Antigamente era Boa Vista E o peso aumenta e a subida chega Onde a clareira escura o espera E enquanto isso lá no labirinto Mendigos, ternos, lojas e edifícios Escolas, táxis, doces e meninas Dinheiro, dores, praia e esquinas Saudade, amor perdido e inocência Crianças feias, torres de concreto Sempre sempre sempre sempre.

## III

Em Belo Horizonte era diferente Em Belo Horizonte não era assim Em Belo Horizonte quinze ou quatorze Rio de Janeiro então dezesseis Rio de Janeiro de sete às três Rio de Janeiro amigos não Rio de Janeiro sujeira e sol Em Belo Horizonte não era assim.

## IV

Quanto tempo perdido entre livros inúteis e a vida Passando lá fora E sempre a lembrança esquisita de que ele já tinha feito E aquilo que já tinha sido e as coisas do vento e do sal Do mar No rosto O vento. Já na segunda vez com pés velozes e seguros E exatos como o pulo E a dança E o grito Inocente Animal Selvagem até Ele voou Só a asa delta estúpida atrapalhava E então ela some E o tecido é rasgado que antes fizera E o cheiro intrigante do doce de leite que a mãe Fazia tão bem E a moto esquecida de dia queimava o asfalto vazio E ele cedia E meninas cercavam seus olhos E ele cedia ao perfume barato ou Chanel que se importa Quando se tem alguém para abraçar se esquece (mais ou menos) Da prova do dia seguinte.

## V

O verde e a madeira A essência do azul No alto a corrida O peso incômodo das asas no começo A primeira tentativa cortada pela força do vento Que o jogou de volta Ao verde do capim ou da grama (rapaz urbano ele nunca sabia) O laranja e o azul e o branco Firmes com o cromado metal Os fios e as cordas suporte A força do vento e do sal Do mar No rosto dos ritos De calça jeans made in Brazil Numa ação desconexa Num ballet infantil Em pleno ar Uma dança cômica e triste O grito crescente A descoberta do que era ser livre Livre? Palavra ruim – mais um grito Não existem palavras Não existem palavras Não existem palavras – Sou um anjo! Gritou. E o azul do mar o cegou No ar Caiu um dia em qualquer lugar Entre o Leme e o Leblon. E o baque com a água fez com que explodisse no Dia seguinte em todos os Última Hora da vida: "Estudante de Direito morre ao se jogar da Pedra da Gávea". Erraram o lugar Erraram o seu nome E um pedaço do pano azul e laranja e branco solto

## 1977 JANEIRO

### **Cacho Valdez em Estúdio e Rumo à Estrada**

Cacho Valdez entra em estúdio no próximo mês para gravar seu primeiro LP, Alma, que será lançado pelo selo Underground da Copacabana no final de março. Valdez está dando atenção especial

ao projeto, especialmente na seleção das canções e dos músicos que o acompanharão, garantindo que o álbum tenha uma produção cuidadosa. Após a finalização do LP – que ele também planeja lançar no exterior – Valdez dará início a uma extensa turnê nacional, com o apoio do Plano de Ação Cultural do Rio de Janeiro.

Além disso, entre os planos do artista estão a participação no Festival de Miden e a organização de uma turnê pelos Estados Unidos. Para quem ainda não conhece, Cacho Valdez é um talentoso guitarrista argentino que vive no Brasil há 10 anos. Embora já tenha integrado diversos movimentos musicais, é agora que ele começa a alcançar maior reconhecimento e popularidade.

### **JANEIRO 21 Sexta-feira**

- Timothy Leary Dedo-duro?

### **JANEIRO 23 Domingo**

#### **Pink Floyd está de volta com Animals**

Um curioso incidente atrasou o lançamento de Animals, o novo álbum do Pink Floyd. A Hipgnosis, estúdio responsável pelo visual da maioria dos álbuns da banda, criou um balão gigantesco em forma de porco para a capa. No entanto, durante a sessão de fotos, uma rajada de vento soltou o balão, que foi levado por muitos quilômetros, causando susto nos moradores da região e atrasando todo o trabalho de produção.

Animals é o primeiro LP do Pink Floyd desde Wish You Were Here, lançado em junho de 1975, e apresenta três faixas principais: “Pigs” (Porcos), “Dogs” (Cachorros) e “Sheep” (Ovelhas).

★ O contrato com a EMI é rompido. A gravadora não aguenta as pressões e campanhas contra os Pistols.

★ Bagga's Guru, era a banda do "patrulheiro" Sérgio Santana, cantor, compositor e contrabaixista. Ele se juntou à Patrulha do Espaço três anos depois.

### **JANEIRO 29**

Buzzcocks lança seu primeiro disco, o EP Spiral Scratch.

### **FEVEREIRO 10, 11, 12-13 Quinta-feira, sexta-feira, sábado e domingo**

Terço/Mutantes/Beatles, show Como nos velhos tempos, curta temporada de quatro dias no Teatro Municipal de São Paulo, destaques para os lindos vocais de Flávio Venturini em “Let it Be” e de Sérgio Dias em “Get Back”, todos vestidos a rigor dentro dos fardões do Sargento Pimenta.

“Realmente esse show foi muito marcante e estamos caçando essa fita, pois o show foi gravado em 16 canais com equipamento profissional.” — Sérgio Hinds



Mutantes, O Terço e Beatles '77 Registro icônico pelas lentes de Carlos Hyra.

## Como Nos Velhos Tempos: homenagem aos Beatles



O Terço mostrará as canções de Casa Encantada



Os Mutantes executam músicas do LP gravado ao vivo

"Somando-se Mutantes e O Terço, teremos como resultado os Beatles". Essa é a proposta do empresário Mario Buonfiglio que, a partir de amanhã, promove no Teatro Municipal de São Paulo (praça Ramos de Azevedo) o show *Como Nos Velhos Tempos*. Na primeira parte do espetáculo, Mutantes e O Terço irão apresentar ao público paulista as músicas de seus mais recentes LPs — *Mutantes ao Vivo* e *Casa Encantada*, respectivamente. Na segunda parte, os dois grupos se unirão para executar os principais sucessos dos Beatles.

A idéia, segundo Buonfiglio, nasceu há muito tempo: "Vem desde a primeira exibição dos dois grupos num mesmo show, em Belo Horizonte (Minas Gerais). Graças à colaboração do Departamento de Teatros da Secretaria Municipal de Cultura, na pessoa de Maurice Vaneau, nos foi concedido o Teatro Municipal de São Paulo". Prosseguindo, Buonfiglio faz questão de divulgar a aparelhagem dos

dois grupos, que funcionarão a todo vapor na homenagem aos Beatles referindo-se também às pessoas recrutadas para acioná-la: teclados, órgão hamond, mini moog, mini korg, khodes, stein-way piano, hohner strings e órgão solina; guitarras: fender, stracocaster, rickenbacker, danelectro, sitar, pedal steel e showbud; contrabaixos: rickenbacker, fender, stratosonil e violino e mais 8 amplificadores, 4 caixas para guitarras, 4 caixas para contrabaixo, 34 microfones, 8 tweeters, 3 mesas de som, 3 operadores de som, 2 equipes para iluminação, dezenas de spots, canhões, 8 montadores etc. Segundo ele, "nunca teve tanta aparelhagem no palco no Teatro Municipal de São Paulo".

A abertura do show caberá aos Mutantes, que executarão as seguintes músicas: *Anjos do Sul*, *Bem-vindos-Mistérios*, *Trem*, *Dança dos Ventos*, *Sagitários*, *Esquizofrenia*, *Rio de Janeiro*, *Loucura Pouca é Bobagem*, *Hey Tu*, *Rock'n Roll Baby*, *Tudo Explodindo* e *Grand Finale*. A seguir, O Terço execu-

tará as músicas de seu segundo LP, *Casa Encantada*: *Flor de La Noche I*, *Luz de Veia*, *Guitarras*, *Foi Quando Vi Aquela Lua Passar*, *Sentinela do Abismo*, *Flor de La Noche II*, *Casa Encantada*, *Cabala*, *Solaris*, *Vão da Fênix* e *Pássaro*. A homenagem que será prestada pelos dois conjuntos aos Beatles, terá caráter de retrospectiva da carreira dos quatro músicos de Liverpool. Entre as músicas selecionadas, poderão ser ouvidas *She Loves You*, *Help!*, *Lady Madonna*, *Magical Mystery Tour*, *Come Together*, *Something* e *Yesterday*, entre outras.

*Como Nos Velhos Tempos* estreia amanhã às 21:00 horas, sendo que o espetáculo será repetido na mesma feira no mesmo horário. Sábado e domingo, haverá duas sessões: às 21:00 e 23:00 horas e às 18:00 e 21:00 horas, respectivamente. Quem for ver Mutantes e O Terço, vai pagar os seguintes preços pelos ingressos: Cr\$ 50 (poltrona e balcão nobre), Cr\$ 40 (balcão simples e foyer), Cr\$ 20 (galeria) e Cr\$ 10 (anfiteatro). O show fica em cartaz até domingo.

09/02/77



"Ser punk não nos afeta, nossa preocupação é o ritmo, letra fácil de ser assimilada, e principalmente que seja boa para a moçada dançar. Punk é o pessoal da zona Leste, de Osasco, da Lapa, que normalmente frequenta o baile de domingo."



Rubens B. Campo

39 elepê: em busca do público feminino.

*Recorte da Revista Pop com Foto de Grace Lagôa*

"Na foto, na sala da minha casa no Sumaré (Rua Pombal 777): Babalu (guitarra), Beto Cury (bateria), Wander Taffo (guitarra), Celso Kim Vecchione (teclados) e Oswaldo Rock Vecchione (baixo e vocal)." (Oswaldo Vecchione).

"Made. Eu tenho várias porradas, mas você só recebeu uma (Massacre)? Ou chegou a pegar algo de show também? Do Joelho de Porco, que é o problema. Não tenho muita coisa, mas talvez consiga algo com uma super amiga (Gegé, lembra quem é?). Ela tem bastante material do Joelho." (Grace Lagôa)

O recorte com a imagem de Grace Lagôa na revista Pop não era apenas uma memória impressa; era uma janela para uma troca pulsante de materiais, shows e histórias marcantes. A fala dela ecoa o entusiasmo e a solidariedade de quem vivia intensamente a cena musical, sempre disposta a compartilhar e resgatar registros preciosos de um tempo que desafiava o esquecimento.

Gegé, mencionada de forma cúmplice, talvez seja uma guardiã da memória coletiva, alguém que entendia o valor do arquivo em um momento onde preservar significava resistir. E Grace, com sua fala direta, nos leva a imaginar o arsenal vibrante de revistas, recortes e fitas que mantinham viva a energia daquele universo.

1977

## Massacre

"Muita gente que se diz roqueira faz é música pop. Nós temos raízes no rock e no blues," afirmou Oswaldo Vecchione, baixista e vocalista do Made in Brazil, em tom categórico.

A declaração reflete a constante tensão entre o rock e o pop, uma questão que, ao longo dos anos, tem levado produções comerciais de pouca autenticidade a serem rotuladas como rock. Foi com essa mesma franqueza que Oswaldo encerrou, no último mês de abril, a turnê gaúcha da banda, que ostenta o título de grupo de rock mais longo em atividade no Brasil. No cenário nacional, apenas Os Demônios da Garoa, também paulistas, competem em termos de trajetória.

Há uma década, Oswaldo e seu irmão Celso Vecchione (guitarra e vocal) consolidaram a formação atual do Made in Brazil, que conta com Rick Vecchione, filho de Oswaldo, na bateria, Déborah Carvalho na percussão, Alejandro Marjanov na guitarra e Edson Ferreira no saxofone.

O grupo está prestes a lançar Massacre, álbum originalmente gravado em 1977, mas proibido pela censura durante o regime militar de Geisel. Das 16 faixas do disco, 13 foram vetadas, principalmente devido às letras com conotações sexuais. O conceito visual do álbum também causou polêmica: a divulgação incluiria uma bateria montada sobre um tanque de guerra, provocação que os militares rejeitaram veementemente, resultando na negativa de alvarás para shows. Curiosamente, seis anos depois, a banda Kiss adaptaria a ideia em suas apresentações. Após anos de espera, Massacre surge como um símbolo de resistência e autenticidade, reafirmando o compromisso do Made in Brazil com suas raízes no rock e no blues.

(21 de julho de 2020)

## FEVEREIRO

No aniversário de dez anos da banda, durante duas semanas o Made in Brazil estreia o show Massacre, no Teatro Aquarius, em São Paulo (hoje Zaccaro). No repertório do show a inclusão das novas músicas que fariam parte do álbum também intitulado Massacre – o disco somente será lançado em CD em 2005...

★ John Beverley é convidado a integrar os Sex Pistols, substituindo Glen Matlock, que decidira montar outra banda, The Rich Kids. Johnny muda seu nome definitivamente para Sid Vicious e trata de aprender a tocar o baixo.

★ Damned lança seu primeiro LP, The Damned.

★ O Ultravox lança seu primeiro LP, Ultravox!

## Angie, um Anjo de Alma Generosa

A esposa do excêntrico cantor David Bowie passou semanas fazendo strip-tease para operários durante o horário de almoço. O motivo era nobre: Angie estava determinada a arrecadar 75.000 libras para restaurar o teatro onde trabalhava.

1977

## **MARÇO**

**05**

**Sábado**

### **A Lembrança de Marcel Duchamp**

#### **Almanaque Folha de S. Paulo – João Batista Natali, correspondente em Paris**

Discute a importância de Marcel Duchamp (1887-1968) na história da arte e sua recente homenagem na exposição inaugural do Centro Pompidou, em Paris. Reconhecido por sua produção eclética e inconformista, Duchamp é celebrado por suas inovações, como a representação do movimento em sua obra *Nu descendo uma escada* (1912) e pela criação do conceito de ready-made, exemplificado por sua famosa "fonte" (um urinol de cerâmica) e a capa de máquina de escrever intitulada "bagagem".

O texto destaca como Duchamp, ao lado de artistas como Man Ray e Calder, contribuiu para uma revolução estética que influenciou gerações posteriores. Ele também explorou a poesia cinética e a escultura, trabalhando com formas que desafiavam as normas acadêmicas. A obra de Duchamp, difícil de classificar, é vasta e complexa, refletindo sua busca por novas expressões artísticas. O autor menciona que Duchamp é um artista cuja importância é difícil de resumir, mas que merece reconhecimento pela sua influência e inovação.

### **ABRIL 1º Sexta-feira**

#### **A Cidade Mais Bonita**

##### **Primeiro de abril**

No dia em que o presidente Geisel fecha o Congresso, Glauber telefona para Caetano Veloso que lhe passa o telefone de Rogério Duarte em Brasília. Perseguido no eixo Rio-São Paulo, taxado de louco, refém das proliferantes patrulhas ideológicas e em profunda crise existencial, Glauber Rocha atende a pedido do amigo e corre para Brasília.

"Passei uma semana em Brasília e fiquei impressionado com o baixo nível dos discursos.

"Brasília é a cidade mais bonita do mundo e a grande Verdade Vos Ilumina. Penso que é necessário fazer as coisas. Isto é o que pensava Kubitschek quando dizia: 'É preciso fazer Brasília'. Os economistas diziam que Brasília significaria o colapso econômico do Brasil. É verdade que a desvalorização da moeda foi tão grande que isso provocou uma crise econômica. Mas Brasília foi a revolução cultural do Brasil; com sua construção, o Brasil pôde se livrar do seu complexo diante do colonialismo. O despertar político e a consciência do subdesenvolvimento datam da construção de Brasília. Isso é bastante contraditório, porque Brasília era uma espécie de Eldorado, a possibilidade que os brasileiros tinham de criar eles mesmos alguma coisa. (...)

"Aqui, por exemplo, em Brasília, neste palco fantástico no coração do planalto brasileiro, forte irradiação, luz do Terceiro Mundo, numa metáfora que não se realiza na história, mas preenche um

sentimento de grandeza, a visão do paraíso, essa pirâmide, esta pirâmide que é a geometria dramática do estado social, no vértice o poder, embaixo, as bases e depois os labirintos intrincados das mediações...” (Glauber Rocha)

Quando chega. Brasília vive a crise dos pacotes das reformas políticas, o Congresso Nacional está fechado, a nação traumatizada. O MDB conseguiu rejeitar, no Congresso Nacional, um projeto de reforma judiciária apresentado pelo governo tendo este fechado o Legislativo, aprovado a reforma por decreto e editado o chamado “Pacote de Abril”, um conjunto de esdrúxulas medidas eleitorais, instituindo a figura do senador biônico, a ser eleito, não pelo povo, mas por um Colégio Eleitoral, que tinha a maioria de seus membros oriundos do partido governamental – a Arena. Deste modo, a abertura de Geisel pôde ser levada até o final de seu governo, com a revogação, em janeiro de 1979, do AI-5.

Rogério Duarte, que trabalha no jornal Correio Braziliense o recebe no aeroporto levando uma presença. Não precisava. Quando Glauber desce do avião, Rogério Duarte percebe que ele exala profunda marola. – Devia ter fumado muito durante o voo. Em voo, o cineasta substituía o fumo do Hollywood.

Glauber Rocha, com complexo de perseguição e sentimento de culpa pela morte da irmã, Anecy Rocha, viera a Brasília para duas coisas, ter proteção e incitar o general Golbery a passar por cima da Rede Globo para apurar a e prender os supostos criminosos da morte de sua irmã. Com quem se desentendera horas antes de sua queda no fosso do elevador.

Chega aqui feito um molambo, com medo e indignado. Passa por uma terrível fase de consumo de droga, com dificuldades de articular as palavras. É assistido pelos amigos até que consiga falar direito, para então saber o que quer e botá-lo em contato com as pessoas. Através do general Golbery é marcada uma audiência com Armando Ribeiro Falcão, ministro da Justiça que o recebe. Glauber comparece e torrencial a sua versão, que é absurda, mas que ele acredita e enriquece com dados criativos, o cunhado, fã de Hitchcock, teria empurrado a irmã para o fosso do elevador. – É Um Corpo Que Cai (de Hitchcock) com A Marca Da Maldade (de Orson Welles). Teorizou Glauber. Armando Falcão, o ministro político e ministro da segurança interna do governo Geisel fica horrorizado, mas não dá instruções para que a Polícia Federal faça uma averiguação sumária e enrola Glauber que não se conforma e acha que Armando Falcão faz parte da conspiração de silêncio.

Essa importante e produtiva temporada em Brasília é menos conhecida do que suas passagens por Hollywood, Europa, Ásia e Terceiro Mundo.

Em cartaz!

"Como eu poderia pedir a cabeça do Glauber se eu nem tinha o número do telefone do jornal?" — Jaguar.

Glauber Rocha escreve no jornal Correio Braziliense artigos políticos coalhados com ypsilon, uma brincadeira linguística com o vanguardismo dos 20s, num estilo tropicalista e na direção da língua tupi, seus artigos “para chamar a atenção de um povo que não lê” escandalizaram o país não pelo fato de ser publicado os artigos apenas, foi que ele foi manchete do jornal. A esquerda radical e reacionária propaga o rótulo de fascista e desde então várias pessoas ligam para a redação do jornal para saber o motivo de dar espaço para aquele fascista. No Correio Braziliense, Glauber faz um suplemento inteiro na Semana Santa, um espaço que ele não tinha em jornal nenhum do país. Uma coisa louca do ponto de vista de um jornal conservador. Fernando Lemos e Oliveira Bastos perderam a conta dos telefonemas que recebiam de cineastas e intelectuais, os alertando contra a insanidade de dar espaço aos delírios do cineasta.

"Ele está louco, está alucinado, tem que ser internado." Dizia Jaguar e ouvia um sonoro:

"Vá à merda." Respondido por um dos editores.

Em outro telefonema do gabinete de Ney Braga, o então ministro da Educação e Cultura. Chama Glauber de grande intelectual e como resposta é encostado na parede: "Vou poder fazer o meu filme ou não?" – "Me diga, senão eu saio do Brasil agora e vou para a Bolívia." Um emocionado Ney Braga promete que tomará providências e Glauber apresenta um novo orçamento, de 6 milhões de cruzeiros.

Na primeira página do Correio Braziliense, Glauber produz o impacto que o editor-chefe quer e o impacto é tão violento que Glauber passa a ser apontado como um inimigo das esquerdas. Mas ele tem consciência de que veio para o sacrifício e retruca: – Estudo a história do Brasil e tenho uma vasta informação sobre a cultura e a política brasileiras. Os filmes que faço são produzidos pela realidade econômica, política e cultural do Brasil, e então posso me dar o direito de emitir opiniões sobre eventuais contradições políticas do país. Fiz certas declarações antes de o general Geisel tomar posse e algumas coisas que falei mais ou menos se delinearam no quadro político brasileiro. Não aderi ao governo, porque não disputo o poder nem me interessa satisfazer a centros de poder, sejam eles do governo, de partidos ou de grupos econômicos. Eu posso então emitir opiniões independentes de conceitos vigentes.

Substituindo as letras c, i e s por xs, ys, zs e ks, Glauber mexe com a representação dos fonemas brasileiros e com o processo cultural do país. Faz do jornalismo uma trincheira. Escreve artigos enormes e polêmicos, aproveita a proximidade do poder para dar recados ou fazer elogios incômodos à leitores ortodoxos.

**1977**

### **ABRIL 07 Quinta-feira**

As contribuições de Glauber Rocha ao jornal Correio Braziliense começam nesse dia, com a publicação do artigo Paixão Segundo Glauber. Três dias depois, no domingo de Páscoa (10 de abril), é encartado o suplemento místico

Alvorada, freneticamente concluído por Fernando Lemos, Glauber, Rogério Duarte e TT Catalão, em um clima de velório e tragédia grega, onde “os bárbaros plantam os seus mortos”.

Os editores do Correio Braziliense não fazem qualquer restrição ao que Glauber escreve, permitindo total liberdade em suas contribuições.

### **Phrometeu**

#### **Glauber rocha in Alvorada**

## **II**

A ser torturado por um abutre alimentado pelo sangue biliar de Prometeu, o abutre rejuvenesce e fica amigo de sua vítima, que, imortalizado pela dor, gera o amor.

E no prazer de dar, sublima o não ser, projetado da matéria, feliz porque viu um nada lacunar entre o ser e o passado: o fulgor do fogo primário feminino.

Na memória do amor assumido, sou ela, fogo masculino, no ventre da terra prometida.

## **Pacotão: A Rebeldia Carnavalesca Contra a Ditadura e a Política Brasileira**

O bloco Pacotão nasceu em 1977, em um contexto de repressão e censura, como resposta ao famigerado "Pacote de Abril", um conjunto de decretos instituído pela ditadura militar que governava o Brasil desde 1º de abril de 1964. Esse regime baniu opositores, torturou, assassinou, cassou mandatos, fechou o Congresso e até criou os chamados "políticos biônicos", eleitos sem voto popular.

Em um sábado ensolarado em Brasília, um grupo de jornalistas se reunia no bar do Clube da Imprensa, em meio a muitas garrafas de cerveja e discussões. Em um momento da conversa, surgiu a ideia: fundar um bloco de carnaval. Com o entusiasmo de todos, nascia ali a Sociedade Armorial Patafísica Rusticana – o Pacotão.

Para o registro histórico, são considerados fundadores do bloco os jornalistas Carlão Lysias, Carlos Augusto Gôuvea (Carlão), David Renault, Fernando Lemos, Guarabira, Márcio Varela, Moacyr de Oliveira Filho (Moa) e Racsow. Com o tempo, o Pacotão consolidou-se como um ícone da irreverência carnavalesca e da crítica social.

O bloco encontrou resistência inicial: o diretor do Departamento de Turismo de Brasília, Carlos Black, ameaçou impedir sua passagem pela W3, avenida destinada aos desfiles oficiais. Mas o Pacotão não só desfilou por ali como o fez na contramão. Em ironia, o bloco criou o personagem "Charles Preto", o "presidente vitalício e ditador perpétuo" do Pacotão, uma brincadeira com o nome do diretor. No entanto, com os novos escândalos políticos, o bloco retomou seu espírito original. O maestro Jorge Antunes, veterano do Pacotão desde os anos 70, compôs em 2007 uma marcha-rancho que criticava o próprio bloco, simbolizando o retorno à essência crítica que marcou o início do Pacotão. O Pacotão se destacou pelas críticas afiadas e músicas de tom ácido contra a política brasileira. Com a chegada da Nova República, porém, muitos de seus fundadores passaram a ocupar cargos no governo, e o tom do bloco foi suavizado. As marchinhas passaram a abordar temas menos políticos, chegando até a tratar de assuntos como o uso de "camisinha" em vez de criticar os governantes.

**1977**

**ABRIL 08 Sexta-feira**

Clash lança seu primeiro LP, The Clash.

## **ABRIL**

Sid Vicious, então baterista de Siouxsie and The Banshees, substitui Matlock no baixo dos Sex Pistols.

★ Sid adoece. Hepatite um mês de cama no hospital.

1977

## **ABRIL 24 Domingo**

### **Beatles ao vivo em disco e no palco**

Eu farei o possível e o impossível para relembrar essa loucura

Naquele domingo, compramos o jornal e, antes de sujar os dedos nas páginas de esporte e de bandoleirismo explícito, folheamos o caderno de aluguel de imóveis. Mudaríamos para as QNJ de Taguatinga. Depois, sim, eu retirei da edição os nomes das escalações dos jogadores de futebol e coleei extasiado nos botões. Inocente, puro e besta, ainda passeando pelo jornal, li uma nota sobre o show dos Mutantes na AABB. Eu queria muito ter ido ao show (deles e d'O Terço). Alguém me levou – o milagre aconteceu.

Populares entre a garotada brasileira, “Os Mutantes” em 1977 eram tão famosos como Beatles.

Desafiando uma remota possibilidade, Brasília teve o privilégio de assistir aos Beatles ressurrectos pelos Mutantes e pelo O Terço. A cidade (que ainda não se tornara a capital do rock nacional, mas já era extorquida pelo frêmito de guitarras e baterias) retribuiu o regalo de forma escalafobética e alucinada, dançando o tempo todo da apresentação – uma manifestação apoteótica e talvez somente vista nesse concerto (inusitadamente realizado em ginásio coberto, como bailinhos dançantes de formatura de ensino médio).

No Ginásio da AABB a febre da Beatlemania – ainda inflamada na memória coletiva daquela geração – foi mais do que comprovada. Não há registro de uma apresentação de qualquer artista (ou grupo) em Brasília que tenha conseguido mexer tanto com o público. Do início ao fim do espetáculo, o ginásio inteiro suou, suingou, saracoteou e guardou lembranças indelévels para gastar nos duros dias das idades avançadas. Nas arquibancadas, nas galerias e na quadra, a meninada botava os bichos pra fora dançando freneticamente.

### **Mutantes**

Sérgio Dias, guitarra Fender Paul de Castro, contrabaixo Giannini Jazz Bass Rui Motta, bateria Ludwig dupla Luciano Alves, Mini Moog, Mini Korg, pedais

Primeiro os Mutantes fizeram o show cantando e tocando músicas do seu último disco (Ao Vivo) e algumas composições novas. Como Sérgio Hinds foi acometido por uma febre altíssima momentos antes da apresentação e teve de ser levado às pressas para o hospital, o público não pode curtir o som do conjunto carioca isoladamente. Deste modo, a segunda parte do show foi consagrada a um magnífico tributo em homenagem aos Beatles, com os Mutantes e o Terço em parceria transcendental.

### **O Terço**

Flávio Venturini, Rhodes Fender Sérgio Magrão, Fender Jazz Bass Luiz Moreno, bateria Ludwig dupla

O bombardeio começou com “She Loves You”, “Day Tripper”, “Yesterday”, “Help!”. Em “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts CB”, as fardas do Sargento Pimenta luziam, e o show seguiu pela toada de “Magical Mystery Tour” e outros grandes sucessos dos Cavaleiros de Sua Majestade.

Na sinestesia de mundos e épocas, muito provavelmente os dois grupos avistaram, desde o palco, os alaridos coloridos da plateia aloucada, magnetizada pelo apelo do “Get back, get back / To where you once belonged...” – magia presente e exuberante no solo de Sérgio Dias. A audiência, privilegiada, redimiou-se por alguns minutos de meteórica introspecção ao vocal solo de Flávio Venturini em “Let It Be”. Incrível! “Uma loucura!”, como observou uma menininha (destas que os frangotes chamam de “gatinha”) que dançava como se não houvesse amanhã.

Os Mutantes e o Terço fizeram o Ginásio da AABB viver um autêntico happening, talvez o último destas grandes bandas. O final apoteótico, com todo mundo cantando, dançando, batendo palmas, assoviando gritando e se manifestando de outras maneiras menos convencionais, aconteceu com os dois grupos atacando de “Hey Jude”, uma das composições mais bonitas dos Beatles. Para todos, valeu a pena ter ido à AABB para ver Como Nos Bons Tempos. Histeria coletiva é uma expressão gasta, mas, para efeito imaginativo, confere um quê de verossimilhança ao que se viveu naquela noite brasiliense.

Os grupos brasileiros de rock tiveram seus corações espetados pela cruz da inquisição da crítica nacional – carola e ensimesmada, a cara da classe média botocuda. Num período histórico de resistência, a mídia exercia a incurável patrulha ideológica e se excedia, como se excede tudo que é carente, seja de pão, seja de inspiração. As resenhas do show foram parcas e porcas; a destoante foi a de Irlam Rocha Lima, do Correio Brasiliense que se esbaldou, mas não insultou.

Não dá para saber se os caras da imprensa encangada às gravadoras tinham razão ou propositalmente sabiam no que estavam se metendo. A mídia impressa que depende dos resultados de vendagem de suas edições se afundou num messianismo compulsivo, digo indulgente. E os bons tempos foram embora pra Passárgada. A crítica impiedosa e flibusteira estaria certa? Era justo seu veredito sentenciando aquela linha melódica progressista à morte natural? Percebe-se que seus críticos de plantão não apuraram os ouvidos com suficiente interesse quando escutaram os novos discos, os quais mostravam revelavam, se não um triunfal, pelo menos um obstinado retorno ao campo minado de suas escolhas estéticas.

Essa mídia teria sentido os tremores do punk-rock ou o sismógrafo estava escangalhado e seus ponteiros tortos viraram mais um item da coleção de desafetos interessados em dividir o palco com seus ídolos?

Em Brasília, o público se impressionou com a espuma colorida flutuante, suspensa em frente ao palco e com o calibre dos decibéis. Não estavam interessados nas colunas de jornais, mas na interpretação de Sérgio Dias, cantando “Lady Madonna” e de “Penny Lane” com o coração e demais músculos.

Em Brasília, não houve um corpo de policiais ostensivamente enviados para garantir o clima de paz e amor. Não houve ingressos com preços para todo gosto nem cadeiras numeradas revestidas de veludo.

Sintomaticamente, na capital federal, tudo voou pelos ares, num distúrbio dissipado de jovens apocalípticos, desintegrados.

Foi proibido proibir numa sucessão de excessos. Pulou-se, dançou-se, fumou-se – sem depredação. E muitos doidos e inebriados voltaram para casa, para ouvir mais Beatles. Tudo só iê-iê-iê e adrenalina.

## **Sincretismo**

Pelas calçadas dos teatros em Londres ou Nova Iorque, cartazes estampavam o espetáculo Beatlemania. Uma peça que conduzia o público ao chororô, ao histerismo, ao êxtase e à total entrega aos quatro cabeludos de Liverpool. Na verdade, eram bandas meia-boca sem as virtudes e o virtuosismo de um Mutantes ou O Terço. Apresentações onde reluziam coberturas de plástico, em filmes de perucas falsas projetados sobre nossas cabeças. O Brasil seguiu no vácuo dessa nostalgia, economizando dólares com uma produção caseira – em brilho, digna do Municipal –, mas aquém do furor cosmogônico das grandes plateias.

## **Beatles versus 17.000 pulmões jovens**

Acabado, o espetáculo Como Nos Bons Tempos, o show deve continuar: basta colocar na vitrola o recém-lançado LP The Beatles at the Hollywood Bowl, o primeiro e único disco oficial de gravações ao vivo do grupo em concerto. O problema é que o fato de ser oficial não ajuda muito na qualidade técnica do som, o qual, em última análise, prejudica o resultado final do que é mais importante: a música (e a musicalidade).

Gravados em duas oportunidades – 23 de agosto de 1964 e 30 de agosto de 1965 – o LP capta imperturbavelmente a Beatlemania no apogeu: menininhas desmaiando, as histerias e convulsões, gritos agudos e lágrimas em torrentes de paixão. Esse gênero de coisas significa muito barulho e pouca música. E, em que pesem os esforços do produtor George Martin e do engenheiro de remixagem, Geoff Emerick, quem quiser realmente ouvir o som dos Beatles no disco acaba ficando na mão. Pouco adiantou o experiente George Martin reclamar da posição dos microfones mais direcionados para captar a plateia.

Doze anos depois, Martin trata logo de se justificar na contracapa do LP: “Para falar francamente, eu não era favorável à gravação do concerto. Tinha certeza que não poderia ficar tão boa quanto as que fazíamos no estúdio, mas resolvemos tentar assim mesmo. Tecnicamente os resultados foram desapontadores, as condições de trabalho dos engenheiros foram extremamente difíceis. O caos – quase posso dizer pânico – que reinava nesses concertos era inacreditável, a menos que você estivesse lá. Os gritos incessantes de 17.000 pulmões jovens e saudáveis tornariam inaudível até mesmo um avião a jato”.

De uma forma ou de outra, The Beatles at the Hollywood Bowl funciona como documento de uma época das mais interessantes do quarteto – aquela em que eles curtiam ao máximo a condição de superestrelas e em que ainda eram considerados o suprassumo do conjunto popular, que buscava realmente o contato com o público. Pelo disco, você ouve e percebe que eram rocks que faziam a cabeça da garotada sem grandes macetes, como "Twist and Shout", "Dizzy Miss Lizzy", "Boys", "Roll Over Beethoven", "Long Tall Sally", ao lado de canções um pouquinho mais sofisticadas da dupla Lennon & McCartney, como "Ticket to Ride", "Help!", "All My Loving", "Things We Said".

## **Parcialmente Inédito**

A legião de beatlemaníacos que batia ponto na porta das importadoras, desde 1973, conhecia o show do Hollywood Bowl de 1964. E o maior feito do DJ Big Boy foi lançar pela etiqueta Napoleon, no Brasil, o LP And The Beatles Were Born, com apenas um lado da gravação pirata do show de 1964. Foi o primeiro disco pirata nacional. Nele escutam-se até algumas falas cortadas do lançamento oficial. E o mais engraçado é que a matriz desse pirata pertenceu a algum dos quatro Beatles que, separadamente, ganhou uma cópia da apresentação gravada pela Capitol, o selo americano que distribuía os discos da banda nos Estados Unidos.

The Beatles at the Hollywood Bowl é recomendável, portanto, a todos os fãs doentios e àqueles que desejem conhecer o clima de ouriço de um concerto no início dos louquíssimos anos 60.

## "Quem Fez Rock no Brasil"

### Sérgio Hinds, Guitarrista d'O Terço: Um Amálgama de Sons

Eu ainda procuro por uma definição musical para Progressivo, como não sou especialista, além das longas suítes, eu acredito em autonomia sem ser rígido. Sérgio Hinds (pronuncia-se "Rainds") é o cristalino guitarrista que desde o início capitaneia a nau de O Terço. Falei com ele ontem às vésperas de se reunir ao grupo para os novos ensaios. Ele demonstra excitação e entusiasmo ao falar das novas datas, (maio: Rio – Canecão, SP, Curitiba, BH) e destacou detalhes como a pesada multa em hipótese de quebra de contrato. A conversa rápida envolveu temas conflitantes como o abuso de drogas pesadas por parte dos roqueiros dos anos 70. Esse último parágrafo encontra gancho na posição de alerta ao abuso de drogas ao qual Sérgio Hinds sempre faz questão de frisar. Para mim, Progressivo passou a ter também a conotação de qualidade de vida e para fazer música sinfônica ou acorde progressista não é necessário estar/penetrar em outras galáxias que não as sonoras. Ah! Sim! Quando ao telefone, você pergunta: – Sérgio Hinds? Do outro lado uma voz segura responde: – YES!

– Alguns grupos nacionais dos anos 70, como o Peso, hoje, gostariam de gravar um rock tupiniquim mais apoiado no rhythm and blues com bastante ritmo, percussão e um naipe de metais a lá Tim Maia. Como será a volta sonora de O Terço? Pode adiantar um set list do repertório?

SÉRGIO HINDS – Nós continuaremos fiéis ao Progressivo, mas com aquela mistura que sempre fizemos, temas grandes sinfônicos, alternados com rocks básicos e acústicos. Mas num primeiro momento faremos um show que será gravado em DVD com as mais conhecidas do Terço e no máximo 3 músicas novas. Provavelmente só no ano que vem estaremos lançando um disco totalmente de inéditas. Com certeza o público não gostaria de assistir um show da volta do Terço sem ouvir as músicas preferidas e matar a saudade. Nós idem, idem.

– Às vezes sonhamos com um disco reunindo nossos guitarristas num encontro, poder ser você e o Sérgio Dias e o Lanny Gordin! Já aconteceu algo próximo disso – você tem algum projeto de dividir um disco em duo e qual o guitarrista que faz a sua cabeça agora ou é outro instrumentista?

SÉRGIO HINDS – Com relação a um projeto com outros músicos, não descarto a possibilidade, mas no momento não tenho tempo para me dedicar a esse projeto tão interessante.

– Existe em algum lugar a fita de 1977 com a apresentação de O Terço e Os Mutantes tocando Beatles! Talvez com algum empresário. Você tem conhecimento desta fita? Qual as suas lembranças para este show?

SÉRGIO HINDS – Realmente esse show foi muito marcante e estamos caçando essa fita, pois o show foi gravado em 16 canais com equipamento profissional.

– Alguns grupos brasileiros estão oficializando seus bootlegs dos anos 70, como é o caso de Os Mutantes e Som Nosso! O Terço tem algum material semelhante que poderia ser lançado? A única gravação pirata do Terço é um show ao vivo em Londrina em 1975. Você conhece esse CD? Eu desaprovo estas iniciativas em que os músicos brasileiros são tão explorados e agora o 'fã' chega a esse ponto – já defendi está ideia no site. Parece-me que agora, há uma corrida atrás de velhos tapes até da Casa das Máquinas. Você poderia se posicionar?

SÉRGIO HINDS – Lançaremos o CD de um show ao vivo gravado na década de 70 no dia da estreia da banda. E estamos reunindo outros tapes para continuar fazendo outros lançamentos.

– Abro alas para você colocar alguma coisa que exprima a tua felicidade atual. Apesar de em (dopropriobolso) ainda não haver ‘nada’ do Terço há um rapaz no Rio (Raphael) que faz o (site <http://www.xn--tero-20a.mus.br/>), você conhece este site? É lá que eu colaboro com algumas fotos dos anos 70 e algumas entrevistas. O Terço é um nome muito forte, Deus gosta do Terço?

SÉRGIO HINDS – Bom, eu realmente estou muito feliz com a volta do Terço com essa formação que considero a mais importante. Existe uma química entre nós que realmente parece que vem de Deus. Quanto ao <http://www.xn--tero-20a.mus.br/> acho muito bom e melhor que nosso site oficial. Obs.: o site não está mais no ar!

– Eu também não tenho!

Flávio Venturini, voltou de férias na Bahia, Magrão cumpriu temporadas com o 14 Bis por Minas e Sérgio Hinds voou do Rio. O trio ao lado do baterista Sérgio Mello (um baterista profissional com uma pegada Progressiva, oriundo do Espírito Santo) ensaiam o repertório da volta. Enquanto eles não sobem ao palco, a EMI relança três lançamentos dos anos 70 em CD's individuais, Criaturas da Noite, Casa Encantada e Mudança de Tempo.

Sérgio Hinds não mais encontrou com Jorge Amiden (outrora também fundador de O Terço) a ponto de não saber onde mora o mago da tritarra. Sérgio Hinds, não se apega ao passado, não guarda discos, recortes ou imagens de O Terço, ao contrário de Magrão e Flavinho que possuem imagens dos anos 70. – Eu também não tenho o primeiro LP de O Terço!

Em 2003, a primeira tentativa de regresso da formação clássica de O Terço foi adiada, quando o baterista Luiz Moreno; infelizmente faleceu de ataque cardíaco. Desde então eles descartaram a volta com um músico do mesmo período em que a banda estava na ativa, optando por uma baterista cuja experiência tenha haver com o Progressivo incrustado. No momento, o site oficial da banda vai ser remodelado e Sérgio Hinds continuará ocupado com a carreira de publicitário e a produção de discos que adiam a realização de outros projetos musicais. Para mim, o sonho será nos encontrarmos em Belo Horizonte...

**1977**

### **ABRIL 29 Sexta-feira**

Chegava às lojas de discos Thrillington, um álbum assinado por Percy Thrillington, um suposto socialite britânico, que reinterpreta várias canções de Paul McCartney com uma roupagem assumidamente "retrô". Doze anos depois, Paul McCartney revelou a verdade: foi ele o responsável por esse fabuloso álbum e suas versões únicas.

## **MAIO**

Sex Pistols são contratados pela Virgin Records. Logo é lançado o primeiro compacto por essa gravadora.

### **MAIO 04 Quarta-feira**

The Beatles Live at the Hollywood Bowl é um álbum ao vivo lançado em 1977, contendo material dos concertos dos Beatles no Hollywood Bowl em agosto de 1964 e agosto de 1965.

### **MAIO 13 Sexta-feira 13!**

Sai o segundo compacto do Clash, "Remote Control" / "London's Burning". MAIO 14 Sábado

- Caetano Veloso: Minha amizade colorida com Maiakovski

**1977**

**MAIO 20** Sexta-feira Genesis – Ginásio do Ibirapuera

- ★ The Jam lança seu primeiro LP, In the City.

**MAIO 21 Sábado**

Led Zeppelin na última turnê na América – show em The Summit, in Houston Texas.

**JUNHO 07 Terça-feira**

Sex Pistols acompanham de barco a procissão do Jubileu de Prata da Rainha Elisabeth II, tocando "God Save the Queen" e xingando as autoridades.

Compacto dos Sex Pistols "God Save the Queen" chega a no. 1 na parada inglesa.

- ★ Vibrators lançam seu primeiro LP, The Vibrators.
- ★ Sai o segundo compacto do Clash, "Remote Control" / "London's Burning".

**JUNHO 09 Quinta-feira**

Em Londres, em uma audiência privada da Corte, George concordou em conceder o divórcio à sua esposa Patti Boyd. (Eles eram casados desde 21 de janeiro de 1966.)

## **JULHO**

Sex Pistols proibidos de continuar a turnê Anarchy in the UK na Inglaterra. A banda lança seu terceiro compacto, "Pretty Vacant".

- ★ Sid é preso e multado por agressão. Nancy Spungen, sua namorada, é presa por porte de arma.
- ★ Durante o retorno do exílio de Huey em 1977, o Partido dos Panteras Negras estava firme e forte em Oakland, na Califórnia, mantendo uma forte base constituída nas comunidades negras e trabalhistas e preparado para seguir adiante na execução do seu objetivo básico de fazer de Oakland um centro para uma revolução na América.

Logo após o retorno de Newton para Oakland, entretanto, uma combinação da continuidade das atividades do FBI, ainda que mais sutis e sofisticadas (à despeito da morte de J. Edgar Hoover em 1972) e também tensões e conflitos internos corroeram o Partido dos Panteras Negras. Ao final da década, o Partido sofreu um lento e irreversível fim.

## **JULHO 07, 08 e 09 Quinta-feira, sexta-feira, sábado**

### **Emerson, Lake & Palmer: confusões na estrada**

Além de toda a pesada aparelhagem que o trio Emerson, Lake & Palmer carrega de cidade em cidade durante suas turnês, a banda decidiu adicionar uma orquestra de 70 músicos para os shows pelos Estados Unidos. A grandiosidade da produção, no entanto, veio com um custo alto: para manter a orquestra reunida e viajando, o grupo estava desembolsando cerca de 215 mil dólares por semana. Com o aumento dos gastos, os empresários decidiram dispensar a orquestra e seguir a turnê apenas com o trio.

A orquestra foi convocada novamente para três apresentações no Madison Square Garden, que eram consideradas o ponto alto da temporada. Sobre a mudança, Keith Emerson comentou: “Estamos desapontados, claro, mas é ótimo saber que podemos tocar sem eles. Ainda somos muito poderosos como trio.” Greg Lake foi mais nostálgico: “A experiência foi incrível, e todos os músicos estavam curtindo. Eu gostaria de mandar setenta cartões-postais com a mensagem ‘wish you were here’ (gostaria que vocês estivessem aqui).”

Com ou sem sinfônica, o Emerson, Lake & Palmer continua com o mesmo peso de sempre.

## **1977 JULHO**

### **Manson**

Originalmente, Charles Manson foi condenado à morte na câmara de gás. No entanto, em 1972, sua condenação foi comutada para prisão perpétua, com a possibilidade de liberdade condicional. Em julho de 1977, ele teve sua primeira audiência de liberdade condicional, que resultou na rejeição de seu pedido. Manson permaneceu como prisioneiro até sua morte, em 2017.

### **JULHO 24 Domingo**

Recordando o Vale da Maçãs – Clube XV – Santos.

## **AGOSTO**

Sai o primeiro compacto do Generation X (banda de Billy Idol), com as músicas "Your Generation" e "From the Heart".

### **AGOSTO 16 Terça-feira**

Nesse mesmo dia, Elvis pretendia iniciar uma nova turnê e já mantinha plano de se casar em breve com sua companheira Ginger Alden. Ele é encontrado morto no banheiro de sua mansão.

Como uma verdadeira bomba, a notícia de sua morte chega a todos os cantos do mundo. Depois de Mickey Mouse, Elvis é a imagem mais famosa e reproduzida do mundo. Ninguém aceitava a ideia de seu desaparecimento. Milhões choraram por sua morte oficial anunciada – para estes o verso "Good times never seem so good...", tirado da canção "Sweet Caroline", virou um pequeno mantra, da Rota 66 à ferrovia Transiberiana.

Seu funeral foi marcado por cenas de desespero: descabelamentos, desmaios, crises de depressão coletiva e até registros de suicídios. Notavelmente, após uma tentativa de roubo de seu corpo, foi decidido enterrar Elvis nos jardins da mansão Graceland, ao lado de sua mãe, de seu pai e

simbolicamente de seu irmão gêmeo. O local, batizado pelo próprio cantor como Jardim da Meditação, tornou-se um ponto de peregrinação para fãs de todo o mundo.

Nesta terça-feira testemunhei uma das imagens mais impactantes do rock'n'roll. Naquela tarde triste e fria no colégio CTN. Davi, namorado da Amélia, veio de sua casa no M Norte, ele apareceu com uma guitarra feita com arame recozido e cantou algumas canções do Rei. Em seu lábio de Hendrix, o cabelo rente e o bigodinho ele cuspiu rock'n'roll. No paletó de feltro de listras, ele reencarnou um selvagem de 1954. Nunca mais vi Davi, ele tinha talento. Tornou-se inesquecível.

**1977**

## **AGOSTO**

Joe Cocker fará shows em Porto Alegre (RS), no Rio de Janeiro e em São Paulo (no Ginásio da Portuguesa).

“Porque estou na América Latina? Ora, aqui está o futuro do mundo. Todas as explosões artísticas autênticas estão surgindo aqui. Este continente é riquíssimo, e o Brasil mais ainda.” (Joe Cocker)

### **SETEMBRO 17 Sábado**

Nesse dia, uma sexta-feira no Ginásio do Ibirapuera em São Paulo, a Patrulha do Espaço iniciava sua jornada no planeta rock. No I Concerto Latino-Americano de Rock, a Patrulha do Espaço estreia com o guitarrista Dudu Chermont, fã dos Mutantes.

Concomitantemente, os críticos musicais da época, Nico Pereira de Queiroz e Rafael Varella Jr, destacaram a meia-hora de pane elétrica quando a Patrulha estava no palco e a baixa performance do operador da mesa de som como fatores que comprometeram o pique da apresentação.

### **SETEMBRO 23 Quinta-feira**

A PUC-SP é invadida violentamente pela polícia militar e tropas de choque durante o Terceiro Encontro Nacional de Estudantes, que visava reorganizar a UNE, organização proibida pela ditadura militar. A invasão, sob ordens de Erasmo Dias, Secretário de Segurança Pública de São Paulo, resultou em brutalidade policial, com uso de cassetetes e gás lacrimogêneo, causando feridos e cerca de 900 estudantes detidos. No dia seguinte, o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns condenou a violência, destacando que a universidade deveria ser respeitada e ajudada, não destruída. O episódio foi um marco na resistência estudantil contra a repressão da ditadura.

★ Sai o terceiro compacto do Clash, "Complete Control" / "The City of the Dead".

## **OUTUBRO**

Sex Pistols, tour pela Suécia de 3 semanas.

★"You Are My Love", do Liverpool Express, está estourando no Brasil! A banda britânica, que vem conquistando fãs por onde passa, é uma das primeiras a realizar uma grande turnê na América do Sul, incluindo o Brasil, o que só aumenta sua popularidade por aqui.

# CONCERTO DOS ARGENTINOS

O 1.º Concerto Latino-americano de Rock, que reuniu músicos brasileiros e argentinos, apresentou uma agradável surpresa: a alta qualidade do rock feito na Argentina.



Acima, o grupo Nito Mestre y Los Desconocidos de Siempre, junto com o cantor-compositor Leon Gieco (o segunda, de esquerda para a direita).



O Crucis (ao lado) e seu rock pesado eletrizaram o Ibirapuera, transformando palco e platéia numa incrível festa.

O empresário Mário Buonfiglio esteve na Argentina e assistiu a alguns shows de rock. Ficou lá por uns dias, com muita disposição e uma idéia na cabeça; promover um intercâmbio entre o rock brasileiro e o argentino. Pouco tempo depois, o Ginásio do Ibirapuera de São Paulo recebia num palco montado às pressas (o mundial de vôlei terminou um dia antes dos shows) os grupos Nito Mestre y Los Desconocidos de Siempre, é o Crucis, além do cantor e compositor Leon Gieco. O lado brasileiro ficou por conta de Arnaldo e a Patrulha do Espaço (prejudicados pela péssima operação de som), o Terço e César Mariano & Cia. Tudo bem com nossos grupos, mas a festa mesma foi dos argentinos. Los Desconocidos de Siempre, formado por Maria Rosa Yorio (voz), Alfredo Toth (baixo), Rodolfo Gorosito (guitarra), Juan Ciro Fogitata (teclados) e Juan Carlos Fontana (bateria), fer um

som que é uma perfeita fusão de rock e música folk, com um colorido que agradou em cheio o imenso público presente, calculado em torno de 9 000 pessoas. O som mais pesado foi o do Crucis, o grupo mais conhecido da Argentina, constituído por Gustavo Montasan, baixo; Pino Merone, guitarra (e que guitarra); Conzalo Farrugia, bateria; e Anibal Kerpel, teclados. A apresentação do Crucis foi incrível, principalmente pela coreografia movimentadíssima das carinhas, que acabou transformando palco e platéia numa só festa. Leon Gieco, conhecido como "Bob Dylan argentino", transou apenas com violão e gaita, mostrando boas composições. Leon cantou também com Los Desconocidos de Siempre e deu um verdadeiro banho de rock. Por tudo isso, o 1.º Concerto Latino-americano de rock foi um sucesso. Que deve, por sinal, ser repetido sempre que possível.



*Da esquerda para a direita: Júnior, Pino Marrone, Gonzalo Farrugia e Aníbal Kerpel, integrantes do Crucis.*



"Participei desse show, o Concerto Sul-Americano de Rock, com a nossa banda: Cesar Mariano, Natan Marques, Wilson Gomes, Dudu Portes e eu, na guitarra. Também estavam presentes o grande Nito Mestre, a banda Crucis, O Terço, entre outros. Os amplificadores Duovox ao fundo (na foto) são nossos. Foi um grande show, com 7.000 pessoas lotando o Ginásio do Ibirapuera."

A música "You Are My Love" ganhou ainda mais destaque ao ser escolhida como tema da novela Um Sol Maior, exibida em 1977. Desde então, tornou-se um grande sucesso, especialmente entre os fãs de rock desta década.

O Liverpool Express vem se destacando não só pelos sucessos de estúdio, como "Smile (My Smilers, Smile)", "Never Be the Same", "Call Me" e "Lae Mei", mas também por suas apresentações ao vivo cheias de energia. A banda já abriu shows para Rod Stewart na Europa e agora traz para o Brasil a força dessa nova geração do rock de Liverpool, prometendo momentos inesquecíveis para os fãs brasileiros.

## **.1977 OUTUBRO 09**

No dia do aniversário de John Lennon e em homenagem a Big Boy, é fundado o Beatles Cavern Club de São Paulo, que editava o jornalzinho trimestral Big Boy News. Luis Antônio da Silva organizou o livro Beatles Por Eles Mesmo. Segura a onda beatle até hoje.

No auditório da Igreja Nossa Senhora de Lurdes, no Rio, uma centena de beatlemaníacos que além de assistir a diversos filmes dos Beatles, também oraram pela volta do quarteto.

### **OUTUBRO 21 Sexta-feira**

#### **Love Songs dos Beatles é lançado**

All tracks written by John Lennon and Paul McCartney, except where noted.

Love Songs é uma coletânea dos Beatles, lançada nos EUA em 21 de outubro de 1977 (novembro de 1977 no Reino Unido). O álbum alcançou a posição #24 na parada Billboard 200 Top LPs & Tapes e permaneceu por 31 semanas.

#### **Arte**

A embalagem original do LP incluía um livreto de 11 x 11 polegadas, com as letras das músicas impressas em estilo caligráfico, em papel que simulava pergaminho. Nas primeiras tiragens, a capa era de couro simulado, e a imagem dos Beatles (uma reinterpretação do retrato de 1967 feito por Richard Avedon, publicado na Look Magazine) era em ouro simulado. O LP também foi disponibilizado em vinil amarelo.

#### **História do Design do Álbum**

A embalagem deste conjunto foi criada por Kenneth R. Anderson, então Diretor de Arte da Capitol Records nos EUA.

"Na Capitol Records, recebi a tarefa de criar uma embalagem de luxo para um novo álbum duplo dos Beatles. Com o Natal de 1977 se aproximando, a Capitol estava mirando alto: 25 músicas românticas que até a vovó iria adorar. Mas eram todas canções que todos já tinham, nada novo estava sendo oferecido, apenas uma embalagem potencialmente luxuosa. Para o encarte interno, sugeri o uso de uma foto icônica de Richard Avedon. Ela havia sido vista em 1968 na revista Look nos EUA e na Stern na Europa. Não eram as fotos psicodélicas individuais, mas o icônico panorama em preto e branco de quatro páginas, conhecido como "Mount Rushmore".

Só havia um problema: Paul estava na foto original, mas escondido no canto inferior esquerdo, quase metade do tamanho de John. Eu tinha que convencer Avedon a nos vender a foto e permitir que a desmontássemos e reconstruíssemos sua famosa imagem, para que Paul ficasse mais proporcional aos outros. (Paul era o único ex-Beatle ainda na Capitol, com os Wings, e estava em turnê pelos EUA como parte da campanha da gravadora).

"Apenas me envie o layout", Avedon concordou facilmente, e então entendi por quê. Ao contrário da foto de Robert Freeman para Meet the Beatles, o retrato de Avedon era, na verdade, composto por quatro fotos individuais unidas. Por isso, todos estavam em foco, independentemente do tamanho ou posição; não era apenas a famosa câmera de grande formato de Avedon."

"Aquele couro rico era, na verdade, um pedaço de papel texturizado cor de tan que peguei na McManus & Morgan, na 7ª Rua. No estacionamento da Capitol Records, borrifei o papel com tinta Burnt Sienna e Burnt Umber. Após a impressão da capa, ela foi texturizada com relevo, como uma reprodução barata de pintura a óleo."

## **Resenha**

**(Richard S. Ginell, AllMusic)**

Depois do sucesso com o álbum duplo Rock'n'Roll Music em 1976, a Capitol lançou no ano seguinte o que seria o "lado B" desse álbum, uma coletânea de baladas dos Beatles em dois LPs. O conjunto de 25 músicas abrange quase toda a carreira da banda, desde o primeiro single ("P.S. I Love You") até o último ("The Long and Winding Road"). Sem dúvida, é uma jornada notável, provando de forma indelével que John Lennon e Paul McCartney – e, com "Something", George Harrison – escreveram canções de amor que transcenderam sua época.

No entanto, agrupar todas essas músicas uma após a outra não foi uma boa ideia. Os Beatles representavam equilíbrio, com as personalidades dos quatro integrantes interagindo, editando e aprimorando uns aos outros – e a música refletia esse equilíbrio, mesmo enquanto se tornava mais ousada e eclética. Esta coletânea inclina demais a balança para um único lado, dando a impressão de que essa banda, sempre inventiva, soava sentimental e previsível.

O álbum foi lançado em uma capa dupla de imitação de couro marrom com letras douradas, acompanhado de um livreto de 28 páginas com as letras das músicas e uma foto dobrável de Richard Avedon dos Fab Four – um pacote claramente destinado às compras por impulso no fim de ano. Ainda assim, o álbum só alcançou a posição 24 nas paradas, sendo o primeiro álbum dos Beatles pela Capitol a não atingir o Top Ten – ou sequer o Top Three! – desde The Early Beatles.

## **1977 OUTUBRO 28**

Sai o primeiro LP dos Sex Pistols, Never Mind The Bollocks, Here's The Sex Pistols.

★ Início das filmagens de Who Killed Bambi? Seria uma espécie de filme Let it Be do punk? Um projeto de McLaren, dirigido por Russ Meyer

★ É lançado o LP ao vivo Refestança, de Gilberto Gil e Rita Lee (acompanhada pelo Tutti-Frutti). O disco vende mais de 200 mil cópias.

- ★ Tim Maia (álbum de 1977)

## FILMES

Andy Warhol's Bad, 1977 (producer).

- ★ (The) Grateful Dead Movie (1977) – Documentário –Colorido – 131 minutos. Direção: Jerry Garcia. Mais uma reunião da tribo que um filme-concerto, esse documentário captura o Dead em cinco noites em San Francisco, em 1974. Um longo e deslumbrante desenho animado, realizado por Gary Gutierrez, abre o filme.

1977

- ★ Abismu sobre uma evocação de Hendrix, Rogério Sganzerla o realiza sobre uma evocação de Hendrix.

★ Jorjamado no cinema (Glauber Rocha). Não-ficção, média-metragem, 16mm, colorido, 50 minutos. 1977. Companhia produtora: Embrafilme/Secteur Radio et Télévision; Diretor e montagem: Glauber Rocha; Diretor de produção: Albertino Fonseca; Assistente de direção: Tizuka Yamazaki e Almir Muniz; Fotógrafo: Walter Carvalho. Tomadas: Walter Carvalho, Nonato Estrela e Glauber Rocha. Som: Lael Rodrigues. Montagem: Carlos Cox, com assistência de Luis Fernando Sarmento.

Entrevista com Jorge Amado em sua casa no Rio de Janeiro.

- ★ Di-Glauber (“Ninguém assistiu ao formidável enterro de sua última quimera: somente a ingratidão, essa pantera, foi sua companheira inseparável.”) (Augusto dos Anjos).

## NOVEMBRO

"We Are the Champions" e "We Will Rock You", lançados como um single de lado duplo pelo Queen, se tornaram hinos de perseverança e vitória, compostos por Freddie Mercury. Incluídas no quinto álbum News of the World, as músicas alcançaram grande sucesso imediato, dominando as paradas de vários países. Com essa fase, o Queen consolidou ainda mais sua posição como uma das maiores bandas de rock do mundo, expandindo sua base de fãs globalmente.

## DEZEMBRO

"A Fender Stratocaster, é realmente uma guitarra fantástica um cabo incrível, eu gosto muito do som dela e a alavanca dela é uma coisa que me seduz demais e o legal dela é que ela é uma guitarra muito pessoal, isto é, com cada pessoa ela dá um som, não é como a Gibson que sempre tem o mesmo som. A Strato me deu mais liberdade e foi aí que eu comecei a comprar pedais".

Sérgio Dias ao Jornal de Música, números 36 e 37, Dezembro/1977 – Janeiro/1978. Coluna SOM.

"Os Mutantes eram o Arnaldo, eu sempre disse isso, sempre achei isso. Era a base dele, da loucura dele, que o Serginho completava com aquele perfeccionismo dele, como o ótimo músico que ele era e é. Eu dava mais os lances visuais. Mas o coração era o Arnaldo. Tanto que eu saí, mas os Mutantes só

desbaratinaram quando o Arnaldo sartou. Os Mutantes de hoje... Olha, acho que o Serginho devia ter trocado de nome, aquilo não tem nada a ver com os Mutantes. É uma coisa bem-feita, o Serginho é

excelente, mas é aquela frieza, aquele Mahavishnu todo... e eu que me lembro do Serginho bem tchã... tchã... cheio de balanço.

Rita Lee ao Jornal de Música e Som, 1977.

Vímána (RJ)

Vímána produz material para um LP – nunca lançado – e um compacto – que a gravadora Som Livre guardou na geladeira por oito meses antes de editar, já em 1977.

Foi uma banda brasileira de rock progressivo formada nos anos 1970, composta por músicos que mais tarde se tornariam famosos, como Lulu Santos, Ritchie, Lobão e Luiz Paulo Simas. A banda passou por várias formações, começando com integrantes do Módulo 1.000 e Veludo Elétrico. Em 1975, com a entrada de Ritchie e Lobão, a formação mais conhecida da banda foi consolidada.

Vímána teve grande potencial técnico, com influências de Yes, Genesis e Emerson, Lake & Palmer. Eles se destacaram com shows de rock progressivo, apesar de problemas com equipamento e som nos palcos. Um dos marcos foi a gravação de um compacto chamado Zebra, mas um LP completo nunca foi lançado devido à decisão da gravadora, que alegou falta de público para rock no Brasil.

Além de trabalhar como músicos de estúdio para outros artistas, o grupo quase formou uma banda com o ex-membro do Yes, Patrick Moraz. No entanto, conflitos entre os integrantes e o músico levaram ao fim da banda em 1978. Mesmo assim, Vímána alcançou status cult no cenário musical brasileiro, em parte devido às carreiras bem-sucedidas de seus membros após a dissolução.

O nome Vímána, que significa "disco voador" em sânscrito, reflete o fascínio de Lulu Santos por OVNI's e temas interplanetários, uma das hipóteses sobre a escolha do nome da banda.

## **DF**

No longínquo 1977, deslocados no perpétuo vazio do Distrito Federal, e sem grandes pretensões, um agrupamento formado por familiares mineiros: irmãos, primos e amigos partiram para ocupar o tempo ocioso. – Sua primeira canção? "Marciano Sodomita".

Punk Nacional

"As primeiras bandas que realmente tinham toda essa vivência dentro desse tipo de rock'n'roll, seja no sentido musical ou de comportamento, foram Restos de Nada e Condutores de Cadáver. Começaram no final de 1977 a ensaiar suas músicas não apenas por diversão ou para se tornar astros do rock, mas sim, para, com estilo, ser a Nova Onda rebelde que varreria, como um tsunami, toda a pose patética dos velhos rockstars, criando uma nova forma de se fazer música, ou seja, com o mínimo fazer o máximo, ou como diria T.V. Smith: 'One Chord Wonder'." (Ariel)

A primeira banda a sair da garagem foi a Restos de Nada, pois já vinha ensaiando desde 1977 e era acompanhada por algumas que viriam a seguir, como a AI-5, NAI, Condutores de Cadáver e Cólera, todas com forte ligação à Vila Carolina. O começo foi muito difícil para essas bandas, pois além da péssima qualidade dos aparelhos e instrumentos, as iniciantes enfrentavam preconceitos de todos os lados, inclusive das próprias famílias, que não entendiam direito o que estava acontecendo com aqueles jovens proletários que passaram a ser diferentes num mundo de iguais.

# OBITUÁRIOS

1977

## MARÇO 07

O Brasil perde Big Boy aos 33 anos, um dos maiores discotecários do país. Ganhou o apelido de Reynaldo Jardim. Era asmático e teve parada cardíaca num hotel em São Paulo. “Ele tomava muita cortisona para a asma, e acho que por isso teve o enfarte”, Lúcia Duarte.

Newton Alvarenga Duarte, nascido no Rio de Janeiro, foi o mais importante disc jockey de sua época, responsável por uma verdadeira revolução no rádio brasileiro. Apaixonado por música desde a infância, ainda adolescente, iniciou uma coleção de música pop que chegou a 20 mil discos. Como locutor, introduziu uma linguagem jovem, mais próxima do público que o ouvia. Seu "hello crazy people!", a maneira irreverente como saudava os ouvintes, tornou-se marca registrada de um estilo próprio, descontraído, diferente da voz impostada dos locutores de então. Como programador, demonstrou extrema sensibilidade ao captar o gosto do público, observando as tendências musicais ao redor do mundo e inovando a partir de ideias que modificariam todo um sistema de programação estabelecido.

## MARÇO 27

### Domingo

Morre a irmã de Glauber Rocha; Anecy Rocha, que caiu acidentalmente no poço de um elevador. A família Rocha se caracterizou pela força e pela tragédia, mas essa dor foi demais para Glauber, recém-chegado, deixando o cineasta abalado e completamente transtornado, começava seu isolamento e distanciamento do pensamento cinematográfico e da realidade brasileira.

## ABRIL 11 Segunda-feira

Jacques Prévert (1900-1977). Foi um influente poeta e roteirista francês, amplamente reconhecido por sua contribuição à literatura do século XX e por sua linguagem acessível e musicalidade. Nascido em Neuilly-sur-Seine, ele estudou na Escola de Belas Artes e, inicialmente, trabalhou como artista gráfico antes de se dedicar à escrita

## AGOSTO 16 Terça-feira

Elvis é encontrado morto no banheiro de sua mansão. A notícia de sua morte chega a todos os cantos do mundo como uma verdadeira bomba.

Após receber uma ligação de emergência de Ginger Alden, noiva de Presley – Presley havia se divorciado de sua esposa em 1973 – o Sr. Joe Esposito correu para encontrar Presley morto em um banheiro em Graceland. Ele posteriormente deu a notícia a Priscilla Presley e a Tom Parker, o empresário de Presley. Ele foi um dos carregadores do caixão no funeral de Presley.

Depois de Mickey Mouse, Elvis é a imagem mais famosa do mundo em reproduções e ninguém aceitava a ideia de sua morte.

Seu funeral é marcado até mesmo por suicídios e após a tentativa de roubo de seu corpo, seu pai decide trazê-lo, e enterrar Elvis, sua mãe e o irmão gêmeo (este último simbolicamente), nos jardins da "mansão Graceland", num local chamado pelo cantor de "Jardim da Meditação".

**1978 JANEIRO 09 Segunda-feira**

## **GLAUBER ROCHA EM ESTADO POÉTICO: "IDADE DA TERRA É MEU ÚLTIMO GRITO"**

Psicologicamente estimulado, Glauber Rocha volta aos círculos da Capital do Brasil onde há misticismo, mitos, deuses e diabos. Além de capital-cenário, Brasília é um elemento vivo e transfigurado na epopeia glaubíca.

Perambula/gargalha pela redação do Correio Braziliense, fala/pensa filosofia/poesia, política/economia, usa o pátio do jornal como cenário, roda cenas de grande plasticidade de A Idade da Terra. Glauber, também visita o Vale do Amanhecer e vai à Casa de Tia Neiva em companhia de Paula Gaétan e Quim Andrade, no cômodo onde estão, Glauber ouve um galope e comenta com Tia Neiva: "o próximo presidente virá montado a cavalo"... No terreiro do Raul de Xangô, no Núcleo Bandeirante, ele também filma. O cineasta investe tempo e dinheiro nesse projeto, que corresponde a uma coisa bíblica e religiosa. A iluminação só pintou mesmo em Brasília. Na sua segunda passagem por Brasília, Glauber filma A Idade da Terra.

Roberto Farias custa muito, a liberar o dinheiro que Glauber Rocha precisa, o cineasta passa catorze meses esperando que a Embrafilme lhe repasse as verbas.

É necessária uma conspiração que envolve os ex-ministros, João Paulo dos Reis Velloso e Petrônio Portella; os jornalistas, Oliveira Bastos e Fernando Lemos; os políticos, Roberto Campos, José Sarney, Golbery e Humberto Barreto que empurram o filme goela abaixo da cúpula da Embrafilme, que comanda a política cinematográfica e não reconhece muito Glauber Rocha apesar dele ser superconhecido no exterior, e solicitado para vários festivais, ao lado de Nelson Pereira dos Santos que também é muito reconhecido.

A Embrafilme repassa a Glauber Rocha 10% do que ele pediu para fazer o filme. O cineasta já contratou a equipe, e não pode parar, o jeito é arrancar sequências inteiras do roteiro pela falta do dinheiro e A Idade da Terra vira quase uma sinopse de um épico. Na versão montada por Glauber Rocha o filme tem quatro horas e meia de projeção. A Embrafilme assistiu, e pede que baixe para três horas e meia. Glauber muito contra a vontade corta o filme, uma hora, mostra novamente à Embrafilme que só distribuirá o filme se cortar mais uma hora, com 160 minutos. Então ele volta para moviola e mutila a sua obra porque um bando de burocratas acha o filme longo.

Ao desmontar sequencialmente A Idade da Terra, Glauber cria uma nova expressão cinematográfica; o filme passa a poder ser visto de qualquer pedaço que se quiser.

Para lançar o filme depois dos cortes, outra guerra. Golbery de novo em ação. A Embrafilme não quer gastar um tostão com A Idade da Terra.

– Não vamos dar nada para esse louco.

A Embrafilme inverte os papéis e deixa de perceber que A Idade da Terra, é contraditório e que não se vincula a qualquer receituário-ideário oficial...

Glauber Rocha, que na semana passada jantou com Isabel e o ministro Reis Velloso começa hoje aqui as filmagens com as cenas de Brasília para o seu filme.

Tarcísio Meira está em Brasília filmando com Glauber Rocha sua última produção, cujas primeiras cenas estão sendo tomadas no Brasília Palace Hotel, Palácio da Alvorada etc.

Glauber aponta a câmera para os atores, pede que comecem a gravar a cena e em seguida ordena: "Parem, parem!". "As nuvens estão cobrindo o sol." E novamente interrompe as filmagens para falar do assunto.

Tarcísio Meira volta ao Rio de Janeiro, pois as chuvas adiaram as filmagens. Retornou no final de semana para prosseguir nas cenas tiradas em Brasília.

Danuza Leão vai passar uns dias em Brasília filmando cenas do filme.

Para as filmagens de A Idade da Terra, Glauber e sua equipe hospedam-se no Brasília Palace Hotel, o melhor hotel da capital, localizado à beira do Lago Paranoá, exemplo da arquitetura moderna e que será destruído por um incêndio a 4 de agosto.

## MÚSICA

1978

### JANEIRO

Série de shows dos Sex Pistols nos Estados Unidos.

Joãozinho Podre não aguenta mais. Nenhum teatro quer se arriscar a ser totalmente destruído e está sem gravadora. Com apenas um elepê editado oficialmente (já que os bootlegs proliferam), Never Mind the Bollocks, separa-se dos Sex Pistols. Ele não aguentava mais a palhaçada e o monte de mentiras pré-fabricadas que Malcom McLaren, manipulador da imagem dos Pistols, propunha a fazer como forma de trabalho.

#### **JANEIRO 14 Sábado**

Última apresentação dos quatro Pistols juntos.

#### **Sex Pistols no Brasil: Despedida com Calote, Confusão e**

#### **Liminha no Ringue**

Hippie veterano versus moleques punks: confusão na despedida dos britânicos. Liminha: que história é essa de os punks quererem dar calote logo em um produtor brasileiro? Sex Pistols: uma briga feia por causa de dinheiro. Paul Cook e Steve Jones, os dois integrantes dos Sex Pistols que vieram ao Brasil, não poderiam deixar o país sem protagonizar uma última cena punk. Dois dias antes de partirem, os garotos causaram uma grande confusão com o produtor Liminha, num episódio que, segundo relatos, envolveu momentos dignos de Muhammad Ali e James Bond. Testemunhas dizem que a briga começou quando Cook e Jones ameaçaram não pagar pelo aluguel dos instrumentos que

usaram. A resposta de Liminha foi rápida: no dia da partida, ele apareceu bem cedo para resolver as contas, acordando os dois punks às sete da manhã.

### **JANEIRO 19 Quinta-feira**

Eryk Aruak Rocha, filho de Glauber, com Paula Gaétan, nasce em Brasília, em plena filmagem. Glauber só verá o filho no dia seguinte, trabalha até de madrugada.

O trajeto das locações das filmagens é decidido pela manhã no Palace Hotel, mas Glauber nunca segue o roteiro das cenas, é o rei do improvisado, simplesmente sai de carro e decide na hora, junto aos gritos descontrolados e com toda a impaciência que lhe cabe no peito.

Um dia às 7 da manhã, Glauber está no Teatro Nacional em obras com os operários dando acabamentos e montando os arabescos, ele liga para Fernando Lemos.

– “Vem pra cá.”

“Entre aí.” Diz Glauber a Fernando Lemos que já entra em cena, gravando o roteiro, que Glauber criou na hora. Depois, Fernando Lemos, Maurício do Valle e Antônio Pitanga saem de carro, Glauber no outro carro, filma. O Teatro Nacional é a pirâmide, túmulo dos sonhos do Brasil.

Nos arredores da Torre de Tv, onde uma das cenas está sendo filmada, Ary Para-raios surpreende-se com a equipe montada para a filmagem e com a ordem de Glauber: “Entre aí e comece a falar.” O ator/jornalista retruca: “Falar o que?”, “Fale o que quiser.” Dispara o diretor. Pressionado, Para-raios recita os Lusíadas, de Camões, e, em seguida, frases em Latim.

E Glauber Rocha grita: “Vai andando, que a câmera vai atrás...”

O método de improvisação de Glauber é levado ao Extremo, por ele mesmo, sem concessões, o tempo todo a voz da direção é ouvida, o som definitivo é o som-guia, é o delírio total de uma grande aventura poética coletiva onde muitos sabiam que haviam embarcado.

Noutra manhã os atores João Antônio, Dimer Monteiro e Gloria La Boca, (“Glauber, apaixonou-se pela sua atuação”) banham-se na piscina, Glauber Rocha pede uma garrafa de água. Espera 10 minutos. Ela não vem. Ele despede, acompanhado de uma fileira extensa de palavrões, a pessoa responsável por matar sua sede. Na manhã seguinte, ela é recontratada. As filmagens atrasam por um dia quase inteiro por causa do incidente.

Os motoristas de entidades do governo que emprestaram seus carros à produção são proibidos por Glauber de sentarem para comer na mesma mesa da equipe. Eles seriam, como tantos intelectuais espancados por Glauber, agentes da CIA.

Ninguém foi despedido. Mas xinga o primeiro que lhe cruze o caminho. No Teatro Galpãozinho, os atores brasilienses durante dois dias sentiram o ônus de trabalhar com um famoso cineasta em crise e presenciaram atos e discussões sem sacralidade alguma. Um espetáculo com diálogos deprimentes:

“Você é uma jumenta, uma prostituta, uma incompetente.” Glauber grita com Tizuka Yamasaki, diretora de produção e responsável pela privacidade do cineasta. Tizuka Yamasaki, não responde, ela olha e alega em voz baixa que aguenta tudo porque, afinal de contas, está aprendendo muito com ele.

Apesar de querido pela equipe que dirige, Glauber Rocha joga duro quando falhas acontecem. Numa cena gravada na Esplanada dos Ministérios, um técnico quebra lente caríssima. O cineasta enlouquece. Obriga a equipe a voltar ao Brasília Palace e de meio-dia às seis da tarde têm de ouvir um sermão glauberiano. Glauber estoura orçamentos, briga com os amigos, enlouquece a equipe de

filmagem, os produtores, e deixa técnicos à beira do colapso e atores como Antônio Pitanga, que faz o Deus negro, e Jece Valadão, o Cristo índio, desorientados com suas ideias. Tarcísio Meira, exige os diálogos por escrito. Muitos atores também tiram Glauber do sério.

Glauber – Prefiro não antecipar a história, para não perder a graça. Aliás, nunca estive em meus hábitos filmar a partir de um roteiro preestabelecido. Tenho certas anotações que só se definem cinematograficamente.

A forma livre, íntima, inventiva, inspirada e surpreendente de Glauber trabalhar no set suscitava um polemismo maravilhoso.

“Foi uma de minhas experiências mais gratificantes e construtivas. O Glauber era carinhoso, instigante, inteligente e polêmico. Os atores eram um instrumento do trabalho dele, que era um diretor-autor, mas nunca um ditador. Lamento não ter estado com ele mais vezes.” — Tarcísio Meira

“Ator que não sabia improvisar não podia trabalhar com Glauber.” — Norma Benguell

Na sua segunda passagem por Brasília em janeiro de 1978, Glauber filma A Idade da Terra. De outubro de 1978 a fevereiro do ano seguinte, Glauber não gasta e ainda ganha dinheiro, por meio de permuta mora na suíte presidencial do Hotel Eron, onde têm as mulheres que quer nas camas que escolhe e as melhores amizades.

"O protestantismo anglo-saxão provocou a revolução capitalista norte-americana. O catolicismo ibérico miserabilizou sul-américa. O conceito moderno de Civilização Ocidental foi criado pelo Pentágono. Golbery possui um conceito filosófico correto de Civilização Ocidental Cristã, mas discordo de seu conceito político. Uma má tática política prejudica uma grande estratégia filosófica. Sendo o Brasil a síntese do Terceiro Mundo não tem sentido o cristianismo romano e sim o Cristo Zoroastria. Porque Zoroastro foi o Mestre de Cristo e Buda. O cristianismo continua a maior força ocidental e o Enviado aparece encoberto por várias personagens. No Brasil é Sebastião, o louco. O Segundo Sebastião é o êxtase da lucidez." — Glauber Rocha

**1978**

## **FEVEREIRO**

Em Brasília, é (a)fundado o delirante e anárquico Pacotão, também conhecido como Sociedade Armorial Patafísica e Rusticana, o maior bloco carnavalesco da capital. Em 1978, o bloco realizou seu primeiro desfile, dando início à festa-evento-cultural mais importante da cidade. Desde então, o Pacotão desfila aos domingos e terças-feiras de Carnaval, trazendo irreverência e crítica política às ruas da capital dessa República – mais ré do que pública.

Raul Seixas lança Mata Virgem.

### **MARÇO 26 Domingo**

#### **Plateia drogada destrói cinema ao rock do Led Zeppelin**

Um festival de maconha em pleno Kárim Márcia

O filme em cartaz era Rock é Rock Mesmo, com o conjunto Led Zeppelin. Na plateia, cerca de 800 jovens vibravam desde os primeiros minutos com o som muito incrementado, muitos deles fumando

maconha. Nesse clima, aos poucos o ambiente foi ficando conturbado e, no meio da sessão, a turma já estava dançando em cima das cadeiras ou no palco. O cinema virou um verdadeiro festival pop, e ameaçava “explodir”.

Diante do que estava acontecendo, os funcionários do Karim Márcia resolveram suspender a projeção. Revoltados, os jovens partiram para a destruição: retiraram os extintores de incêndio das paredes e iniciaram uma batalha de espuma. No mesmo embalo, cerca de 30 rapazes rasgaram as cortinas, ampliando a bagunça. Quando a destruição já estava avançada, alguém sugeriu que se completasse logo o serviço.

Minutos depois, mais de 200 poltronas estavam em pedaços. Não satisfeitos, os vândalos retiraram as mangueiras contra incêndio e passaram a molhar tudo. Dez minutos depois o cinema estava completamente inundado. A esta altura dos acontecimentos, a polícia já se aproximava e estava na hora de fugir. Em pânico, os jovens drogados quebraram mais poltronas ainda, tentando escapar de uma prisão em flagrante.

Quando os policiais chegaram só encontraram o caos. Atemorizados, os empregados do cinema contaram tudo o que aconteceu, procurando oferecer pistas aos agentes para a identificação dos principais culpados. Já ontem a polícia tinha esperanças de localizar alguns dos rapazes, enquanto crescia a surpresa geral pelo fato de tudo isso ocorrer numa Sexta-feira Santa.

O delegado Norbeto Neto, da 2 Delegacia de Polícia da Asa Norte, disse que aguarda representação do proprietário do cinema para que seja instaurado inquérito policial por danos. Informou ainda que já conseguiu levantar a identificação dos principais autores, inclusive, já apurou onde eles moram e quem são seus respectivos pais. Todos serão indiciados como manda a lei.

Depois que a vizinhança leu o jornal, não restou lugar para esconder a cara.

Arnaldo Baptista

— Rock eu gosto porque é meu sangue. É minha vida desde que nasci.

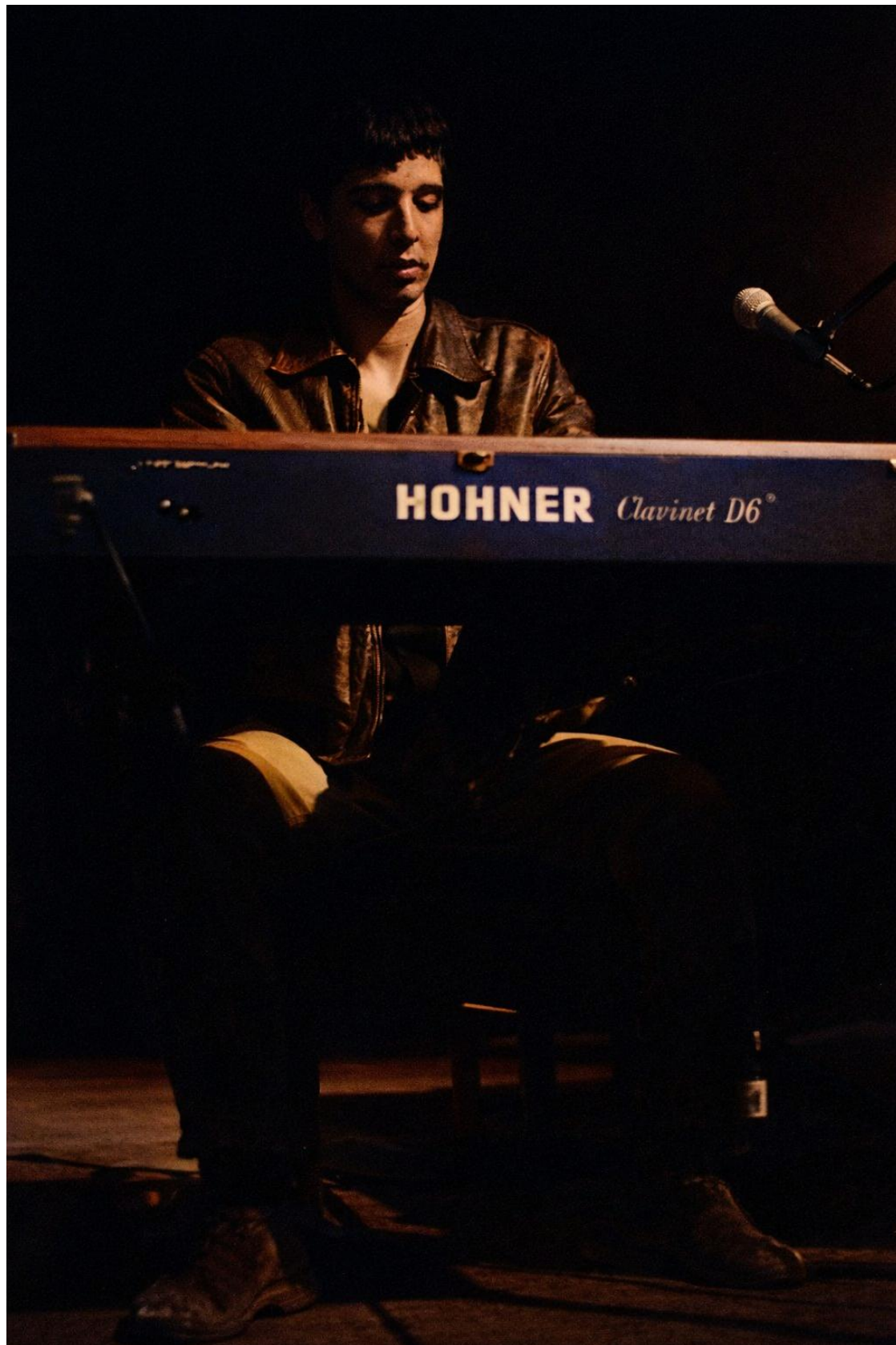
1978

## **ABRIL**

"Bob Marley, rei absoluto do reggae e um dos músicos mais influentes do pop atual, acaba de voltar às paradas com seu novo LP Kaya. Nesse disco, Marley aprofunda o trabalho iniciado em Exodus, seu álbum anterior. Ao lado de canções políticas, há faixas românticas – em seu estilo sensual e naturalista – e louvações rastafarianas a Jah, a entidade suprema dos rastas, seguidores da principal religião jamaicana. Enquanto Kaya sobe nas paradas, a nova banda de Marley se prepara para assolar a Europa. E por falar em rastas, outras maravilhas jamaicanas estão ganhando destaque: nos EUA, acabam de ser lançados os novos LPs dos grupos Third World (96 in the Shade) e Burning Spear (Dry & Heavy), duas bandas lendárias que, infelizmente, ainda não mereceram a atenção das gravadoras brasileiras."

— Júlio Barroso, coluna Mundo Black – Revista POP / Jornal das Coisas, abril de 1978.

Arnaldo Baptista ao Clavinet D6 – foto por Marcio Lambais.



# SERGUEI: UM HINO PARA OS PUNKS

Aos treze anos de carreira, o primeiro punk a surgir no Brasil está gravando seu primeiro LP. Pera Colorido



**E**m matéria de cantor punk, ninguém consegue superar Serguei. Se você dovida, basta dar uma rápida

olhada nos treze anos de carreira desse carioca de Copacabana, que acabou fazendo escola entre os punks do Village guvaioirquino. Nos tempos da Jovem Guarda, em meio à rnave contestação de Roberto e Erasmo Carlos, Serguei chocava todo mundo com uma lemes de contato vermelhas, cabelos pela cintura e um comportamento sapa agressivo no palco. Foi ainda naquela época que ele conquistou o ódio de todos os produtores da TV. Em seu programa de estréia, ele errou a marcação e saiu do palco pela porta errada, dando um esbarrão em Roberto Carlos e quase pôe a nocaute o rei da Jovem Guarda. Depois ele ganharia, juntamente com Gal Costa, o troféu de "pior cantor do ano", no programa de Flávio Cavalcanti. No mês seguinte ele te mandou para Nova York, cnde chegou a fazer razoável mcento — comprovado através de recortes de jornais orgulhosamente exibidos — nas boates especializadas em rock pasado. Em seu repertório, de Elvis a Chuck Berry, riciados à sua maneira.

Cantor não comercial por opção. Serguei vé com muita desconfiança os superstars corionzidos pels indúsdos do dõxxx:

"Eu nunca quis fazer parte desse grupo de músicos que, em lugar de estarem no palco, deveriam mais é cortir um balcão de supermercado. Eles fazem música medrosa, só quem ficer ricos; deixar a barriga crescer e te aposentar para o mando da sensibilidade. Eu nunca fui reconhecido, pouca gente ma dá valor, mas eu não entro nessa. Já fui marginalizado por todos; pelas elites de Jovem Guarda, da Bossa Nova e até pelos baianos da Tropécilia. Sou um marginalizado por opção".

Hoje, Serguei se apresenta em clubes de subbrbio cariocas, para plattias pequettas mas que o adoram. Além dessa, esta para gravar o seu primeiro LP, que te chamará *Peru Colorido* e inclui entre suas faixas um hino punk. Depois, pretende levar o seu show por todo o Brasil. Se ele passar pela sua cidade, não o perca. Noma época em que os punks propcom a volta no rock basssil, vale a pena ver um show de alguém que sempre esteve neow, resistindo aos ingênuos apelos do rock classisoco.



Serguei diz que não faz música para ganhar dinheiro, e que os superstars do rock deviam estar atrás de balcões de supermercado: "Daria na mesma..."

## FINAL DE ABRIL

No Teatro Teresa Rachel, no Rio de Janeiro, os cariocas tiveram a chance de assistir à Patrulha do Espaço. Em uma apresentação memorável, a banda contou com um convidado superespecial: Sérgio Dias, dos Mutantes, tocando guitarra. A formação dos sonhos durou apenas uma noite, mas deixou uma marca profunda no público presente.

## MAIO

Rolling Stones lançam o LP Miss You

Sem dúvida, os cinco ingleses não são apenas a maior banda de rock do mundo — são a única (principalmente agora que o Who, único grupo a fazer-lhe alguma sombra, sofre um violento golpe, com a morte do imortal baterista Keith Moon). O carisma dos Rolling Stones vive.

O tempo não espera por ninguém, e andou fazendo alguns estragos na imaginação dos Stones, que adquiriram o pernicioso hábito de repetir alguns clichês roqueiros em praticamente todos seus álbuns. Tanto que assim que, vez por outra, chegam à praça discos nitidamente aquém das reais possibilidades criativas do quinteto, como fora o anterior, o conturbado Black and Blue disco de estúdio da estreia de Ron Wood. Não sendo o caso, no entanto, do novo LP, *Some Girls* (Rolling Stones Records/EMI-Odeon).

Como de hábito, o rock e o rhythm and blues constituem o alicerce de praticamente os quarenta minutos do disco: é muita pauleira e muito feeling. Porém, a grande vantagem de *Some Girls* sobre a maioria dos últimos produtos dos Rolling Stones é o fato da banda ter captado uma garra e uma fonte de música que nos fazem lembrar o início de carreira do conjunto.

Em certas ocasiões completamente arrasadores (“Respectable”, “When The Whip Comes Down” e “Lies”), em outras balançantes como os bons grupos soul (“I Miss You” e na canção de Norman Whitfield, “Just My Imagination”, gravada em meados dos anos 60 pelos Temptations) os Stones ainda encontram energia para curtirem estranhas e deprimentes baladas à la Lou Reed (“Some Girls”, “Beast of Burden”) e aventuras como sempre bem-sucedidas pelo território da country music (“Faraway Eyes”). E, invariavelmente temperando estes ritmos com letras profundamente sarcásticas e amorais que não respeitam esteio algum da sociedade ocidental (pela primeira vez num disco do grupo as letras estão integralmente reproduzidas num encarte, o que facilita bastante a tarefa daqueles não muito afeitos ao inglês nada limpo de Mick Jagger).

Some Girls é magistralmente produzido. Não bastasse isto, uma vez mais o trabalho aponta para um detalhe não muito focalizado da música do grupo: a evolução do desempenho dos instrumentistas. Pois, se Mick Jagger é hoje o cantor mais destacado da cena rock, deve isto tanto a seu próprio talento quanto à competência e segurança de Keith Richards, Bill Wyman, Charlie Watts (um mágico) e de três anos para cá, Ron Wood.

## **MAIO 12-13-14**

- Cacho Valdez: É O Rock Com Alma Latina

## **MAIO 19**

O Dire Straits lançou seu primeiro single por uma grande gravadora, "Sultans Of Swing", gravado com um orçamento de £120. A música foi inicialmente gravada como uma demo no Pathway Studios, no norte de Londres, em julho de 1977, e rapidamente conquistou uma base de fãs após ser colocada em rotação na Radio London.

**1978**

## **MAIO 27**

Turnê do Black Sabbath do álbum Never Say Die! no

Lewisham Odeon, Londres

### **MAIO 31 Quarta-feira**

#### **Mutantes e Arnaldo Baptista: O Revival**

No Ibirapuera, em plena era das calças boca de sino e camisetas hang-ten, os Mutantes resgatavam o repertório de sua fase inicial, com Arnaldo Baptista de volta, criando apresentações quase mágicas. Este CDr captura uma rara performance ao vivo de Arnaldo ao piano acústico. Além de interpretar faixas do lendário álbum Lóki?, Arnaldo, Sérgio Dias e Betina recriam de forma sublime a emblemática "Balada do Louco".

Esse show seria o bônus ideal para uma reedição especial de Lóki?. Que esse desejo se torne realidade...

Durante a apresentação no Palácio do Anhembi, uma agressão verbal isolada se aproxima da demência, e outro espectador responde: "– Cala a boca". Em seguida, os suaves acordes de "Balada do Louco" ecoam, com Sérgio Dias solando na craviola. Betina e Arnaldo, em um dueto que mistura

tons caipiras com uma leveza jazzística, transformam o instrumental em algo próximo da improvisação, elevando o momento a um novo patamar.

- Na Copa de 78, o ‘conselho’ do ditador Geisel ao artilheiro Reinaldo

### **JUNHO 06 Terça-feira**

Os Mutantes realizam 3 concertos em clima de despedida.

Brasil: Rock dos anos 70, ao vivo!

Disco autêntico? Só os bootlegs

Grupos:

Som de Cada Dia – Bem no fim (Ao Vivo)

Casa das Máquinas – Ao Vivo. Santos 1978

Mutantes/Arnaldo Baptista – CDr

Antecedentes: A invenção do disco pirata

A criação do disco pirata foi equivalente à invenção da pólvora: um impacto imediato no sistema. Logo muitos perceberam o alcance dessa inovação e exclamaram: "Pronto, furaram o sistema." Está tudo na Rolling Stone. Larry Gutenplan, o inventor, foi preso no Village enquanto vendia cópias de The Best of 67, um bootleg com sucessos dos Beatles, Stones, The Doors e até os Monkees com "I'm a Believer". O disquinho custava apenas 1 dólar e 79.

Surgiram os primeiros bootlegs em CD de bandas nacionais dos anos 70, sob a chancela “An Alternative God Production”. Será que até Deus virou pirateiro? E mais: estavam sendo vendidos em lojas. Aqui, pesa o valor histórico e a devoção do fã ao adquirir esse tipo de material, pois há um forte apelo em preencher lacunas da história do rock brasileiro.

O que fez a indústria fonográfica do Primeiro Mundo?

Os Beatles correram atrás de faixas inéditas encontradas em bootlegs para incluir em seus lançamentos oficiais, como o disco ao vivo da BBC e o projeto Anthology. Jimi Hendrix, The Doors, King Crimson e The Who também legalizaram alguns de seus bootlegs. Em outubro de 2000, o Pearl Jam foi além e lançou 25 bootlegs duplos de uma só vez, nocautando os piratas.

Para os artistas brasileiros, o desafio é seguir esse exemplo e preservar ao menos um pouco de recurso para nossos desgastados roqueiros.

### **Som Nosso: Uma lenda do rock brasileiro**

De acordo com o artigo “Som Nosso, uma história digna do rock brasileiro” da revista Pop, a origem da banda Som Nosso de Cada Dia começou em 1973. Manito, ex-Clevers, ex-Incríveis e ex-Mutantes, tentou algo diferente ao fundar uma banda com 12 músicos, chamada Bloco Barbala, voltada para tocar em bailes. O grupo reunia músicos de diversas partes de São Paulo, mas o projeto não avançou e a formação foi reduzida para um quinteto, que acabou sendo chamado de Zapata. Dessa tentativa nasceu o quarteto Som Nosso de Cada Dia (com Pedrinho na bateria, Manito nos teclados, Pedrão no contrabaixo e Liminha na guitarra).

A formação presente no bootleg Bem no Fim – 1976 inclui Pedrão, Pedrinho, Dino Vicente nos teclados e Egidio Conde na guitarra. Esse disco recupera a faixa "Rajada Runaway", com letra do

poeta Paulinho Machado, o Capitão Foguete. Essa música deveria ter sido incluída no segundo álbum de estúdio da banda, que nunca foi lançado. O bootleg revela um Som Nosso menos urbano, equilibrado por timbres que remetem à música brasileira, antecipando o caminho que outras bandas progressivas brasileiras adotariam.

### **A Casa cai**

Em 1978, o show da Casa das Máquinas em Santos captura o fim turbulento da banda. A reputação dos músicos estava manchada por acusações de irresponsabilidade e confusão.

Após um grande show na Argentina, a banda se desfez sete meses depois.

É curioso ouvir o vocalista Simbas gritando para o público: "Vamos agitar, bando de bundas-moles! Isso é um show de rock!" Ao lado da energia crua da guitarra de Pisca, esse registro revela a intensidade da banda. Existe outro tape, de qualidade superior, aguardando para ser descoberto.

Em 1977, uma briga envolvendo Simbas na porta da TV Record resultou na morte de um funcionário da emissora, o que abalou ainda mais a trajetória da Casa das Máquinas.

### **Live Days Baptista**

Ainda em 1978, no Teatro Igreja em São Paulo, Arnaldo apresentou um show solo de rock-blues, incluindo material próprio e versões de Bob Dylan, Elton John e Beatles. Mais tarde, ele seguiu para

Nova York, onde, após um show de Lou Reed, afirmou ter tido uma experiência controversa com o ídolo do rock.

### **1978 JUNHO 11 Domingo**

Na Inglaterra, o jornal News of the World publicou a primeira parte de sua série exclusiva dividida em duas partes, escrita pela primeira esposa de John, Cynthia. Principalmente, a série se baseava em escritos dela intitulados A Twist of Lennon, que incluíam uma série de acusações, como "John tentou me introduzir no mundo das drogas contra a minha vontade" e "Yoko me roubou o John". Durante esse período, Cynthia (que, após John, casou-se com Yoko Ono e relacionou-se com May Pang) também fez algumas aparições promocionais na Tv, incluindo um almoço na BBC1 no programa Pebble Mill at One.

### **JUNHO 17 Sábado**

Na Alemanha, uma noite depois de 12 mil fãs destruírem a aparelhagem de som do Jefferson Starship (avaliada em 200 mil dólares), Grace Slick, vestida com um uniforme nazista, apresentou-se ao vivo pela última vez.

Grace Slick abandona o Jefferson Starship em meio a insultos mútuos com o guitarrista Paul Kantner, seu ex-marido.

Marty Balin também abandona o Jefferson Starship para perseguir uma carreira solo.

### **AGOSTO 04 Sexta-feira**

Brasília Palace Hotel, o melhor hotel da capital, localizado à beira do Lago Paranoá, exemplo da arquitetura moderna é destruído por um incêndio.

## **AGOSTO 22 Terça-feira**

Sid Vicious, do Sex Pistols, fez sua última aparição ao vivo no palco, quando se apresentou com Rat Scabies, do The Damned, o ex-Sex Pistols Glen Matlock e Nancy Spungen no Electric Ballroom de Londres. Na plateia: Elvis Costello, Blondie, Joan Jett, The Slits e Captain Sensible.

Sid e Nancy resolvem morar por um tempo em Nova York.

## **SETEMBRO**

"Depois de bastante tempo dentro das gavetas, rotulado de anticomercial, o cantor e compositor jamaicano Bob Marley atinge posição de destaque nas paradas de execução das rádios FM, com a canção Is this Love?."

Júlio Barroso – revista POP/Jornal das coisas

### **Zappa na banca**

Na banca do Stanley, na QE 34, ele vendia jornais e revistas (hoje ele trabalha em hospital). Ali na banca ocorreu um fato que jamais esqueço: esqueci lá, o Disco do Sofá do Frank Zappa e desde então, passados quase quatro décadas, jamais reencontrei esse disco. Nessa quadra do Guará tudo aconteceu. Onde conheci os amigos mais nobres e próximos. O balanço é altamente favorável QE 34 balança o meu coração.

### **Twenty Golden Oldies**

‘Angie’ era a música que se ouvia dos Rolling Stones. Os compactos fazem a moda. Eu tenho alguns de vários os gêneros e cantores (e é coisa pra caramba). De uma série raríssima dos Rolling Stones veio a expressão Twenty golden oldies, havia incutido com o nome.

Além dos compactos de uma série nacional, a Som Livre soltou dois LPs em um único envelope (foi a primeira vez que vimos uma edição assim), e cedíamos ao apelo, pois era mais barato. No entretempo, rolavam vídeos de arquivo na propaganda de lançamento que enlouqueciam os fãs. O povo de casa ficou de orelha em pé, sai o sinfônico dos Beatles e entraram aqueles sons rudes e exuberantes de suas Majestades Satânicas. Foi com esse disco que começamos a aprender as músicas dedilhadas dos Rolling Stones. Adorávamos ‘Dandelion’, ‘Child of the Moon’, esse ‘Greatest Hits nos fez correr atrás das traduções das letras. Era o maior barato, em plena repressão no Guará, sair à noite e ouvir o Zé Marcos tocando no violão, ‘Jumpin’ Jack Flash’ – milhares de anos depois, descobri que o disco era outra armação americana do Allen Klein.

Adquirir dezenas de outras coletâneas dos quatro cantos do mundo tornou-se o vício de um stone alone.

**1978**

## **A Herança de Jimi Hendrix**

**Rafael Varela Jr., publicado na revista Música**

Faz uma reflexão sobre a morte de Jimi Hendrix e o legado deixado por ele, tanto musical quanto financeiro. Hendrix faleceu em 18 de setembro de 1970, por intoxicação causada por barbitúricos, e há especulações sobre sua morte, inclusive a possibilidade de suicídio, que nunca foi confirmada oficialmente.

Oito anos após sua morte, o legado de Hendrix inclui documentários, livros, discos, memorabilia e inúmeros processos judiciais disputando os direitos de sua obra e herança. A gestão de seus bens e direitos foi marcada por fraudes, como no caso da tentativa fracassada de criar a Fundação Memorial Jimi Hendrix, cujo dinheiro arrecadado foi roubado. Seu pai, Al Hendrix, recebeu muito pouco da herança, mas mais tarde conseguiu tomar controle do estúdio Electric Lady, construído por Jimi em Nova York.

Diversas figuras estão envolvidas na administração do legado de Hendrix, como Jack Hammer, Alan Douglas, e Ed Chalpin, que lucraram com suas gravações e lançamentos, muitas vezes sem autorização adequada. As ações de Chalpin, que controlou direitos de discos de Hendrix, são particularmente polêmicas, envolvendo contratos que eximiam o guitarrista de futuros processos. A Yameta Trust Co., uma empresa supostamente criada para gerenciar os direitos de Hendrix, nunca pagou royalties, e há especulações sobre possíveis conexões com atividades ilícitas.

O texto termina refletindo que, apesar das disputas e vultos sombrios que cercam sua herança, a música de Jimi Hendrix ainda é considerada inovadora e aponta para o futuro, mesmo em meio ao caos deixado após sua morte.

## **AI-5: O Terror Que Virou Lei**

No próximo dia 13 de dezembro, faz dez anos que o Ato Institucional n.º 5 – o AI-5 –, foi baixado durante o governo do marechal Costa e Silva, para servir de suporte legal à repressão desenfreada e ao terror contra todo tipo de oposição ao regime militar. De imediato, a medida implicou no fechamento do Congresso Militar, em cassações, inúmeras prisões, aposentadorias compulsórias e outras violências e arbitrariedades. Ao longo desta década, o AI-5 foi usado permanentemente contra os movimentos populares, dando aos generais-presidentes poderes ditatoriais para garantir a ordem de exploração e da opressão. Como a esquerda brasileira enfrentou o AI-5? Ela previa a hipótese do golpe dentro do golpe em 1968? Que tipo de influência teve o AI-5 sobre a atuação de várias organizações de esquerda? Depoimentos de Jacob Gorender, Florestan Fernandes e José Genoíno Neto.

"Aí por volta de 1978, a ditadura militar que amordaçava a inteligência brasileira já demonstrava alguns sinais de cansaço. A despeito disso, não dava a menor trégua ao dramaturgo Plínio Marcos, o mais censurado de todos os autores brasileiros contemporâneos. Curiosamente, Plínio nunca militara em nenhuma organização de esquerda. O seu partido era (continua sendo) o dos deserdados, desvalidos, 'merdunchos', como diria o João Antônio. Sua temática a violência que esmaga os sem-defesa." (Cineas Santos)

## **O Local Hídrico Mais Louco do Guará 2**

Era na descida para o Carrefour

Desde 1977, aos sábados, o Guará me recebia, quando eu poderia estar em Taguatinga jogando bola ou ouvindo um disco, tinha que tomar conta da Vidraçaria e enfrentar os meninos mais velhos. Eu odiava os sábados e só fui me livrar desse sentimento velho demais. Um dia no segundo semestre de 1978, nos mudamos para o Guará.

Uma piscina-represa construída em mutirão ainda nos anos 70 parece-me que ela não existe mais uma vez que caminhões retiraram entulho da sua nascente. A piscina se localizava dentro do Parque do Guará abaixo da casa-sede do Parque Ecológico

Ezechias Heringer – a água cristalina fluía e suas bordas eram de pedras. Cenário de cinema. Frequentamos lá até 1985, depois não retornamos mais...

Onde fica o Kartodromo do Guará. Atrás dos bares do Cave, existiu um lago com duas ilhotas. Nossa praia.

### **Bosteiro**

Quando o vento soprava para a Candangolândia ou Bandeirante, o cheiro podre do excremento era terrível também.

Cloaca é a palavra usada por paulistas ou cariocas para sistema de esgoto. No Guará 2, as pessoas esbanjavam simpatia ao se referirem como Bosteiro, o governo as chamava, com eufemismo científico, de Lagoas de Oxidação. No Guará 2, existiram dois Bosteiros: um na QE 36 e outro na QE 38 – o povo da 36 sentia nos poros o odor, e o povo da 34 sentia as picadas do mosquito. De dia era um lugar belo e tranquilo – as lagoas gêmeas eram separadas por uma extensa faixa de terra dos tanques gigantes abertos ali desde o início dos anos 70. Jamais se descobriu sua profundidade. Eu costumava zanzar por ali de bicicleta, à procura de revistas para colher recortes para álbuns de rock – meu novo vício. Definitivamente, não era recomendado andar só. Na aventura, havia campos de futebol, despachos, entulho e estradas desertas, algumas seguiam até a Metropolitana. No Bosteiro,

a vida vegetal e animal pulsavam, com o mato vicejante e o voo cinematográfico das garças – aquela paz. Um dia, o Bosteiro foi parar nas manchetes criminais dos jornais: menores roubaram o conjunto de cálices dourados da liturgia da Paroquia da QE 32! A polícia não perdoou! Como terminou? Um policial que frequentava o bar nos contou que a dupla de menores mergulhou no Bosteiro para retirar os objetos sagrados atirados lá.

### **Retardados**

‘Discosom ao lado da lotérica Zebrinha, e ao lado da Técnica Alemã; ao centro, o cinema. Bons tempos’ – Antônio Gonçalves

Na discoteca do Guará 1, na QE 7, comprei um LP de rock por 80 cruzeiros. A lembrança do preço ficou marcada por um adesivo com o número 80. Na época, meu foco era o Beatles e o Kiss – até o Arnaldo Baptista, o lendário ex-Mutantes, era fã do Kiss. Nunca tinha ouvido Whole Lotta Love antes, mas durante os verões, esse disco ecoava nas nossas ruas. Muniz Jr. colocava a caixinha de som na janela, balançava as mãos da cabeça à cintura e gritava para quem passasse: Venham conhecer a loucura do rock.

A única coisa boa aos 14/15 anos eram os irmãos Muniz. Líamos a revista Mad e ouvíamos incessantemente o LP 'Superstars do Rock', principalmente a faixa Whole Lotta Love'. Nossas vozes ecoavam na rua chamando as pessoas: 'Venham conhecer a nossa loucura do rock!' Era nossa própria loucura. E o que começou como uma brincadeira, logo atraiu gente de todos os lados. Até aquele momento, eu nunca tinha usado maconha, mas, segundo a visão da sociedade, sempre parecia estar muito doido quando subia no palco.

Como os Três Patetas, éramos um trio: eu, meu melhor amigo e o irmão mais velho dele. Líamos as revistas Mad, Pancada e Porrada, que influenciavam diretamente nossa vida. Na escola, me chamavam de Mad, e eu achava isso legal. Fazíamos travessuras como levar meias fétidas ao nariz ou queimar formigas com cigarros – essas eram nossas 'coisas leves. Usávamos o termo 'Retardado para nos referir aos outros: 'Fulano é retardado!' Naquele momento, os discos de rock de Led Zeppelin, Pink Floyd e Queen foram sendo deixados de lado, enquanto a discoteca tomava conta – os tempos estavam mudando. Não pegamos o punk, mas sim a new wave.

### **Da Turma da UVA aos Shows do Mel da Terra e do Sepultura de Brasília**

Um perímetro batizado Guará, onde transitam os adeptos de Bob Marley, os companheiros de Lennon, o pessoal do sambão, a garotada do punk em coquetel de receita muito específica, arco-íris, muito adjetivo, intrasferível, pessoal. Os filhos, os filhotes e netos de Lennon fazem parte dessa coisa toda que é o voador circo de uma guitarra, balão iluminado e amplificado.

'Darling be home soon e eu não posso esquecer essa canção porque ela foi a primeira que me fez aproximar de uma mulher nos tempos da UVA.

No Guará dos nobres, num quartinho, Joel costurava bolsas mocassins e aqueles puffs. E no meio do meio daqueles couros tinha uma revista do Hendrix que ele me deu. A outra revista comprei na Banca do Stanley, quando voltava da escola, lá pelo meio-dia. Eu picotava as revistas. Desde então, tenho algumas páginas e, dias desses, novamente as comprei: o pessoal do serviço de olho nas revistas, disse: 'Foi depois de lê-las que você ficou assim?' 'Pô, eles têm razão'. Depois de lê-las é que abracei esse estilo literário, o que está aí nos zines, nos livros, no site. Li os três volumes da Rock Espetacular, – presente de aniversário da minha mãe.

### **Fama?**

A UVA experimentava uma certa fama, porque aparecera por volta de 1973! Essa associação aglutinava estudantes das Asas Sul e Norte que viajavam pelos eixos. Definitivamente eram conhecidos.

Chaguinhas tinha feito um Super 8. Mancha imprimiu a primeira camiseta com estampa que eu vi, tinha estampa de Led Zeppelin e Jesus Cristo. Pedro Veras tinha um traço próprio e Joel era artesão, Gaspar era professor de matemática.

O rock-guaraense surgiu em 1974, quando os Matuskelas moraram no Guará I. Três anos depois, surgiu o Marciano Sodomita, que ensaiava na sala de estar de um apartamento na QE 7. Do Guará 1, Extremo do Guará 2, outras bandas foram Rocha do Planalto, e Psicose Crônica. E, em diante surgiram

Clones de Ludwig, Os Nefelibatas, Alto QI, Tropa de Choque, Os Cabelo Duro, Macakongs 2099. Agora? Existem dezenas e o Guará têm bares e estúdios ligados no rock.

Acompanhávamos as andanças musicais da UVA, um grupo ligado à contracultura, da QE 34. Nos caminhos da UVA tudo: bicicletas, Super-8, skate, acampamentos, motos, rock, girls, noites, pôsteres,

camisetas, mocassins, macacões jeans, guitarras, bandas de rock e viagens ao Nordeste... Com eles, comecei a conhecer o Plano Piloto e ir aos festivais.

Loucura de verdade começou no Guará 2, quando conheci Alberto e Mecenaz (†) logo percebi que os músicos eram meio desajustados. Apesar do Rocha do Planalto tocar porcosamente 'Lucy in the Sky' e 'Penny Lane'. Para mim, era um grupo de roqueiros da pesada em todos os sentidos que me mostravam a capa dupla do Medlle e apontavam para os braços do Roger Walters e diziam: 'Ele se pica'. Cresci com medo da capa do disco.

A grande chance do Rocha do Planalto ocorreu quando tocaram na Aruc! E o resultado não foi muito legal... Voltamos pra casa meio abatidos... Descobriram que estavam fazendo tudo errado. O grande destaque foi a apresentação da banda brasileira Sepultura. Também eram boas bandas a Mel da Terra e Pôr do Sol. O grande grupo, meio Terço/14 Bis, era o Tellah, com um trabalho instrumental de grande repercussão e respeito. Demorou dois anos para surgir a trinca de ouro do rock hard heavy de Brasília que eram o Fusão, o Extremo e o Nirvana e nós, enfim podemos voltar ao templo da Aruc para dignamente representar o rock made in Guará.

Sem talento musical. Tinha uma discografia e informações. Acumulei fracassos como filho e na escola. É uma saga longa.

Desde cedo, me aproximei e prestei mais atenção no som que saía ao lado da minha casa. Nunca tive banda, fui enxotado por duas e o engraçado é que dezenas de anos depois me convidaram... Ficaram malucos? Conheci Waltinho (†), William Visual; Rikk, e Cécé e Manon (ambos de saudosa memória) e, por que não? Flávio, Marciano Sodomita, Renato Matos, Rogério Duarte, também já desencarnado. Da pesada mesmo, outro finado: Marco Antônio Araújo, sem deixar de lembrar de Arnaldo Baptista. Com Rolando Castello Jr., a pegada profissionalizou-se. Dou valor a muitos artistas independentes e não passo uma semana sem conhecer um novo talento-batalhador.

Logo de cara, conheci, os agora saudosos Arnaldo Neguinho e Paulão, o técnico e também massagista do 32 Esporte Clube. Paulão, metia o par óculos escuros, e marcava contrabaixo invisível nas músicas de Evaldo Braga, encostado no balcão do Bar do Luisinho, mandando ver na cuba-libre. Debaixo da trave agarrava o seu Duzinho, covardemente assassinado a tiros pelo enteado, no Conj. G da QE 32. E porque encontraram pólvora nos dedos seus dedos – ele tentara segurar a arma – inventaram uma mentira deslavada para criar uma cena de suicídio – e fazer a verdade vir à tona em plena ditadura era para os bravos.

Minha mãe observava, de soslaio. A coisa degradingola: no portão surgem Mecenaz, Sérgio Zulu e Valdir – que apareceu de bermuda com as 4 letras de Kiss garrafalmente pintadas à caneta. Indignada, ela perguntou 'O que é aquilo?'. Indignada, ela também ficou quando uma moicana usou o banheiro da Vidraçaria. Vários loucos passaram pela casa da minha mãe. Hoje, eu a entendo e por isso digo: não existe nada mais pesado do que 'Whole Lotta Love', compreendo essa coisa de afrescalhar e gostar de outras porcarias é pop.

1978

## SETEMBRO 02

George Harrison casa-se com Olivia Arias, após o nascimento do filho do casal, Dahny. Funda a produtora de filmes Hand Made, que realiza o filme A História de Brian.

## SETEMBRO

Golbery, Poder e Silêncio

Para os inimigos do governo Geisel, ele é o "Satânico Dr. Go", o "Tenebroso", o "Gênio do Mal". Para Ernesto Geisel ele é o primeiro conselheiro, a palavra indispensável em qualquer decisão. E para a sua numerosa corte de admiradores, ele é o "Maestro Da Distensão", o "General do Diálogo", o "Gênio da Raça". Quem é, afinal, o todo-poderoso Golbery?

## OUTUBRO

O rock and roll de alta voltagem está de volta, no ritmo explosivo do Van Halen. Ezequiel Neves avisa: "Prepare-se para sair da frente, porque o terremoto do Van Halen é devastador". Formada por Michael Anthony no baixo, Dave Lee Roth nos vocais, e os irmãos Van Halen – Alex na bateria e Edward na guitarra – a banda tem uma receita intensa: viva tudo ao máximo, aproveite a festa, o mundo está ao alcance das mãos. Talvez por isso o primeiro álbum, Van Halen, lançado aqui pela WEA, tenha chegado com tanta força. É um som potente, direto, que vai à cabeça e, segundo Roth, "quem nos viu ao vivo não ficará desapontado – o som é exatamente o nosso".

Os irmãos Van Halen, nascidos na Holanda, começaram estudando piano clássico, mas em 1974, ao encontrarem Michael Anthony e Dave Lee Roth, embarcaram definitivamente no rock. Um caminho que, segundo a crítica, é tão impactante quanto uma explosão de napalm.

1978

★ **Jornal das Coisas:** Com o encarte da revista Pop em mãos, finalmente é publicada uma foto da Patrulha do Espaço.

★ De outubro a fevereiro do ano seguinte, Glauber Rocha não gasta e ainda ganha dinheiro, por meio de permuta mora na suíte presidencial do Hotel Eron, onde têm as mulheres que quer nas camas que escolhe e as melhores amigadas.

★ "Aí por volta de 1978, a ditadura militar que amordaçava a inteligência brasileira já demonstrava alguns sinais de cansaço. A despeito disso, não dava a menor trégua ao dramaturgo Plínio Marcos, o mais censurado de todos os autores brasileiros contemporâneos. Curiosamente, Plínio nunca militara em nenhuma organização de esquerda. O seu partido era (continua sendo) o dos deserdados, desvalidos, "merdunchos", como diria o João Antônio. Sua temática a violência que esmaga os sem-defesa. Inicialmente, censuravam-lhe apenas a obra, o que lhe já causava terríveis transtornos. Com o recrudescimento da repressão, passaram a censurar-lhe a própria pessoa. Objetivo: bani-lo do cenário cultural do país. Mais que 'maldito', o autor de 'Barrela' passou a ser tratado como um proscrito. Fecharam-lhe todas as portas. Não tivesse fôlego de sete gatos, o velho "Frajola" teria descido pelo ralo. (...)

"Em outubro de 1978, se não me falha a memória, peguei o telefone e liguei para o Plínio. Convidei-o a vir a Teresina participar de um encontro cultural, que contaria com a participação de outro peso-pesado: Henfil. Ele próprio atendeu ao telefone e, sem saber quem eu era nem se podia pagar-lhe um cachê decente, foi direto: "Me mande as passagens e irei agora mesmo". Uma semana depois, no velho Theatro 4 de Setembro, superlotado, Plínio magnetizava uma platéia constituída, em sua maioria, de estudantes secundaristas. Foram quase três horas de pau puro. Falou de teatro, censura, política, música, índio, futebol e o escambau. De quebra, bateu uma bolinha na coroa do Parnaíba e, em seguida, zarpou para São Paulo. (...)

"Dois dias depois, fui procurado pelos 'homens'. Queriam saber onde o "indesejado": estava hospedado, o que viera fazer em Teresina e quem estava bancando a sua estada aqui. Um pouco por ingenuidade e um bocado por burrice, tentei fazer uma gracinha: 'O Plínio veio financiado pela Ordem dos Templários para um encontro literário-religioso com D. Avelar, ficou hospedado no Memora e, se bem se andou, já deve estar em São Paulo, torcendo pelo Jabaquara'. Por pouco, não me encalacrei. É que um dos agentes tinha sido meu aluno e sabia perfeitamente que eu não representava (nem represento) qualquer ameaça a regime algum, nem mesmo alimentar, já que como muito pouco". (Cineas Santos).

## **DISCOS**

### **1978**

LP 'Tim Maia' 1978 (repertório em inglês).

★ Arnaldo Baptista, Sérgio Dias, Walter Franco e Guilherme Arantes foram alguns dos músicos paulistas que migraram para o Rio de Janeiro.

★ Made in Brazil lança Pauliceia Desvairada, o maior sucesso da carreira. Desta vez, sem Celso Vecchione, afastado por motivos de saúde. O disco, que faz uma homenagem ao poeta Mario de Andrade, teve, entre os principais sucessos, "Gasolina", "Uma Banda Made In Brazil" e a faixa-título "Pauliceia Desvairada".

★ Sérgio Murillo morando uns tempos no Peru, grava para o mercado latino-americano uma versão em ritmo de discoteca de "Eu sou a mosca que pousou na sua sopa" ("Una mosca en la sopa"), composição de Raul Seixas.

- ★ Grateful Dead lança Shakedown Street, faixa do disco homônimo.
- ★ It's Alive – Ramones (duplo ao vivo, Sire)
- ★ Maxi-single americano demonstrativo que é transparente trazendo "Sie Liebt Dich" a versão em alemão de "She Loves You".

## NOVEMBRO

Babylon by Bus é o segundo álbum ao vivo de Bob Marley & The Wailers. Dich" a versão em alemão de "She Loves You".

Os Poetas do Ceub em algum dia de 1978!

O texto Renato Russo Revolucionário, publicado em 1992 por Byron de Quevedo, explora a importância de Renato Russo como um dos maiores letristas do rock nacional e um revolucionário cultural. Surgido entre os "Poetas do CEUB" no final dos anos 70, Renato destacou-se pela crítica ao regime militar e pela luta pela liberdade de expressão. Sua rebeldia ficou evidente já nos primeiros dias de faculdade, quando confrontava professores e o status quo. Renato transformou suas frustrações em belas canções e poesias, conquistando reconhecimento nacional e internacional. O autor enfatiza a contribuição de Renato para a música e a cultura, destacando sua genialidade e influência duradoura.

## MÚSICA

Aborto Elétrico, o pioneiro grupo punk de Brasília é formado por Renato Russo, pelo guitarrista André Pretorius e por pelos irmãos Fê (bateria) e Flávio (baixo) Lemos. Os ensaios só começaram no ano seguinte, quando Fê descolou uma bateria.

- ★ Walter Smetak quase vem habitar o Planalto Central graças ao sincero empenho do embaixador Murtinho, então Secretário de Educação e Cultura. Próximo a Concha Acústica quase fechou com o GDF a construção de uma colossal escultura vibrátil e sonora de sua autoria de nome O Ovo. Um imenso instrumento-laboratório, com entranhas sonoras e de autofagia vivencial de 22ms., de altura. Uma universidade de som, onde físicos e músicos trabalhariam juntos.

- ★ Ainda, ao final dos anos 70, o Dead magnetiza multidões. Em Nova Jérsei, um concerto ao ar livre reúne 130 mil fãs do grupo. Nessa época, embora uma empresa com gravadora, departamento de divulgação, etc., os integrantes ainda acreditavam no rock como veículo de consciência. O pessoal do Starship estava milionário e com a própria gravadora, a Grunt Record (Country Joe estava de agendas tomadas cantando protest-songs e Carlos Santana, colocado no Olimpo da guitarra, assegurava o passaporte visado para a história do rock).

- ★ O Jefferson Starship, tem que suspender as excursões por absoluta impossibilidade dos caras trabalharem (eles preferiam ficar em suas mansões se chapando), o vocalista Martin Balin, confessa raivoso: "Detesto ver Grace Slick bancando a sexy no palco. Isso me faz ficar triste. Ela me lembra minha mãe, que não tinha nada de sexy".

- ★ É lançado An American Prayer, as poesias de Jim Morrison musicadas pelos Doors.

- ★

## 1978 Novembro 25 Sábado

Após o encerramento do grupo Arnaldo & Patrulha do Espaço e sua breve, mas marcante, participação no revival ao vivo dos Mutantes, Arnaldo Baptista decidiu focar em sua carreira solo. Ele assumiu os teclados no projeto Arnaldo e seu Conjunto, uma nova experiência musical que contava com sua esposa, Martha Mellinger, nos vocais, e Cláudio Pierre Deleu na guitarra. O conceito do projeto girava em torno de criar "um som universal".

Embora o nome original fosse Arnaldo e seu Conjunto, a estreia ocorreu sob o título de Arnaldo e Grupo, apresentando uma formação mais ampla: Arnaldo nos teclados, violão e vocal; Martha Mellinger na flauta, percussão e vocal; Zeca Lennert na bateria e percussão; Leandro no contrabaixo e violoncelo; e Carlinhos Vieira na guitarra e vocal. A proposta explorava sonoridades diversificadas, unindo diferentes instrumentos e texturas para criar algo inovador.

Em novembro de 1978, tanto o Arnaldo e Grupo quanto a Patrulha do Espaço estrearam suas novas formações em apresentações ao vivo. A Patrulha, que anteriormente era um trio com Rolando Castello Jr. na bateria, Kokinho no contrabaixo e Dudu Chermont na guitarra, ganhou um reforço de peso: o experiente vocalista Percy Weiss. Com essa nova formação, a banda apresentava um repertório de composições próprias e uma presença de palco mais marcante.

Após a estreia, a Patrulha embarcou em uma intensa turnê pelo interior paulista, levando seu som posteriormente a Curitiba (PR) e Florianópolis (SC), consolidando essa nova fase com energia renovada e um propósito artístico mais sólido.



Enquanto isso, Arnaldo Baptista construía um repertório ambicioso de 16 faixas para o espetáculo Em Concerto, que demonstrava seu esforço criativo e visão artística:

- 1 – Honky Tonky I
- 2 – Honky Tonky II
- 3 – Sentado no Canto (sobra de estúdio da fase com a Patrulha do Espaço)
- 4 – Um Dia Eu Pensei (possivelmente uma variação de "Imagino")
- 5 – Não Estou Nem Aí (Lóki?)
- 6 – Desculpe (Lóki?)
- 7 – Cowboy (apresentada apenas ao vivo com a Patrulha)
- 8 – Corta Jaca (inédita em estúdio da fase com a Patrulha)

Após um intervalo de 10 minutos, o show retomava com:

- 9 – Navegar de Novo (Lóki?)
- 10 – É Fácil (Lóki?)
- 11 – Lhams (inédita do Lóki?)
- 12 – Emergindo da Ciência (fase Patrulha)
- 13 – Te Amo Podes Crer (Lóki?)
- 14 – Trem (fase Patrulha)
- 15 – Vou Me Afundar na Lingerie (Lóki?)
- 16 – Honky Tonky II (bis).

O repertório evidenciava um Arnaldo Baptista em plena reconstrução artística, revisitando as faixas clássicas de seu aclamado álbum Lóki?, resgatando material inédito e trazendo à tona composições da fase com a Patrulha do Espaço. Um momento especial foi sua aparição com violão em É Fácil, na segunda parte do show.

Infelizmente, essa fase emblemática terminou sem registros conhecidos, marcando o fim de seu ciclo paulista. Segundo o produtor, a baixa adesão do público foi desanimadora, agravando o endividamento de Arnaldo, já que os shows não arrecadavam o suficiente. A falta de um empresário, a divulgação limitada e a indisponibilidade de discos no mercado contribuíram para o desgaste.

Essa decepção parece ter sido o impulso para uma nova mutação em sua carreira. Determinado a recomeçar, Arnaldo Baptista subiu a Serra das Araras rumo ao Rio de Janeiro em sua Kombi, disposto a iniciar um novo capítulo em sua trajetória musical.

1978

## LITERATURA

Ravi Shankar lança *My life, my music*.

★ "Quando lancei *Aparelhos*, muita gente me aconselhou a não o fazer. Na época, lançar um livro com as obras ou uma análise de carreira era como se o artista fosse enterrado, havia todo um peso da publicação. Hoje, até pela evolução dos processos de publicação, isso mudou completamente. A feitura dos livros traz uma série de questões e até estimula a produção artística." (Waltércio Caldas)

★ O interessantíssimo *Jack's Book*, de Barry Gifford e Lawrence Lee, um livro-colagem de depoimentos a respeito de Jack Kerouac.

★ H. Dobal lança *Os Signos e as Siglas* (1978).

### **A Volta Dos Beatles Segundo Mark Shipper**

#### **Yellow Submarine\***

##### **Trecho**

"Los Angeles. Os Beatles se reúnem após uma década de separação, gravam um novo LP e apresentam-se ao vivo num superlotado estádio de baseball em Los Angeles. Tanto o disco quanto show são massacrados pela crítica, que aceita bem os sucessos antigos, mas repudia as criações novas. (...)

Para as apresentações subsequentes do grupo, os promotores são obrigados a contratar Peter Frampton como atração principal, pois os fãs se recusam a comprar ingressos para ver apenas John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr cantando músicas novas como "Disco Jesus" e "Son of pizza man". (...)

O que não entendo. Diz Ringo, é toda aquela agitação sobre uma reunião dos Beatles. Durante 10 anos, eu só ouvia isso. Não passava um dia sem que alguém me perguntasse quando íamos nos reunir... Se queriam tanto que a gente se reunisse, então por que não nos apoiam?

Paul, Eles na verdade nunca quiseram que a gente voltasse... Éramos apenas símbolos do que queriam de volta: juventude, inocência... (...)

John, isso mesmo... Enquanto a gente só canta "She Loves You", vai tudo bem. Durante três minutos eles voltam à época de estudante nos anos 60, quando não tinham responsabilidades, preocupações, obrigações. (...)

Paul, Não é culpa deles. Pensa só. Se você fosse assistir a Bill Haley e seus Cometas, ia querer ouvir o quê? As músicas novas dele? De jeito nenhum"...

Toda essa fertilidade de imaginação está no livro *Papeback Writer* de Mark Shipper, publicado em junho de 1978!

**\*\* Originalmente publicado no fanzine *Yellow Submarine* (RJ) fev. / 1982.**

**1978**

## **A volta dos Beatles**

**(John Weeks)**

O conto A volta dos Beatles, de John Weeks, narra um show fictício de reencontro dos Beatles, após sete anos separados, no estádio Superdome, em Nova Orleans. O público de 80 mil pessoas está em êxtase com a volta da banda, mas os Beatles começam o show com músicas menos conhecidas e de qualidade questionável, o que provoca uma estranheza. Aos poucos, eles quebram essa sequência com canções populares, levando a multidão ao delírio. O show se prolonga por horas, culminando com "Let it Be" e "Hey Jude", deixando todos, inclusive os Beatles, emocionados. No final, os três membros recebem cheques e um bilhete de Ringo, revelando que ele organizou o evento como uma surpresa, sem intenções financeiras, apenas por amor à banda.

## **ARTES**

Incêndio no MAM carioca.

Ney Braga é o ministro da Educação e Cultura, de 1974 a 1978.

★ Rogério Duarte se torna rajneshee e adepto do Visva Dharma. Glauber Rocha logo ao saber convoca os amigos dizendo que Rogério é muito importante e que não poderiam perdê-lo para este Trust e traçam o plano de um sequestro que nunca aconteceu.

★ Carlos Vergara apresenta na Petite Galerie, individual a partir de seu trabalho sobre o carnaval carioca, quando mostra fotografias, pinturas em papel, desenhos e montagens com caramujos. Os moluscos têm, para o artista, interesse semelhante ao bloco Cacique de Ramos, em que todos parecem, à primeira vista, iguais, porém, sutis diferenças marcam sua individualidade. Em novembro, apresenta a mesma mostra na Galeria Arte Global (SP).

O catálogo traz texto do próprio artista. Em dezembro, a Funarte edita o livro

Carlos Vergara, como parte da Coleção Arte Brasileira Contemporânea, com textos de Hélio Oiticica e programação visual de Vera Bernardes, Sula Danowski e Ana Monteleone.

Em Manhattan, onde viveu entre 1969 e 1978, Hélio Oiticica experimentou os altos e baixos de um espetáculo violento. Foi da disciplina monástica dos primeiros anos, quando tentava criar uma versão de sua Tropicália para o Central Park, à esbórnia das boates gays do Village e das noites em claro embaladas por Jimi Hendrix e pelo efeito da cocaína.

## **QUADRINHOS**

Black Sabbath – The Ten Year War: amazing promo artifact from 1978, with R. Crumb style artwork

Black Sabbath – The Ten Year War é um raro item promocional de 1978 que celebra os dez anos de carreira da banda Black Sabbath. Ele é especialmente notável pela sua arte no estilo de R. Crumb, o famoso ilustrador de quadrinhos underground. Esse artefato inclui uma coletânea de álbuns e materiais promocionais exclusivos, que foram desenhados com um visual que lembra o estilo psicodélico e detalhado de R. Crumb, realçando a estética sombria e provocadora da banda na época. É um item de colecionador muito valorizado pelos fãs, tanto pela sua raridade quanto pela arte única e detalhada.

## VÍDEO

Death is their destiny: home-movies of london punks 1978-81

## FILMES

O casamento de Maria Braun (Die The der Maria Braun, Alemanha, 1978). É um dos melhores trabalhos de Fassbinder. Hanna Schygulla faz o papel principal, o de Maria, uma mulher que sobrevive à Segunda Guerra Mundial, liga-se a um soldado norte-americano e se transforma em mulher de negócios. O filme retrata a Alemanha Ocidental no pós-guerra, quando a necessidade obsessiva pelo desenvolvimento econômico deixou de lado muitos valores morais. O enredo, aparentemente simples, é uma espécie de alegoria política, inquietante e inovadora. Em O casamento de Maria Braun, Fassbinder é simbólico sem ser necessariamente hermético. A protagonista, Maria Braun, é uma síntese da Alemanha do período e seu comportamento traduz a trajetória moral e política do país.

### 1978

- ★ Céu sobre Água (José Agrippino de Paula), com takes impressionistas das águas de Arembepe, mostra-nos uma mulher grávida, uma criança e a natureza. "Céu sobre Água é o filme mais hippie que conheço, talvez o único". (Rubens Machado).
- ★ Contatos Imediatos do Terceiro Grau (1978)
- ★ The Wiz (nova versão, de 1978, O Mágico de Oz, com a cantora soul Diana Ross e a participação do então líder do Jackson 5).
- ★ Superman.
- ★ An Unmarried Woman (Paul Mazursky)
- ★ Amargo Regresso com Jane Fonda que venceu também o Oscar 1979.

## OBITUÁRIOS

### MAIO 31 Quarta-feira

Hannah Höch (1889-1978). Foi uma proeminente artista e fotógrafa alemã, conhecida por ser uma das pioneiras do movimento de colagem e do dadaísmo. Nascida em Berlim, ela estudou na Escola de Artes de Berlim e começou sua carreira artística em um período de grande agitação política e social na Alemanha, o que influenciou profundamente seu trabalho.

**SETEMBRO 07 Quinta-feira** Keith Moon, o lendário baterista da banda The Who, falece aos 32 anos. A causa oficial de sua morte foi uma overdose acidental de Heminevrin (clometiazol), um medicamento prescrito para combater sintomas de abstinência alcoólica. Moon lutava há anos contra o alcoolismo e, na noite de sua morte, ele ingeriu uma quantidade excessiva do medicamento. Embora o remédio fosse recomendado para tratar a insônia e a abstinência alcoólica, ele tomou uma dose fatal, que levou à sua morte enquanto dormia em seu apartamento em Londres.

## **OUTUBRO 12 Quinta-feira**

### **O Dia em que o Punk Rock Morreu**

Nancy Spungen, aos 20 anos, foi encontrada esfaqueada e morta no Chelsea Hotel, em Nova York. Mais conhecida pelo relacionamento caótico com Sid Vicious, baixista dos Sex Pistols, sua vida de desafios mentais, uso de drogas e morte trágica tornaram-se símbolos da cena punk. Sua história, retratada no livro *And I Don't Want to Live This Life*, escrito por sua mãe, Deborah Spungen, representa o fim de uma era rebelde na música e na cultura pop.

## **OUTUBRO 17**

Sid Vicious é solto sob fiança. Sid Vicious foi libertado sob fiança após ser acusado pelo assassinato de Nancy Spungen. Inicialmente, ele pagou uma fiança pouco depois de sua prisão, para responder ao processo em liberdade. No entanto, em dezembro do mesmo ano, Sid foi preso novamente após agredir Todd Smith, irmão da cantora Patti Smith, com uma garrafa em um bar.

## **NOVEMBRO 20 Segunda-feira**

Giorgio de Chirico (1888 – Volo, Tessália, Grécia – 1978 – Roma, Itália). Foi um pintor e escritor italiano, conhecido por ser um dos principais representantes do movimento metafísico, que influenciou o surrealismo. Nascido em Vólos, na Grécia, e posteriormente radicado em Paris, Chirico desenvolveu um estilo único que combina elementos clássicos com uma atmosfera de sonho e estranheza.

## **DEZEMBRO 09 Sábado**

Sid Vicious é preso novamente. O motivo dessa prisão foi uma briga em uma boate, na qual ele teria atacado Todd Smith, o irmão da cantora Patti Smith, com uma garrafa de vidro quebrada. O incidente ocorreu no Hurrah Club em Nova York, apenas dois meses após a libertação de Sid sob fiança pela acusação de assassinato de sua namorada, Nancy Spungen. Essa prisão fez parte de uma série de episódios conturbados durante o final de sua vida.

## **DEZEMBRO 15 Sexta-feira**

O concerto beneficente para ajudar a pagar a fiança de Sid Vicious, o baixista dos Sex Pistols, ocorreu no Electric Ballroom, em Camden, Londres. Sid estava preso sob a acusação de assassinato de sua namorada Nancy Spungen, e o evento foi organizado para arrecadar fundos para sua fiança, reunindo várias bandas da cena punk que estavam dispostas a contribuir para a causa.

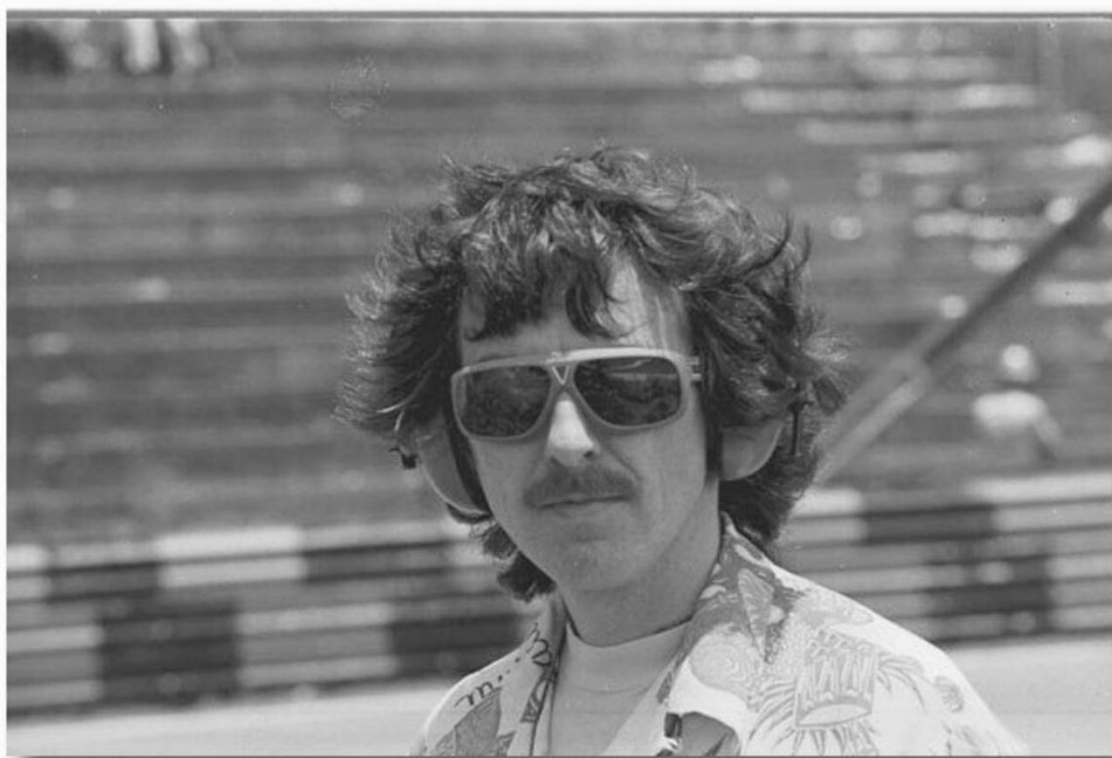
## **Fim do ano, o disco do vinho chapinha**

A volta do Status Quo com o LP *Whatever you want* e seu toque new wave foi saudada com várias audições da balada “Living on an island”. O lançamento de *Whatever you want* coincidia com o relançamento de álbuns recentes do grupo pelo selo Vertigo, à preços módicos, nas discotecas. Assim, entramos nos anos 80 ouvindo muito Status Quo.

Após tantas festas e garrafões de vinho, é incrível como o LP esteja sobrevivendo e ainda tocando bem. Um ano depois, um amigo nosso de Goiânia que na Europa tocou guitarra na banda Brain (Brazil/Spain), tomou cerveja com o baterista John Coghlan no Marquee Club!

1979

## UM BEATLE EM INTERLAGOS



George Harrison: “Eu não sou macaco de zoológico”

A viagem de George Harrison deveria ser promocional e ele aproveitaria a oportunidade para assistir à corrida de Fórmula 1 em Interlagos. Sem explicações, a WEA cancelou o programa. Mas Harrison desembarcou no Rio de Janeiro numa quarta-feira abafada, às 16h. Mal colocou os pés no Aeroporto do Galeão, foi delirantemente aclamado por uma multidão de cotovelos, olhos esgazeados e gritinhos exumados à histeria da década anterior. O ex-Beatle voltou como um relâmpago às páginas do romance de H. G. Wells, *O Homem Invisível*: “Que inveja de Griffin, o homem que desaparecia na luz...” Apenas uma fã, Catarina Cunha, entre centenas de adolescentes que o esperavam, conseguiu furar o cerco policial, ganhou um beijo e um autógrafo. Harrison conseguiu escafeder-se. Mais tarde concedeu uma coletiva na sede da gravadora.

O artista vivia um momento particularmente positivo: casado com Olivia Arias, ele curtia o filho do casal, Dhani de seis meses e fundava a produtora Hand Made (*A História de Brian*). Nas entrevistas, ele usava a sua viagem inicial pelo LSD como figura de linguagem para explicar sua opção pelo retiro.

“Viajamos umas 12 horas. Senti quando saí do meu corpo e vi com clareza esta coisa do ego. Na nossa vida tudo tem a ver com ele, e só então entendi que a gente perde muito tempo se preocupando com isso. O ego é como você falar do terno de uma pessoa e não de quem o usa”.

## **Em São Paulo**

Antes mesmo da própria gravadora de George Harrison confirmar sua vinda, os sócios do Beatles Cavern Club de São Paulo já sabiam a data de sua chegada, informados diretamente por Emerson Fittipaldi, amigo do roqueiro. Saber onde encontrá-lo também não foi difícil, bastou rastrear os hotéis cinco estrelas utilizados pela gravadora WEA e dar uma busca nas listas de reservas de cada um. Assim, descobriu-se o registro de um industrial inglês cujo nome era um trocadilho de George Harrison; artil já utilizado pelo ex-Beatle nos créditos do disco Family Friends, de Ravi Shankar.

Uma conhecida máxima na Fórmula 1 diz que “chegar é uma coisa, passar é outra”. Para a ânsia lunática dos beatlemaníacos paulistanos, o approach ao cantor não foi tão diferente, a perseguição foi indócil e quase frustrante: o inglês esquivava-se de tudo relacionado à sua ex-banda. Mas fanático que é fanático não desiste fácil. Depois de subornar guardas de segurança, perseguir o carro do ídolo pelas ruas de São Paulo e filmá-lo à distância, os garotos mudaram de estratégia: trocaram as camisetas do Cavern Club por roupas comuns e substituíram os discos dos Beatles que levavam nas mãos por álbuns solo de George – assim conseguiram, finalmente, bater um papo com ele.

No sábado, 3 de fevereiro, George chegou cedo ao autódromo para acompanhar as tomadas de tempo para o GP Brasil. Sempre acompanhado do ex-piloto Jackie Stewart e do piloto Ruper Kergan, ficou a maior parte do tempo assistindo ao treino no palanque da Copersucar, armado no miolo do autódromo. "Só pude aproveitar um pouco nos últimos três dias, pois, antes, simplesmente não tive paz", desabafou Harrison.

João Luiz de Albuquerque/Manchete – Quer dizer que os Beatles nunca mais tocarão juntos?

GEORGE – Não creio que isso vá acontecer. Seria como reunir os Irmãos Marx outra vez. Ou o Gordo e o Magro...

Foi uma das várias perguntas que George respondeu rodeado por repórteres e pelas belas mulheres que o procuravam. Apesar de tudo, o sucesso marcou mas ficou para trás e ele agora quer ser apenas um homem como os outros. "Me senti como se estivesse diante de Deus" — José Emílio Rondeau.

Eu cresci, da mesma maneira que minha geração, a anterior e algumas seguintes, admirando esse cara que está agora à minha frente. Junto com John Lennon, Paul McCartney e Ringo Starr, George Harrison formava a mais importante banda de rock de todos os tempos – e até mais que isso: juntos, eles viraram o mundo ao avesso e passaram a representar tudo o que um adolescente queria. Eu tinha, apenas 13 anos – e me lembro de como os Beatles estavam ligados a todas as coisas: contestação, psicodelia, cabelos longos, a gíria, a ascensão da guitarra, o rock. Os Beatles eram Deus e o Mundo.

E hoje, aos 22 anos, eu estou diante de um daqueles quatro deuses, falando com ele um sonho real. Aos 37 anos, George Harrison é agora um homem maduro, sereno e simples, que cuida sozinho de seu jardim, vive com a mulher e o filho de 6 meses, que gosta de música clássica indiana e de corridas de automóveis – foi para assistir ao Grande Prêmio de Fórmula 1 que ele acabou vindo ao Brasil, de surpresa, quando ninguém mais acreditava que viesse.

Falar com ele foi como falar com minha própria adolescência. Ou como rever um velho amigo que nunca conhecera pessoalmente. Voltar aos tempos dos Beatles... no fim da entrevista, George decidiu atender às fãs que há horas esperavam para vê-lo. Cercado por guardas de segurança da gravadora WEA, teve que correr até o carro que ia levá-lo ao aeroporto, enquanto as meninas gritavam, socavam o capô, atiravam-se à frente. Quando finalmente conseguiu partir, fiquei vendo a poeira do Galaxie, com um nó na garganta.

“Os Beatles fizeram como os grandes campeões; se aposentaram na hora certa”.

POP – Você, que era em primeiro lugar um guitarrista, agora está diversificando seus interesses, produzindo filmes, ligando-se a corridas. Como ocorreu essa mudança?

GEORGE HARRISON – Bem, em primeiro lugar, eu sou um jardineiro. Passo a maior parte de meu tempo, hoje, plantando: só em novembro, plantei mais de 50 mil mudas. Em segundo lugar, eu sou um compositor; em terceiro, um guitarrista; e em quarto, um cantor. Essa é mais ou menos a ordem. Em minha vida, tudo aconteceu mais ou menos como num trampolim: tocar guitarra levou-me par a música, a música levou-me para os Beatles, os Beatles foram um trampolim para os discos, aí me envolvi com gente de cinema. Resolvi produzir o filme do Monty Pynthon, porque sou um fã deles, e quando os antigos financiadores se afastaram, eu entrei. Quanto às corridas, bem, eu gosto delas desde os 12 anos de idade, mas antes não podia ir a nenhuma, por causa da popularidade dos Beatles. Hoje posso, e vou.

POP – Quando você lançou seu primeiro disco individual, All Things Must Pass (relançado agora no Brasil pela Odeon), houve uma grande reação positiva. Depois, na excursão de 74, as críticas foram totalmente negativas. Isso o afetou?

GEORGE – Tudo na vida é um ciclo: você sabe, depois tem que descer. Não é nada bom quando te criticam tanto, mas ajuda: ou você enlouquece e se mata, ou se fortalece. Além disso, naquela excursão eu perdi a voz.

"Eu não quero, nunca mais, ser famoso como fui antes”.

POP – E quanto a John?

GEORGE – Acho que John não pega na guitarra há uns três anos. Ele vive no Japão e em Nova York, tomando conta de seu bebê, Sean. Eu tenho um filho de seis meses, e é muito melhor ficar com ele, em casa, do que estar dizendo todas essas besteiras sobre os Beatles. Com todo o respeito que tenho pelos Beatles: aquilo foi bom para aquele tempo, mas... sabe, algumas pessoas, como Paul, têm necessidade de estar na televisão, nas paradas. Eu não.

POP – Você não acha importante mostrar sua música?

GEORGE – Eu acho importante, quando você faz um disco, as pessoas saberem que ele existe. Seria uma vergonha se ninguém soubesse. Mas ser famoso, não. Te deixa maluco. Seria muito bom que todo mundo que quer ser famoso pudesse sê-lo, por uma semana, pra sentir como é duro?

POP – A transição difícil?

GEORGE – Foi fácil. Uma das razões da separação foi que todos nós escrevíamos um monte de músicas e gravávamos só três ou quatro. Era como ter prisão de ventre. Com o All Things Must Pass, então, banheiro: o disco tinha dezoito músicas, um alívio. Aliás, o disco de ouro que ganhei por ele está pendurado exatamente no meu banheiro. Trabalhar sozinho, então, foi fácil, já que eu tinha as músicas.

“Olhe, nós já estávamos cheios de tanta Yoko...”.

POP – Quando começaram as más vibrações entre os Beatles?

GEORGE – Em 1967, quando John se juntou a Yoko. Antes de tudo era muito bom, tudo. Havia turbulências, claro, passamos por coisas que ninguém imagina. Aí, durante o filme Let It Be, as coisas estavam péssimas. Eu deixei a banda durante as filmagens, já estávamos cheios de tanta Yoko. Ela

estava tentando entrar para os Beatles, então Paul arrumou Linda para se apoiar. Foi demais pra mim, elas estavam em todos os lugares. Levei Eric Clapton para tocar conosco em *While My Guitar Gently Weeps* porque, tendo alguém olhando, John e Paul teriam que tocar direito: os dois faziam tantas músicas que, quando chegava a minha vez, eles sempre tentavam estragá-la. Era como lidar com crianças, sabe? As pessoas pensavam que tudo era um mar de rosas. Mas nós vivíamos num inferno.

POP – Qual sua reação quando o empresário Brian Epstein morreu?

GEORGE – Me senti muito triste. Foi como se alguém tivesse tirado nosso chão. Não sabíamos pra onde olhar, nem pra onde ir. Até aquela época, nós não organizávamos nada, não sabíamos nada de negócios. Brian fazia tudo, era como um juiz, um guia.

POP – Os Beatles são considerados o início de tudo o que hoje é chamado rock. Você concorda com isso?

GEORGE – De certa forma, sim. Somos parte da história, embora em relação a todas as modificações da época nós tenhamos sido vítimas das circunstâncias tanto quanto os demais. Os Beatles foram importantes, sim, mas não éramos a resposta para os problemas do mundo. Fomos a melhor banda: até hoje não há nada igual. Mas o resto era bobagem, e havia tantas pressões... Sabe, foi importante que nós nos separássemos: um dia os Beatles caíram. E é melhor fazer como Muhammad Ali: ganhar o campeonato e se aposentar, como Jackie Stewart fez na Fórmula 1. Os Beatles, então, foram assim: nós ganhamos todo os campeonatos e depois nos aposentamos. Antes que começássemos a cair.

“Naquele tempo, viver um ano era como viver vinte anos”.

POP – Por que vocês deixaram de se apresentar ao vivo tão cedo, em 1966 ainda?

GEORGE – Porque nossa vida era muito concentrada. Um ano era como vinte anos. O tempo todo havia pressões, imprensa, o público, voando de um lado para outro, tumultos em cada cidade. Um ano, para cada um de nós, era uma vida. E, por volta de 1965, 66, eu, por exemplo, me sentia como se já tivesse vivido trezentos anos!

“Foi uma experiência incrível sair de meu próprio corpo”.

POP – Como foi que você começou a se interessar por assuntos espirituais?

GEORGE – Bem, um dia, eu, John e nossas esposas fomos jantar. E John colocou ácido em nosso café. Nós não sabíamos o que era aquilo, e ele nos disse: "Aconselho que vocês não saiam". Depois, pensando que ele nos estava convidando para uma orgia em sua casa, saímos. Acabamos entrando numa discoteca chamada *Ad Lib* – e uma porção de coisas incríveis começaram a acontecer. Parecia que estávamos na pré-estreia de alguma coisa, achamos que o elevador estava em chamas (havia apenas uma luz vermelha), e quando saímos dele estávamos todos gritando. Foi incrível. E depois dessa experiência de deixar meu próprio corpo, de ver meu ego, passei a procurar alguma coisa mais real. Então me liguei em música clássica indiana, fui a Índia, passei algum tempo com Maharishi Mahesh Yogi, em Bangor, para me encontrar.

POP – Voltando ao Monty Pynthon: como você começou a trabalhar com eles?

GEORGE – Eles são meus velhos amigos. Eric Idle, um deles, escreveu comigo o roteiro para o filme dos Ruttlés, uma paródia dos Beatles feita pelo Monty Python, no qual até eu trabalhei. Os Ruttlés foram uma liberação, pra mim, uma piada com os Beatles. E tudo deve ter um lado engraçado.

POP – Você, que representou o rock de toda uma geração, como vê o rock dos anos 80?

GEORGE – Deverá ser bom. Mas, sinceramente, não presto muita atenção à música que predomina hoje. Gosto de algumas coisas, como Elton John e Ry Cooder. Mas quando quero me sentir bem, ouço música clássica indiana, que tem suas raízes no espírito.

★ O Grande Prêmio do Brasil de Fórmula 1 foi vencido por uma dobradinha da Ligier, com dois franceses à frente: Jacques Laffite e Patrick Depailler (o anfitrião e amigo do músico, Emerson Fittipaldi, chegou num melancólico 11º lugar).

## **1979**

“Eu proponho 1979 como o ano zero da cultura brasileira. Não há consumo, só dispersão. Eu acho que o Brasil terá novos partidos políticos com facilidade.

“Foi dado o corte epistemológico, eles têm que ver. No livro corre a estória dentro da história, dando como síntese o que chamo de heustorya. Guimarães Rosa escreveu a estória e não incorpora a história.” (Glauber Rocha)

## **JANEIRO**

### **Revogação do AI-5**

Ivan Cardoso, fotógrafo, registrou o encontro histórico entre Glauber Rocha, Hélio Oiticica e Roberto Gerchman no apartamento de Daniel Más, no Rio de Janeiro, no final de 1978. O evento, que foi uma ocasião importante para a cultura brasileira, foi publicado como uma reportagem especial na revista Vogue.

### **JANEIRO 21 Domingo**

"O redator distorceu minhas palavras, fez uma matéria escandalosa porque eu propus uma coisa óbvia como a lua: o general Figueiredo nomear um intelectual para o Ministério da Educação e Cultura. São ignorantes, não sabem sequer que o De Gaulle nomeou o André Malraux. Distorceram e disseram que eu estava para trás, que era um corrupto, cobra mandada que recebia dinheiro do governo, uma coisa inteiramente absurda, irresponsável. Eu ia escrever uma carta, mas deixei pra lá. Quer dizer, a revista diz que é minha amiga, eu converso numa boa o cara vai lá e faz uma coisa dessas. Felizmente o Paulo Francis escreveu um artigo me defendendo, esculhambando essa desonestidade. Você não pode discordar de nada." (Glauber Rocha in Jornal de Brasília).

## **OBITUÁRIO**

### **FEVEREIRO 02 Sexta-feira**

Sid Vicious (nome artístico de John Simon Ritchie-Beverly, Londres, 10 de Maio de 1957 – Nova Iorque, 2 de Fevereiro de 1979). Pela manhã, Sid Vicious é posto em liberdade.

No início da noite é achado morto em seu apartamento no Greenwich Village. Ele foi um músico inglês, conhecido por tratar-se de um ícone da cultura punk, baixista da banda Sex Pistols.

Antes de se juntar à banda Sex Pistols, Sid Vicious foi baterista do Siouxsie and the Banshees e também atuou como vocalista na banda The Flowers of Romance.

1979

## **FEVEREIRO**

George Harrison, durante uma passagem pelo Brasil, expressa sua preocupação com a devastação da floresta amazônica. Antes mesmo de sua gravadora confirmar sua vinda, os sócios do Beatles Cavern Club em São Paulo já sabiam da data de chegada do ex-beatle, graças a uma conversa com Emerson Fittipaldi, amigo de Harrison. Eles descobriram onde ele estava hospedado em hotéis de cinco estrelas utilizados pela gravadora WEA, e até encontraram um registro de um industrial inglês que era um trocadilho com o nome de Harrison.

No entanto, ao tentarem se aproximar de George, os fãs não tiveram sucesso, pois ele evitava qualquer associação com os Beatles. Persistentes, os beatlemaníacos subornaram seguranças, perseguiram seu carro pelas ruas de São Paulo e filmaram-no à distância. Por fim, trocaram suas camisetas do Cavern Club por roupas comuns e os discos dos Beatles por álbuns solo de George, o que lhes permitiu finalmente conversar com ele.

## **MARÇO**

### **MOTÖRHEAD – OVERKILL**

A história do Motörhead, liderado por Lemmy Kilmister, vai além de sua figura icônica, envolvendo também a potência de seus integrantes, Eddie Fast Clarke e Phillthy Animal Taylor. O power trio, formado nos anos 70 e 80, tornou-se um símbolo do rock e heavy metal, com uma sonoridade visceral e intensa, especialmente destacada no álbum Overkill.

Esse disco, considerado um marco da década de 1970, é descrito como uma raiz maldita que influenciou o surgimento de gêneros como Speed Metal, Thrash Metal e Death Metal. Gravado na Bronze Records, Overkill apresentou músicas épicas, consolidando o Motörhead como um ícone do heavy metal britânico, mesmo sem apoio da mídia.

A faixa título do álbum é um exemplo de sua brutalidade sonora, destacando a agressividade da bateria de Taylor, que se tornava um padrão para a música pesada. Outras canções como "Stay Clean," "Damage Case," e "Metropolis" se tornaram hinos fundamentais, mostrando que o Motörhead não tinha como objetivo vender milhões de discos, mas sim eternizar sua contribuição à cultura metálica, rock e punk. A resenha é uma homenagem a Taylor, o baterista enérgico e influente, lembrando que a verdadeira essência da vida está em buscar a felicidade e evitar a mesmice. — Lucas Araújo Alves

#### **MARÇO 27 Terça-feira**

Eric Clapton se casa com Patti Boyd.

#### **MARÇO 29 Quinta-feira**

Nasce Ava Pátria Yndia Yracema Gaétan Rocha, filha de Glauber e Paula. Glauber apresenta, para a TV Tupi, um projeto para a realização de um programa diário de entrevistas.

**1979**

**ABRIL 27 Sexta-feira**

**O Dia em que Ozzy Osbourne foi Demitido do Black Sabbath!**

“Foi o Bill quem me contou que eu estava fora. Isso aconteceu em 27 de abril de 1979 – uma sexta-feira à tarde. Estávamos ensaiando em LA, e eu estava fora de mim, mas isso era o normal. Era óbvio que o Bill tinha sido enviado pelos outros, porque ele não era o tipo de pessoa que demitiria alguém. Não consigo me lembrar exatamente do que ele disse. Nunca falamos sobre isso. Mas, no fim das contas, a razão era que o Tony achava que eu era um bêbado viciado em cocaína e uma perda de tempo para a banda. Para ser sincero, parecia que ele estava finalmente se vingando de eu ter saído antes. E não foi uma surpresa completa: eu já sentia, no estúdio, que o Tony estava tentando me provocar, fazendo-me regravar várias músicas, mesmo quando o primeiro take estava bom. Não deixei isso afetar minha amizade com o Bill.”

**MAIO 19 Sábado**

Eric Clapton fez uma festa em sua casa em Surrey para comemorar seu recente casamento com Patti Boyd. Clapton montou um pequeno palco no jardim e, conforme a noite avançava, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr acabaram tocando juntos com Clapton, Ginger Baker e Mick Jagger. A banda de estrelas passou por antigas músicas de Little Richard e Eddie Cochran.

**JUNHO 11 Segunda-feira**

Rio de Janeiro. Lançamento do curta Di-Glauber e, Cabeças cortadas, mas a exibição do curta é logo proibida pela filha do pintor. Além do Pasquim e do Correio Braziliense, passa a escrever regularmente para a Folha de S. Paulo, o Jornal do Brasil e Enfim. Fernando Barbosa Lima o convida para participar do programa de TV Abertura.

**JULHO 05 Quinta-feira**

O Teatro Sesc Garagem é inaugurado com a apresentação do espetáculo A Capital da Esperança, uma criação coletiva do grupo Carroças, dirigida por Humberto Pedrancini. Chico Expedito é o escolhido para ser o diretor do teatro.

**QUADRINHOS**

Os heróis da Marvel voltaram a ser publicados pela editora Abril. Quim, o vizinho parrudo pegou emprestado os três primeiros números da revistinha Heróis da TV. Tempos depois, eu vi os exemplares na casa do Danny e perguntei como ele adquiriu, "Troquei com Quinzinho!", foi a sua resposta. Teria soado como receptação ou furto? Isso contribuiu para eu mergulhar de vez no rock.

**AGOSTO**

No Brasil, as sessões comemorativas dos dez anos do festival de Woodstock exibiam as mesmas cópias que as pessoas curtiram na estreia do filme em 1970.

**1979**

### **AGOSTO 15 Quarta-feira**

In Through the Out Door, gravado no Polar Studios em Estocolmo no final de 1978 e início de 1979, marcou uma nova fase para o Led Zeppelin, que buscava se concentrar longe de dificuldades pessoais e logísticas. No estúdio avançado, propriedade do ABBA, a banda enfrentou desconforto com o frio, mas o isolamento ajudou a focar no álbum. Equipamentos de ponta e o engenheiro Leif Mases permitiram explorar novas sonoridades, incluindo o uso de sintetizadores, dando ao álbum uma característica distinta. A capa enigmática, que retrata um bar vazio e um “cliente” invisível, simboliza o momento de transição da banda e reflete o tom introspectivo do disco.

#### **★ Amarelo Maverick**

Carlos Alberto era motorista da Viplan. Seu Maverick amarelo jamais abandonava a garagem. Eterna regulagem de combustível e problemas no carburador. Quando decolava, carregava a UVA toda!

Na mesma, QE 34, Mazinho, bancário, dirigia o seu Maverick – este dourado. Parava na esquina e todos entravam. Rolava bem alto no coração “I’m Gonna Crawl”, do recente lançado In Through The Out Door.

### **SETEMBRO 15 Sábado**

Annik Honore conhece Ian Curtis no final de um concerto de Joy Division altura em que trabalhava na Embaixada da Bélgica em Londres, e manteve um caso com o músico até à sua morte em 1980.

★ Walter Franco lança Respire Fundo, pela CBS, um disco gravado em oito meses, com mais de duzentos músicos. Neste disco estão algumas de suas canções de maior sucesso até hoje, a própria "Respire Fundo" e "Coração Tranquilo".

### **Nas Gibsons da Patrulha do Espaço**

Walter Bailot (ex-Cães & Gatos) e Dudu Chermont dominavam as Gibsons da lendária Patrulha do Espaço no ano de 1979. O registro dessa era icônica foi capturado pelas lentes de Grace Lagôa, eternizando o brilho e a energia da dupla em pleno auge do rock brasileiro.



**1979**

## **Enterrar o Festival**

Terminado o filme *A Idade da Terra*, Glauber vem a Brasília para divulgar o semanário carioca *Enfim*, para o qual ele escreve e conversa com o general Golbery.

Glauber, instala-se no Eron Hotel e por casualidade, quase conversa com o presidente Figueiredo, durante a inauguração da exposição do pintor Waldomiro de Deus. Glauber ia chegando no saguão do hotel, quando o presidente e sua comitiva abandonavam o Salão Ouro do Eron.

SETEMBRO 21 Sexta-feira

No dia seguinte, sexta-feira, Glauber Rocha bastante agitado com crise estomacal acompanhado por sua mulher, Paula Gaétan, consegue sua internação no Hospital das Forças Armadas, quer fazer um exame, pois desconfia que esteja com câncer. Glauber nunca confiou nos médicos e quase sempre os levou à loucura com sua tendência em incorporar sintomas de diferentes doenças e apelando para tratamentos alternativos ou de vanguarda.

Deitado por horas na banheira do HFA, Glauber fala alto em tupi-guarani e faz discursos antimilitares. Quando o pneumologista solicita uma nova radiografia do tórax para outra avaliação. Um desesperado Glauber Rocha repete insistentemente que vai morrer...

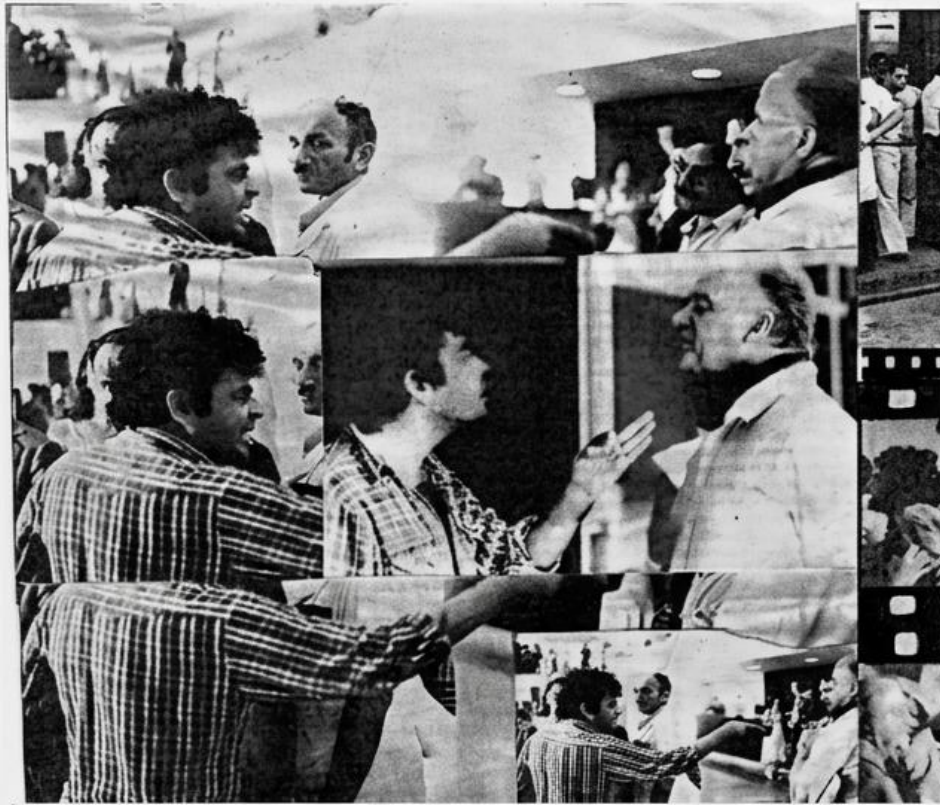
Fernando Lemos tem que pedir ajuda a Eduardo Mascarenhas, amigo e analista de Glauber, para convencer os psiquiatras do HFA, que não querem soltá-lo. O argumento de Mascarenhas: "Ele está liberado para expressar livremente, o seu inconsciente o tempo todo."

O antropólogo francês Jean Rouch, que havia hospedado Glauber durante seu exílio, se aproxima. Cumprimentam-se em francês, mas Glauber rapidamente o acusa de ser um "espião francês" e um "colonizador", alertando que o Brasil não aceita espões. Rouch, surpreso, ri amarelo diante da explosão de Glauber.

No tumulto, seguranças tentam conter Glauber, que se recusa a calar. Ele se apresenta como "o maior cineasta do mundo, melhor que Godard e Eisenstein". Enquanto isso, o diretor do hotel tenta acalmar a situação, mas Glauber insiste que está apenas dando uma coletiva de imprensa.

Do lado de fora, Glauber consegue atrair mais atenção e declara que pedirá intervenção dos ministros da Educação e da Justiça para a crise cultural no Brasil, reafirmando que veio para enterrar o festival. Naquele dia, provoca outro alvoroço no Aeroporto de Brasília ao pagar sua passagem para o Rio de Janeiro com um cheque simples, que o gerente precisa endossar pessoalmente.

Glauber parte para o Rio de Janeiro sem saber que pode estar lidando com um tumor maligno pulmonar. Ignorando a necessidade de uma segunda radiografia, ele se automedica e adota uma dieta restritiva, enquanto enfrenta problemas de pulmão e uma tosse persistente, acreditando ter sinusite e bico-de-papagaio.



1979

## SETEMBRO 25

### Deus (ou o Diabo?) Mata o Festival

Terça-feira, tarde típica do cerrado, 38 graus. O 12º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, segue o seu clima de mundanismo normal, e se depender dos concorrentes não entrará para a história. O evento havia sido transferido de julho para setembro, com a explicação oficial do diretor da Fundação Cultural, Ruy Pereira da Silva, de que não há hospedagem para todos os artistas e convidados, em julho. A apatia e frieza são totais, apesar das sessões da mostra competitiva serem abertas ao grande público.

Institucionaliza-se o Hotel Nacional, como o único capaz de receber os artistas, tendo o mesmo tornando-se um verdadeiro quartel-general de estrelas nacionais que àquela altura, quase deserto, sequer dava sinais de que ali hospedavam os convidados.

O quegê está reunido na piscina. Glauber Rocha que acabara de receber alta do Hospital das Forças Armadas, chega de supetão, com os cabelos desalinados, calça pra lá da cintura, sacola de papel na mão e sandálias gastas, ele não havia sido sequer convidado pelo festival e instigantemente surpreende quando resolve quebrar o marasmo: – “Vocês querem uma entrevista?” E Glauber começa a metralhar, à pleno pulmões, berra para o grupo de artistas que conversam e tomam uísque à beira da piscina do Hotel Nacional e ouvem tudo: – “Este é primeiro escândalo do Festival. Eu vim à Brasília para fazer este escândalo. O Festival morreu aqui, hoje. Este Festival desmoraliza toda a cultura brasileira. Os maiores cineastas não estão aqui. Os cineastas têm que ir hoje e pedir a demissão do senhor Ruy Pereira, se eles tiverem vergonha na cara. Ele censura muito mais que a censura. Foi ele que censurou os filmes independentes. Estamos em um governo de Abertura. Estou revoltado diante de tudo isso. O diretor da Embrafilme não deveria permitir isso. Estes filmes curtas-metragens são muito ruins. É a canalha intelectual. O júri do Festival é um júri policial que não entende nada de cinema, dirigido por agentes da CIA. É uma vergonha. A Fundação é formada por uma canalha intelectual. É uma vergonha. Estes cineastas prostituídos que tomam dinheiro da Embrafilme para filmar a bunda da Sônia Braga. (Dama da Lotação). Esses cineastas são traidores do cinema brasileiro. Mas o Festival morreu aqui. É um mangue!”

É a primeira voz que se levanta em público, contra o festival que agoniza. Está decretada a falência do festival, que segundo Glauber, virara um prostíbulo da pornochanchada. A seu ver, os cineastas desfrutaram das benesses do Hotel Nacional e lançam mão do dinheiro público para filmar o traseiro da Sônia Braga.

Hotel Nacional, ao localizar Harry Stone, agente da Motion Picture e desafeto convicto seu, o baiano parte para a confrontação perseguindo-o aos berros, e mesmo o iankz entrando no elevador para o apartamento, Glauber fica gritando na porta do hotel: “Entreguista, traidor do cinema brasileiro.”

"Harry Stone dá uísque para os críticos e influi na orientação da indústria cinematográfica brasileira." (Glauber Rocha)

E nisto, o antropólogo e documentarista francês Jean Rouch se aproxima. Rouch havia hospedado Glauber durante seu exílio na França. Cumprimentam-se em francês, mas, de repente, Glauber com o dedo em riste na direção de Rouch, grita: "Você é um espião francês. Tu est un espion! Eu vou te entregar para o serviço de informações. Vous êtes un agent du Quai d'Orsay."

"Vous êtes un colonisateur! Está espionando o Nordeste brasileiro."

Jean Rouch ri amarelo, sem entender nada. Glauber mistura francês e baianês.

"Não ria! Eu te conheço. Você sempre espiona os povos do Terceiro Mundo. Você só pode aparecer em um festival como este de pornochanchada. "Cinique! Cinique! Um festival de corrupção, de prostituição. O Brasil de Figueiredo não aceita espões."

Condenada a desorganização do festival e afirmado que o mesmo está infiltrado de agentes externos, o tumulto está armado, o cineasta é contido por seguranças do hotel, que tentam impedi-lo de berrar com um outro estrangeiro que entra para defender o compatriota, a aglomeração adensa-se e acaba no meio do saguão. Um dos diretores do Hotel Nacional tenta serenar os ânimos: "Eu peço ao senhor um pouco de calma." E Glauber: "Senhor zorra nenhuma. Aqui quem está falando é Glauber Rocha, o maior cineasta do mundo, muito melhor do que Godard e Eisenstein."

O diretor do hotel tenta intervir e Glauber responde: – "Não há confusão nenhuma. Estou apenas dando uma entrevista coletiva aos meus amigos jornalistas. Eu fui jornalista mais de dez anos na Bahia."

O segurança do Hotel Nacional, acompanha Glauber, que pergunta já no meio do hotel:

– "O senhor é segurança?" E o segurança:

– "Sou!"

– "Então comece a interrogar aquele espião francês ali. Senão eu saio do Brasil agora. Estão boicotando a Abertura de Figueiredo. Estou revoltado diante de tudo isto."

Já do lado de fora Glauber consegue mais audiência para o seu comício e diz que pedirá aos ministros da Educação e da Justiça, intervenção na crise da cultura do país e arrasa com o júri do festival dizendo que ele é policial e composto por incompetentes que não entendem nada de cinema e repete: "Eu vim ao Brasil para enterrar o festival."

**1979**

**SETEMBRO 27 Quinta-feira**

No Correio Braziliense no primeiro parágrafo de um artigo de meia página ele adverte:

A cultura brazyleyra está com kanzer. Toritoma Maligno. Carcinoma Embriogênico.

Melonena pulverizantyz. Metástase: os efeitos destrutivos possuíram órgãos, membros e almas dos artistas, dos burocratas que se ocupam de produzir, realizar e distribuir cultura no Brazyl. A televisão está contaminada pelos enlatados promocionais do FBI e da CIA (órgãos de segurança yankz).

E nesse mesmo dia Glauber provoca outro rebuliço no Aeroporto de Brasília, paga uma passagem para o Rio de Janeiro, via TransBrasil, com um cheque simples, o gerente da empresa tem de comparecer ao balcão e endossar pessoalmente o cheque de Glauber que pôde assim viajar.

Glauber segue para o Rio de Janeiro, sem saber do diagnóstico de um possível tumor maligno pulmonar, uma vez que não realizou a segunda radiografia e entra num processo de automedicação e dieta. Tem problemas de pulmão e fuma muito, uma tosse que não acaba. Os médicos decidem que deve parar de fumar e logicamente ele não para... Acha que tem um foco de sinusite e bico-de-papagaio.

Para Glauber, Brasília é o Eldorado, aquilo que os espanhóis e outros visionários perseguiram, a lendária cidade do futuro democrático mundial. Aqui ninguém o ameaça, o cobra ou questiona: – Está usando droga ou não? Isso não interessa a ninguém a força do poder e o carisma de Glauber passam por cima disso tudo.

Em setembro, na quarta e sua última vez na Capital, Glauber enterra o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro...

### **– Até Golbery Queria Saber o Que Glauber Estava Dizendo**

#### **Quim Andrade**

O cinéfilo Lácio Urias, deu o toque: – “Você precisa conhecer o Quim Andrade, o primo-irmão do Glauber e produtor executivo de A Idade da Terra...”

“Talvez o Glauber tenha até ajudado na Abertura, foi uma coisa que o Jango tinha falado, e aí o grande problema do Glauber com o Miguel Arraes. Essa reunião que eles tiveram lá na Europa, eles tinham tirado uma posição de apoiar essa abertura lenta e gradual, e como o Glauber saiu na frente e deu aquela entrevista e não foi bem recebida no Brasil, eles recuaram, o Gabeira, o Miguel Arraes e o Glauber ficaram sozinhos. Então, ele não podia recuar mais no que havia dito, e ele passou a agir dessa forma, a botar na boca dos militares as coisas que ele queria que os militares fizessem.

“E inclusive para tentar se livrar da situação em que ele caiu, se os militares não fizessem a Abertura, o Glauber estava lascado, ele teria sido... Glauber tinha de lutar por essa Abertura, então ele teve de passar para o lado dos militares para obrigá-los a abrirem para ele poder respirar. Para ele não ser um traidor, ele teve de vestir a camisa de uma luta especial, tendo sido colocado nela pelo Miguel Arraes e o pessoal que saiu fora, e ele teve que ir e tocar o barco sozinho de uma história que todo mundo estava dentro dessa história. Inicialmente era para todos fazerem parte dessa postura que o Glauber teve, como eles recuaram e o Glauber já tinha dado a declaração, não teve como voltar atrás, teve de seguir em frente e botar as palavras...”

“Reis Velloso era o intermediário que abria muito espaço para o Glauber, o ministro era amigo do Glauber, foi casado com a Regina Roseburgo, que era amiga de Glauber. Então dessa amizade abria-se de fato um espaço real no Planalto, na capital, e o Glauber botava as coisas – os militares precisavam do Glauber; o Golbery precisava do Glauber, de alguém da oposição apoiando a Abertura lenta e gradual, porque as pessoas queriam que houvesse uma coisa radical, uma mudança radical: – “Vamos acabar com o governo militar e implantar hoje um outro sistema.

“O Glauber ficou como o único porta-voz dos militares e ele não podia agir de outra forma, porque ele tinha entrado numa armadilha, ele tinha ódio do Miguel Arraes por causa disso, porque o Miguel Arraes o botou nessa armadilha, ele tentou falar mal do Miguel Arraes, dizia que ele era o homem que negociava o petróleo lá nas Arábias e vendia petróleo para o Brasil, por isso ficou rico, mas não deu certo.

“Glauber teve de passar para o lado dos militares, e a esquerda o tratava como louco.

“Esse foi o problema: se ele voltasse atrás, aí sim ele seria chamado de louco.

“Entendeu o problema? Não tinha como voltar, ele tomou um caminho e o seguiu...” (A Idade da Terra)

## **“Golbery e Glauber conversavam muito!”**

### **Alexandre Garcia**

Em Brasília, Glauber Rocha costumava jantar e deixar seu endereço e telefone com o jornalista Alexandre Garcia.

“Eu conheci Glauber pessoalmente no Palácio do Planalto. Eu era subsecretário de Imprensa da Presidência da República e deve ter sido no meio do ano de 1979.

O Glauber foi lá para procurar o ministro Golbery, e eu fui recebê-lo na recepção. Conversamos bastante, e ele me disse que era fã do ministro Golbery, que gostava muito de conversar com ele. Não era a primeira vez que Glauber tinha ido lá, depois ele foi mais duas ou três vezes ao Palácio. Eu ouvi do ministro Golbery elogios ao Glauber, dizendo que gostava muito dele, que era um homem muito inquieto, muito inquisidor, muito curioso, muito interessante, muito inteligente. Essa admiração era mútua, pelo que eu percebi.

“Eu tive algum relacionamento com o Glauber, porque duas ou três vezes a gente jantou junto em Brasília, conversando sobre questões nacionais, cinema, Golbery, e notei também que o Glauber era um sujeito que admirava o Golbery e que, se a gente quiser entrar no campo político, eu poderia até dizer que o Glauber via no Golbery uma espécie de caminho da Abertura. Ele não estava admirando governo militar ou admirando governo não democrático, ele estava ali admirando uma pessoa tão inteligente quanto ele, tão inquisidora quanto ele, tão parecida com ele, cada um no seu campo.

“Era um encontro de dois semelhantes, e ele via que o Golbery poderia ser um caminho, como foi efetivamente, que resultou na devolução do poder aos civis. Acho que ninguém pode criticar Glauber por ter procurado Golbery, porque ele procurou no intuito de buscar caminhos para a Abertura, para a devolução do poder aos civis e também para mostrar a arte dele, mostrar o que ele fazia, mostrar a criatividade dele, e era bem recebido, o que era uma coisa rara na época.

“Golbery e Glauber conversavam muito pessoalmente, frente à frente.

“Glauber subia lá para o quarto andar, ia para o gabinete do Golbery, entrava no gabinete do Golbery, só quem estava lá dentro era o Golbery, portanto eles conversavam. Eu nunca vi Glauber ficar do lado de fora da porta, e se houver alguma dúvida, é só perguntar para a dona Lurdinha, que era secretária do ministro Golbery, ou para o Juquinha Mamede, que era o chefe de gabinete.”  
(Alexandre Garcia)

**1979**

### **No Mundo dos Inválidos**

Crescendo ao lado de uma birosca e a grana corria solta se somada compraria um apartamento e quem não queria um apartamento pequeno no Guará 1, ou ainda quem sabe uma loja comercial? Taxistas disputam as cervejas no palitinho, jogam cartas, dominó, sinuca muita grana corre. Nadam na grana, no conhaque, no cigarro e, o famoso carteado atraía jogadores que varam a noite apostando. Nunca faltou grana, uma fartura, uma fortuna. E Fernando, o representante comercial deixou de fazer a ronda com o carro zero da empresa e entrou nessa vida boêmia, também deixou a mulher, mãe de seus filhos. Assim era o nicho o meu lero, o dia-a-dia e o sustento. Em conluio com o dono da birosca, Fernando repassava notas fiscais de almoço para a empresa emitidas pelo bar. Um dia, o coordenador da empresa de produtos de limpeza veio até o bar e perguntou? Vocês servem almoço? O dono do bar não hesitou: – Aqui a gente compra uma carinha e frita e serve o tira-gosto com farinha. Eu ficava com o estômago pregado de fome ao vê-los mastigando aqueles bifés de fígado, acompanhei calado a

prosa. Quinzinho chegou na hora do almoço vociferando contra a empresa alegando que ele arriscara a própria vida várias vezes sobrevoando a Amazônia numa avião teco-teco representando a linha de barbeadores da Gillette, espuma e o escambau. A vida ali não passava de um jogo, o ardiloso dono da birosca desferiu um golpe mortal ao detalhar ao supervisor uma coleção impressionante de fatos do cotidiano do representante comercial, desde a sua rotina aos mais sagrados detalhes familiares e lógico as observações que ele fazia da empresa, para o dono da birosca ele conquistara o rei inimigo. Fiquei deprimido com aquilo, eu tinha que procurar uma saída, mas como com uma das solas dos sapatos dos meus pés furados? Eu não iria longe. Veio a crise de 1979, o começo da reabertura política, a explosão do preço do barril de petróleo, cantava-se em letras o nome de Khomeini. A Sociedade de habitação elevou absurdamente os boletos dos apartamentos e das lojas, o abundante dinheiro jamais foi visto de novo. Os proprietários pediram as lojas e os apartamentos para renegociarem novos contratos. E, muitos choraram e perderam suas casas e terminariam a vida pagando aluguel. Aquilo era o meu fantasma, e eu só queria um bife de fígado frito e uma foto da Jane Fonda para me excitar. O que seria de mim? Naquele sistema infame, naquela educação defasada e sem saber o que era mercado de trabalho?

### **No Golzinho, no Asfalto**

No futebol de rua, o peladeiro chega meia hora antes das 9 horas na manhã de domingo para ter uma chance na primeira partida e, eventualmente, ter outra numa próxima. O objetivo é ganhar a primeira e deslanchar (ficar em campo). A primeira sempre será de 3 gols. No futebol de rua não tem chapéu (eles te matam), no máximo uma caneta. O jogo é viril e rápido; com o ombro, eles te empurram pra fora do asfalto. E batem, e batem e tentam entrar com bola e tudo. A única coisa que pode salvar o peladeiro é a sua malícia, agilidade e estática. Nunca saía do golzinho! A bola rolava todo domingo de manhã e atraía um contingente de peladeiros ávidos e robustos. A tradicional pelada rolava na ponta do Conj. E da QE 34. Correspondia a um clássico: Alexandre, Onísio e seu irmão Carlinhos, Bailarina, Sérgio Zulu, Boinha, Boguinha, Mecenas, Tônico, Geraldo Serralheiro, Donizetti e agregados de ocasião – a maioria em excelente forma física, oriundo dos Bombeiros, da Marinha ou do Exército (os Catarinas, soldados vindos do Sul que serviam no DF). Junta-se ao bolo, gente que puxou um breve tempo de cana e um monte de adolescentes. A ordem é bater da canela pra cima. E o pau torava. Os touros arrancavam tudo pela frente ou ao lado. Futebol, porrada, adrenalina, entradas ríspidas e meiões rasgados, para delírio da torcida. Todo domingo, até o meio-dia, a bola de futsal rolava sobre o asfalto quente. Naquele domingo, pouco antes do meio-dia, a bola voou e caiu, morta, no jardim da casa em frente. O morador, que não era muito mais velho que os jovens jogadores, pegou uma machadinha de jardim e fez um buraco na bola. Ninguém disse nada; cada um seguiu seu caminho para casa. Talvez o histórico da rua pesasse na decisão da rapaziada. Lembrou-se do dia em que o morador do sobrado no fim do conjunto tirou a vida do pai que jogava bola com seus filhos. Desde então, ninguém mais gritou: Gol! Racha! Levanta!

Senti um frio na barriga e não contei a história do homem mau que, com suas mãos imensas, apertou a bola até que seu coração explodisse em meio a um enxame de craques. Seu nome? Conhecido como ‘Açougueiro! Ele deveria estar cortando o excesso de sua galha. A aparência de sua mulher chamava atenção; esguia como uma árvore, boca vermelha – de boneca – e calças justas que delineavam suas pernas, dos tornozelos até a fronteira das nádegas. Ela passava a maior parte do tempo com o vizinho, da mesma idade, o que despertava o interesse de toda a quadra. Quem se atreveria a se meter com ‘O Açougueiro’ e seus cabelos desgrenhados de maluco? No mínimo, aquela bola partida ao meio, diante de nós, humilhados e encolhidos, era uma prova cabal do que aquele homem era capaz.

Frente ao beco do Conj. C da QE 34, tanto a casa ímpar como a par eram chefiadas por sádicos. Nem sabíamos o que era sadismo ou violência doméstica. A tristeza estampava a face das mães e seus filhos. A mim, cabia a missão de recuperar a bola quando invadia esses jardins. Eu esticava a mão pedindo a bola de volta. Certa vez ouvi: ‘Meu pai vai te dar um tiro.’ Eu sumia e ia jogar bola em outros conjuntos. Assim era o futebol de rua nos tempos da ditadura.

## 1979

Não se sabe em qual campeonato de futebol aqui no DF, batizado de Candangão, foi que o popular Toninho (Antônio Carlos), flamenguista da QE 32, saiu na capa do Caderno de Esportes em meia foto! ‘Toninho como você conseguiu?’; ‘Na hora que vi os fotógrafos, fiquei de joelhos no gramado e comecei a atravessá-lo como pagando uma promessa’. Para mim, essa foi a grande aula de mídia. Eles da QE 32, eram ótimos nisso.

O Totó (Toninho) também era o relações públicas do Sindicato do Reggae nos anos 80... Ele ia nas rádios e nos jornais para distribuir os cartazes dos Tributos a Bob Marley... O mesmo pegava o seu camelo sentido W3 Sul e Norte com a mochila recheada de cartazes e colava nas paradas de ônibus...

### “Cantareli”, “Lampião” e Paulo Vítor, Ídolos da QE 32

Vindo da caatinga, um dia Lampião apareceu na QE 32, além do inseparável chapéu de couro, assim como Carlitos, ele trazia debaixo do braço, um inseparável amigo, um cachorrinho. Logo, ocupou um beco na esquina do comércio, depois, passou a dormir dentro do bar em cima da mesa de sinuca. O que poucos sabiam que carregava um facão escondido. Às vezes, as suas lágrimas caíam descontroladamente pelo rosto e ele prometia executar alguma vingança. Ao que o povo pedia: ‘Cabra, deixe disto’. Longe do torpor do álcool, de cabelo cortado, em certos domingos, ele ia à igreja para confessar os seus pecados. Seu nome se perdeu com a certidão, uma recordação é que ele tinha sido barbeiro e por um bom tempo, ele rodou por entre as QEs 32/34, onde montou um churrasquinho. Para devolver-lhe a valentia bastava imitar o guinchado de um gato.

Dos goleiros de futebol do Guará num tempo em que inexistiam as praças, ainda nos lembramos de Duzinho. O dono de bar que trocava o avental pelo uniforme negro e protegia a meta do 32 Esporte Clube, fazendo ponte no chão de terra batida. Um goleiro gorducho, porém, ágil ricocheteando a bola num tirambaço à queima roupa. O uniforme sempre todo de preto era homenagem ao lendário Aranha Negra, o guarda-redes russo.

O campo de terra da QE 32, não seguia as dimensões oficiais e dividia o bloco B, mais antigo, do bloco A em construção. A pelada aos sábados congregava os moradores com os trabalhadores da construtora. Na reserva do 32 Esporte Clube, o jovem Waltinho, chamado de Índio, que apesar da baixa estatura era um ótimo goleiro e até Nardelli pegava no gol. Da QE 34, especialistas na defesa do arco, Chico, um dos filhos do professor de Prática Integradas do Lar, no Centrão, escola pública entre as QEs 17 e 19; da mesma quadra também agarravam Caim, Gaspar, guarda-valas no futebol de salão; Cócó e Zé Otávio, de elevada estatura.

O goleiro profissional mais famoso do Guará, foi Paulo Vítor, tricampeão carioca entre 1983-84-85 pelo Fluminense. Os meninos se aglomeravam na casa de esquina do ‘M’ da QE 32, para pegar autógrafos. Mas, o mais folclórico dos nossos goleiros, foi o cearense ‘Cantareli’, um morador que desfilava pelas quadras do Guará, vestindo o uniforme rubro negro completo, com luvas e uma bola debaixo do braço. ‘Cantareli’ vivia a efervescência do título mundial de 1981, conquistado pelo Flamengo. O goleiro cover traçava uma trave imaginária, colocava a bola na marca da cal, se colocava

debaixo e desafiava qualquer passante a bater o pênalti. Na maioria das vezes ‘Cantareli’ defendia o tiro.

Falei da camarilha do Zach, Alberto, Sérgio Zulu, e dos falecidos Mecenas, Arnaldo Neguinho, os irmãos Clóvis e Cláudio Mola e não citei o Anísio Maia que começou a contracultura no Guará com sua biblioteca em meados dos anos 70. Não esqueço da heustória do cemitério onde ele rodava pelas lápides nas tardes de segunda a sexta em cima da moto. 1979

### **Um Homem Bebe Cerveja no Covil da Esperança**

Os caras eram doidos. Um laboratório total de loucura, um estabelecimento bruto, porém respeitador. Assim era o Bar Esperança do Vicente Sabino, barman e craque de futebol do Gama, que já nos deixou. No Vicente, aprendi tudo. Eles separavam o caderno de cultura do jornal para mim. Se não fosse por eles, teria perdido muita coisa. ‘Guarda pro livro’, dizia Natálio Sorrentino, um paulista gente fina, educado, camarada, que também nos deixou. Dos malandros do morro, como o saudoso Joel que dirigia Kombi escolar e o apelidaram carinhosamente, o motorista de ‘Anciã’. No balcão, tínhamos Paulão no contrabaixo imaginário, louco sem perder a grandeza. Tinha Cosme, Valdique, Teixeira, Garrincha (que já se foram) e o eletricista João Queimado. Palitinho, o pintor e ganhador da loteria. Tinha Nego Bill, Vicente Garapa, Jacinto, os finados Jairão Cabeção, compadre Zé Milton, Jair Mecânico e os sobreviventes Zé do Caixote, Almir, Elias e mais gente e outros que moravam no conjunto de prédios apelidados de Serra Pelada.

### **Primo Pobre, Primo Rico**

As portas de enrolar das lojas eram vazadas, para proteção alinhavam-se as pilhas de engradados vazios e os cheios de cerveja, lá atrás na porta do banheiro. De noite, eles usavam ganchos para subtrair ou urinavam. Pela manhã, ríamos das tentativas e ligava-se o rádio no Gogó das 7.

No final da noite, os maços de cigarros eram rigorosamente guardados ao lado dos pacotes num armário. Era necessária a papelada para o bar continuar aberto, agora alugado pela imobiliária precisou de um registro, Bar Esperança PT, a sigla significa ‘ponto de tráfico’, mas era desafiadora – toda a intelligentsia boemia do Guará, de bicheiros a jornalista ou jogadores de futebol passavam por aquela porta.

Os promotores de bebidas usavam motos. Tínhamos que prestar atenção nos ajudantes de caminhão que na troca dos engradados, poderiam voltar com uma grade cheia. E chegou ao nosso paladar, um novo aperitivo, Chave de Ouro.

A ordem número um é embriagar o cliente. Mirão da 32, dava fogo homérico nos caras, não tinha dia e o sábado era o dia mais terrível, e por não fazermos nada no domingo ainda aguentávamos a ressaca moral dos caras.

Primo, grande conhecedor do que havia de melhor do malte escocês. Além de bêbado chato, arranhador de viola, tinha o hábito de insurgir no bar, entre conversas, lhe foi oferecido um uísque, mas com uma condição: só se for 12 anos, mas caso não tenha pode ser de 8. Acontece que Mirão colocou a Chave de Ouro em uma garrafa de Chivas Regal, já esperando a visita do expert. Não deu outra: on the rocks, o gajo detonou quase que a garrafa toda, estalando a língua a cada sorvida, não sem antes exclamar: um viva ao néctar dos escoceses. Foi a sua última visita, a mais rápida que tive notícia, saiu doidão, dizendo aos quatro ventos: gente fina é outra coisa. A última notícia que tivemos dele foi de que estava no Senado, tendo abandonado os otários que passaram a vida lhe pagando

‘escoti. Não sabemos se entrou pelo Trem da Alegria, mas entrou e é fato. Na hora recriminei, por achar que Mirão poderia ter matado o pobre Primo, agora rico.

No canto extremo do balcão, Carolina cantava Clara Nunes:

Cabra enxerido

Eu dou cachaça e finjo que bebo com ele.

Se ele fica bebo e dorme, não tem talvez nem conforme: vão rodar com a mulé dele.

**1979**

### **Tosco & Bronco**

QE 32 do movimento reggae – se eles eram punks, new wavers – tinha os oldwavers de Taguatinga – nós éramos cosmopolitas, nossa faculdade era em Kingstown e o reggae, o ritmo da cadeia...

Nos anos 80. Na QE 32 do Guará 2, reduto literato de alta qualidade, a Beat generation brilhava em alta incandescente com livros lançados aqui pela primeira vez. No Conj. K, Negão (marido da Cláudia) era um personagem beat de olhos verdes, vizinho chegado de Chico Bueno. Pela entrada de baixo da quadra e, ao cruzar a praça às 4 da matina, na casa da esquina, lá estavam plantados de pijamas elétricos. ‘Vamos entrar?’, a resposta era simples, ‘Podes crer, podes brown!

O Bar Esperança era o maior reduto de figuras beat tipo Palitinho que ganhou na loteria, o Serginho de Serra Pelada, Zé Olavo, Daniel e por aí... O beat genuíno que me assustou e nos ensinou a viver chamava-se Cécé. ‘Guismarães’ era fã do Corso dos beats, ele falava em Gregory Corso todos os dias; ‘bronco’ mete bronca – uma pena, de Corso saiu ‘Gasolina e Lady Vestal. No original, o inglês dele é beat, fácil de entender.

Palitinho deu uma carreira atrás do Zé Olavo gritando: vou matar o seu filho! Não sei o que ele fez e também não sabia que ele era fundista. Quanto mais eu vivo, mais eu escrevo. Tenho horror à história resignada, nunca irei me arrepender de tudo o que eu disse e vivi e é muito chato as pessoas perguntarem: ‘por que vocês não aparecem mais em casa?’. Com um pé no passado deixo em dia as heustórias. Quanto mais louca, mais verdadeira a disciplina. Escrevem livros para imprimir verdades, pontos de vista, coisas superadas. Me ajude a me livrar da heustória com elegância.

### **Terral**

Uma conjunção de ideias. Ainda, adolescente, procurava bancas de revistas e nada de revistas usadas. As coleções floresciam longe dos olhares e nem havia tantos consultórios para surrupiar revistas.

Em 1979/80, o Brasil foi invadido por uma ordem americana tipo ‘entrar em forma’. Quem comandava era a Jane Fonda digo Fonda, que malhava naqueles colans colados – existiam bicicletas de corrida que eram roubadas quando soltavam do guidom e ia a qualquer lugar e os punquistas pulam e pedalavam para longe. Me lembro da filha de Henry Fonda em Amargo Regresso e de Xanadu. Nessa época, o quente eram paredes espelhadas. Na QE 28 surgiu um bar chamado Terral, dos sócios Carlinhos e de uma rapaziada ingressa recentemente na federal. Eles eram nascidos em 1960. O bar o Terral durou rápido e acabou. O engraçado era que a rapaziada era da QE 32 e migrou

para a QE 28. Dentro do bar existia um mezanino de madeira e, lá em cima, descansava uma bateria. Uma vez vi alguém tocar ‘Have You Seen The Rain?’ – era esse tipo de som que rolava na época. O Terral fechou as portas, e suas chapas imensas de vidro espelho foram vendidas para as academias que agora surgiam com o apelo Fonda.

**1979**

### **Cadáver no Bueiro**

Foi um dia letivo normal. Eu ia para a escola, entre as QEs 34/32. Naquele tempo, por morar na 34 e trabalhar na 32, eu era um dos poucos que podiam circular livremente naquela espécie faixa de Gaza. Caminhando, senti um malcheiroso terrível exalando de um bueiro.

Na manhã seguinte, a polícia abriu o bueiro e encontrou um cadáver, só de cuecas. A operação é delicada e exige estômago: primeiro jogam-se litros e litros de desinfetante, depois o pobre servidor amarra o corpo pelas axilas e exige para os curiosos se afastem, pois, o braço pode-se partir e voar larva pra todo lado. No dorso, havia manchas verdes e o cabelo havia derretido e se tornado uma máscara de zumbi.

Depois a gente esperava com ansiedade pela matéria no Correio Braziliense – era assim a vida nas QEs 19, 32 e 34 isto sim, o faroeste caboclo.

Brutamontes Castigam os Mais Fracos

Os mais fracos sempre fazem um grande alarde demonstrando rebeldia.

Ainda faltavam 10 quilos para eu ser considerado magro. Osso era mais que apelido, era usado, como no latim escorreito dos seminários, em sua ruidosa forma vocativa: – E ai, Osso!

– ‘Osso, meu pai quer a guitarra de volta!’

Então, apesar da pompa linguística, quando Sidney acompanhado de seu tique, me chamava de Osso, eu desditosamente me sentia como um cachorro. E, precipitando, sacava: ‘Eles vão fazer alguma merda’. Engano. Os caras eram gente fina. Protegeram-me, a mim e a minha magreza, por anos. Prova: no conjunto deles, o F, eu podia jogar bola sossegado.

Posteriormente, melhorei muito. Virei chefe de quadrilha na QE 34 do Guará e adjacências. Mas essas são outras heustórias macabras, brotadas da mente de Mário Pazcheco – que quase mais nada tem a ver com o alegre vacilão daqueles remotos dias, quando assustado atendia apenas por Osso.

Tava diboa no portão da casa dos meus pais, na QE 34, domingo, hora do jogo, daquele jeito, quando gritaram: – Osso!’

Aí eu pensei: ‘F\*\*\*! Qual foi?’. Eles foram econômicos nas palavras: – ‘Nos siga! Nos acompanhe!’.

Chegamos na porta da casa do Zach e foram dois gritos curtos: ‘Zach, Zach!’ Quando ele abriu a porta um esquadrão afro-ninja adolescente praticante das artes marciais, invade a casa. Sua mãe, pasma: – ‘O que está acontecendo!?’ – ‘Seu filho é um ma... maconheiro’, afirmou, secamente Sidney, acompanhado pelo seu indefectível tique nervoso. Eu arrumei coragem e retruquei: – ‘Pega leve!’.

A cabaça guitarra Giannini Stratocaster 1979 creme foi vista saindo pelo vitroux do banheiro. O pelotão de amigos rapidinho se evadiu da cena. No Conj. F, eles dançavam e passam a guitarra de mão em mão. Era um troféu e eu a isca. Por fim perguntaram: – ‘E aí, Osso?’. Respondi: – ‘Não gosto de rolo. Vocês são ninjas mesmo. Foi cinematográfico’. Eles estão rindo até agora, o triste é que nunca mais nos reencontramos para comentar essas situações.

Já que o Movimento não tem porta-voz falo eu mesmo. No início dos anos 80, se Zé Marcos tocava Rolling Stones no violão, Pedro Veras tocava The Who. A primeira banda em que eu descolei emprego foi a Rocha do Planalto (eu ainda era menor). Eu a acompanhei em todas as formações e talvez eu tenha agido como produtor e tenha até indicado membros para a formação. Estive no único show fora dos ensaios. Amarildo, Soneca, Zach, Mecenaz (desaparecido), no contrabaixo e na bateria, quem passasse pela rua e soubesse tocar.

**1979**

## **LITERATURA**

Eu, Christiane F., 13 Anos, Drogada, Prostituída..., livro que causou escândalo em 1979 e foi adaptado ao cinema em 1981, sobre a vida de sexo e drogas da então adolescente alemã Christiane Felscherinow.

- ★ A Ilusão das Drogas – Um estudo sobre a maconha, LSD e anfetaminas, de Ivan Schmidt. Casa Publicadora Brasileira.
- ★ Fred Maia lança o livro Gota Serena.
- ★ Rubem Fonseca lança O Cobrador, o primeiro livro após o barulhoso Feliz Ano Novo, de 1975, que foi recolhido por ordem da censura, sob a alegação de ter conteúdo contrário à "moral e aos bons costumes" de uma gentilha que ele ajudou a fundar e de subir ao poder com sangue e ranger de dentes...
- ★ Millôr Fernandes lança Os Orfãos de Jânio.

## **OBITUÁRIO**

### **SETEMBRO 27 Quinta-feira**

O guitarrista escocês Jimmy McCulloch, membro dos Wings de 1974 a 1977, foi encontrado morto em seu apartamento no bairro londrino de Maida Vale, vítima de um ataque cardíaco, exacerbado pelo uso de substâncias. Sua morte ocorreu no exato dia em que seu novo grupo, os Dukes, deveria estreiar em um clube musical. Como McCulloch estava atrasado para o show, seu irmão Jack foi até sua casa e o encontrou estendido na cama.

Jimmy McCulloch iniciou sua carreira em 1969 com o grupo Thunderclap Newman, apadrinhado por Pete Townshend. Naquele mesmo ano, a banda teve o único hit de sua curta história: o compacto "Something in the Air". Em 1972, McCulloch foi convidado a substituir o guitarrista Les Harvey, que morreu eletrocutado no palco, no grupo Stone The Crows, que contava com a cantora Maggie Bell. O Stone The Crows foi dissolvido um ano depois, e McCulloch enfrentou problemas com alcoolismo até 1974, quando entrou para os Wings, no lugar de Henry McCullough (sem parentesco).

No Wings, McCulloch teve sua habilidade na guitarra amplamente reconhecida, especialmente em álbuns como Venus and Mars e Wings at the Speed of Sound. Ele também contribuiu com composições próprias, como "Medicine Jar" e "Wino Junko", canções que refletiam suas batalhas pessoais com o abuso de substâncias.

Apesar de seu imenso talento, seu estilo de vida acabou afetando sua saúde e sua carreira. McCulloch deixou os Wings em 1977 e continuou a trabalhar com outros grupos esporadicamente, incluindo a ressuscitada Small Faces. Na semana de sua morte, Paul McCartney declarou à imprensa: “Ele era um grande guitarrista e estamos muito tristes com sua morte.”

## MÚSICA

1979

### FEVEREIRO

Álbum George Harrison (1979).

### MARÇO

Joey Molland e Tom Evans, convidam vários músicos de estúdio e lançam o novo LP Airwaves com o nome Badfinger. Entre os músicos convidados estão Andy Newmark (baterista, que sempre toca nos LPs de George Harrison), Nicky Hopkins (tecladista que além de tocar com John Lennon, George e Ringo, é quase que tecladista oficial dos Rolling Stones), Steve Forest na percussão, além de outros menos votados. Logicamente Joey e Tom participam de todas as faixas, variando apenas os músicos de estúdio. Produzido por David Malloy.

★ Walter Franco lança o LP Vela Aberta.

★ Jards Macalé lança o LP Banquete dos Mendigos.

★ Michael Jackson lança o primoroso Off the Wall.

★ Emerson, Lake & Palmer broke up.

★ John Tavener, o músico sofre um acidente vascular cerebral.

★ Jefferson Starship lança Freedom at Point Zero.

★ Começam os ensaios do Aborto Elétrico, o pioneiro grupo punk de Brasília, formado por Renato Russo, pelo guitarrista André Pretorius e por pelos irmãos Fê (bateria) e Flávio (baixo) Lemos. Os ensaios aconteciam no apartamento do Fê na Colina, um grupo de quatro prédios onde moravam muitos professores da Universidade de Brasília e que acabou dando o nome de Turma da Colina ao núcleo inicial do que viria a ser a Geração 80 do rock de Brasília.

★ Walter Smetak Lança seu segundo LP Interregno & o conjunto de microtons: – Tenho procurado diferenciar claramente o fazer som, um meio de despertar novas faculdades da percepção mental, e o fazer música, apenas um acalanto para velhas faculdades da consciência.

– Este é o grande problema da música contemporânea: os músicos geralmente não conhecem eletrônica. E as pessoas que conhecem eletrônica não sabem nada de música.

★ O guitarrista Pappo, um mito na Argentina faz um show com a Patrulha em 1979 em São Caetano / São Paulo.

★ Brian Eno bota um piano preparado com tesouras e parafusos na música "African Night Flight", de David Bowie.

★ Darby Crash, lança o feroz álbum (G.I.).

O álbum (G.I.), é o único disco completo dos Germs e é considerado um marco do punk hardcore americano. Produzido por Joan Jett, o álbum é feroz e urgente, capturando o som sujo e a energia bruta da banda em faixas como "Lexicon Devil," "What We Do Is Secret" e "Manimal." As letras de Crash exploravam temas de alienação e autodestruição, refletindo sua própria luta com o vício e a vida intensa e conturbada que levava.

O título (G.I.) faz referência a "Germs Incognito," uma brincadeira com a ideia de uma identidade secreta ou misteriosa da banda, que buscava capturar o espírito provocador e subversivo do punk da época.

**1979**

## **JULHO**

O Livro Guinness dos Recordes declarou Paul McCartney como o compositor musical de maior sucesso da história da música pop mundial de todos os tempos.

McCartney planejou gravar um disco com os Beatles novamente reunidos. Esse álbum, pelo qual a CBS norte-americana pretendia pagar cerca de US\$ 12 milhões, não foi gravado por discordâncias entre os integrantes do lendário grupo.

## **OUTUBRO**

A volta do Status Quo com o LP Whatever You Want, que trazia um toque de new wave, foi muito bem recebida, especialmente com várias execuções da balada "Living On An Island". No Brasil, o lançamento de Whatever You Want coincidia com o relançamento de diversos álbuns recentes do grupo pelo selo Vertigo, a preços acessíveis nas lojas de discos. Assim, entramos em 1980 ouvindo muito Status Quo.

## **TELEVISÃO**

Estreia o programa Abertura na TV Tupi.

★ Em Elvis: The Movie, um filme para a televisão dirigido por John Carpenter, Joe Esposito foi interpretado por Joe Mantegna, ao lado de Kurt Russell como Presley.

## **FILMES**

Alien, O Oitavo Passageiro, de Ridley Scott.

"Minhas pinturas parecem causar grande impacto em pessoas que são, bem, que são loucas. Um bom número de pessoas pensam como eu. Se elas gostam do meu trabalho elas são criativas ... ou são loucas", disse Giger em um 1979, em entrevista à revista Starlog. (H. R. Giger que projetou o monstro e os cenários de ficção científica do filme).

★ H.O Hélio Oiticica (Ivan Cardoso). É um curta-metragem que explora o processo criativo do artista Hélio Oiticica. O filme combina elementos visuais e sonoros de maneira a criar estados documentais com diferentes intensidades.

★ À Meia-Noite com Glauber (Ivan Cardoso)

Produzido em 35mm e com duração de 16 minutos, este filme colorido tem montagem de Francisco Moreira. Trata-se de um telecineclipe que explora a obra de Glauber Rocha, Hélio Oiticica, José Mojica Marins e Rogério Sganzerla, utilizando depoimentos capturados na década de 70. Originalmente, o título do filme era À Meia-Luz com Glauber na Zona Proibida.

A princípio, Ivan Cardoso planejava criar um média-metragem que registrasse o encontro entre Glauber Rocha e Hélio Oiticica no apartamento de Daniel Más, no Rio de Janeiro, no final de 1978. Cardoso fez fotos desse encontro, que foram publicadas como uma reportagem especial na edição de janeiro de 1979 da revista Vogue.

Conforme o processo de produção avançava, Ivan percebeu que o documentário precisava ter Glauber Rocha como figura central, enquanto Hélio Oiticica seria seu interlocutor, complementando o texto escrito por Haroldo de Campos especialmente para eles. O diretor declarou:

– O filme acabou se transformando em uma reflexão sobre a Estética da Fome, aliada à Estética da Vontade de Comer. Nessa abordagem, incluiu Mojica e Sganzerla, por isso há imagens do Zé do Caixão e de O Bandido da Luz Vermelha.

No entanto, ao descobrir que o filme incluía o Zé do Caixão, Dona Lúcia ficou alarmada e exclamou: – Deus me livre, não quero nada com o Zé do Caixão. Se ele colocar o Zé, eu pego o filme e mato ele.

Ivan Cardoso descreveu o projeto como um diálogo virtual com a experimentação no cinema:

– Glauber era, mais do que engajado, um amante da experimentação. Seus filmes são trash, B. Os piores filmes brasileiros, mas, paradoxalmente, são os melhores por serem os piores. É um lado desconhecido de Glauber: o lado pop, trash, experimental e psicodélico.

"Participei de 40 festivais com À Meia-Noite com Glauber e ganhei quatro prêmios, um no Brasil e três no exterior", revelou Ivan Cardoso.

★ Fassbinder estreia comercialmente no circuito brasileiro com A encruzilhada das bestas humanas, onde um adolescente mata o próprio pai, visível crítica que provoca contradições na Alemanha Ocidental e em outros países onde foi exibido, uma história de parricídio no nosso tempo sem perder a estética.

**1979**

## **OUTUBRO 05**

Cocaine cowboys (Andy Warhol actor).

## **Lemmy Que Já Morreu Mais Vezes Do Que Jim Morrison, Não Está Mais Entre Nós!**

O LP Bomber da banda britânica Motörhead foi lançado em 27 de outubro de 1979. Este álbum é um dos trabalhos mais icônicos da banda e inclui faixas icônicas como ‘Stone Dead Forever,’ e a faixa-título ‘Bomber.’

Pouco tempo depois Bastos (do Sindicato do Reggae) que já era bancário. E comprava o que via pela frente. Chegou com o Bomber. Eu vi o selo Bronze Records e pensei: progressivo tipo Uriah Heep ou Manfred Mann. Ao ouvir: ‘Que cara dura! Não tocam muito, mas fazem barulho!’ – caímos de quatro –, para nós, roqueiros radicais recém-despertados, achamos o som não muito trabalhado.

O bom Motörhead era novo para a rapaziada. Para nós um Status Quo rejuvenescido.

Anos mais tarde, quando acendíamos o cachimbo do vovô – sempre alguém citava: ‘Homens mortos não contam mentiras’ era o código –, o tal LP ‘Bomber’ caiu no gosto da turma e agitou as festas. Particularmente gostava de ‘Stone Dead Forever’. Dois anos depois, saiu o ‘ao vivo’. Esse par de discos foram a melhor trilha das nossas festas. Até então, eu não curtia muito punk rock. E, Lemmy foi a ponte para a nova onda do heavy metal e o crossover punk que nos aproximou de bandas como Sepultura e Detrito Federal. Ele estará entre nós!

Nem sabíamos que Motörhead era uma droga que entortava a mente – com menos de 40 quilos (emprego nem pensar), meu cabelo começava a incomodar e, baseado em Robert Plant, começamos timidamente a pintar os jeans na altura da pélvis. Nós nem conhecíamos Os Magrelos e desconhecíamos loucura pesada.

★ Com o fechamento das revistas musicais, a Somtrês, além de cobrir os Rolling Stones, Made in Brazil e os Beatles, abordava sutilmente a nova onda inglesa do heavy metal. Percebendo a escassez de informações, começamos a buscar conteúdo em jornais como Correio Braziliense e O Globo.

**1979**

## **NOVEMBRO 30**

### **Introdução**

Nesse ano, conheci o primeiro do Pink Floyd, ‘The Piper at the Gates of Dawn’ que veio com um outro, o segundo, o ‘A Saucerful of Secrets’. É impossível esquecer a contracapa deste álbum, marcada pela imagem inesquecível de um sapo saindo da boca de uma figura humana.

### **Pink Floyd Lança o Álbum Duplo The Wall: A Cantata Pop**

O Pink Floyd lançou seu mais recente álbum, The Wall, um disco duplo gravado no ano passado. Este projeto musical oferece, em suas quatro faces, uma dialética rica o suficiente para refletir os 15 anos de carreira da banda (1965-80) e deixar uma marca indelével na história do pop.

É importante lembrar que o quarteto inglês ainda representa o ápice do rock progressivo, um gênero que, na década de 70, levou muitas bandas a territórios pantanosos. Com exceção do próprio Pink Floyd e de alguns grupos raros já extintos, como o King Crimson, o som progressivo revelou-se bastante volátil. O viés eletrônico dos sintetizadores provou ser uma armadilha, destruindo rapidamente as esperanças de criatividade de bandas como Emerson, Lake & Palmer, Yes, Rick Wakeman e Triumvirat, que acabaram caindo no ostracismo.

The Wall não se propõe a ser um disco revolucionário, como foi Ummagumma (1969) ou Dark Side of the Moon (1973). Os membros do grupo estão cientes das limitações de sua arte dentro do rock progressivo e buscam opções concretas para os temas de suas canções.

Fruto do psicodelismo dos anos 60, o Pink Floyd, sob a liderança do multirradiante guitarrista Syd Barrett, estreou com The Piper at the Gates of Dawn, cuja letra era marcada pelo surrealismo e novas decodificações da linguagem roqueira. Durante um bom tempo, a banda desbravou terrenos musicais nessa linha, abrindo caminho para experimentações fundamentais que enriqueceram o som pop.

### **Novos Horizontes**

O que diferencia o Pink Floyd de outros artistas do rock progressivo é a capacidade de perceber o esgotamento das possibilidades criativas do gênero. Antes mesmo de Dark Side of the Moon chegar às lojas, a banda já tinha acumulado nove álbuns em sua discografia. A partir desse momento, o grupo adota uma abordagem cautelosa, lançando um novo álbum a cada dois anos – uma média bastante modesta para artistas do show business.

Musicalmente, The Wall não acrescenta nada de novo à obra do Pink Floyd. Desde Wish You Were Here (1975), a nova filosofia do grupo já era evidente, e os limites de sua atuação estavam bem definidos. Assim, o quarteto não buscou mais ousadia musical, mas sim a forma esteticamente perfeita, utilizando elementos acumulados ao longo dos anos.

A partir de então, o Pink Floyd revela um poeta: o baixista Roger Waters. Com um agudíssimo senso crítico, ele se torna essencial na produção das letras da banda. Em um rompimento com as paixões tórridas da psicodelia, Waters traduz a semiótica da mensagem, estabelecendo um neo-realismo pop. É sob essa perspectiva que The Wall se destaca como um avanço na carreira da banda, surpreendendo as expectativas.

### **Visão Crítica**

The Wall pode ser visto como um trabalho conceitual em forma de cantata pop, onde o texto assume o protagonismo. Nunca antes havia tanto foco nas letras dos discos do Floyd. Com 75 minutos de gravação, dois terços desse tempo são dominados pelas letras de Waters.

Não se trata de um rock óbvio, com um espírito contestatório à moda punk; as letras trazem um humor depressivo e situações casuísticas, como em "Mother". A canção explora questões profundas e angustiosas:

Mãe, você acha que eles jogarão a bomba? Mãe, você acha que eles vão gostar da canção? Mãe, você acha que eles tentarão esmagar meus bagos? Mãe, posso construir um muro?

Mãe, posso concorrer para presidente? Mãe, posso acreditar no governo? Mãe, irão eles me colocar na linha de fogo? Mãe, será que eu estou mesmo morrendo?

Mamãe, vai fazer todos os seus pesadelos tornarem-se realidade. Mamãe vai colocar todos os medos dela em você. Mamãe vai prendê-lo aqui juntinho de sua asa. Ela não o deixará voar, mas o deixará cantar. Mamãe conservará o bebê confortável e quente. Naturalmente, mamãe o ajudará a construir o muro.

Silêncio agora, bebê, não chore. Mamãe irá examinar todas suas namoradas. Mamãe não deixará ninguém sujo se aproximar. Mamãe esperará até você voltar. Mamãe sempre descobrirá por onde

você esteve. Mamãe, o conservará saudável e limpo. Você sempre será um bebê para mim. Oh, mamãe, ele precisava ser assim tão alto?

Esse clima permeia outros pontos altos de The Wall, como "Another Brick in the Wall" (em três partes), "Comfortably Numb", "Nobody Home", "The Trial" e "The Show Must Go On".

### **O Supergrupo**

Sob o ponto de vista instrumental, o álbum é irretocável. O profissionalismo da produção, a cargo de Waters, do guitarrista David Gilmour, do produtor Bob Ezrin (conhecido por seu ecletismo, que lhe permite trabalhar com artistas como Alice Cooper e Kiss) e do engenheiro de som James Guthrie, garante que o mosaico sonoro seja estruturado com a necessária meticulosidade. Baladas, rock de médio peso e alguns acessos agudos de esquizofrenia roqueira se sucedem, entrelaçados a efeitos sonoros utilizados com moderação, sintetizadores dispostos de maneira apropriada e uma orquestra arranjada com precisão por Ezrin e Michael Kamen.

The Wall dominou o topo das paradas em ambos os lados do Atlântico anglo-saxão. Nos shows, a banda recorre a uma superprodução no estilo Cecil B. de Mille. Um exemplo é a presença de um avião bombardeiro com asas de aproximadamente cinco metros, preso a um cabo de aço, que faz voos rasantes e solta fumaça sobre a plateia. A figura materna, quando o grupo canta "Mother", é representada por um boneco de nove metros de altura e 63 metros de extensão, construído com 340 tijolos de cartolina.

As regalias que seu status proporciona permitem ao Pink Floyd manter uma invejável saúde criativa, utilizando-se de artefatos com raízes profundas no rock eletrônico progressivo. Embora não apresente mais experimentação ou vanguardismo, a banda compensa isso com a excepcional qualidade de seu rock – algo que, ao contrário do que muitos pensam, há muito deixou de ser abundante no mercado pop.

**1979**

### **DEZEMBRO 03 Segunda-Feira**

#### **The Who: Luto, Renascimento, Documentário, Trilha para as Telas e a Tragédia de Cincinnati, Ohio**

Em 1979, o The Who viveu um ano de renascimento, mas também de tragédia e luto. Após a morte do baterista Keith Moon em 1978, a banda buscou reconectar-se com o público. O documentário *The Kids Are Alright*, lançado em julho, celebrou a trajetória do grupo, equilibrando seu legado de conquistas com o peso da perda. Ao mesmo tempo, a trilha sonora e o filme *Quadrophenia*, lançados no mesmo ano, revitalizaram a subcultura mod britânica e aproximaram a banda de uma nova geração de fãs. No entanto, o ano também foi marcado pela tragédia de Cincinnati, em 3 de dezembro de 1979, quando 11 pessoas perderam a vida durante um show devido ao pânico causado pela desorganização do evento, deixando uma cicatriz profunda na banda e em seus seguidores. Apesar dos desafios, 1979 se tornou um marco de reafirmação para o The Who, consolidando seu legado e assegurando seu lugar na história do rock para as gerações futuras.

Os dois álbuns duplos contendo as trilhas sonoras da dobradinha cinematográfica do Who que dentro em breve estará nas telas brasileiras oferecem uma visão bastante interessante da obra do quarteto. Isto porque *The Kids are Alright* registra o grupo nas regiões em que se movimenta mais à vontade, ou seja, no palco, diante de uma multidão extasiada, enquanto que *Quadrophenia* retrata

um dos momentos mais inspirados de Pete Townshend como compositor, experimentando com equilíbrio fusões entre o rock pesado e elementos sinfônicos.

De certa forma, *The Kids are Alright* pode ser encarado como uma espécie de antologia do Who em concerto. Ao longo de suas 4 faces temos nada menos de 19 faixas, entre as quais diversos dos maiores sucessos da banda. “My Generation”, por exemplo abre o desfile numa gravação realizada para o programa *The Smother Brothers*, da Tv americana. Na sequência do primeiro lado surgem ainda “I Can’t Explain”, “Happy Jack”, “I Can See For Miles” e “Magic Bus”, todas elas exemplos de capacidade de Townshend em colocar letras objetivas e profundamente críticas em rocks visceralmente inovadores.

Contudo, é na face B que o ouvinte começa a deparar-se com o Who da fase Woodstock, onde a integração entre os 4 músicos atingia seu ápice. Quem assistiu ao filme que documenta o festival provavelmente guarda da apresentação do conjunto as melhores recordações roqueiras. Particularmente em “Summertime Blues” a perfeita integração entre guitarra esquizofrênica de Townshend, a bateria enfurecida de Moon e o contrabaixo de John Entwistle caíam feito luva como base para o desempenho vocal rico de Roger Daltrey.

No álbum duplo é exatamente num excerto de *Tommy* gravado durante o festival e numa interpretação antológica para “Young Man Blues” de peso idêntico aquela incluída em *Live At Leeds* que levam o melhor aos ouvintes. Já em regiões mais recentes “Won’t Get Fooled Again”, um dos mais violentos comentários políticos já escritos pelo guitarrista afetou em nada a energia do Who.

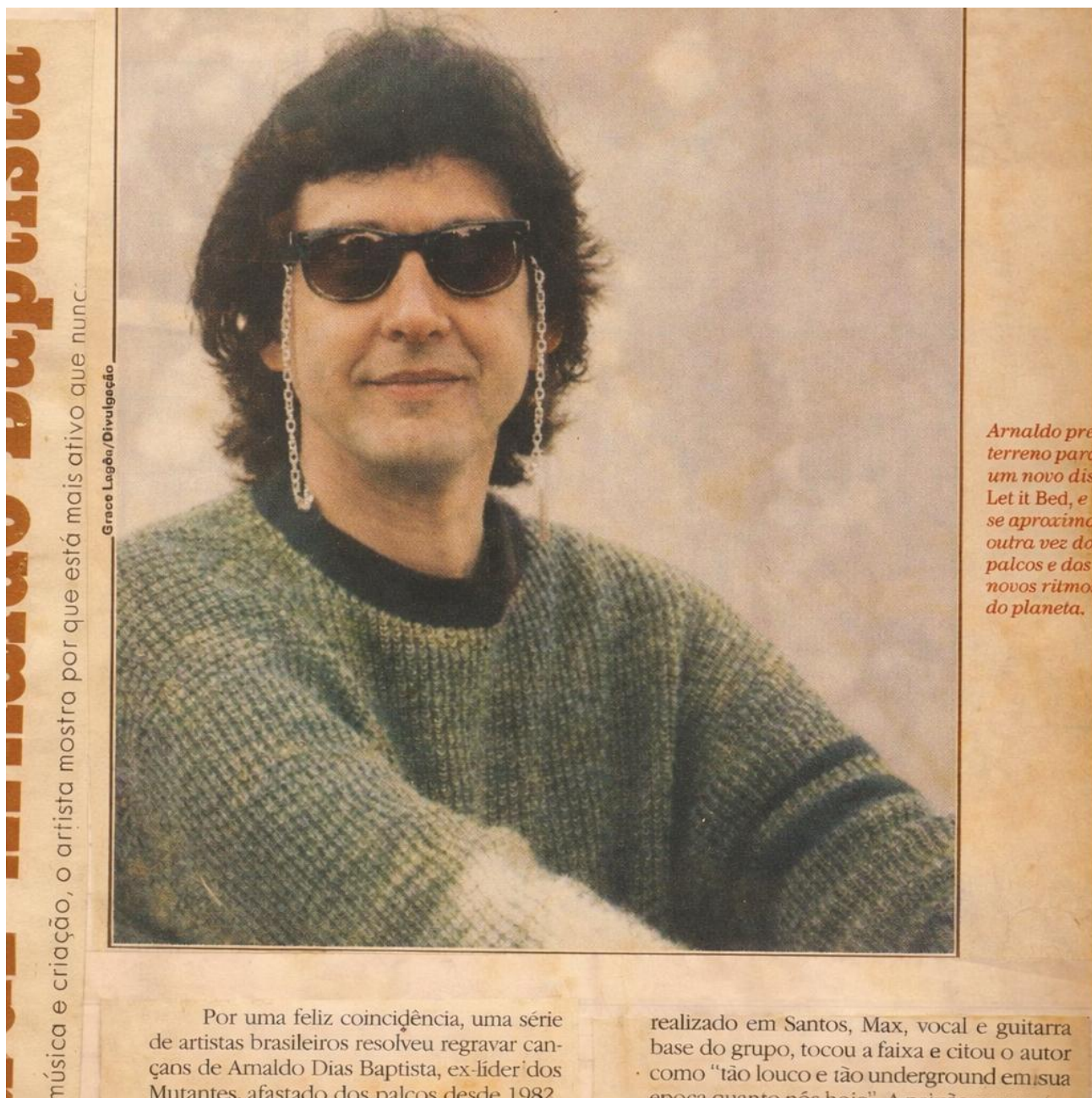
Aqui *Quadrophenia*, por sua vez surge em versão algo diversa daquela apresentada originalmente num outro álbum duplo em 1973. John Entwistle, a figura que se dedicara no início da década passada a recolher cuidadosamente uma série de canções gravadas ao longo da carreira do grupo, mas nunca aproveitadas em disco, lançando-as no excelente *Odds & Sods* (Restos, coisas variadas ou coisas sobrando), cuidou de trancar-se num estúdio e remixar a ópera original. O resultado agora um *Quadrophenia* sintetizado em apenas com trabalho instrumental de colorido mais atual. O espírito da obra de Townshend no entanto, foi mantido: a ópera procura retratar a vida dos mods, filhos do operariado inglês que agitavam em meados dos anos 60. E os Who, obviamente, foram mods radicais.

No outro disco do álbum duplo estão reunidos desde canções dos *High Numbers* (a épica “Zoot Suit”) até uma série de sucessos *rhythm and blues* daquela época curtidos entre os mods, como a quentíssima “Night Train”, de James Brown, “Green Onions”, de Booker T. & The M.G.’s, “He’s So Fine”.

## **1979**

### **Fins de dezembro**

A mal alimentada e corajosa mídia musical do período anuncia em poucas linhas o “Unziôtro” como um grupo promessa, ainda sem nome e contrato – expoentes da “brazilian new wave” – formado por dois ex-Mutantes, e, como participante especial mais tarde chegou outro ex-Mutantes, Ruy Motta, bateria juntando-se a Arnaldo, teclados, Antonio Pedro, contrabaixo e Lulu Santos, guitarra. Anteriormente o grupo acabara marcando 4 shows na Funarte, no Rio de Janeiro. Os shows valerem mais por seu conteúdo histórico do que por outra coisa. Há uma versão que durante o show Arnaldo apresentou apenas pequenos fragmentos no piano tocando boogie-woogie enquanto Lulu cantou algumas coisas do seu repertório inicial. Após esses quatro espetáculos o grupo se dissolveria sem novas apresentações.



Márcio Bahia: – Rapaz, faz tanto tempo... Mas acredito que ele tenha tocado sim depois de mim. Foi uma experiência muito divertida, o repertório era ótimo de tocar. Nossa estreia foi no finado Apaloosa, em Copacabana, um espaço que tinha uma programação dedicada exclusivamente ao rock. A banda era formada pelo Arnaldo, Lulu, Antonio Pedro e eu. Grande abraço, e obrigado por trazer essa lembrança que guardo com muito carinho!

### **Made in Brazil**

O ano de 1979 chegou ao fim com uma temporada de duas semanas no Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, onde o Made in Brazil se apresentou ao lado de Celso, Naná e do guitarrista norte-americano Breck Heffner. A banda contou com Nelson Pavão na bateria, Oswaldo no baixo, e os

vocais de Caio Flavio, Lucinha e Juju. Um destaque à parte foi a performance de Eloa, uma Stripper que encantou o público ao se despir durante o show.

Para encerrar o ano com chave de ouro, Oswaldo organizou o Rock Jeans, um festival de rock que ocorreu por duas semanas no Playcenter, também em São Paulo, reunindo grandes nomes do rock da época. O Made in Brazil fez quatro apresentações, aproveitando a companhia de oito ritmistas da Escola de Samba Mocidade Alegre da Casa Verde nas músicas "Banheiro" e "Sympathy for the Devil". Nesses shows, a banda também contou novamente com o talento de Celso e "Babalu" nas guitarras, trazendo de volta a energia característica de suas performances.

## **ARTES**

Franz Weissmann expõe no Instituto dos Arquitetos do Brasil, Rio de Janeiro.

★ Carlos Vergara realiza, com Ruth Freinhoff, a programação visual da capa do disco Saudades do Brasil, de Elis Regina; com o cenógrafo Marcos Flaksman cria o cenário do show homônimo. No mesmo ano, assina a concepção visual da capa do disco Elis.

★ Luis Sacilotto, Concreção 7959.

### **Oiticica – Um Breve Depoimento de Almandrade**

Em julho de 1979, durante o Festival de Inverno da Universidade Católica do Recife, Hélio Oiticica foi convidado para apresentar suas experiências com “parangolé” e realizar uma retrospectiva de sua obra por meio de slides. O autor do depoimento estava também presente, exibindo sua pequena mostra “Manias de Narciso,” que impressionou Oiticica.

Oiticica buscava um público marginal, afastado de influências acadêmicas, acreditando que a marginalidade proporcionava liberdade criativa. Em uma noite, ele e alguns amigos exploraram a periferia do Recife em busca de uma escola de samba, conversando sobre arte e sua relação com movimentos como a Tropicália. Para Oiticica, arte era uma experiência cotidiana de resistência contra opressões sociais, estéticas e políticas.

Durante a projeção de slides, foram mostradas imagens que refletiam a intensa conversa da noite anterior, abrangendo temas como arte concreta, neoconcreta e ambiental. A trajetória de Oiticica na arte brasileira refletia uma tensão entre criação e vivência. O depoimento lembra que, quase oito meses depois, Oiticica faleceu em um apartamento, após um derrame cerebral, deixando uma marca de sua presença discreta, porém brilhante, no festival.

Almandrade (Artista plástico, poeta e arquiteto)

**1979**

## **TEATRO**

Em 1979, recém-chegado do exílio, Zé Celso tomou um ácido, foi até o final do espaço do Oficina, derrubou a parede e encontrou o estacionamento do grupo SS, que havia tomado o quarteirão e queria também o terreno do teatro. "Talvez a coisa mais fantástica seja a luta com o capital vídeo-financeiro, encarnado num outro artista, Silvio Santos. Uma coisa espetacular, cultural."

A Vingança do Carapanã Atômico – Tudo começou em 1979, com esta peça de Pedro Anísio. Inicialmente, Aloísio Batata seria o flautista da banda que acompanharia a peça. Acabou intérprete do personagem Macunaíma.

A peça Os Sete Trabalhos de Estive, é um dos grandes sucessos de Ary Pára-raios na distante temporada de 1979, com direção de Hugo Rodas e atores do grupo XPTO.



### **DEZEMBRO 31 de 1979, Segunda-feira**

– O Esquadrão da Vida vai às ruas da capital pela primeira vez.

De lá pra cá, muita história foi escrita.

Que o novo ano venha cheio de descobertas, coragem e alegria.

Parabéns a nós: não é fácil enxergar o mundo de cabeça pra baixo – mas vale cada segundo.

Um beijo grande!

## **Guará, O Pai da Bomba**

Tem situações em que ela é bem-vinda. — Tiago Rabelo

Dezembro, na QE 7, colado no sucesso da novela, surgiu o restaurante Marrom Glacê, cujo prato chefe era um sanduíche gigante batizado de bomba atômica. As paredes internas do restaurante sob uma delirante estética hippie estampavam, carros, estradas e o inevitável pôr do sol. Lá fora, fazia fila para o pedido.

### **Receita do Sucesso**

Passados mais de 40 anos, a bomba é uma das especialidades culinárias do Guará, seus inúmeros locais de vendas, são pontos de encontro para um só desejo: matar a gula.

O segredo é ter todos os ingredientes de um sanduíche tradicional e ainda assim caber em uma bocada. Ser saboroso e ainda assim de baixo custo. Se for assim o sucesso será garantido.

A receita é pesada: pão de hambúrguer, carne bovina, queijo tipo muçarela, salsicha, ovo, presunto e salada. Tudo isso, pode ser acompanhado do combo: refrigerante cola em copo com 300ml e batata frita.

O próprio ‘inventor’ Marcelo Poli reconhece que ‘a bomba deve ser degustada somente às vezes, por uma questão de saúde.’

### **O atual arsenal das bombas**

O antigo Marrom Glacê, para não ser mais associado à novela, mudou seu nome para Bomba Grill, continua sendo um dos preferidos dos fãs da bomba. No Guará 1 e 2, já são mais de 10 lanchonetes especializadas, entre elas: Alô Bomba, Disk Bomba, Big Bombas, X-Bombas. No Consei, Biga's, na QE 40, Horácio Burger. Não importa o nome, o sanduíche continua bombando.

1979

### – Você já Fez Bundalelê?

‘Essa atitude dos jovens brasilienses talvez se deva à energia acumulada, gerando necessidade de expansão, e à necessidade de se sentirem fortes, demonstrando uma criação onde não tiveram permissão para serem fracos. Corredores querem mostrar coragem.’ — Eduardo Leal Neto, estudante de psicologia.

Pedalava quase meia hora e com a bicicleta monark aos pés ficava os pneus no balão André Luiz, na QE 16. Apinhado de gente que acabara de assistir ao futebol e não embarcara nos domingos do Fantástico, show da vida. Jovens boçais de 15 a 25 anos, torcendo por um capotamento, atropelamento em massa. A curva da morte fervilhava de fusquinhas zero-km, opalas, caravans, galaxies 500, belinas, dodjões, mavericks e motos. Intrépidos motoristas disfarçados reinavam: alguns carros atravessavam a rotatória. O melhor quadro da noite, era quando uma bunda branca colava no vidro e suspirávamos. Era o encontro da lâmina do toureiro com o sangue de boi. Babávamos mais do que se estivéssemos no Bobódoro. Para não perder o clima, o pobre do buzu fazia a curva em 2 rodas e avançava sobre as pessoas como se o mar vermelho fosse aberto.

O aviso do primeiro racha foi pichado nos muros. Na noite de estreia, a polícia foi rechaçada por paus e pedras. Para o racha seguinte, a polícia retornou reforçada.

Durava até a meia-noite. No auge da diversão, o camburão aparecia e dissipava a muvuca. No dia seguinte, líamos a Guerra dos Pegas, no Correio Braziliense, era 12 de novembro de 1979, fruto da mente criativa de Mário Eugênio, implacável algoz dos maconheiros. Aos 15 anos, a maior transgressão era exibir uma calcinha vermelha na janela do banco de trás. – Nunca fez bundalelê? Era um dos comentários sarcásticos. Nos sentíamos fazendo parte de algum organismo vivo, quando líamos a matéria e refletia que estávamos lá. Mas, o espírito de James Dean castiga. Um dia alguém perderia a vida, como ele perdeu a dele. As duas mobiletes na curva adjacente, uma manga da blusa enroscou no guidom da outra mobilete na curva (que era mais larga e longa) do balão. As mobiletes descontroladas avançaram sobre a muvuca e capotaram. Boi, o jovem motoqueiro foi atirado no terminal de ônibus do Guará I.

### **1979/89: Uma Década de Pegas nas Ruas e Tapas na Pantera**

‘Em Taguatinga tínhamos nosso viaduto para os pegas, onde tudo ficava mais emocionante quando chegavam as veraneios vascaínas, o bundalelê agitava a praça do DI. Quem viveu viu!’

‘O apedido de Boi era pela força, devia ter menos de 24 anos quando perdeu a vida em 1989, logo depois o movimento de pegas foi para o balão da entrada de Taguatinga, enquanto os profissionais fugiam da exposição contornando o balão do aeroporto e esticando marchas até o Gilberto Salomão. Boi, era um trabalhador querido do pessoal da QI 10, trabalhou na loja de adesivos, Degradê, com o também finado e querido Rubão, baterista da Skaravelho, andavam com a juventude que fazia o Arraiá do ToKo Cru Pegando Fogo. Época dos Demônios da 10 e das melhores festas juninas do Guará, junto com a festa da QI 22. O organizador da festa, da QI 10, Paixão, perderia a vida no começo dos anos 90, no Salto do Corumbá.’ (Tiago Rabelo)

**1980**

Era tempo de Milionário e Zé Rico (a dupla tinha filme deles no cinema). A família Pazcheco alugava ônibus e íamos a Nova Glória. Nesse ano fomos presenciar a inauguração do busto do meu avô materno, Avelino Baiano – ilustre comerciante pioneiro – na praça. Eu frequentava as boates tomando cuba com o olho aberto. Quem confirmou a heustória foi a própria Ana Luíza quando montou uma árvore genealógica para as cotas raciais.

## **LEVEI UMA ‘VOLTA’ NO LP RUBBER SOUL**

Meu irmão! De ganhar volta eu entendo. Mate esse pulha!

Finalmente, ao ouvi ‘Rubber Soul’, pensei: Os Beatles estão a imitar os Monkees?’

Gosto do Sweet porque a sonoridade deles evoluiu como a do Queen – seus discos progrediam, o timbre da guitarra era legal. E na pindaíba naqueles 15 anos, na Rodô, vi o ‘Strung Up’ que traduzido é ‘Amarrado tinha os 80 cruzeiros no bolsinho da calça colada no quadril e o tenis e o que dava e o comprei – fiquei estudando o disco com reverência ali saquei a produção do disco um lado ao vivo o outro de estúdio. Ainda tinha a dupla de compositores Nicky Chinn & Mike Chapman – A febre do Sweet foi tão alta quanto a do que Queen ou pior, a febre do Queen era sofisticada, enquanto – Sweet Slade era rock de barraco.

Adquiri, aquele ‘Greatest Hits’ de capa azul, do Bob Dylan, e o Quinzinho me vendeu um ‘House of the Holy’ novo, meu primeiro Led Zeppelin e me deu um play de ‘Rubber Soul’, original mono, maltratado e riscado. Por azar, minha mãe e minha tia pegaram logo este e aconselharam-me a jamais comprar discos usados e que eu devolvesse aqueles. Acabei vendendo-os para o Neto, irmão caçula do dono de um mercadinho na QE 32. Não me pagou, me enrolou. Falei com seu irmão mais velho do rapaz e nada. Acho que ninguém desconfiava, mas eu tinha chegado de Taguatinga Norte com poeira nas ventas. Quando o caloteiro pintava no caixa do mercado, eu me servia de picolés, chocolates, danones ou qualquer coisa. Assim diminui o prejuízo e aprendi muito. Naqueles tempos, muitos boicotavam o começo de qualquer coleção, mas eu já tinha partido e tomado prejuízo.

Gilberto Gil lançou o compacto-simples ‘Não chore mais (No Woman, No Cry’ / ‘Macapa’. Fui à loja e o comprei e toquei poucas vezes em casa. Alberto pegou o disco emprestado para tirar o hit. Passaram-se meses... Em algum domingo terrível daquele ano, os meus pais perguntaram: ‘O que aconteceu que você nunca mais ouviu Não chore mais?’’. Dei uma saidinha e fui direto na casa do Alberto. Ele havia imposto um toque de recolher determinando que jamais o chamassem em sua própria casa – seus parentes eram federais. Passei a cabeça pelo portão e dei dois gritos: Alberto! Alberto! Alberto que era temido por ser praticante do nunchaku, saiu. ‘Quero o disco do Gil!’ Ele ainda quis protelar. Insisti ‘Só saio daqui com o disco do Gil, meus pais querem ouvi-lo’. Alberto devolveu o disquinho com poucas marcas. Foi tocado naquele domingo que me fiz homem, só tinha 15 anos.

**1980**

## **AMÉRICA**

Abbie Hoffman entrega-se ao FBI, imaginando que o ódio nutrido pelo Sistema contra ele já haveria arrefecido. Foi preso pela última vez em 1987, por liderar um protesto contra a CIA.

## **JAPÃO JANEIRO 16 Quarta-feira**

O consumo de drogas de McCartney é tema de manchetes mundiais, quando ele é preso por dez dias, durante uma turnê pelo Japão, após encontrarem 225 gramas de maconha em sua bagagem.

Naquela quarta-feira, Paul McCartney apareceu algemado no Jornal Nacional. Lógico que minha mãe fez o maior discurso, alertando para a nefasta influência das drogas – hoje, eu a entendo completamente.

Aquela noite foi de amargar – rock'n'roll demos-lhes todos os espaços de nossas vidas!

## **FEVEREIRO 08 Sexta-feira**

“Eu voltei para as gravações brutas originais das fitas mestre de 1980 de Duncan Haysom, as mesmas fitas nas quais ele gravou os shows do Joy Division que lançamos. Comecei do zero – essencialmente, se a Warner batesse à minha porta hoje e pedisse para eu masterizar esses shows, fiz o que faria para eles, com as habilidades, técnicas, segredos e a mágica que desenvolvi ou aprendi do zero desde 2006.

“Eles são espetaculares. Não quero me gabar, mas essas agora superam em muito o que foi usado nos lançamentos de 2007. Até os ouvintes com dificuldade auditiva mais acentuada conseguem perceber a diferença, e não apenas em detalhes.

Os pratos soam, os tambores batem com um THWACK e não com um "thwop", e as guitarras cortam a névoa. “Assim, começamos, cronologicamente pela data da apresentação, com o conjunto usado em associação com a Edição de Colecionador de Closer. Gravado por Duncan, esse conjunto da Universidade de Londres é uma verdadeira explosão.

Você tem as faixas de Closer, ainda em desenvolvimento (que ainda não haviam sido gravadas por Martin Hannett), misturadas com Unknown Pleasures e outras escolhas anteriores a Closer. "Dead Souls" começa brilhantemente o set, e "Digital" nos encerra. E graças a Duncan, isso foi magicamente capturado em fita C45 para que possamos desfrutar mais de 32 anos depois. “

## **JOY DIVISION**

### **08 February 1980**

University of London Union

Mastered in November 2012 by Analog Loyalist, from Duncan Haysom's master recording

01 Dead Souls

02 Glass

03 A Means To An End

04 Twenty Four Hours

05 Passover

06 Insight

07 Colony

08 These Days

09 Love Will Tear Us Apart

10 Isolation

11 – encore break –

12 The Eternal

13 Digital

**1980**

### **FEVEREIRO 18 Segunda-feira**

Foi feita a última foto de Bon Scott, do AC/DC, tirada por Ross Halfin. Ele está nos bastidores do Hammersmith Odeon com Pete Way, da banda UFO, na noite anterior à sua morte. Conforme Ross Halfin declarou, eles não estavam em um show do UFO, mas se encontraram nos bastidores de outro show.

Em uma entrevista à Paste Magazine, Angus Young, do AC/DC, esclareceu os rumores de que Bon Scott teria gravado algumas músicas do álbum Back in Black antes de falecer. Angus negou essas alegações, afirmando que Scott "nunca teve a chance". Ele explicou que, enquanto ele e seu irmão Malcolm escreviam as músicas em Londres, Bon apareceu para ajudar em algumas demos, como Hells Bells e Have a Drink on Me, tocando bateria. Após a morte de Bon, que estava escrevendo as letras, Malcolm e Angus consideraram abandonar a banda, mas foram incentivados a seguir em frente, o que levou à contratação de Brian Johnson como o novo vocalista.

### **FEVEREIRO 19**

Bon Scott é encontrado morto dentro de um carro, em um estacionamento. Ele havia bebido muito, e não tinha comido nada. A biliar subiu pelo estômago e bloqueou a traqueia. Morreu com apenas 33 anos de idade.

**FEVEREIRO 27 a 8 de MARÇO** De quarta-feira a sábado, às 21h.

Noturno

Unziôtru

Roteiro e Direção: Wilma Dulcetti

Assistente de Direção: Scarlet Moon

Sala Funarte

Rua Araújo Porto Alegre, 80 – Centro.

"Há um folder das apresentações na sala Funarte. Se você procurar na minha comunidade, encontrará um link para o meu segundo álbum de fotos, onde tem a imagem. Não há gravações da banda, mas como mencionei na entrevista, o material foi utilizado no início da carreira do Lulu. Lembro do Arnaldo tocando 'Sanguinho Novo' e 'Corta Jaca'. Também me lembro da gravação do Walter, mas não participei dela. O Márcio fez alguns shows no Apaloosa, e o Rui entrou na temporada

da Funarte. O baixo Rickenbacker é meio 'fake', só é possível tirar som dele com uma aparelhagem bem potente. Abraços." (Depoimento de Antonio Pedro via Orkut)

Fizemos algumas canções, Bernardo pôs umas letras, até que apareceu no Rio o Arnaldo Dias Baptista, ex-Mutantes. Os Mutantes tinham sido minha escola, e eu tinha uma admiração reverencial pelo grupo e pelos indivíduos. De fato, em relação a nós, eles estavam a mil anos-luz de distância. Eu os conhecia dos meus anos de tietagem, sempre corri atrás deles. Eram o referencial mais forte do que eu queria para mim, de toda a MPB. Sérgio Dias, o guitarrista, foi meu amigo e meio que mestre. Até que saquei que o que eu desejava era o oposto do objetivo dele. Foi necessária essa referência. Só um norte pressupõe um sul, ou um leste, for that matter.

Anyway, ninguém soava, nem zoava como os Mutantes. Ninguém tocava como o Sérgio. Ninguém tinha o know-how, o who e, acima de tudo, o equipamento. O que eles não tinham, eles faziam.

Os primeiros wah-wahs (você não é ninguém, em guitarra pop, sem um wah-wah) eram da marca Regulus, fabricados e vendidos pelo Té, Cláudio César Dias Baptista, o terceiro, inexpugnável e algo genial irmão mais velho. (Hoje eu sei que Regulus é a estrela mais brilhante da constelação de Leão.) Tive todos os discos e, a rigor, num primeiro momento, os Mutantes eram minha maior influência. Arnaldo era o líder incontestado e namorado da cantora. Ponto.

Era, para mim, um upgrade estar num grupo com ele, porque foi isso que aconteceu: Arnaldo se juntou a nós, e nos chamamos de 'Uns e Outros,' terrivelmente grafado como Unziôtru (mea culpa). Ensaíamos na casa do Pedro um tempo, com Márcio Bahia (hoje baterista do Hermeto Paschoal e da Vittor Santos Orchestra). Fizemos uma temporada de shows na Sala Funarte, na Rua Araújo Porto Alegre, no Rio.

Era meio esquizofrênico o lance: eu e Pedro naquela viagem funk-soul-brasil, e o Arnaldo com sua indelével carga de história, personalidade, sofrimento e rock'n'roll. Lei de Murphy: o que pode dar errado, vai dar. E deu.

Seria mais fácil se abrissemos o show com nossas coisas e depois acompanhássemos o Arnaldo em seu Sanguinho Novo. Em retrospecto, teria sido muito mais justo. Com ele. No mínimo, tentamos, e isso ficou na história... d'EU! Hehe (Lulu Santos).

Um ano após sua saída do grupo, Arnaldo Baptista declarou:

– O Unziôtru foi muito bonito. Tocamos na Funarte, era algo mais rock'n'roll mesmo, heavy rock, bem pesado. E estava bom, casa cheia.

Hoje, porém, Arnaldo afirma que o som do Unziôtru era mais parecido com Elton John!

As fotos conhecidas do Unziôtru foram clicadas pela fotógrafa Vânia Toledo. Além da foto do folder, outra apareceu na revista Interview em um anúncio de uma nova marca de jeans, mostrando Lulu, Antônio Pedro e Arnaldo em pose de "trenzinho," promovendo o produto.

A única gravação conhecida dessa formação está registrada na faixa "Lindo Blue," do LP *Respire Fundo* de Walter Franco. Nela, Sérgio Dias participa tocando guitarra, Lulu Santos toca violão e os demais contribuem com seus instrumentos habituais.

Dos cadernos de anotações de *Air Now Do!*

Lulu Santos possuía uma mente que buscava a perfeição. Casado com Scarlet Moon, formava um casal admirado. Nessa busca por perfeição, Lulu utilizava uma guitarra Fender Stratocaster.

– Perguntei por quê.

E ele respondeu:

– Há vários aspectos da minha vida que prefiro não compartilhar, inclusive no improviso musical. Com minha Fender, consigo me isolar quase completamente, até mesmo do contrabaixista que toca comigo.

Arnaldo complementa:

– Nas Fenders, a área dos médios é onde os contrabaixistas muitas vezes atuam.

Perguntei:

– E se o contrabaixista, usando um Rickenbacker, explorar os médios-agudos?

Lulu respondeu:

– Nesse caso, o som perde os graves, e eu paro de tocar junto com ele.

Lulu também demonstra grande interesse em microfones, afirmando que a qualidade do som gravado depende muito deles. Ele declarou:

– O melhor microfone é o Neumann, mas não o usado nos estúdios; prefiro um modelo que se conecta diretamente, como os Shures.

Arnaldo acrescenta:

– O Sennheiser também é ótimo!

Além disso, Lulu domina os efeitos de guitarra ligados ao amplificador por sintetizadores como o Minimoog. Como guitarrista, é um dos melhores que conheço no resultado sonoro final. (Arnaldo Baptista).

★

No cenário cultural do Rio de Janeiro, Léo Guanabara conhece um novo parceiro e, juntos, compõem a primeira canção da dupla: "Cozinho de Noite", que seria proibida pela censura por ser considerada "bem engraçadinha".

Na época, Léo Jaime, com cerca de 17 ou 18 anos, conhece Arnaldo em Ipanema. Léo compartilhou com ele a ideia de uma música sobre o "cozinho de noite", e Arnaldo adorou a ideia. Eles foram para a casa de Arnaldo e criaram a música. Essa foi a primeira parceria entre eles. Arnaldo, que fazia parte do Unziôtru com Lulu Santos, sugeriu mostrar a música para os integrantes da banda. Quando Lulu ouviu a música, um rock'n'roll, ele simplesmente virou as costas e foi embora. Lulu não gostou nada da canção. E foi assim que Léo Jaime conheceu Lulu Santos, que, na época, achava um absurdo Arnaldo e Léo estarem fazendo rock'n'roll. Mais tarde, a dupla ainda compôs outra música, uma homenagem à Kombi de Arnaldo, chamada Dirce, mas essa nunca foi gravada.

Nos anos seguintes, Lulu se mostrava constantemente incomodado com o purismo do rock'n'roll e costumava se queixar: "Ainda estão tocando isso?"

Após o fim do Unziôtru, Arnaldo passou o resto do ano escrevendo o livro Rebeldes entre Rebeldes (cujo original foi revisado por Lidoka da Frenéticas) e assumiu a direção musical da peça de dança e teatro Heliogábal o Anarquista Coroadado.



Em 1979, Regina Miranda fundou a companhia Atores Bailarinos do Rio de Janeiro após retornar de Nova Iorque, onde estudou e trabalhou com dança. O primeiro espetáculo da companhia, Heliogábalos, o Anarquista Coroado, foi dirigido e coreografado por ela, com base no texto de Antonin Artaud, adaptado por Carlos Henrique Escobar. A criação da companhia visava integrar dança, música, teatro, literatura e artes plásticas, uma abordagem que Regina sempre desejou articular cênicamente. Ela reuniu um grupo diverso de bailarinos, atores e não-bailarinos, e, além de aulas de movimento com o Sistema Laban, o grupo se envolveu em leituras, apreciações musicais e na produção de figurinos. A direção musical ficou a cargo de Arnaldo Dias Baptista e o cenário foi criado por Luiz Áquila.

### **Dois Arnaldos e um Lobão: O depoimento de Arnaldo Brandão**

Eu tinha uma banda com o Lobão e o Arnaldo Baptista. Conheci o Arnaldo na época dos Mutantes; ele já havia saído de uma das suas internações, mas estava ótimo, limpo. Ele me disse: "Olha, tenho um disco pra gravar com o Menescal na Polygram. Vamos lá gravar." Respondi: "Vamos sim, tenho umas músicas aqui." Ele perguntou: "Você conhece o Lobão?" Falei que já tinha ouvido falar, era um baterista jovem que tocava com o Vímana.

Arnaldo me contou que o Lobão tinha um estúdio em casa, lá em Canoas, uma casa na ribanceira. Fomos ensaiar lá, onde tinha uma sala de ensaio ao lado da casa. Eu no contrabaixo, Lobão na bateria, e Arnaldo nos teclados. Antes do ensaio, eu pegava meu baseadinho, fumava; o Lobão também fumava, mas o Arnaldo, que estava careta, não usava droga nenhuma. A gente ensaiava as músicas, que basicamente eram do Arnaldo.

Na segunda ou terceira semana de ensaio, antes de começarmos, o Lobão começou a me oferecer cachaça. Pra socializar, aceitei. Mas era uma cachaça forte demais. No meio do ensaio, os andamentos começaram a cair, até que, de repente, o Lobão desabou por cima da bateria. Eu precisava pegar o Rodrigo na escola às seis, então sugeri: "Joga água no rosto dele pra ver se acorda." Mas nada fazia ele despertar. Era álcool puro, não era cachaça.

Pegamos o Lobão, que era magro, mas pesadão, e levamos para a sala, esperando que a esposa dele chegasse. Mas ela não aparecia, e eu precisava buscar o Rodrigo. Começamos a ligar para Nieve, irmã da esposa dele. Quando fui embora, Arnaldo, pálido, desceu as escadas dizendo que não podíamos deixar o Lobão ali.

Perguntei: "Por que não podemos deixá-lo aqui?" Ele respondeu: "Ele tentou suicídio." Fiquei perplexo, e ele explicou: "Vou te mostrar como eu sei..." Subimos ao quarto do Lobão e vimos vários frascos vazios de comprimidos ao lado da cama.

Arnaldo estava sério, dizendo que já tinha passado por isso. Ele tinha uma Kombi, sem banco nenhum atrás. Decidimos levar o Lobão para o hospital. Descemos aquela escada íngreme, e jogamos o Lobão no chão frio da Kombi. Fomos para o Lourenço Jorge e esperamos notícias.

A mãe do Lobão, uma senhora muito elegante, apareceu e disse que ele já havia tentado isso antes. O médico informou que ele não corria risco de morte, mas precisaria ficar internado por pelo menos uma semana. Fizeram uma lavagem estomacal.

No dia seguinte, sugeri ao Arnaldo que fôssemos visitar o Lobão, mas ele não apareceu. Dois dias depois, ele ainda não havia aparecido. No terceiro dia, fui até sua casa em Ipanema. A porta estava entreaberta e tudo estava revirado. Perguntei ao porteiro sobre ele, e ele disse que houve uma confusão e que Arnaldo e sua esposa tinham ido para São Paulo.

Pouco tempo depois, encontrei Sérgio Dias na praia e contei a história. Ele disse que o Arnaldo havia pirado de novo e que sua mãe o internou, mas que agora ele estava na fazenda dela, se recuperando.

★

Uma lua de mel que parecia prenunciar uma tragédia. Ainda em São Paulo, durante as aulas de balé na Academia Stagium, na Vila Mariana, Arnaldo Baptista conheceu Susana Vieira, uma artesã meio portuguesa, sua nova companheira, que vendia cerâmicas produzidas pelo pai. Eles embarcaram em um ano de aventuras no Rio de Janeiro, mais voltadas ao aprendizado do que ao sucesso financeiro. Após esse período, Arnaldo e Susana retornaram a São Paulo, estabelecendo-se em uma casa alugada na serra da Cantareira, como se buscassem um refúgio no alto da montanha, longe da agitação. No entanto, esse aparente recomeço escondia sombras que logo se revelariam.





## **Sem Defesas ou Limites**

– “Como é que você aguenta?”. – “Porque isso tudo... eu me sinto completamente esburacado por essa experiência, é como se as pessoas estivessem dançando e passando por todos os meus poros.”

A última conversa entre Arnaldo Baptista e a coreógrafa Regina Miranda aconteceu em um mirante ao lado do teatro Ruth Escobar, em São Paulo. Arnaldo, visivelmente afetado, questionou como Regina conseguia aguentar, explicando que se sentia "esburacado" pela experiência, como se as pessoas estivessem passando por seus poros. Regina, para lidar com essa intensidade emocional, o abraçou longamente, descrevendo o momento como um "momento de fundição". A frase de Arnaldo simboliza uma profunda vulnerabilidade emocional, em que ele se sentia incompleto ou "quebrado", uma sensação comum em estados depressivos ou psicodélicos, onde o sentido do "eu" pode se dissolver.

## **1980**

**MARÇO** Compro o LP ‘Who do We Think We Are’, lançado pelo Deep Purple sete anos antes (1973), foi numa sexta-feira. Não tenho saudades da vida familiar destes tempos, tenho saudades dos amigos e quando a balança marcava 35 quilos de cabelos.

### **MARÇO 29 Sábado**

B. B. King – Ginásio Ibirapuera – São Paulo

### **ABRIL 10 Quinta-feira**

Registrava-se uma década sem os Beatles. Paul McCartney fazia sucesso com “Coming Up”, compacto extraído de seu solo McCartney II, música intimista, híbrida em nuances e ritmos. John Lennon vive no Dakota. Os jornais especulam sobre uma iminente reunião dos Beatles.

Das Imagens e Selos

A UVA foi pioneira na impressão de camisetas com estampas de rock e de Jesus!

★ A plateia dos shows não tinha muita importância. Os fotógrafos não tiravam fotos nossas. Pedi para um fotógrafo fazer uma com um amigo. O cara da câmera nos desprezou: "Quem são vocês?". Daí, passei a odiar fotógrafos. Foi assim que construímos a ponte do arco-íris.

★ Passamos a nos corresponder com a Revolution (SP) e Live (RJ) fã-clubes dos Beatles (as cartas sobreviveram).

### **ABRIL 18 Sexta-feira**

Foi uma sexta-feira diferente quando recebi a primeira carta do fã-clubes dos Beatles, o ‘Revolution, cujo presidente até hoje é o senhor Marco Antônio Mallagoli. Naquele fim de semana, eu mal tinha ideia do esforço do meu pai para pagar dois aluguéis, um residencial e outro comercial. Morávamos em quatro pessoas – meus pais, minha irmã caçula e eu – no Conjunto C da QE 34. A carta me inspirou a começar a conhecer revistas e publicações em inglês, o que acabou me levando a desenvolver o inglês, embora nunca tenha dominado a língua perfeitamente. Marco Antônio Mallagoli, que já era um cara bem viajado e mantinha a coluna ‘Beatles 4 Ever na revista Somtrês, tornou-se minha leitura essencial todo mês. Fiquei triste quando alguma edição era pulada, sem ser

publicada, e não entendia as dificuldades com editores que cortavam trechos que considerávamos importantes.

A partir da 'Revolution', comecei a explorar discos solos importados, raros, piratas, além de fotos, revistas e cartas com muitos membros da comunidade de fãs dos Beatles. Já fazia dois anos que eu colecionava recortes de jornais e revistas para álbuns de recortes, que começaram com críticas de discos coladas na capa de um caderno escolar. Talvez minha origem para esses álbuns venha de minha infância, quando colecionava álbuns de figurinhas de jogadores de futebol, sempre à espera da figurinha 'chave', que daria direito a um prêmio hipotético. Álbuns de recortes também eram populares entre sambistas, que guardavam registros de suas carreiras, ou entre cantoras de rádio, que usavam esse método para preservar resenhas, fatos e fofocas de suas vidas.

Mais tarde, descobri que, no mausoléu de Graceland, em Memphis, Tennessee, onde Elvis Presley descansa no Jardim da Meditação ao lado de sua mãe, Gladys, seu pai, Vernon, e sua avó, Minnie Mae, fãs do mundo inteiro enviavam seus álbuns de recortes para lá, como uma forma de deixar suas homenagens e recordações. O scrapbook se popularizou como um hobby para guardar pertences pessoais, como fotos, bilhetes, recordações, ingressos, cartas, anotações, recortes de revistas e outros materiais de valor sentimental. De vez em quando, alguns desses scrapbooks dos tempos iniciais dos Beatles são leiloados. Até Janis Joplin tinha o seu, que foi transformado em livro.

**1980**

**ABRIL 21 Segunda-feira**

**Inauguração do teatro Dulcina, Brasília**

A convite de JK, veio a Brasília no final dos anos 60. Na ocasião foi o próprio presidente que mandou Dulcina escolher um terreno no conjunto do SDS. Sendo mística, espírita, ela gostava de trabalhar com cristais e tinha premonições, entre estas a de se transferir do Rio Para Brasília. E assim fez, anos depois. Vendeu o seu teatro na Cinelândia, e que começou a construir aqui um moderno teatro de palco tipo italiano com iluminação suspensa.

Seis anos depois em 1980, o Teatro Dulcina de Moraes, foi resultado de muita luta da parte da conhecida artista, que contou com uma grande ajuda do governo militar: – Uma curiosidade que pouca gente sabe: todas as cadeiras da plateia foram doadas pela esposa do general Figueiredo antes de ser presidente, que também era espírita e amiga de Dulcina de Moraes, da mesma forma como recebeu boa ajuda da filha do presidente Geisel, também espírita e artista plástica. (Guilherme Cabral).

**ABRIL 24 Quinta-feira**

Peter Tosh – Palácio das Convenções Anhembi – São Paulo.

★ Esse dia também é lembrado principalmente pelo lançamento do álbum McCartney II, de Paul McCartney. Esse disco marcou o retorno do ex-Beatle à sua carreira solo, após o fim do Wings, e é considerado uma obra experimental, com McCartney tocando quase todos os instrumentos e explorando novos sons, incluindo o uso de sintetizadores. 1980

**MAIO 05 Segunda-feira**

Saxon lança o LP Wheels of Steel.

## **JUNHO**

Carlos Vergara participa, ao lado de Antônio Dias, Anna Bella Geiger e Paulo Roberto Leal, da 39.<sup>a</sup> Bienal de Veneza. Apresenta um desenho de 20m de comprimento e 2 de altura; para o artista “uma espécie de catarse de desenho”, no qual parece encerrar seu trabalho de documentação do carnaval. O catálogo que acompanha sua participação traz texto de Hélio Oiticica.

Pedro Escosteguy participa de exposição, na Galeria Jean Borghici – Rio de Janeiro, com Objeto Popular. Retorna a Porto Alegre. Encerra suas atividades médicas.

**1980**

### **JULHO 02 Quarta-feira**

Bob Weir, Mickey Hart e o “manager” Danny Rifken, do Grateful Dead, são detidos por incitarem tumulto durante uma apresentação no San Diego Sports Arena, em San Diego, Califórnia, Estados Unidos; segundo a polícia, o objetivo teria sido obstruir a ação dos policiais, que procuravam drogas na plateia.

### **JULHO 07 Segunda-feira**

★ O Led Zeppelin apresenta-se no Eissporthalle, em Berlim, Alemanha. É a última apresentação ao vivo da banda. Com a morte de John Bonham, baterista pouco mais de dois meses depois.

### **AGOSTO 03 Domingo**

A cadeia de lojas Ponto Frio Bonzão, lança uma caixa de luxo com 14 LPs dos Beatles, entre eles a versão inglesa do LP Rarities, acessório exclusivo da caixa.

Conj. C da QE 34. Outro futuro amigo, Sidney mudou-se para uma casa frente à casa do meu melhor amigo. Rikki me disse: "Ele tem discos dos Beatles e começa a ouvi-los cedo às 8 horas". Assim persuadi o novo morador a trocar alguns LPs dos Beatles por revistinhas de super-heróis Marvel da RGE! Esse futuro amigo dos LPs tinha a caixa do Ponto Frio Bonzão e foi muito legal ao me repassar o LP Rarities, que mantenho até hoje. Lamentável foi ter trocado as revistinhas, e, ele ter sumido.

**1980**

### **AGOSTO 11 Segunda-feira**

#### **Jimi, Gênio Total**

#### **(Rogério Sganzerla)**

#### **Folha de S. Paulo**

Neste primeiro texto, Sganzerla exalta a genialidade de Jimi Hendrix, afirmando que ele era mais que um músico, mas uma verdadeira divindade humana. Ele reflete sobre a breve vida de Hendrix, que, entre 1965 e 1970, revolucionou a música e a cultura.

Sganzerla analisa a habilidade única de Hendrix, como seu modo peculiar de tocar a guitarra com a mão esquerda e a inversão das cordas, além da profundidade de suas letras, que abordavam temas essenciais como o poder, a transformação e a rejeição das normas sociais. O autor lamenta que o

gênio de Hendrix não tenha sido devidamente coroado em vida, mas reconhece sua transcendência. Hendrix, para ele, era um espírito livre, cuja música libertava a mente e desafiava as convenções.

## **AGOSTO 18**

### **Yes Lança o Surreal e Visionário LP Drama**

Ah, como se fosse possível voltar para aquelas pick-ups com tampas transparentes tocando LPs e os amigos com espinhas vermelhas nas caras, como cerejas! Um futebol às 10h, de bem com a vida, e o ano letivo em outubro ameaçado. As formigas dentro do cérebro saindo pelos poros. As cigarras cantam e o Yes faz o som mais introspectivo, incapaz de ser repetido, ainda que audível – a visão derradeira do paraíso, com guitarras e viradas de baterias. O espetáculo vai começar! É rock na chácara... sábado de torpor... ai, que saudades de Glauber e dos seus planos de nos livrar da espoliação capitalista.

"Chega de espetáculos fajutos: vamos ensaiar. Quero cortinas de isopor. Chega de manchetes repetidas! Chega de servir ao deus metal! Chega das próprias exposições que a corrupção não descansou um só dia e virão novos golpes!". Os golpes são a forma que qualquer governo encontra para continuar o serviço não terminado no golpe anterior.

"Chiiii... cuidado, Mário, se não eles cortam a sua língua e o seu rabo ficará preso no elevador."

### **AGOSTO 28 Quinta-feira**

- Batalha dos Leões
- Por baixo do pano: o pacote de maio!
- O fantasma do AI-5 na cassação de João Cunha
- A manutenção da famigerada Lei Falcão
- Desculpas esfarrapadas para adiar as eleições
- Estudantes e jornalistas enquadrados na Lei de Segurança

## **1980**

Perto de Ti

Perto de ti a vida é um paraíso, é o mundo a derramar felicidades, a tristeza transformada em riso.

Perto de ti a vida não tem mágoas, é um jardim repletíssimo de flores.

Longe de ti meu coração palpita, minha alma chora entristecida e louca.

Chego a ouvir a minha voz aflita, e o sorriso esqueceu a minha boca.

Versos que dona Lúcia Rocha fez para o filho no aeroporto no dia em que este embarcou para o exílio final.

Glauber têm muitos admiradores e espera que os críticos reconheçam o valor do filme para que ele se recupere, porque ele é supersensível com tendência a não aceitar críticas.

Contra o embotamento da sensibilidade, os complôs dos empresários europeus e a esclerose da inteligência crítica, Glauber Rocha leva à Europa, A Idade da Terra para a 23ª Mostra de Cinema de Veneza, da qual fora convidado a participar, já estava acordado que o filme seria premiado ao fim foi boicotado. Atlantic City de Louis Malle e Glória, de John Cassavetes dividem o prêmio. Quando o filme passa a crítica italiana o malha igual à brasileira. Glauber Rocha não estava fazendo o filme para ganhar. Mas aí o francês Louis Malle o provoca.

“Glauber, cabeça fria. Festival é assim mesmo. Nem todos podem ganhar.”

Glauber Rocha, responde: "Você é um cineasta de segunda categoria. Não tem condições de me derrotar. Você é medíocre, faço cinema do futuro e você uns filmezinhos comerciais." E continua: "Malle, você sabe que não é nada disso. O que se passou aqui foi algo muito diferente. Você ganhou o Leão de Ouro porque as cartas estavam marcadas. Você venceu porque o seu filme foi produzido e teve a promoção da Gaumont, uma multinacional imperialista."

Malle ironicamente, volta ao diálogo: “E o seu filme foi produzido por quem?”

“Pela Embrafilme, uma empresa estatal de meu país.” Responde Glauber Rocha.

Malle irônico: “E o Brasil não tem um regime fascista? Ou você é daqueles que acha que Figueiredo é democrata?”

Glauber Rocha berrando: “Fascistas são vocês, que manipulam as multinacionais do cinema, que impõem toda sorte de mediocridade ao mercado do Terceiro Mundo.”

“Fascista é você, Malle, e não o presidente Figueiredo, que está redemocratizando o Brasil. Devido ao ataque Malle fica paralisado e Glauber Rocha avança...”

Diante da fúria do Leão das 7 Cabeças, Malle abandona o saguão do Hotel Excelsior, Glauber Rocha de dedo em riste ainda repete:

“Fascistas! Fascista!”

Malle perde a cabeça e volta correndo. Aproxima-se de Glauber Rocha, como se fosse agredi-lo. Glauber arma a guarda e grita: “Quebro a sua cara, fascista.”

Depois de apartados, Glauber ainda bate:

“Oh Malle, você Nouvelle vague, sempre foi servil à sub-Hollywood, por isso fique sabendo que você merece é um leão de merda, e não o leão de ouro.”

O valente Rocha não aceita o resultado do prêmio e, com a coragem inata, investe contra os críticos, jornalistas e o próprio vencedor, o comportado Atlantic City. Ninguém mete o dedo na cara dele. Quando chega na rua, que está cheia de pessoas, todos gritam Glauber! Glauber! Aplaudindo-o. Glauber Rocha agita e não paga o hotel, manda Carlo Lizzani, organizador da mostra pagar. Denuncia que o júri está vendido a Hollywood. Segundo Glauber Rocha a direção do festival, favorece o cinema comercial “É uma vergonha, o júri foi pago pelos Gaumont, Columbia e pela RAI-Radiotelevisione Italiana. É um festival comercial e não um festival cultural.”

O jornal editado pelo festival comunica, por meio de uma nota, que não publicará mais nada relativo ao seu filme até que ele se retrate, devido às suas declarações “inadmissíveis e injuriosas”.

Por causa do escândalo A Idade da Terra não será apresentado no 2º Festival de Cinema Ibérico e Latino-Americano de Biarritz.

Ao ser criticado, um Glauber Rocha enojado investe violentamente contra os 18 jornais italianos que tinha lido pela manhã, unânimes em considerar sua mais recente obra uma lamentável e precoce revelação do crepúsculo de seu talento e da grande confusão mental em que vive e trabalha desde que voltou ao Brasil.

Glauber Rocha parte para uma agressão generalizada, mais veemente e contundente no caso de três críticos – Grazzini, do Corriere Della Sera: “Uma montagem paranoica e uma recitação de obsessivos, um acúmulo de sons e cores que não transmitem nem emissões nem ideias.” (...) Acolhido como um filho pródigo pelos militares e como um traidor pelas esquerdas, por seus velhos companheiros de rua. Savioli, do L’Unita, e Micciché, do L’Avanti. – Além de estúpidos, decadentes, corruptos, vendidos ao capital americano, intolerantes, escravos, imperialistas como os demais. Teriam a agravante de agir como burocratas de Partidos. Glauber Rocha não perde a oportunidade para declarar, numa conferência de imprensa:

“A cultura europeia está acabada, o Cristo é do Terceiro Mundo, o futuro é o Brasil, quem pensa que este seja um país fascista erra grosseiramente. E retira-se, furioso, da entrevista. Antonioni, discorda do discurso, mas identifica em cada plano do filme um acontecimento, sai em defesa pública, afirma que A Idade da Terra será um filme compreendido depois do ano 2000. Antonioni faz talvez a melhor definição de trabalho: – “Os filmes vencedores são produções corretas e comuns. Logo serão esquecidos. Mas A Idade da Terra é um filme que não se esquece nunca, que deixa sua marca em nós para sempre.”

Alberto Moravia vibrou durante a sessão. Margareth von Trotta, no júri, apoia Glauber discretamente. Le Monde, Humanité, Libération e o próprio Cahiers du Cinéma publicam críticas favoráveis. Naquela altura do campeonato, o procedimento desses intelectuais franceses representa um alívio na humilhação e mágoa que corroíam Glauber e alteravam seus planos eventuais de estabelecer-se na Itália.

**1980**

**AGOSTO 30 Sábado**

**Rockonha, Eu Não Fui**

Nesse sábado, ajudei Mecenaz e a sua Kombi velha a chegarem a tempo da exibição: andávamos com um garrafão de vidro dentro da Kombi e tivemos que parar em postos para reabastecer (Não me pergunte o motivo de tamanho consumo de fundos). Finalmente, conseguimos chegar à Cultura Inglesa! Para ver ‘Help! No banheiro feminino no foyer, óbvio! era escrito Women; bati na porta! Entrei! Mecenaz dava uns tapas na pantera: ‘vamos embora que não estás no Palácio de Buckingham!.

Em Brasília, beatlemaníacos da pesada, pela loucura era o contrabaixista Mecenaz: na cara dura roubava o rádio FM da própria mãe para ouvirmos o especial do Beatles tínhamos que fazer vaquinha para comprar pilhas.

Reconhecidos beatlemaníacos eram Renato Manfredini Jr., pela coleção de discos e sabedor dos mínimos detalhes, e Manel Henriques, o jornalista bukowskiniano-beatle-fã. De vez em quando, eu punha os olhos neles e só se falava em Beatles.

Sempre viajei mais em Lennon que ao leme iria atravessar o Atlântico e atracar a sua nau em Liverpool. Este era mais um de seus sonhos malucos. Mas Lennon, agarrado ao leme da sua pequena embarcação, teve que salvar a tripulação da sua nau numa tormenta nas Bermudas ainda em 1980.

Jimi Hendrix por Sganzerla. 'Woodstock'. 'Monterrey Pop'. Exibições de 'Rock é Rock Mesmo' no Gama. Cine Brasília.

Na Cultura Inglesa, ao final do mês de agosto, assisti a 'Help!' E nesta mesma sala, uma semana depois do assassinato de John Lennon, assisti a 'Alucinados do Som e da Guerra'.

**1980**

**SETEMBRO 05 a 10**

**Sexta-feira a quarta-feira**

- Glauber Rocha em Veneza um vulcão baiano cospe fogo sobre a 'cultura europeia'
- Festival de Veneza – Glauber briga com Malle e o chama de medíocre e fascista
- Glauber Rocha no Festival de Veneza

"Fiz o que Figueiredo faria se estivesse aqui. Botei para quebrar. Somos um país pobre, mas não temos o direito de calar diante de uma indústria dos países ricos."

"E também não quero mais saber da polêmica cultural brasileira. Ela se resume em discutir se a sunga do Gabeira é mais transparente do que as calcinhas ou o sutiã do Caetano Veloso. Estamos em pleno ridículo cultural e isso tudo já era. Aproveito a Manchete para dar um adeus definitivo à vida cultural brasileira. Vocês não me verão mais, nunca mais."

"Chamaram ele de o grande, o gênio, o sábio. Parecia uma Torre de Babel todo mundo falando uma língua. Todo mundo tinha aplaudido o filme." (Dona Lúcia Rocha)

"Estávamos ambos hospedados no Hotel Excelsior. O filme de Glauber não foi bem recebido pelos críticos. As pessoas não entendiam que, de repente, o filme era uma espécie de homenagem ao regime militar. Não me lembro dos detalhes. Glauber era em geral amado pelos críticos do mundo inteiro. Ele teve uma entrevista coletiva em que ficou muito nervoso e começou a atacar cineastas como eu e John Cassavetes e acabamos por dividir o Leão de Ouro. Glauber disse que eu tinha ido a Hollywood e tornara-me um verdadeiro capitalista. É claro que não fiquei contente com aquilo. (...) Soube depois na França que a imprensa brasileira fez um grande barulho sobre isso, mas no resto do mundo a imprensa levou em conta o contexto. Um dia depois, mais ou menos, eu estava voltando ao meu quarto, tarde da noite, e vi Glauber andando pelo corredor, embalando um bebê e cantando para ele. Olhei para Glauber e ele para mim e tivemos uma pequena conversa. Foi a última vez que o vi. Na manhã seguinte voltei a Paris e ele morreu pouco depois. Minha última imagem de Glauber foi bela."

(Louis Malle)

"O Festival de Veneza andou esquecido, estava fraco, sem importância, estava meio apagado durante um período. Ele estava sendo retomado, não tinha grande importância mundial, porque o Festival de Veneza, e eles estavam querendo torná-lo comercial, era mais cultural. O Festival de Cannes também é empresarial, você vai lá, tem tudo que é sala de cinema exibindo, acontecem mostras paralelas, gente negociando filme do mundo inteiro. E o Festival de Veneza não tinha esse prestígio, então eles negociaram a premiação, fato que o Renzo Rossellini, que era o diretor da

Gaumont, acabou contando que foi negociado, foi dado o prêmio para as empresas por isso que gerou essa coisa toda, e o Glauber já estava sabendo dessas histórias. (...)

“Glauber estava assistindo A Idade da Terra, com o Michelangelo Antonioni, a pessoa convidada por ele para assistir ao seu lado, e Antonioni gostou muito do filme...

“Glauber gostava de fazer comícios. Lá em Veneza, foi o mais fantástico de todos. Aconteceu que havia mais de 200 jornalistas do mundo. O Louis Malle veio falar que havia sido feito um acordo na premiação e que A Idade da Terra estava fora da premiação; que o júri resolveu não premiar o filme brasileiro porque era produzido por uma empresa estatal de um país que não era democrático, e o filme dele havia sido negociado. Foi muito engraçado, o Glauber armou uma posição de caratê, que ele nunca lutou e soltou um grito: ‘Pá! Pra cima do Louis Malle’, isso foi à noite, no saguão do hotel, quando ele falou essa história. No dia seguinte, na hora do almoço, a premiação saiu... Com a exclusão de A Idade da Terra, Glauber começou um escândalo, os jornalistas começaram a se aglomerar, e o Glauber seguiu para a frente do Hotel Excelsior, andando e discursando em direção ao Palácio do Festival, e os jornalistas como se formassem um batalhão, escoltando-o... Com aquelas 200 câmeras clicando parecendo armas, e ele discursando e gritando, e eu um pouco atrás dele andando, foi o maior escândalo. Foi bacana! Uma das cenas mais bonitas e fantásticas que já testemunhei, porque ele realmente conseguiu pegar ali mais de 200 jornalistas do mundo inteiro, e ele era o centro das atrações, todo mundo louco com ele.” (Quim Andrade)

**1980**

### **A Idade da Terra**

#### **Em 1973, em carta, Glauber Rocha já anuncia esse projeto**

“Ficarei na Itália trabalhando com Renzo e tratei de produzir meu próximo filme o mais rápido possível. O filme se chama A Idade da Terra, deve ser filmado na África, Ásia, América e Europa. É um projeto de grande ambição, o maior que já saiu da minha cabeça, porém custa um milhão de dólares, que nem o produtor daqui se arrisca”. Ficção, longa-metragem, 35mm, colorido (Eastmancolor/ Cinemascope). Rio de Janeiro, 1980. 4.350 metros, 160 minutos.

"Disseram que o filme era louco, incompreensível que eu tinha deixado de ser marxista para virar cristão. E que a minha visão do mundo já não estava mais comprometida: disseram que eu tinha traído os princípios revolucionários. Quer dizer, me atacaram ideologicamente querendo me imputar responsabilidades políticas, e foram incapazes de entender o sentido e a novidade formal do filme porque são ignorantes. (...)

#### **Glauber Rocha a Fernando Silva Pinto**

"Eu mostro no filme que o mito cristão que é um mito solar, vem da Ásia, vem da África, vem do Oriente Médio e que a Europa sequestrou a verdadeira identidade de Cristo, entende, importando um deus. Então eu disse que como o filme mostra um Cristo negro interpretado pelo Antônio Pitanga, um Cristo pescador e místico interpretado pelo Jece Valadão, mostro o Cristo que é o conquistador português, o São/Dom Sebastião, interpretado pelo Tarcísio Meira, mostro o Cristo guerreiro Ogum de Lampião, interpretado por Geraldo Del Rey. Quer dizer, são os quatro cavaleiros do Apocalipse que ressuscitam o Cristo no Terceiro Mundo, para recontar o mito através dos quatro evangelistas, Mateus, Marcos, Lucas e João e os 4 cavaleiros do apocalipse cuja identidade eu revelo no filme quase como se fosse um Terceiro Testamento, o filme assume um tom profético, realmente bíblico e religioso".

A Idade da Terra dialoga com os filmes da Belair, combina scope e câmera na mão, fora da altura do olho, fotogramas abstratos e fotogramas inaproveitáveis aproveitados, véus e ab-cena. O infracenso da linguagem: a câmera giratória filma a própria equipe que filma, o atrás da câmera. Jogo de foco e som direto, com todas as interferências. Circumcena e claquetes; o diretor dirige o indirigível. Para-cena e dia-cena, cena ucrônica. Tudo isso: toda essa escolha, todas essas figuras, todo esse procedimento, toda essa concepção de produção e expressão.

### **Glauber Rocha a João Lopes**

"Eu já estava mais ligado aos rituais primitivos, quer dizer, ao teatro do irracional que é o teatro popular, mas já não no sentido de documento histórico, político, ou etnográfico, mas no sentido órfico, quer dizer, no sentido de pegar naquela matéria e transformá-la numa matéria audiovisual. Essa matéria estrutura um discurso que não se define, porque já não existe aquela crença – é um problema filosófico – na racionalidade da história, ou seja, numa dramaturgia que leve a resultados catárticos, como se arte fosse uma metáfora que com a revolução tudo se resolvesse. (...) A Idade da Terra reflete essa luta entre a história e a fantasia solta, deixando ver o que é que a fornalha do inconsciente produz em contato com aquela matéria cultural, como é que aquilo se pode transformar e como é que o cinema pode captar aquilo. Está mais próximo de um poema solto, um poema em verso livre. (...) Eu acho que a fé, a crença é uma coisa fundamental na criatividade artística. Eu acho que n'A Idade da Terra coloco um problema de crença porque, de certa forma, o filme investe o mito cristão, mas não o mito do Cristo católico, europeizado ou civilizado, investe numa espécie de cristandade, mas uma cristandade descristificada. O meu Cristo não morre, não vai crucificado. Acho inclusive que no meu filme não há sofrimento como nos outros filmes. Aí, acho que há uma crença num humanismo, numa espécie de humanismo revolucionário, qualquer coisa que..."

Desfilando e desdobrando-se pela tela em ópera carnavalesca e em cortejos místicos sem fim A Idade da Terra, em clima de delírio e profecia, resgata o universo simbólico/ritual brasileiro costurando-o com a linha da metáfora.

Do Brasil-Colônia (capital Salvador) ao Brasil-Império (capital Rio de Janeiro) desaguando no Brasil República (capital Brasília), as consecutivas capitais do Brasil, tornam-se a cloaca do universo numa tentativa desesperada e extrema de universalização dos mitos religiosos num estilo descontínuo, fragmentário e caótico.

Num estilo descontínuo A Idade da Terra nos revela as imagens dilaceradas da cabeça de Glauber Rocha. É um testamento precoce arremessado nas telas antes de sua morte, um filme em que o público chega a rasgar as cadeiras e poucos o assistem até o fim e inclusive o cineasta sabia quem dormiu nas poltronas do Belas Artes.

“Quando ele estava terminando de fazer o filme ele não tinha mais dinheiro. Eu tinha uma casa, que ele me ajudou a comprar com o dinheiro que ele ganhou com Cabeças Cortadas. Aí eu vendi a casa para ele terminar o filme, que não estava nem finalizado quando ele recebeu o convite para o Festival de Veneza.” (Dona, Lúcia Rocha)

Norma Bengell, teve o prazer, dentro do caos de perseguições políticas, de dar a Glauber Rocha a alegria de ganhar o prêmio de “melhor atriz coadjuvante da Radio Uno” e Menção Honrosa em Veneza com o trabalho que ela fez.

“Foi admirável que, praticamente morrendo, Glauber soube renovar suas concepções, renunciar às ostentações de vanguarda, para privilegiar antes de mais nada o prazer do público. Pena que ele faleceu sem poder fixar numa película essa sua nova visão hedonista do cinema.” (Sylvie Pierre)

**1980**

**SETEMBRO 12 Sexta-feira**

Turnê do Blizzard of Ozz no Reino Unido com Randy Rhoads. Esta seria a única turnê em que Randy Rhoads tocava ao vivo com Bob Daisley, Lee Kerslake e Ozzy Osbourne.

SETEMBRO 21 Domingo

Em Nova Iorque onde foram fotografados fazendo compras na Quinta Avenida, o ex-Beatle, hoje também ator, Ringo Starr, e a atriz Barbara Bach anunciaram o seu casamento, marcado para o início do próximo ano. Eles estão em Manhattan para o lançamento do filme O Homem das Cavernas.

**SETEMBRO 27 Sábado**

Por ordem da censura, o certificado de exibição do filme, do Led Zeppelin se aproximava do vencimento, iriam mandar fogo nas cópias dos filmes – não tinha visto o filme e aquela cena na entrada dos gangsteres. Aí John Bonham morreu e passaram o polêmico Rock é Rock Mesmo. A distribuidora mandou altas fotos para divulgação, todas presas na parede da bilheteria do Galpãozinho. Quando sai do teatro, as fotos foram surrupiadas. Logo aprendi mais um delito do rock'n'roll, e o som era do Pardal, com 2.000w. Sorry, periferia Brasília era rock, eu era menor – mas já tinha 16 anos.

"Som Pardal... Pode-se dizer que foi a primeira firma de som profissional de Brasília, sem contar as bandas de baile. O Pardal foi um dos meus primeiros mestres. O echo era produzido com fita de rolo." – Sérgio Pinheiro.

★ É um recuerdo mucho loko saber que foi uma dobradinha, sair do filme Rock é Rock Mesmo, e ir direto para o lançamento do LP Continente Perdido do Tellah. Pegamos a sessão das 14 horas e depois seguimos para o Food's/Cine Chaplin na 111 Sul?

★ "Sim! Depois do show, a galera foi para o Beirute, lá conheci Luciano, um publicitário e, também, a Nani que cantou 'Juriti' (foi a primeira vez que ouvi esta canção)". – Lincon Lacerda.

**1980**

**SETEMBRO**

John & Ringo juntos pela última vez.

**OUTUBRO 12 Domingo**

**Mautner Mutante da Nova Era**

Entre nós, Mautner. Desembarcando de um Boeing 474, trajando uma camiseta branca, uma rabeca, pastinha 007 e um gravador, ele era o próprio menestrel eletrônico. Com ele, sua banda: Néelson Jacobina, Ronald Pinheiro e seu manager, Jorge Luís. Do aeroporto, seguiu direto para a redação do Correio, onde, com uma energia possível apenas a um guerrilheiro do ultramundo, ofereceu uma vasta gama de ideias sobre o que viria a ser. Mautner chegou, não do além, mas de Itaúnas, Minas Gerais, para lançar seu último livro, Panfletos de Uma Nova Era, e participar, como político, poeta e profeta, do lançamento do jornal Transe, hoje, no Clube da Imprensa. Checado por Chacal, Brother e Severino Francisco, Mautner, entre outras afirmações estarrecedoramente atuais, diz que os artistas e intelectuais de hoje devem descer dos pedestais da Cultura e dar seu testemunho

sobre o que vai pelo mundo, para que o novo possa surgir organicamente. Jorge Mautner, que se diz político desde os sete anos, quando fundou seu primeiro partido, faz seu jogo. Aberto e esperto.

"Os perplexos não acreditam na Ásia, no zen, no transe. O transe não é levado a sério. À medida que aumenta a perplexidade deles, aumenta a minha clareza. À medida que eles se sentem deslocados, eu que sempre nadei em águas submarinas estou na tranquilidade".

– Jorge Mautner

## **OUTUBRO 22 Quarta-feira**

Peter Frampton – Ginásio do Ibirapuera – São Paulo.

OUTUBRO 22 a 31 Quarta-feira, quinta, sexta, sábado, domingo, segunda, terça e quarta

O Grateful Dead fez oito concertos no New York's Radio City Music Hall. As apresentações foram um grande sucesso de público, mas quase lhe valeram um processo de 1,2 milhões de dólares, movido pela gerência do Teatro. O processo foi arquivado graças à não-utilização de um videotape, onde apareciam comentários, a exemplo de: "Cuidado! A cocaína que está sendo vendida na sala de espera é uma mistura de naftalina com vidro!".

**1980**

## **NOVEMBRO 22 A 25**

Nossos Ídolos Quarentões (ou quase)

A juventude da beleza

A roqueira Rita Lee ganhou. Chegou a vez de uma geração de jovens sem complicações e disposta a ser bela e saudável sem querer salvar o mundo.

## **NOVEMBRO 23 Domingo**

- Glauber no futuro

- Amanhã é dia de festival

Superthin: O Primeiro Zine – Uma Super Paródia!

Sebastião, o 'Doctor', o instruído vizinho do Conj. A na QE 34, passava um ar de intelectual. No final da década, em meio aos exames finais, quando alguns de nós sabíamos que tínhamos perdido o ano letivo, Superman 2 foi levado às telas. Doctor, com sua fala mansa, apareceu no conjunto com uma revistinha ilustrada a lápis com o título de Superthin ('Supermagro') eu era caricaturado, nessas páginas, como um esqueleto voador com capa – e no final havia uma entrevista comigo feita em minha mansão em Hollywood! Nessa tirinha, o esqueleto aparecia fumando. Doctor era sabido mesmo. Sabia inglês tanto quanto os professores. Ele não me deu o único exemplar existente com medo que eu o rasgasse. Nunca mais soube o que foi feito com a vida do Doctor, nem esqueci do seu nome de batismo.

Este foi o primeiro fanzine! Até então os boletins informativos dos fã-clubes eram impressos em offset. Nascia o conceito Do Próprio Bol\$o – aproveitamos os poucos recursos, e falhamos em escala industrial.

## MÚSICA

### O Polirrítmico Rogério Duprat

O artigo da revista Música, assinado por Carole Chidiac, faz um tributo ao maestro e arranjador Rogério Duprat, ressaltando sua importância no tropicalismo e sua versatilidade musical. Duprat, que se destacou pelo arranjo inovador de “Domingo no Parque, ” é lembrado por sua genialidade e pela disposição em derrubar barreiras entre a música erudita, popular e experimental. Ele estudou com figuras renomadas, como Pierre Boulez e Karlheinz Stockhausen, e colaborou com Caetano Veloso e Gilberto Gil no programa Divino, Maravilhoso. Atualmente, Duprat vive afastado dos holofotes, preferindo a paz do campo e administrando duas produtoras fonográficas em São Paulo. Sua extensa obra inclui nove LPs e trilhas sonoras para mais de trinta filmes, conquistando prêmios e consolidando sua influência na música brasileira.

## LITERATURA

José Paulo Paes lança Resíduo.

## TEATRO

Luiz Carlos Maciel ganha Jango, Uma Tragédia, a única peça de Glauber Rocha, que o autor lhe deu de presente – com uma típica justificativa: – Tu és gaúcho, como Jango, e gostas de churrasco, como ele gostava; então pega e faz.

São Paulo. Diagnosticado como um agudo caso de esquizofrenia, o escritor e artista multimídia José Agrippino de Paula é encontrado a vagar pela Av. Angélica.

A Revolução dos Bichos, de George Orwell. Em dezembro. Sob o impacto do assassinato do ex-Beatle John Lennon, com a direção musical de Renato Matos e o Grupo de Teatro Cabeças.

De todos os seus espetáculos, o que Aloísio Batata mais gostava era esta peça. Ele interpretou o porco Napoleão, tirano, que dominava os bichos de uma granja. O espetáculo mostrou a todos o talento histriônico de Batata. Ele passou a ser para nós, espectadores brasilienses, o nosso Oscarito.

**1980**

## ARTES

Museu de Arte Moderna de Nova York, retrospectiva de Picasso.

## FILMES

A Idade da Terra (Glauber Rocha. Originalmente deveria ser filmado na África, Ásia, América e Europa. Depois, apenas na América do Norte, em Nova Orleans, Califórnia, Chicago e Nova York. Longo filme barroco não-comercial, proposto junto com a Estética da Fome. Desdobra-se entre negros, camponeses, operários, políticos, revolucionários – os filhos do Terceiro Mundo. Novidade Barroco-épica, novo em enquadramento, som, interpretação e montagem – o épico de Brecht, no brabo barroco de Jorge Amado. Segue o romance da Bíblia – mas não Cristo mortis.

★ Na Estrada da Vida (Nelson Pereira dos Santos).

★ Where The Buffalo Roam. 100 min. Violentíssima crítica de Art Linson em cima do american way of life. A legenda engraçada é de Hunter S. Thompson, jornalista radical e famoso consumidor de álcool e drogas. Faz uma vista nostálgica dos anos 60 e início dos 70, e usufrui dos trabalhos deste famoso cult hero. Temas musicais originais de Neil Young, ao lado de desempenhos históricos de Hendrix (+) (“Purple Haze”, “All Along The Watchtower”), Bob Dylan (“Highway 61”), Creedence Clearwater (“Keep On Chooglin”) e Temptations (“Papa Was A Rolling Stone”).

## OBITUÁRIOS

### JANEIRO 18 Sexta-feira

Cecil Beaton ficou solitário, semiparalítico e perdeu a memória. Greta Garbo foi visitá-lo pela última vez e, ao sair, deixou a assinatura no “Livro de Visitantes”. Um dos espectadores privilegiados do glamour do século XX.

### MARÇO 22 Sábado

Hélio Oiticica passou seus últimos dias em solidão. Na noite final em que foi visto, estava sozinho na boate Dancing Day’s, no Morro da Mangueira, bebendo cerveja. Ao retornar ao seu apartamento, sofreu um derrame cerebral que o paralisou. Durante três dias, lutou para alcançar o telefone, mas não conseguiu. Preocupada com seu desaparecimento, Lygia Pape, sua amiga de longa data, foi até o apartamento e, sem resposta, entrou pela janela do vizinho. Lá encontrou Oiticica, caído atrás de um sofá, envolto em suas próprias obras, com um projetor de slides iluminando seu rosto.

Levado para fora do prédio, o artista parecia se recuperar. Lygia recorda que seu rosto se iluminou ao ver a rua. No entanto, no hospital, embora tenha tentado se comunicar, entrou em coma e faleceu em 19 de março de 1980. Foi enterrado no Cemitério de São João Batista, com a bandeira da Mangueira cobrindo seu caixão e um surdo da escola de samba entoando um canto fúnebre em homenagem ao passista que tanto amava o carnaval.

Rubens Gerchman relembra a convivência com Hélio, que viveu um ano em seu apartamento em Nova York, entre 1969 e 1970, após vir de Londres sem lugar para ficar. "Ele tinha profunda admiração por mim. No Brasil, já havíamos feito capas de parangolés juntos. Hélio me abriu a cabeça para novas formas de participação do espectador na arte, embora ainda fosse muito ligado à pintura e ao design gráfico."

Oiticica participou da exposição Information no MoMA, mas não conseguiu avançar além disso. Sustentava-se com traduções e, mais tarde, envolveu-se com o tráfico de drogas. Seu ateliê foi invadido e destruído, forçando-o a se esconder em outra parte de Manhattan. Quando voltou ao Brasil, sua genialidade foi amplamente ignorada. A saúde debilitada e o descaso público marcaram seus últimos anos. "Ele dizia: ‘Agora estou purificando meu nariz, pego ar puro da praia, até estou nadando’, mas ninguém comparecia às suas manifestações, como as do Caju ou do Buraco Quente na Mangueira. Eu sempre ia, mas os outros, não."

A morte de Hélio, segundo Gerchman, reflete o abandono que ele enfrentou. "Teve um aneurisma e ficou dois dias desacordado no chão. Sem socorro imediato, acabou morrendo pouco depois." Sua trajetória brilhante foi ofuscada por uma vida de dificuldades e solidão, mas sua obra permanece como um marco transformador na arte brasileira e mundial.

**1980**

**MAIO 18 Domingo**

Aos 23 anos, Ian Curtis é encontrado morto em sua casa, enforcado por uma corda utilizada como varal. O motivo provável para o suicídio é sua epilepsia, e convulsões cada vez mais constantes. Curtis falava obsessivamente da morte, a ponto de antecipar o próprio suicídio, em letras como "In A Lonely Place" (Um lugar de paz).

**1980**

**JUNHO 06 Sexta-feira**

Morre seu Adamastor Bráulio Silva Rocha, pai de Glauber. JUNHO 07 Sábado

Morre o escritor americano Henry Miller, nascido em 1891.

**SETEMBRO 25**

John Bonham morre na casa de Jimmy Page. Ele tinha bebido cerca de 40 doses de vodka, em doze horas. Morreu sufocado pelo próprio vômito.

**OUTUBRO 27**

John Graz, pintor ilustrador, decorador, escultor e artista gráfico; 1891 (Genebra, Suíça) – 12 de abril 1980 (São Paulo, SP).

**DEZEMBRO 07 Domingo**

Darby Crash, o vocalista punk dos The Germs, se mata aos 22 anos, com uma overdose intencional de heroína, mas sua morte ficou em segundo plano diante do assassinato de John Lennon, ocorrido no dia seguinte.

**1980**

**DEZEMBRO 08 Segunda-feira**

**Assassinato de Lennon: Uma Crônica da Queda de um Pacifista**

Nova York – A cidade que nunca dorme parou naquela noite, quando os ecos de tiros reverberaram pelas paredes do edifício Dakota, um marco arquitetônico no Upper West Side de Manhattan. Eram 22h40 quando Mark David Chapman, um homem aparentemente inofensivo que passou o dia esperando na entrada do prédio, apertou o gatilho e encerrou a vida de John Lennon, um dos maiores ícones culturais do século XX.

Na manhã do mesmo dia, Chapman, de 25 anos, traçou seu plano macabro com uma precisão perturbadora. Entre suas posses, estavam uma cópia do álbum Double Fantasy e um revólver calibre .38, ambas peças-chave na tragédia que se desenrolaria. Testemunhas afirmam que ele conversou casualmente com outros frequentadores do Dakota, incluindo o fotógrafo Paul Goresh e uma babá que cuidava do filho de Lennon. Chapman, que havia se apresentado como um fã devoto, até conseguiu o autógrafo de John Lennon horas antes do crime. "Ele assinou sorrindo", lembra Goresh, que capturou a interação em uma fotografia que agora simboliza uma irônica despedida.

À noite, quando Lennon e sua esposa, Yoko Ono, retornaram do estúdio Record Plant, o destino selou seu trágico desfecho. Enquanto Yoko caminhava à frente, Lennon foi abordado por Chapman, que, sem hesitar, disparou cinco vezes. Quatro projéteis atingiram o ex-Beatle, causando ferimentos fatais.

Testemunhas descrevem cenas caóticas. "Ele correu para dentro dizendo 'Levei um tiro', antes de colapsar na portaria", relatou Jay Hastings, o porteiro do Dakota, que tentou prestar os primeiros socorros.

Chapman, por sua vez, não fugiu. Ele permaneceu no local, lendo calmamente O Apanhador no Campo de Centeio, enquanto esperava ser preso. Quando a polícia chegou, ele declarou friamente: "Agindo por vontade divina, cumpri minha missão."

Lennon foi levado às pressas para o Hospital Roosevelt, mas não resistiu. O médico responsável, Stephan Lynn, descreveu os esforços frenéticos para reanimá-lo: "Coloquei minha mão diretamente no coração dele, mas não houve resposta." John Lennon foi declarado morto às 23h15.

Uma pergunta sem resposta

Nas horas e dias que se seguiram, psiquiatras, fãs e especialistas tentaram entender as motivações de Chapman. Alguns apontaram para a obsessão do assassino por O Apanhador no Campo de Centeio, enquanto outros destacaram sinais claros de paranoia e desilusão.

Teorias ainda sugerem que Chapman se sentiu "traído" pela transformação de Lennon, que havia deixado o espírito rebelde dos anos 60 para abraçar a vida doméstica e familiar, conforme evidenciado em Double Fantasy.

Uma herança irreparável

A morte de John Lennon deixou um vazio irreparável na música e na cultura global. No local do crime, fãs em luto improvisaram um memorial com velas, flores e cânticos de "Give Peace a Chance".

A tragédia, que ecoa como uma ferida aberta na memória coletiva, também reacendeu o debate sobre o acesso às armas nos Estados Unidos e a vulnerabilidade de figuras públicas.

Hoje, o mundo continua a refletir sobre aquele fatídico 8 de dezembro, um dia que tirou mais que uma vida: roubou um símbolo de paz e esperança.

**1980**

**DEZEMBRO 09 Terça-feira**

Por um momento, meus olhos cansados não veem nada – além das pós-imagens embaçadas do pesadelo. Semiacordado pelo grito estridente do vinco da janela aberta eles se arregalam sou acordado na metade da manhã por Ismael Lennon & Sidney Presley, sem entender o porquê estarem gritando: – O sonho acabou!

O Quadro de Dalí e o Assassinato de John Lennon: Uma Análise Psicológica e Social

Nova York. Um quadro de Salvador Dalí representando o assassinato de Abraham Lincoln tornou-se um ponto central nas investigações psiquiátricas sobre as razões que levaram Mark Chapman a assassinar John Lennon. Segundo os psiquiatras do Hospital Bellevue, a obsessão de Chapman pela obra pode ter desempenhado um papel crucial na construção de seu ato violento.

Relatos de conhecidos em Honolulu, onde Chapman residia, revelam que, semanas antes do crime, ele adquiriu por 100 dólares uma reprodução da obra de Dalí, mesmo estando sem recursos para pagar contas básicas. O quadro, exibido com orgulho em sua sala, pode ter alimentado sua fantasia de reproduzir a cena em uma ação real. A partir daí, Chapman teria começado a planejar meticulosamente o assassinato de Lennon.

Outro elemento apontado pelos especialistas foi o impacto do disco "Double Fantasy", no qual Lennon expressa valores familiares e tradicionais. Para Chapman, um admirador da rebeldia dos Beatles dos anos 60, essa guinada pode ter soado como uma traição, intensificando sua raiva e obsessão.

### **Perigos à Fama**

O psiquiatra Frank Ochberg, do Hospital Mental de Michigan, advertiu que os outros ex-Beatles – Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr – também poderiam ser alvos de ataques similares, refletindo uma mudança no comportamento de assassinos psicopatas, que estariam passando a mirar celebridades em vez de figuras políticas.

Já o dr. L.J. West, chefe de Psiquiatria da Universidade da Califórnia, sugeriu que o caso de Chapman pode estar mais relacionado a pesadelos ou desilusões do que à busca por notoriedade. Ele descartou a tese de que o crime seria puramente um ato calculado para chamar atenção.

### **A Psicodinâmica do Crime**

O psiquiatra brasileiro Nikodem Edler descreveu o caso como típico de paranoia. Segundo ele, Chapman provavelmente erigiu Lennon como um ídolo absoluto, convivendo com um sentimento ambivalente de amor e ódio. “O fã paranoico ama e odeia seu ídolo ao mesmo tempo. Mata o ídolo para eliminar aquilo que odeia nele e em si mesmo”, explicou.

Edler também chamou atenção para o contexto sociocultural dos Estados Unidos, uma sociedade excessivamente armada, onde revólveres são símbolos de poder e masculinidade. Ele argumentou que, se Chapman não tivesse acesso a uma arma, o desfecho poderia ter sido muito diferente. “Sem um revólver, o crime talvez se resumisse a um soco ou chute, sem consequências fatais”, afirmou.

Essa análise resgata paralelos históricos, como o caso do pintor Iberê Camargo, que assassinou um engenheiro em um episódio que poderia ter terminado em agressão física, não em morte, caso armas de fogo não estivessem envolvidas.

O assassinato de John Lennon, portanto, emerge como um caso complexo, que combina obsessões individuais, influências artísticas, desilusões pessoais e os efeitos de uma sociedade permeada pela violência e pelo acesso fácil a armas.

## **1980**

### **Mulher do projetista relata crime do pintor**

– Depois de atirar no meu marido, ele (o pintor Iberê Camargo) saiu caminhando calmamente, com a secretária.

• Giscard quer abafar caso dos diamantes, diz jornal • Papa diz que a paz mundial depende da Polônia • Brejnev tem plano de paz para golfo pérsico

★ Escritor Polonês Recebe o Nobel em Nome dos Oprimidos

Estocolmo – Ao receber ontem o Prêmio Nobel de Literatura das mãos do rei Carlos Gustavo XVI, na capital sueca, o escritor e poeta polonês naturalizado americano Czeslaw Milosz, de 69 anos, disse que “neste século do exílio, a pobreza e a perseguição forçaram milhões de pessoas a sair da Polônia”.

## **1980**

- Noel Rosa, 70 anos. A vila está em festa
- Uma vigília silenciosa por John Lennon
- É difícil acreditar, mas ele insiste: Bob Dylan encontrou Cristo

## **DEZEMBRO 22 Segunda-feira**

"Se conseguirmos, no curso de 1981, colocar em movimento internacional o grupo A, assim como a edição dos roteiros (...), eu já dormiria com a esperança de ter salvo a vida, ou os filmes." — Glauber Rocha, carta.

## **Ceia de Natal**

Os vizinhos, bons avarentos, faziam as contas da ceia de Natal, mas ainda assim nos convidavam para comer

Ainda adolescente pobre e besta e sonhador. Passei o Natal na casa do vizinho, comendo rabanadas e bebendo algum vinho. Pensei: que noite legal!'. Um outro amigo me disse que a mãe desse amigo onde eu passei o Natal, perguntou: ‘A Família do Mário não faz ceia? Pqp! Além de ser dado como doido, maconheiro, ainda passava carão na família. Rezei para minha mãe não descobrir. Depois, na frente da casa deles ria, como lunático, e abria os braços, e ria mais ainda, gesticulava e assobiava a canção.

De merda o mundo anda cheio.

## **DEZEMBRO 27 Sábado**

### **O que Pensa Golbery Sobre Abertura e Crise Econômica**

"Paradoxo estranho parece, sem dúvida, o querer-se levar avante uma liberalização democratizante desde o campo político, logo agora quando tão negativas são as condições vigorantes na área econômica, a reclamarem, insistentes, por controles mais amplos e efetivos e, pois, uma disciplina centralmente coordenada, com profundos reflexos em toda a estrutura governamental e social. Em realidade, não nos resta outra opção.

Momentos muito mais favoráveis não foram, dantes, aproveitados, por motivos que aqui não nos cabe pesquisar. Mas isso, de qualquer forma, não justificaria o retardar-se ainda mais aquele processo descentralizador, já há muito reclamado como necessário e urgente. Além do que, as pressões contrárias, hoje fortes e quase insuportáveis, voltariam a acumular-se aceleradamente, pondo em risco a resistência de todo o sistema nessa enorme panela de pressão em que, como já teria sido assinalado em tempos, passados, veio a transformar-se o organismo nacional, após década e meia de crescente compressão".

### **Afinal, quem é Golbery?**

#### **Alexandre Garcia**

Os que reclamam que o Planalto não abre mão do comando da abertura, como resultado de uma imposição golberiana/aquiniana, se esquecem de que os choques Alacid/Passarinho –

Marchezan/Passarinho, isto nas próprias hostes governistas, dispensam até de se comentar as defecções partidárias, prova concreta de uma ideologia político-partidária muito à brasileira.

No capítulo: de fato, o hiato dos últimos 16 anos parece que apagou a maior parcela da criatividade dos políticos brasileiros, que hoje podem ser rotulados em duas categorias: os que são a favor do governo porque se beneficiam dele e os que são contra porque não o são, com suas dignas exceções apenas confirmando a regra. Em tal quadro, o negócio é atribuir ao ministro Golbery e a Heitor de Aquino maquiavelismo, mais para justificar a falta de credibilidade da classe política, que não inspira ao Planalto a confiança necessária para que se transfira o comando da abertura. — Consuelo Badra, in Manchete.

## **DEZEMBRO 29 Segunda-feira**

### **Retiro Espiritual (Rogério Sganzerla)**

#### **Folha de S. Paulo**

Neste segundo texto, Sganzerla defende a ideia de que o gênio existe, mas que muitas vezes não é reconhecido ou promovido pela sociedade. Ele usa como exemplo Jimi Hendrix, cujo talento, segundo ele, transcendeu as normas e foi facilmente identificado por aqueles com sensibilidade. O autor descreve sua experiência ao ver Hendrix ao vivo no Festival da Ilha de Wight em 1970, considerando esse momento como uma das maiores experiências de sua vida. Sganzerla destaca a genialidade de Hendrix em aspectos como sua habilidade de tocar a guitarra "ao contrário" e sua forma de criar música explosiva sem ser exibicionista. Ele vê Hendrix como um ser extraordinário que rompeu as barreiras musicais e trouxe algo divino à arte. Para ele, Hendrix não apenas tocava música, mas também se conectava com esferas superiores de existência, transformando o palco com sua presença.

**1980**

## **DEZEMBRO 31**

### **Quarta-feira**

Marshall McLuhan, teórico da comunicação que defendia a noção da “aldeia global”, (1911-1980). Ele escreveu extensivamente, e com grande visão de futuro, sobre os meios de comunicação de massa e seus efeitos na sociedade, na vida profissional e na política.

## Glossário

### F

**Faça Você Mesmo:** tradução do termo Do It Yourself (DIY), que emergiu no movimento punk e se tornou um pré-requisito essencial para artistas independentes e entusiastas da cultura faça você mesmo.

**Fandom:** termo de origem inglesa derivado da junção de fan (fã) com o sufixo "dom," em analogia à palavra kingdom (reino), formando o conceito de "reino do fã." É usado como uma designação geral para comunidades de pessoas que compartilham interesse em um gênero, área ou tema específico (por exemplo: ficção científica, música, quadrinhos, entre outros).

2. Outra interpretação associa fandom à união de fan (fã) com domain (domínio), sugerindo o "domínio dos fãs" sobre determinado tema ou universo cultural.

**Fanphilia:** é um termo que une "fan" (fã) com o sufixo grego "-philia" (amor ou afeição), referindo-se a uma afeição intensa e idealizada de um fã por um objeto de adoração, como uma pessoa, artista, banda, filme ou conceito cultural. Embora não seja amplamente reconhecido ou formalmente estabelecido, "fanphilia" descreve uma paixão profunda e dedicada, semelhante à idolatria, que vai além do simples interesse e reflete a forte conexão emocional dos fãs com seus ídolos. O termo pode ser utilizado para explorar a psicologia e a cultura dos fãs, destacando o vínculo intenso entre eles e seus objetos de admiração.

**Fanthology:** Reaproveitamento! Uma coleção de textos de fãs, maior que um fanzine típico, reunidos em torno de um tema central.

**Fanzine:** Publicação independente criada por entusiastas apaixonados por um tema específico. O termo remete a um material impresso, geralmente artesanal, produzido de forma colaborativa ou individual, com o objetivo de compartilhar ideias, opiniões e conteúdos sobre assuntos de interesse comum, como música, cinema, literatura ou cultura alternativa.

**Flyer:** Uma espécie de cartão de visitas que teve grande popularidade nas décadas de 1980 e 1990. Geralmente, trazia o nome de um fanzine, banda, ou evento, acompanhado de informações como endereço e ilustrações ou mensagens promocionais. Distribuído principalmente via correspondência, era uma ferramenta eficaz para divulgar fanzines, shows, e eventos, além de ampliar a rede de contatos. Também conhecido como "filipeta," tornou-se um ícone da comunicação alternativa e da cena cultural independente até hoje.

### M

**Mail Art:** Forma de arte que utiliza o correio como meio de expressão, envolvendo o envio de correspondências criativas, como desenhos, colagens, fotografias e textos. Surgiu nas décadas de 1950 e 1960, como parte dos movimentos de arte alternativa, especialmente o fluxus. A prática promove a troca de obras entre artistas ao redor do mundo, subvertendo as convenções da arte tradicional e enfatizando a comunicação direta e a experimentação com os meios de envio.

### R

**Ready-made:** o termo refere-se a obras de arte criadas a partir de objetos comuns e cotidianos, recontextualizados pelo artista para serem considerados arte. Popularizado por Marcel Duchamp no início do século 20, o conceito ganhou destaque com a apresentação de seu "Fonte", um urinol assinado com o pseudônimo "R. Mutt", como obra de arte. O ready-made quebra as convenções tradicionais da arte, questionando autoria, originalidade e estética, e influenciou movimentos como o dadaísmo e a arte conceitual. Esse conceito continua a ser uma referência importante nas práticas artísticas contemporâneas.